



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Câmpus de Ciências Socioeconômicas e Humanas

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanidades

“Territórios e Expressões Culturais no Cerrado”

PEPITA DE SOUZA AFIUNE

“LUGAR DE OUTRO MUNDO”:

O Reencantamento do mundo e as narrativas ufológicas em Alto Paraíso (GO)

Anápolis

2016

PEPITA DE SOUZA AFIUNE

“LUGAR DE OUTRO MUNDO”:

O Reencantamento do mundo e as narrativas ufológicas em Alto Paraíso (GO)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação TECCER, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades, na área interdisciplinar, linha de pesquisa: Saberes e Expressões Culturais do Cerrado.

Orientador: Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira.

Anápolis

2016

Ficha catalográfica

A2571	<p>Afiune, Pepita de Souza. "Lugar de outro mundo" [manuscrito]: o reencantamento do mundo e as narrativas ufológicas em Alto Paraíso(GO). / Pepita de Souza Afiune. - Anápolis, 2016. 167 f. : il. ; 30cm.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira. Dissertação (Mestrado TECCER – Territórios e Expressões Culturais no Cerrado), Universidade Estadual de Goiás, Câmpus de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas , Anápolis, 2016.</p> <p>Inclui bibliografia. Inclui tabs.</p> <p>1. Geografia cultural - Goiás(Estado). 2. Esoterismo - História – Goiás(Estado) . 3.Misticismo – Alto Paraíso(GO). 4. Dissertações – TECCER – UEG/CCSEH. I. Título. CDU 911.3:30(817.3Alto Paraíso)(043.3)</p>
-------	---

Elaborada por Aparecida Marta de Jesus Fernandes
Bibliotecária do CCSEH
CRB1/2385

PEPITA DE SOUZA AFIUNE

“LUGAR DE OUTRO MUNDO”:

O Reencantamento do mundo e as narrativas ufológicas em Alto Paraíso (GO)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação TECCER, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades, na área interdisciplinar, linha de pesquisa: Saberes e Expressões Culturais do Cerrado.

Orientador: Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira
Presidente / UEG – TECCER

Prof. Dr. Ademir Luiz da Silva
Membro / UEG – TECCER

Prof. Dr. André Luiz Caes
Membro / UEG – PPGAS

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Oliveira
Suplente / UEG – TECCER

Anápolis, 01 de abril de 2016.

À memória de meu pai, Paulo Afiune, pelo exemplo de luta e superação, que sempre me apoiou em todas as minhas escolhas, que lutou para que eu me tornasse um ser humano melhor e de sucesso, e que estaria muito orgulhoso e feliz por mais esta vitória. Devo a ele o gosto pelo mistério e muito do que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas compuseram esse mosaico... Gostaria de agradecer,

À Universidade Estadual de Goiás pelo apoio financeiro através da concessão da bolsa *stricto-sensu* que tornou possível o desenvolvimento da pesquisa.

Ao meu estimado professor orientador, Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira, que desde a graduação sempre me apoiou nas minhas ideias e propostas, que nos momentos de dúvida e medo sempre me apresentou a solução e torna tudo tão mais prazeroso de se fazer.

Ao prezado professor Dr. Ademir Luiz da Silva, pela confiança depositada em meu trabalho desde o primeiro momento. Pelas suas contribuições, discussões e amizade. Pelas nossas disputas para determinar de quem é a honra... a honra é minha!

Ao professor Dr. André Luiz Caes, pelas contribuições instigantes e compartilhamento das suas experiências de “outros mundos”!

Aos demais docentes e coordenação do TECCER, pelas contribuições ao meu enriquecimento intelectual, pelo apoio às pesquisas e discussões em sala de aula.

Ao meu esposo José Loures, pela paciência, amor, companhia, trocas de ideias, sacrifícios, compreensão e mais tanta coisa que não caberia neste espaço... Essa vitória é nossa!

À minha família, Elaine Afiune e Cally Afiune, pelo apoio em todas as minhas escolhas, em todos os momentos difíceis o aconchego, e nos momentos alegres o festejo.

A todos os colegas do TECCER das turmas de 2013, 2014 e 2015, pelos momentos de “sofrimento coletivo”, companhia, apoio, amizade, palavras de ânimo, compartilhamento de materiais e ideias.

Ao artista Wés Gama, pelo apoio e simpatia. Suas obras engrandeceram meu trabalho.

Às colegas Elaine Lauriano, Regina Célia e Lua Marques, que nas noites solitárias em Alto Paraíso, algumas foram preenchidas pelas suas companhias.

Aos senhores Arnaldo Jacauna e Edina Pinato (Grupo Deus Mãe), pela confiança e por me receberem tão bem no Tapindaré Hotel, e que no apoio ao trabalho com os questionários, possam sentir neste momento, que valeu a pena!

À Raquel do Chapada Hotel, pela abertura de suas portas para os registros imagéticos e apoio no fornecimento de materiais, foram de grande valia para a pesquisa.

Aos senhores Luís A.W. Salvi e Luiz Lima (Lula), pela disposição, conversas e apoio ao meu trabalho. Foi uma honra poder contar com pessoas tão admiráveis.

Ao CAT – Centro de Atendimento ao Turista de Alto Paraíso pelo apoio na aplicação dos questionários.

Ao senhor Secretário Municipal de Cultura de Alto Paraíso e músico Júnior Tana M. Amadeus, pelas conversas, todo o apoio e confiança na pesquisa.

Ao Claudiomar e a Pousada Rubi Violeta, pela acolhedora hospedagem, fornecimento de informações e apoio.

À Izamara Meyer (Associação de Terapeutas de Alto Paraíso), que mesmo virtualmente, demonstrou boa vontade, disposição e simpatia no fornecimento de dados.

Ao Clayton Fernandes (Consertamos Disco Voador Camping), pela simpatia, recepção agradável e apoio na aplicação de questionários.

À Aline da Biblioteca Municipal de Alto Paraíso, pela confiança e apoio na coleta de materiais.

Ao Aurélio Reis (Pousada Veadeiros), pela recepção e apoio na aplicação de questionários.

Ao senhor Eustáquio Andréa Patounas (Programa Vida Inteligente) pela gentileza em seu atendimento e compartilhamento de experiências e opiniões.

Aos participantes do vídeo “Um lugar de outro mundo” (Ariana Andrade, Anaira Andrade, Cally Afiune, Marcus Vinicius, Roney Rangel, Marlene Rodrigues, Yasmin Loures e Jéssica), pelos depoimentos, foi muito divertido!

O que é mais assustador? A ideia de extraterrestres em mundos estranhos, ou a ideia de que, em todo este imenso universo, nós estamos sozinhos?

(Carl Sagan)

RESUMO

A pesquisa propõe uma análise histórica e sociológica das crenças esotéricas e ufológicas relacionadas ao município de Alto Paraíso de Goiás. Para isso, desenvolveu-se a análise de múltiplas narrativas que se difundiram pela e sobre a cidade, de modo a perceber a sua inserção num imaginário concebido como uma forma de reencantamento do mundo no âmbito da pós-modernidade. Primeiramente, buscou-se compreender de que forma o município recebeu seus primeiros núcleos populacionais, até a atração dos grupos denominados místicos ou esotéricos. Este movimento esotérico está intimamente relacionado a diversas profecias sobre o Planalto Central, a partir das interpretações dos sonhos do sacerdote italiano Dom Bosco. Em segundo lugar, procurou-se conjecturar Alto Paraíso como um refúgio pós-moderno, tomando-o como um local adequado para se compreender várias das mudanças centrais da pós-modernidade: o reencantamento do mundo, percebido através das expressões culturais; a emergência da vida comunitária e a formação das tribos pós-modernas; o florescimento de novas formas de religiosidade; e o hibridismo cultural a partir do encontro entre as culturas nativas e alternativas. O reencantamento do mundo, uma reação pós-moderna ao desencantamento do mundo weberiano, é concebido nesta pesquisa a partir da relação entre ciência, religião e natureza. É marcado pela emergência de antigos saberes e mudanças de paradigmas da ciência, em um momento marcado por uma redescoberta da natureza. Nesse contexto, existe a tendência a uma integração da ciência com os demais conhecimentos outrora marginalizados. Surgem novas formas de crenças e novas religiosidades, que se apropriaram da singularidade da natureza e da história da Chapada dos Veadeiros. Em terceiro e último lugar, no conjunto destas crenças, as de caráter ufológico foram abordadas a partir da análise das narrativas presentes na região, como os murais, monumentos, estátuas, poemas, anedotas, relatos orais e escritos.

Palavras-chave: Alto Paraíso; Reencantamento do Mundo; Pós-modernidade; Ufologia; Misticismo; Narrativa; Estética.

ABSTRACT

The research proposes a historical and sociological analysis of the esoteric and UFO beliefs related to the municipality of Alto Paraíso de Goiás. For this, we developed the analysis of multiple narratives that spread throughout the city, in order to realize their integration in imagination conceived as a way of reenchantment of the world in the postmodernity. First, it sought to understand how the city received its first settlements until the attraction of mystical or esoteric groups thus called. This esoteric movement is closely related to several prophecies about the Planalto Central, from the interpretations of the Don Bosco's dreams, the Italian priest. Secondly, we tried to guess Alto Paraíso as a post-modern refuge, taking it as a suitable site to understand more of the central changes of postmodernity: the reenchantment of the world perceived through the cultural expressions; the emergence of community life and the formation of postmodern tribes; the flowering of new forms of religiosity; and cultural hybridity from the encounter between native cultures and alternatives. The reenchantment of the world, a postmodern reaction to the Weber's disenchantment of world, it is designed this study based on the relationship between science, religion and nature. It is marked by the emergence of ancient knowledge and changing paradigms of science, at a time marked by a rediscovery of nature. Arise in this context a tendency to integration of science with other knowledge once marginalized. There are new forms of belief and new religiosity, which appropriated the singularity and history of the Chapada dos Veadeiros nature. In the third and last place in all these beliefs, of UFO character were discussed based on the analysis of the narratives in the region, such as murals, monuments, statues, poems, anecdotes, oral and written reports.

Keywords: Alto Paraíso; Reenchantment of the world; Postmodernity; Ufology; Mysticism; Narrative; Aesthetic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1. PLANALTO CENTRAL, ENTRE PARALELOS E PROFECIAS	29
1.1 A CHAPADA DOS VEADEIROS E AS MUDANÇAS NA REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA	29
1.2 DE VEADEIROS A ALTO PARAÍSO: A CRIAÇÃO DOS PRIMEIROS NÚCLEOS URBANOS.....	37
1.3 A TERRA PROFÉTICA DE DOM BOSCO E O MISTICISMO NO PLANALTO CENTRAL	43
1.4 ALTO PARAÍSO NA VISÃO DOS GRUPOS ESOTÉRICOS.....	51
CAPÍTULO 2. ALTO PARAÍSO, UM REFÚGIO PÓS-MODERNO.....	63
2.1 EM BUSCA DE UM MUNDO ENCANTADO	63
2.2 EM BUSCA DA VIDA COMUNITÁRIA	74
2.3 EM BUSCA DO HIBRIDISMO CULTURAL	80
2.4 EM BUSCA DE NOVAS RELIGIOSIDADES	94
CAPÍTULO 3. NARRATIVAS DE OUTROS MUNDOS	107
3.1 A UFOLOGIA NO MUNDO E NO BRASIL.....	108
3.2 A UFOLOGIA EM ALTO PARAÍSO	118
3.3 RELATOS DE OUTROS MUNDOS.....	130
3.4 ESTÉTICA DE OUTRO MUNDO	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
APÊNDICE	164

INTRODUÇÃO

Este é o momento em que eu, como pesquisadora, apresento os motivos do meu interesse no tema. Isso, porque uma viagem ao município de Alto Paraíso de Goiás no ano de 2009 foi, *a priori*, o motivo que me instigou a adentrar nesse universo instigante.

A primeira anedota que me contaram quando cheguei à cidade é para que eu confeccionasse uma espécie de capacete de papel alumínio e o colocasse sobre a cabeça, para me proteger de supostas leituras de minha mente. Isso, de acordo a estória, é porque o cérebro emite ondas eletromagnéticas que poderiam ser detectadas por seres extraterrestres. Esse fato me lembrou a clássica cena do filme *Sinai* (2002), do diretor indiano Manoj Night Shyamalan, em que as crianças preparam um elmo de papel alumínio porque estavam receosas de que os extraterrestres que estavam prestes a invadir a sua residência poderiam fazer o mesmo.

Além desses contos populares, na principal avenida da cidade, avistei um disco voador estacionado em frente a um hotel, repleto de tripulantes verdinhos. No terreno uma placa advertia: *Parking for aliens only*. Nunca presenciei episódio semelhante em outra cidade goiana. Não há como não se sentir atraído, motivo que me fez continuar retornando à cidade, visto que a cada viagem descubro coisas mais intrigantes. Como historiadora e curiosa, sempre me interessei pelas culturas da antiguidade e o fascínio que elas suscitam na sociedade atual. Ao caminhar pelas ruas de Alto Paraíso, encontrando numerosas referências a essas simbologias, senti-me mais atraída pela sua peculiaridade.

A ufologia é objeto de discussão na academia e tem estado presente em dissertações e teses de alguns brasileiros desde o ano de 1984. Dentre eles estão: Rodolpho Gauthier C. dos Santos em sua dissertação *A invenção dos discos voadores: Guerra Fria, imprensa e ciência no Brasil (1947-1958)* (2009); Milton José Giaconetti em sua dissertação *As luzes no céu e a guerra fria: Do limiar do conflito ao imaginário sobre os discos voadores (1945 – 1953)* (2009); Leonardo Breno Martins em sua dissertação *“Contatos imediatos”: investigando personalidade, transtornos mentais e atribuição de causalidade em experiências subjetivas com óvnis e alienígenas* (2011); Cláudio Tsuyoshi Suenaga em sua dissertação *A dialética do real e do imaginário: uma proposta de interpretação do fenômeno OVNI* (1998); Daniel Pícaro Carlos em sua dissertação *Extraterrestres: Ciência e pensamento mítico no mundo moderno* (2007); Jayme Moraes Aranha Filho em sua dissertação *Inteligência extraterrestre e evolução: as especulações sobre a possibilidade de vida em outros planetas no meio científico moderno* (1990); Ana Rita S. A. Batista em seu trabalho de conclusão de curso *Turismo e Ufologia: UFO*

turismo (2006); José Fonseca F. Neto, em sua dissertação *A Ciência dos Mitos e o Mito da Ciência* (1984); Michelle Marinho Veronese em sua dissertação *Deuses de outros mundos: O culto a discos voadores e extraterrestres* (2006) e Antoinette de Brito Madureira em sua tese *Vassouras, ciganas e extraterrestres: médiuns e emoções no campo religioso espírita de Natal (RN)* (2010). De modo geral, estes trabalhos visam o imaginário sobre os discos voadores no Brasil, realizando uma análise das representações na imprensa, dialogando também com as perspectivas da ufologia científica frente à ufologia mística. Um deles trata os relatos ufológicos atribuindo causalidade por questões psicológicas, como transtornos mentais. Outros trabalhos questionam a forma como a ciência tem lidado com o tema, debatendo sobre como a ufologia se interligou ao esoterismo e religiosidade, principalmente no espiritismo, sendo também concebida como uma forma de imaginário no mundo contemporâneo.

Na verdade, esse debate que cinde a ufologia em duas correntes acontece devido a um desacordo entre os ufólogos sobre um dilema – a ufologia ser relacionada à espiritualidade. Muitos ufólogos admitem apenas a aplicação de métodos científicos para se estudar os fenômenos, mesmo não sendo admitidos pela ciência ortodoxa, criticando a postura dos que a combinam ao que eles denominam de fantasia e misticismo. Por outro lado, muitos místicos acreditam que a espiritualidade é intrínseca aos fenômenos extraterrestres e questionam a possibilidade de existir uma ufologia científica, visto que estes estudiosos não possuem uma formação científica específica e não são reconhecidos na academia.

Através da leitura destas produções acadêmicas que versam o tema, refleti sobre a existência de relatos de avistamentos de óvnis e contatos com seres extraterrenos no município de Alto Paraíso. Com a proximidade do ano de 2012, encontrei um bombardeio de reportagens a respeito do “Fim do mundo” nos quais Alto Paraíso era mencionado como um local que se preparava para um apocalipse. A cidade aguardava a visita de cerca de quinze mil turistas no dia 21 de dezembro de 2012. Neste período, arqueei todas as notícias a respeito, as quais colocavam Alto Paraíso como o protagonista do aterrorizante “fim do mundo”.

Ao conhecer a proposta do PPGSS em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da UEG, percebi que essa temática poderia ser analisada pela linha de pesquisa “Saberes e expressões culturais no Cerrado”, por representar a diversidade cultural que esse grande palco que é o Cerrado apresenta.

Desta forma, a presente pesquisa intitulada “*Lugar de outro mundo*”: *O Reencantamento do mundo e as narrativas ufológicas em Alto Paraíso (GO)*, inicialmente propôs uma análise sociológica dos aspectos místicos relacionados às crenças ufológicas presentes no imaginário popular entre habitantes e visitantes da região. Constatei que ocorreu

uma apropriação do Cerrado por crenças advindas de diversas regiões do mundo, que por sua vez adaptaram-se às culturas tradicionais locais, como as indígenas, quilombolas e cristãs.

De tal modo, a pesquisa foi tomando uma maior proporção, ao perceber a importância do movimento esotérico e alternativo na cidade, porque foram eles os responsáveis por imprimir a sua identidade ufológica. Seria necessário procurar a fundo as implicações místicas que representam a Chapada dos Veadeiros, bem como o Planalto Central, como um local especial. Isto me indagou... “Quem acredita nisso? No que acreditam exatamente?”

Surgiram outros incontáveis questionamentos... A partir de que momento da história do município começaram a se estabelecer estes agrupamentos esotéricos e por quê? O que pode ter ocasionado a sua atração? A partir de que momento a região passou a ser vista pelos místicos como um local permeado por forças telúricas? Isso foi devido a que fatores? De que forma a mídia têm atuado sobre o imaginário coletivo acerca da região? De que forma a estética mística e ufológica local representa esse imaginário? De que forma os fatores geográficos como a altitude, as formações geológicas, os cristais de quartzo, o paralelo 14, dentre outros aspectos, são apropriados pelos místicos para corroborar com essas ideias? O que os moradores pensam disso? No que acreditam? Por que a região possui essa peculiaridade no âmbito das cidades do interior de Goiás e até mesmo do Brasil? Este misticismo está relacionado às profecias em relação à nova capital federal?

Com a chegada destes grupos esotéricos e espiritualistas, apareceram importantes inovações sociais na cidade, tais como o surgimento das comunidades alternativas, o estilo de vida *hippie* e as formas de alimentação vegetariana e vegana. Esses elementos representam uma forma de negação da sociedade atual em seu desenvolvimento modernizante, que atuou de forma impetuosa sobre a natureza. Sendo assim, estes grupos surgem como defensores do Planeta, concebendo-o como a “Mãe Terra”, a Gaia, que tem padecido com as consequências da industrialização.

A pesquisa considera como um dos principais elementos que transformaram Alto Paraíso num lugar paradigmático da cultura pós-moderna, a chegada dos grupos esotéricos na região da Chapada dos Veadeiros. Tendo em vista que estes grupos recebem intenso número de adeptos, percebi a importância de abordar o fenômeno do trânsito religioso no âmbito das novas religiosidades. Esses grupos passaram a se relacionar com as comunidades tradicionais presentes na Chapada dos Veadeiros, tornando-se um aspecto importante para compreender o que muitos autores denominam de hibridismo cultural.

Os passos metodológicos da pesquisa iniciaram-se pela busca das fontes bibliográficas, dentro das quais abordei sociólogos, historiadores e filósofos para construir o

embasamento teórico, e pesquisadores de Alto Paraíso e do Distrito Federal. Estes últimos versaram sobre o misticismo, a história, os aspectos sociais, turísticos, geográficos e ambientais acerca da região da Chapada dos Veadeiros. As obras encontradas constituem-se em livros, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Por outro lado, procurei também autores esotéricos para a compreensão das mais variadas teorias místicas que existem acerca de Alto Paraíso, bem como de todo o Planalto Central.

Munida de embasamento teórico, iniciei a fase da pesquisa empírica, buscando na cidade registros fotográficos de monumentos e de outras produções culturais que apresentam estas temáticas. Percebi que tanto o setor público quanto o setor privado exploram a temática mística e ufológica, que por sua vez, também são concebidas como um atrativo turístico, e por outro lado, sofrem a rejeição de alguns moradores. Neste momento, o primeiro contato com o morador da cidade ocorreu de forma natural, através de conversas e entrevistas informais.

Após esse período de contato direto, iniciei a aplicação de entrevistas formais com pessoas que julgo serem importantes no estudo do assunto. Para a discussão nos capítulos, estabeleci um diálogo com o discurso de alguns entrevistados (pessoas que concederam entrevista oficial) que possuem uma determinada relação com o tema pesquisado, sendo eles pesquisadores, lideranças religiosas, funcionários públicos e artistas.

Os passos metodológicos da pesquisa apresentam-se de caráter exploratório, que conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 188) possui o objetivo de formular hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com o universo pesquisado e a compreensão de conceitos. Permite descrições quantitativas ou qualitativas, o que mostra uma variedade de procedimentos de coleta de dados que pode ser realizada. Outra característica desta abordagem é o seu caráter de estudo exploratório – descritivo combinado, que demonstra o objetivo de descrever determinado fenômeno, realizando-se pesquisas empíricas e teóricas.

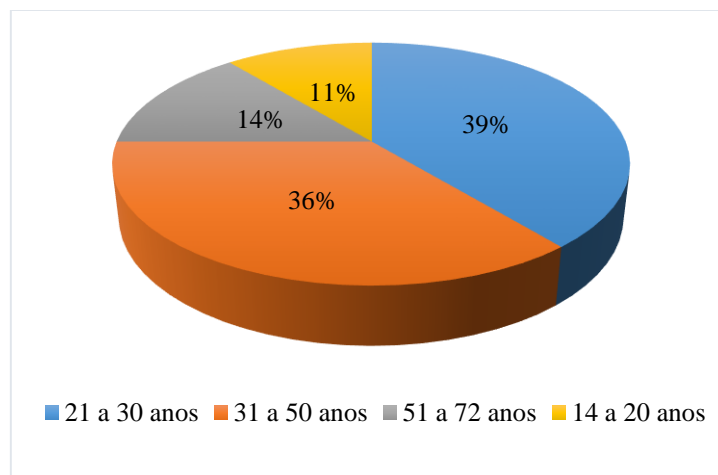
O momento de pesquisa de campo classifica-se como uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa segundo Ludke e André (1986) envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação abordada, e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. “O estudo qualitativo [...] é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (p.18). Esse contato estreito do pesquisador e seu objeto de pesquisa é importante à medida que o pesquisador necessita conhecer o contexto no qual os fenômenos ocorrem.

Um outro importante instrumento metodológico é o questionário, que foi aplicado de duas formas: *online* através da ferramenta *Google Docs*¹ e presencialmente na cidade. Trata-se de um questionário anônimo que foi aplicado a dois grupos: moradores e visitantes. Dentre os moradores, a amostra definida representa os proprietários de estabelecimentos comerciais e pousadas, moradores antigos, intelectuais/especialistas no assunto, escritores, místicos e adeptos de grupos esotéricos. Para isso, realizei visitas a hotéis e pousadas, estabelecimentos comerciais, instituições religiosas, eventos e residências. As questões são estruturadas, conforme um roteiro pré-estabelecido. Este questionário foi aplicado a todos os voluntários, sem alteração das perguntas, com o objetivo de efetuar uma comparação.

Ao todo, apliquei 339 (trezentos e trinta e nove) questionários, tendo dentro deste número 85 (oitenta e cinco) pessoas moradoras da região da Chapada dos Veadeiros (as quais incluí moradores de Cavalcante) e 254 (duzentos e cinquenta e quatro) visitantes. Dentre os visitantes, 91 (noventa e um) são provenientes de outros municípios de Goiás, 98 (noventa e oito) do Distrito Federal e 65 (sessenta e cinco) de outros estados do Brasil ou outros países.

Tracei um perfil sociológico dessa amostragem dentro do número geral de entrevistados. Em relação ao sexo, 57% dos entrevistados são mulheres e 43% homens. Em relação à faixa etária, o Gráfico 1 mostra que o público mais atingido foi de adultos entre 21 e 50 anos de idade.

Gráfico 1 – Faixa etária dos entrevistados

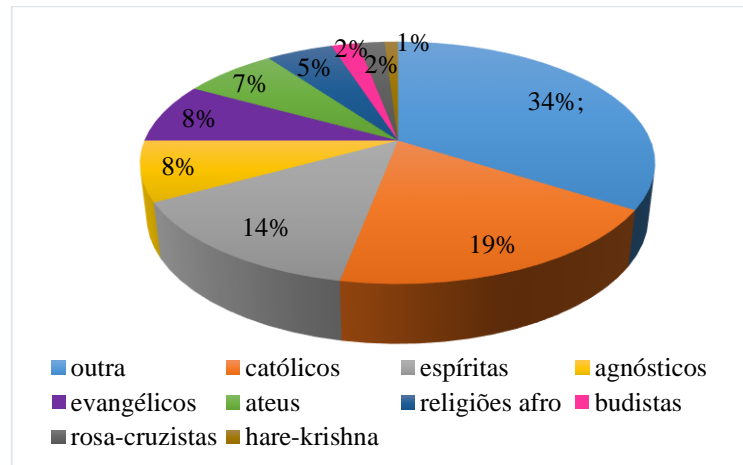


Fonte: Autoria própria (2016).

¹ Ferramenta interativa que permite a criação e edição de documentos *online* que podem ser compartilhados com várias pessoas, no qual, todos podem realizar edições simultaneamente. Está sendo muito utilizado nas pesquisas acadêmicas como técnica de coleta de dados, pois ela possibilita a criação de formulários com diversos tipos de respostas. Assim, as respostas dos entrevistados ficam armazenadas na ferramenta *Google Drive*, que também permite a criação de gráficos a partir das estatísticas obtidas.

No quesito opção religiosa, o Gráfico 2 mostra que a maioria dos entrevistados respondeu que possui outra religião que não foi apontada nas opções da pergunta. Foi solicitado desta forma, que eles especificassem qual religião seria, e as mais citadas foram: universalista, religião indefinida, daime, rastafári, hindu, múltiplo pertencimento e judaísmo.

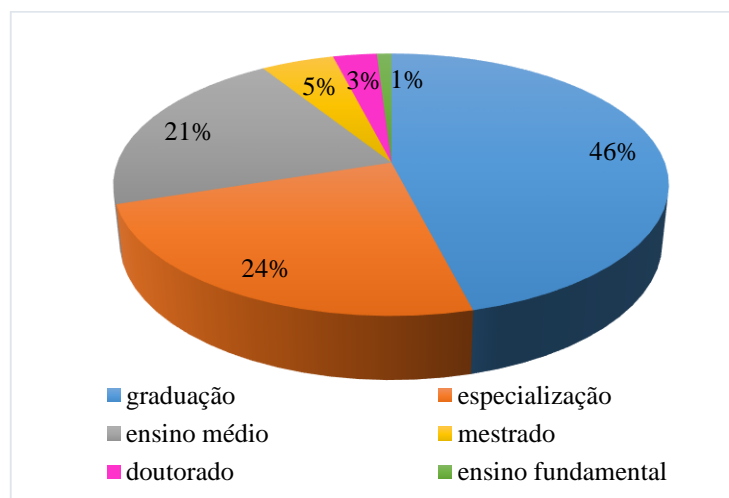
Gráfico 2 – Opção religiosa dos entrevistados



Fonte: Autoria própria (2016).

Em relação ao nível de escolaridade, a maior parte dos entrevistados possui graduação, como mostra o Gráfico 3. Ao observar os dados também pode-se perceber que foi atingido um grupo de maior escolaridade no geral, porque a porcentagem de pessoas que responderam nível fundamental é 1%, bem inferior às que possuem graduação e pós-graduação.

Gráfico 3 – Nível de escolaridade



Fonte: Autoria própria (2016).

As entrevistas áudio-gravadas, por sua vez, foram utilizadas para atingir estudiosos e conhecedores do assunto que autorizaram a citação de seus nomes na dissertação. Outras pessoas que entrevistei foram aquelas que relatam ter experiências de avistamentos de óvnis ou contatos com extraterrestres na região, mas estas tiveram os seus nomes resguardados, para que não se sintam expostas. Essas entrevistas consistem em uma conversa informal com perguntas abertas e mais aprofundadas ao assunto, proporcionando também liberdade para o entrevistado.

Após essas etapas, o fechamento da pesquisa se configurou na análise dos dados coletados em entrevistas, relatórios de pesquisa de campo e desenvolvimento do texto. Nesse momento, realizei a interpretação dos fenômenos e atribuição de significados, tabulando os dados em formas de discussões e gráficos.

A proposta de estruturação da dissertação é compor a discussão em três capítulos, sendo o primeiro intitulado “Planalto Central, entre paralelos e profecias”. Este capítulo realiza uma análise histórica da região da Chapada dos Veadeiros, abordando o desenvolvimento do município de Alto Paraíso, a construção de Brasília, as relações entre ambos e as suas interpretações místicas. Ele foi estruturado em quatro tópicos. O primeiro, intitulado “A Chapada dos Veadeiros e as mudanças na representação da natureza”, aborda o início das ocupações da Chapada dos Veadeiros e busca compreender a mudança de paradigmas sobre a natureza entre os séculos XVIII e XX. O segundo tópico intitulado “De Veadeiros a Alto Paraíso: a criação dos primeiros núcleos urbanos” realiza uma contextualização histórica de Alto Paraíso, em seu surgimento como Distrito até a sua emancipação política. O terceiro tópico intitulado “A terra profética de Dom Bosco e o misticismo no Planalto Central” aborda a questão específica do misticismo que compreende a construção de Brasília, percorrendo por algumas teorias místicas que a enxergam como a capital do terceiro milênio. O quarto tópico intitulado “Alto Paraíso na visão dos grupos esotéricos” aborda a influência que a capital exerceu no município de Alto Paraíso, procurando compreender as variadas teorias místicas que vislumbram a região da Chapada dos Veadeiros como um local movido por forças telúricas.

O segundo capítulo, intitulado “Alto Paraíso, um refúgio pós-moderno”, pretende mostrar que Alto Paraíso é um paradigma de mudanças centrais na pós-modernidade, o que justifica uma análise das características pós-modernas. Ele também foi dividido em quatro tópicos. O primeiro tópico intitulado “Em busca de um mundo encantado” aborda a estética mística de Alto Paraíso e as crenças sobre o fim do mundo em 2012, buscando compreender esses fenômenos a partir do reencantamento do mundo. O segundo tópico intitulado “Em busca da vida comunitária” procura compreender o surgimento das tribos pós-modernas e o estilo de vida dos alternativos que se estabeleceram na região. O terceiro tópico intitulado “Em busca do

hibridismo cultural” aborda aspectos sociológicos gerados a partir da chegada dos grupos alternativos, o que estabeleceu uma nova relação social. O quarto tópico intitulado “Em busca de novas religiosidades” se propõe a analisar o surgimento das novas religiosidades no contexto pós-moderno tomando como exemplo alguns elementos presentes na região.

O terceiro capítulo, intitulado “Narrativas de outros mundos”, pretende compreender de que forma o município tornou-se referência (inter)nacional no campo da ufologia. Foi estruturado em quatro tópicos da mesma forma que os demais capítulos. O primeiro tópico intitulado “A ufologia no mundo e no Brasil” faz uma introdução do tema, abordando fatos importantes que aconteceram no mundo e no Brasil, para se tentar compreender as implicações da ufologia no Planalto Central. O segundo tópico intitulado “A ufologia em Alto Paraíso” procura compreender o que acarretou para a região essa identidade ufológica, abordando grupos esotéricos e as suas teorias a respeito. O terceiro tópico, intitulado “Relatos de outros mundos”, analisa vários relatos coletados em entrevistas, livros e *blogs*, de autoria de pessoas que narram experiências ufológicas na região. O quarto e último tópico intitulado “Estética de outro mundo” analisa as produções estéticas presentes no município, oriundas tanto do setor público quanto do setor privado, para compreender suas implicações para a região.

Essa estruturação visa compreender aspectos culturais, considerando o município de Alto Paraíso paradigmático das mudanças culturais típicas do que os sociólogos denominam de pós-modernidade. Por isso, considero necessária uma discussão teórica sobre a pós-modernidade, que se desdobra em categorias específicas: o reencantamento do mundo, o tribalismo e o hibridismo cultural. Estas categorias pretendem nortear o desenvolvimento de todos os capítulos.

A pós-modernidade é um termo polissêmico, controverso, desafiador e complexo. Alvo de controvérsias entre os sociólogos e historiadores, é muitas vezes relacionado a um rompimento epistemológico com determinados paradigmas modernos, como o marxismo por exemplo. Assim, ela caracterizaria mudanças socioculturais e a emergência de um momento pós-industrial. Muitos sociólogos questionam o seu caráter inovador, já que muitos defendem que se trata de uma das etapas ou desdobramento da modernidade.

Para Machado (2003) há uma coexistência entre a modernidade e a pós-modernidade, uma vez que a pós-modernidade é compreendida dentro da historiografia como a quebra dos paradigmas que engessaram a História como linear e teleológica. A pós-modernidade é um processo de reação à crise provocada pelos problemas da modernidade.

A relação entre ambas é de certa forma antagônica, mas não caracterizaria uma mera ruptura. Na verdade, esta relação entre modernidade e pós-modernidade seria ambígua, uma vez que entre ambas existem mais dicotomias do que semelhanças.

A pós-modernidade provocou uma intensa discussão nas ciências humanas e sociais na década de setenta, quando muitos teóricos publicaram obras a respeito do debate sobre o termo. Uma das mais expressivas foi *A Condição pós-moderna* de Jean-François Lyotard (2009), que caracteriza o termo como um conjunto de transformações socioculturais ocorrida com a crise dos grandes relatos do século XIX. O termo também sinaliza a emergência de uma sociedade “pós-industrial”, que teria emergido por volta dos anos cinquenta (p. 07).

Lyotard abordou o tema em 1979, ao considerar uma sociedade pós-industrial afetada por mudanças na ciência e nas artes, processo que se embriona no final do século XIX, estando mais visível no século XX a partir da década de cinquenta. Emerge um período saturado de informações, que circulam de forma dinâmica e atemporal. O que é típico das sociedades pós-industriais é a característica da valorização mais da imagem do que do próprio objeto, em um processo de substituição do original pelo simulacro.

Lyotard (2009) esclarece que há uma crítica dos metadiscursos modernos, como “verdade”, “sujeito”, “ordem” e “progresso”. A pós-modernidade desconstrói estes discursos, como uma superação das metanarrativas características da modernidade como as grandes ideias clássicas e instituições ocidentais como a razão, a religião e o Estado. O autor sugere que emerge uma nova concepção de ciência no momento de informatização. O conhecimento se tornou a principal força econômica de produção e a ciência não poderia mais estabelecer um monopólio sobre a verdade frente às outras formas de conhecimento.

A ciência moderna até o início do século XX era concebida como uma atividade “nobre”. Contribuía para um desenvolvimento moral da nação, pois nação e ciência eram dois organismos acoplados. No contexto pós-moderno, a ciência “nada mais é do que um certo modo de organizar, estocar e distribuir certas informações” (*Ibidem*, p. 09). O conhecimento produzido pela ciência foi traduzido na linguagem das máquinas. Assim, a ciência ficou restrita ao que a máquina pode fazer. Esse processo caracteriza-se como uma nova concepção da ciência como tecnologia intelectual. Os campos científicos outrora separados se miscigenam.

Perry Anderson (1999, p. 33) considera Lyotard o primeiro autor a tratar a pós-modernidade como uma condição humana, o que deve ter contribuído para a sua obra ter se tornado a mais citada sobre o assunto. Em *A condição pós-moderna*, de acordo Anderson, Lyotard teria anunciado o obscurecimento de todas as grandes narrativas: “a redenção cristã, o

progresso iluminista, o espírito hegeliano, a unidade romântica, o racismo nazista, o equilíbrio keynesiano” (*Ibidem*, p. 39).

Anderson (1999), em sua obra *As origens da Pós-modernidade*, historiciza a origem do termo pós-modernidade, procurando compreender os seus diversos desdobramentos epistemológicos. Um desses desdobramentos refere-se ao termo “pós-modernismo” que surgiu primeiramente na América Hispânica na década de trinta, e depois se difundiu pela Inglaterra e Estados Unidos. O termo seria o pioneiro, se referindo aos movimentos estéticos de vanguarda que estariam ocorrendo como uma forma de refluxo dentro do próprio modernismo. A pós-modernidade, por sua vez, surgiu relacionada aos movimentos políticos, sociais e econômicos.

A pós-modernidade é denominada de “modernização reflexiva” pelos autores Ulrich Beck, Scott Lash e Anthony Giddens (1997) na obra *Modernização Reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna*. Para Ulrich Beck (1997) a modernização reflexiva ocorre em uma sociedade em mutação. A pós-modernidade dessa forma seria uma fase da modernidade, caracterizada como reflexiva. A reflexividade se contrapõe à ideia de que existe somente uma forma de modernidade, a sociedade industrial. O Ocidente se deparou com percursos desafiadores de suas bases sociais e políticas. O advento do racismo, do nacionalismo e as guerras mundiais levaram o Ocidente a repensar a sua trajetória que está se desmoronando por causa de seus próprios feitos. De tal modo, a modernização reflexiva para Beck representa “a possibilidade de uma (auto) destruição criativa para toda uma era: aquela da sociedade industrial. O sujeito dessa destruição criativa não é a revolução, não é a crise, mas a vitória da modernização ocidental” (p. 12). A modernização reflexiva seria uma modernização ampla e modificadora da sociedade, que por sua vez, vive em um mundo que tem se tornado reflexivo. Para o autor, um dos conceitos centrais é o de sociedade de risco:

Esse conceito designa uma fase no desenvolvimento da sociedade moderna, em que os riscos sociais, políticos, econômicos e individuais tendem cada vez mais a escapar das instituições para o controle e a proteção da sociedade industrial (*Ibidem*, p. 15).

A modernização proporcionou a emergência da sociedade de risco, na medida em que as instituições industriais apresentaram efeitos que posteriormente não puderam controlar. Na sociedade de risco, há o reconhecimento da miríade de ameaças provocadas pelo desenvolvimento científico e industrial, como a produção da tecnologia nuclear, a pesquisa genética, os poluentes emitidos pelas indústrias, e o uso de fertilizantes artificiais e de produtos químicos na agricultura. Os riscos possibilitados pela modernização se apresentam de forma universal, podendo ter variações específicas locais.

A sociedade de risco é aquela que reconhece a imprevisibilidade das ameaças provocadas pelo progresso científico e industrial, o que exige um processo de autorreflexão e autocrítica. Isso representa o retorno à incerteza e um questionamento do monopólio da ciência sobre a verdade (*Ibidem*, p. 38).

Para Giddens (1991) a pós-modernidade é caracterizada como um conjunto de discontinuidades, não podendo ser considerada consequência ou uma mera sucessão da modernidade. Contudo, ele considera evidentes as transformações que têm ocorrido a partir da segunda metade do século XX. Segundo o autor, o pós-modernismo é um termo ligado à literatura e às artes plásticas, uma forma de reflexão estética. A pós-modernidade por sua vez, representaria uma nova ordem social fundamentada em um momento de incerteza entre vários intelectuais. Isso ocorre porque a modernidade, baseada nos preceitos iluministas ao defender a razão, substituiu uma “certeza” por outra, ao substituir a fé pela razão. A pós-modernidade já não demonstrou qualquer tipo de certeza. Em um processo autorreflexivo, ela acarretou a consciência da incerteza (*Idem*, p. 220 - 223).

A ciência originada com o Iluminismo acreditava que quanto mais o homem conhecesse o mundo, mais ele poderia controlá-lo e mais estaria caminhando para uma plena certeza. O que ela não previu foi que esse processo de busca pelo conhecimento poderia levar a um processo reverso, a incerteza sobre o mundo. Vários conhecimentos começaram a reivindicar espaço frente aos domínios da ciência ortodoxa, que até então seria a detentora de todas as “certezas” (*Idem*, p. 220).

Essa reflexividade autocrítica liberta o indivíduo das ideias de família, nação ou razão, e essa discussão abre um leque de debates em torno da identidade e o hibridismo cultural na pós-modernidade, primeira categoria a ser destacada dentro da abordagem geral da pós-modernidade.

A globalização tem reestruturado a sociedade, afetando a vida cotidiana. As estruturas sociais e as tradições estão se reformulando, as informações circulam globalmente. O processo da globalização – caracterizado por Giddens (2002) como um distanciamento entre tempo e espaço, um emaranhado de eventos e relações sociais que acontecem em contextos locais distantes geograficamente – atravessa as fronteiras nacionais. O que acontece em um determinado contexto local pode afetar as outras regiões do mundo, como é o caso de uma guerra nuclear ou as catástrofes ambientais. Esse fator altera as identidades nacionais, dando lugar às identidades híbridas, partilhadas, mesmo que os indivíduos estejam distantes em questões de espaço e tempo.

Dentro do bojo de um mundo social instável ou “líquido”, como diria Zygmunt Bauman (2007), as estruturas formativas sociais que determinam os comportamentos dos indivíduos se reorganizam e se reestabelecem em razão das realizações individuais. Os laços sociais são construídos ou rompidos com facilidade, o indivíduo entra em novas relações e transita entre elas. Na sociedade moderna, as estruturas sociais eram sólidas (estruturadas, limitadas e estratificadas) e na sociedade pós-moderna as estruturas sociais são líquidas (em forma de redes, infinitas, com mudanças constantes).

Bauman (2007) afirma que essa nova sociedade é fragmentada, as relações sociais são voláteis e instáveis, levando os indivíduos a suportarem as consequências de suas próprias escolhas. O indivíduo tem um destino flexível, que pode mudar a qualquer momento. Ele planeja, avalia e aguarda resultados de suas decisões. Compreende-se, portanto, que a pós-modernidade é caracterizada pela intensa produção de identidades, desejosas tentativas de se estabelecer “similaridades e semelhanças a um oceano de variedade e diferença” (p. 93).

Essa nova configuração social abre um espectro de relações pessoais infinitas, mostrando também que essas relações se tornam instáveis e arriscadas. Esse caráter dinâmico “confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e ao mesmo tempo oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas” (GIDDENS, 2002, p. 79). Dentro de uma variedade de opções², é intrínseca a escolha de um estilo de vida por parte do indivíduo, no qual ele realizará um conjunto de práticas de forma rotineira, fazendo parte dos seus modos de comer, vestir, viver e agir, que irão dar forma a uma autoidentidade.

Isso provocou o surgimento de uma “crise de identidade” assim apontada por Stuart Hall (2006, p. 01). A experiência da dúvida e da incerteza faz parte desse novo sujeito pós-moderno, diferente dos dois sujeitos anteriores, o sujeito iluminista e o sujeito sociológico, como Hall define. O sujeito iluminista era centrado na razão, focado em sua própria ação e tributário de uma concepção individualista ao formar a sua identidade. Essa concepção define o indivíduo como um ser centrado e unificado, desde a sua nascença, e que manteria essa sua essência durante a vida. Já o sujeito sociológico não é assim tão autônomo, porque sua identidade é formada na relação que ele estabelece com os demais indivíduos na sociedade, construída a partir de diálogos com outros mundos, estabelecendo uma visão mais interativa socialmente. O ‘eu’ se forma através da interação entre ‘eu’ e ‘sociedade’. O sujeito sociológico

² Elas existem na medida em que o indivíduo tem hábitos de vida, atividades e culturas que ele mesmo define, como por exemplo, a escolha de suas relações pessoais, sua forma de educar os filhos, suas amizades, formas de lidar com sua situação econômica e sua espiritualidade.

tem a consciência de que o indivíduo não é autossuficiente e autônomo, porque ele transporta valores, símbolos e hábitos do mundo em que habita.

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (*Ibidem*, p. 01).

O sujeito pós-moderno se difere no sentido de não possuir uma identidade fixa ou permanente, movendo entre identidades até mesmo conflitantes entre si. Desta forma, ocorre uma reorganização das relações sociais que se deslocam de seus contextos locais para estabelecer novas interações (*Ibidem*, p. 15 - 16). Esta é uma tendência mundial, se transformar em uma aldeia global, fato possibilitado pelo advento da tecnologia e das telecomunicações.

A globalização surtiu efeito sobre as identidades culturais, sendo responsável pelos vínculos entre as nações. Desta forma, as identidades nacionais se desintegram, surgindo em seus lugares as novas identidades híbridas. Esses são os fluxos culturais que possibilitam o surgimento de identidades partilhadas, processo no qual as culturas nacionais recebem influência externa, tornando difícil manter a sua identidade original.

O Oriente ora considerado exótico, passa a ser um local de atração, suas práticas culturais passam a ser exercidas por indivíduos de variadas nacionalidades, tudo isso possibilitado pelo comércio global, a *internet* e as viagens internacionais. Na verdade, isso ocorre porque, nesse processo globalizante, a antiga “centralidade” cultural do Ocidente têm decaído. Os indivíduos passaram a adotar novas identidades, muitas vezes advindas de culturas de locais ora considerados distantes e marginais como a Índia e a China.

O fenômeno social presenciado em Alto Paraíso pode ser compreendido como um balanço entre a “tradição” e “tradução”³ conforme Hall (2006, p. 89). A identidade concebida como “pura”, presa em suas raízes, começa um processo de assimilação e homogeneização. Os indivíduos que saíram de suas terras natais, carregando toda uma bagagem de tradições, passam a conviver em outras sociedades nas quais eles negociam uma coexistência. Eles carregam traços de suas culturas e linguagens, passando a absorver elementos de outras identidades.

Neste mundo cosmopolita, os contatos entre pessoas de culturas diversas são cada vez mais intensos e, para Burke (2003, p. 101), esta é uma tendência global inevitável. O autor

³ “Tradução” etimologicamente do latim significa “transferir, transportar entre fronteiras” (Hall, 2006, p. 89).

adverte que se deve lembrar que a troca cultural pode ocorrer em detrimento de alguém. Certos elementos podem ser fundidos, como uma forma de “tradução cultural”⁴, isto é, os encontros culturais podem produzir novas formas híbridas, porém, pode-se perder nesse processo raízes culturais regionais. As tradições são reconstruídas quer os indivíduos percebam ou não.

Outra categoria dentro da pós-modernidade, sendo a mais importante para esta pesquisa, é o “reencantamento do mundo”. Para compreendê-lo, é imperativo discutir primeiramente o desencantamento do mundo weberiano. O desencantamento possui duas fontes: a primeira deriva da atitude da religião tradicional de irracionalizar a magia⁵ (Pierucci, 2013, p. 79), e a segunda deriva do racionalismo técnico-científico de encontrar os melhores meios para atingir os fins.

O desencantamento do mundo, segundo Max Weber (1982), a princípio, marcou a atitude do homem em colocar a natureza a seu serviço. O progresso científico na história humana assinalou um processo de intelectualização e racionalização no mundo. O homem passou a acreditar que não existe qualquer poder misterioso que esteja controlando os processos naturais (p. 30). O objetivo é utilizar-se da técnica e da previsão para compreender a realidade, acreditando que tudo pode ser dominado pelo cálculo. A ciência passou a enxergar uma natureza na qual não existem forças misteriosas ou sobrenaturais. Isso porque a ideia de uma natureza viva não estaria de acordo com os ensejos burgueses.

Pierucci (2013) debateu acerca do conceito de desencantamento do mundo, percebendo que esse foi um processo que mostrou duas faces, a religiosa e a científica. O conceito se tornou importante, vindo a ser referência para o desenvolvimento do racionalismo ocidental. Apesar de as pessoas lhe atribuírem uma infinidade de significados, muitos o substituem pelo termo “desencanto”, que poderia trazer uma ideia de desilusão ou decepção com o mundo. “Com palavra assim tão provocante, de aura tão carregada de magnetismo e magia, é muito grande mesmo o risco da volatização semântica e do disparate [...]” (p. 35). Desta forma, o termo desencantamento do mundo em significado restrito, seria quebrar o encantamento, o feitiço. Em alemão, desencantamento (*Entzauberung*) significa

⁴ O termo foi utilizado pela primeira vez na Antropologia, por Bronislaw Malinowski, que ao tentar aprender uma cultura estrangeira, é como se fosse traduzir uma nova cultura para a sua própria. Tentar compreender uma cultura seria equivalente ao ato de tentar traduzir uma língua estrangeira para termos familiares à sua língua (Burke, 2003, p. 56).

⁵ “Arte ou ciência oculta em que são utilizados poderes invisíveis (mentalização de cores, visibilização da aura, poder e comunicação com as plantas ou com os duendes) para se obterem fins visíveis” (SIQUEIRA, 2003a, p. 36).

desmagificação. Muitos estudiosos consideram que o desencantamento de Weber é o conceito central da modernidade.

O prestígio da ciência na modernidade foi a chave para a caracterização do fenômeno do desencantamento do mundo, o que marcou também o distanciamento do homem em relação à natureza. A ciência modificou o sentido do mundo, transformando-o em um “mecanismo casual”, isto é, ao afirmar que seus fenômenos são misteriosos. A ciência ao tentar desvendar os mistérios da natureza, na verdade, se interrogou sobre o que fazer com ela (*Ibidem*, p. 159).

A partir da segunda metade do século XX, as consequências imprevisíveis da aplicação científica no mundo cotidiano transformaram o prestígio em crise. Percebe-se, agora, a emergência dos conhecimentos milenares e de uma valorização da convivência harmônica com a natureza. A herança das sabedorias antigas orientais e xamânicas, após séculos de cerceamento pelo Cristianismo e pelo racionalismo, retornaram com vigor nos tempos atuais.

Eric Hobsbawm (1995), realizando uma avaliação panorâmica das ciências naturais no século XX, concluiu que uma das modificações sociológicas mais importantes foi o fato de que a ciência de ponta progressivamente esteve se concentrando em pequenos grupos, com muitos recursos e equipamentos para o investimento em pesquisa. Esse fenômeno tomou corpo com Segunda Guerra, que também estimulou o investimento pesado em tecnologias potencialmente aplicáveis ao uso cotidiano. Exemplo disso são os *lasers* que estiveram em laboratório na década de sessenta, chegando ao consumidor na década de oitenta por meio do *compact disc*. Outra inovação foram os *scanners* que traduzem os códigos de barras em preços e fazem a somatória dos produtos, o que facilitou o trabalho dos operadores de caixas (p. 509).

A massificação da alta tecnologia no cotidiano tornou o saber científico ao mesmo tempo próximo e esotérico: estava em toda parte, mas poucos compreendiam inteiramente o seu funcionamento. A operadora de caixa sabe operar com maestria o computador, mas provavelmente não tem a mínima ideia dos complicados algoritmos que o fazia funcionar. “O aprendiz de feiticeiro não precisava mais preocupar-se com sua falta de conhecimento” (*Ibidem*, p. 510). Por isso a ciência no século XX foi vista por parte considerável da população com desconfiança e medo, não só por se tornar cada vez mais distante do saber dos leigos, mas pelo fato de suas consequências serem imprevisíveis e perigosas. Como feiticeiros do século XX, os cientistas eram admirados e temidos. O mesmo se pode dizer de suas criações.

Um exemplo mais evidente é que, uma das maiores criações científicas do século XX, a energia nuclear, tornou-se fonte de medo, principalmente por causa das explosões atômicas no final da Segunda Guerra Mundial e pelos acidentes nucleares que ocorreram em várias partes do mundo, como Chernobyl, Harrisburg e Goiânia. Os ideais de progresso da modernidade

produziram consequências negativas, o que fez com o que indivíduo pós-moderno buscasse o retorno de alguns valores, como uma vida mais próxima da natureza.

No Brasil, o caso do acidente com o Césio 137 em Goiânia teve uma importância nas representações pós-modernas. Uma nova capital planejada representava a modernidade para superar o “atraso” da antiga capital. Nesse sentido, uma tragédia dessa natureza fez com que a cidade abandonasse suas imagens desenvolvimentistas. O episódio pode ser considerado como um “catalisador das mudanças culturais em Goiânia em direção à pós-modernidade” (OLIVEIRA, 2008b, p. 40). Goiânia passou a abandonar suas representações modernas, voltando-se para uma crítica ao progresso, ignorando as suas estatísticas de crescimento populacional, industrial e urbano. “O medo do progresso e da tecnologia não é exclusivo dos goianienses – é ainda uma preocupação global, todavia, após 1987, os goianienses têm motivos mais fortes para temê-los” (*Ibidem*, p. 41). Assim, emergiu uma imagem de Goiânia vinculada ao desejo de se tornar uma cidade-jardim, o que explicaria o interesse dos administradores públicos pós-acidente terem priorizado a construção de parques e jardins.

A ciência se depara com uma possibilidade de passar por uma transformação e por uma nova visão da natureza; a criação de um paradigma pós-cartesiano⁶. Os antigos conhecimentos de caráter místico-religiosos procuram estabelecer uma nova aliança com a ciência. A emergência destes saberes é um dos aspectos do que é conhecido, no meio sociológico, por “reencantamento do mundo”. O termo pode conter vários significados para diferentes autores, dentre eles o retorno de valores sagrados, a reafirmação do mundo como criação divina, a aparição de elementos místicos no mundo moderno e o retorno da crença em espíritos que habitam a natureza.

O reencantamento do mundo também está relacionado à mudança de paradigmas da ciência, conforme esclarece Alan Mocellim (2014). Há o surgimento de um novo paradigma científico, que por sua vez demonstra uma visão orgânica do mundo. Isso não significa um retorno ao animismo, mas uma concepção de integração entre homem e natureza, rompendo com várias dicotomias criadas pela ciência moderna. Uma verdadeira ruptura epistemológica (p. 52). Essa atitude colocou em cheque o processo de desmagificação do mundo.

⁶ Para Mocellim (2014) é possível a superação do pensamento cartesiano através de uma visão mais holista da natureza, visto que o primeiro possuía uma atitude de afastamento do homem em relação à natureza.

Um termo mais adequado para designar esse processo seria a “metamorfose⁷ da ciência”, indicando a abertura para um diálogo com uma natureza complexa e misteriosa. “Trata-se do pensamento científico redescobrendo a natureza em seu horizonte insondável, muito diferente da natureza dominável da ciência clássica” (*Idem*, p. 11).

A ciência percebeu que o planeta não é independente do homem e que suas próprias ações nele geram consequências que atingem a todos os outros seres vivos. O reencantamento do mundo marca o retorno deste pensamento holístico⁸, que ainda marginalizado pela ciência, vem tentando dialogar com a mesma.

Para Siqueira (2003a, p. 52) o reencantamento do mundo se dá na esfera religiosa, representando um momento no qual há o desaparecimento da tendência a uma única cosmovisão religiosa. Essas novas formas de religiosidade demonstram, além de uma revitalização da espiritualidade, tendências à construção de novos suportes éticos globais, como a união das nações (universalismo), o cuidado com o meio ambiente e preocupações com os direitos humanos.

O reencantamento do mundo possibilitou a emergência de tradições místicas ou gnósticas que se opõem ao racionalismo. A perseverança da crença na astrologia indica os limites do racionalismo ocidental na vida cotidiana. Uma explosão dos múltiplos vitalismos, assim denominados por Michel Maffesoli (1998), que estão em crescimento constante, alheios ao cristianismo tradicional. “Os movimentos ecologistas (estratificando-se ou não em partidos), a onda dos alimentos biológicos, macrobióticos, a moda dos diversos naturalismos são indícios instrutivos desse ponto de vista” (p. 49).

Maffesoli (1998), ao caracterizar a pós-modernidade, acredita que ela é favorável à emergência do reencantamento do mundo: “Com efeito, após o período de ‘desencantamento do mundo’ (*Entzauberung*, em Weber), postulo que se assiste, agora, a um verdadeiro ‘reencantamento do mundo’ [...]” (*Ibidem*, p. 42).

A linha que divide os conhecimentos se rompe, contribuindo para que eles possam atribuir um mesmo sentido para o mundo. Isso significa um desafio, obter o avanço da ciência no sentido integrá-la com os demais conhecimentos (Mocellim, 2011, p. 14).

⁷ O sociólogo brasileiro Mocellim (2011) utiliza esse termo ‘metamorfose’ para designar o processo de progresso teórico da ciência, que deixou de lado os seus conceitos tradicionais e sua ambição de reger os processos naturais a um restrito número de leis.

⁸ “O ser como um todo, numa perspectiva integral”, ou “O universo como um todo que está presente em tudo” (SIQUEIRA, 2003a, p. 38 – 39).

Essa pesada discussão teórica sobre a pós-modernidade e o reencantamento do mundo justifica-se pela importância dessas categorias para elucidação da hipótese principal que guia a pesquisa: a de que o município de Alto Paraíso, encravado em meio ao Cerrado, concentra muitas destas mudanças culturais características do que os analistas denominam de pós-modernidade e representa uma espécie de um laboratório privilegiado.

A proposta da pesquisa é analisar as características da pós-modernidade tomando alguns elementos presentes na estética do município, como o reencantamento do mundo através dos símbolos, das novas religiosidades e das práticas de terapias alternativas e também o fenômeno sociológico do hibridismo cultural. Todos esses elementos procuram elucidar um momento propício ao surgimento de novos saberes e uma nova postura do homem frente à natureza.

E a partir deste momento, a primeira pessoa do singular se despede.

CAPÍTULO 1. PLANALTO CENTRAL, ENTRE PARALELOS E PROFECIAS

*Em todos montes verdes cristais, vista vai longe
além dos portais. Chuva de estrelas na terra do
paraíso. Céu colorindo, a lua está sorrindo. Brisa
da noite, som das águas são vagalumes a nos
guiar. Dentro do sonho, coração e natureza. Cada
respiro, a chave do paraíso.*

(Thomaz Ayê, 2015)

O objetivo deste capítulo é analisar as transformações históricas no Planalto Central que explicam muitas das mudanças socioculturais que atingiram o município de Alto Paraíso de Goiás. Nesse sentido, analisar-se-á as mudanças na representação da natureza, que vão fazer com que a Chapada dos Veadeiros deixe de ser uma fonte de exploração de ouro e cristal para se transformar num patrimônio ecológico mundial. Mostrar-se-á também a evolução demográfica e urbana do lugar, desde a fundação do distrito de Cavalcante até o surgimento do povoado de Veadeiros que, posteriormente, originará a cidade de Alto Paraíso. Um acontecimento de impacto para a região será a construção de Brasília, interpretada por místicos como a concretização das profecias de Dom Bosco, o que vai estimular e facilitar o acesso de grupos místicos para a Chapada.

1.1 A CHAPADA DOS VEADÉIROS E AS MUDANÇAS NA REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA

A Chapada dos Veadeiros⁹, região mais elevada do Planalto Central, foi alvo de diversos fluxos exploratórios e migratórios a partir do século XVI¹⁰. Foi com a exploração

⁹ Abrange uma área de 21.337,63 km². Conforme os dados do último Censo do IBGE realizado em 2010, a população total neste ano era de 62.684 habitantes (SIT, 2015).

¹⁰ A Chapada dos Veadeiros, antes do início da colonização, era habitada por alguns grupos indígenas, como os Avá-Canoeiro, Goyaz, Crixás, Xavante, Xerente, Karajá e Apinayé.

agropecuária e mineratória, no século XVIII, que se intensificou os conflitos entre indígenas e colonizadores, culminando com a expulsão dos silvícolas do seu território.

Um dos pioneiros na ocupação da Chapada foram os quilombolas. Seja resultante da fuga de escravos ou do ajuntamento de escravos libertos, criaram “comunidades que possuem um grande conhecimento adquirido de seus antepassados, com uma forte identidade cultural, territorial e étnica” (LIMA, 2013, p. 51). O maior deles é o território Kalunga¹¹, que está presente nos municípios de Teresina de Goiás, Cavalcante e Monte Alegre.

A ocupação da Chapada dos Veadeiros seguiu as linhas gerais da ocupação do Cerrado a partir do século XVIII, quando foi colonizado, a partir das ações dos bandeirantes. A Chapada foi um dos locais percorridos pelo Anhanguera, o filho, em 1723. Com a descoberta de minas auríferas, inicialmente na bacia do Rio Vermelho e depois em outros locais, novos grupos de garimpeiros deslocaram-se para a região. Conforme o integrante da expedição de Anhanguera, o alferes José Peixoto da Silva Braga, a Chapada é o

[...] lugar mais alto da terra, de onde emanam quatro ribeirões, dos quaes ficarão intitulos as suas cabeceiras, estas as principais do rio Preto, no arraial dos Couros, São Bartholomeu, Paranan e Maranhão. Nessa altura vão tres lagôas em carreira, em campina clara; verão um poço sem praia e nem alcance de fundo, verde côm de mar, que não seca nem vasa, quer no inverno, quer na calma [...] cacem e verão ouro bom, e se acharem pela cinta e cabeça, encontrarão grandeza tal que não terão visto em Goyaz (SILVA, 1982, p. 29).

Há um descompasso entre os pesquisadores sobre a responsabilidade do estabelecimento do primeiro núcleo populacional na Chapada dos Veadeiros, que gerou o município de Cavalcante, em 1736. Uma versão da história pondera que o garimpeiro Julião Cavalcante com seu grupo (bandeira de Carlos Marinho) estabeleceu o primeiro núcleo populacional. Ele teria divulgado a notícia de que havia descoberto uma colossal mina de ouro à margem do Córrego Lava Pés e batizado esse novo povoado com o seu nome. A outra versão, defendida pelo historiador Paulo Bertran (1996), afirma que Francisco de Albuquerque Cavalcante foi o primeiro explorador e fundador do povoado, no ano de 1737. O certo é que, em 1740, o povoado foi apresentado como arraial de Cavalcante oficialmente, com a presença do governador da capitania de São Paulo, Luiz de Mascarenhas. Em 1759 o povoado foi elevado à categoria de freguesia.

¹¹ Sua população em 2004 chegava a quase 10.000 habitantes. Abrange cerca de 237.000 hectares, formando o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Reconhecido pela Lei nº 11.409 de 1991 do Estado de Goiás. “Este povo da terra, através das relações de parentescos, clãs e linhagens, mantém a família como célula primordial para a reprodução do grupo, resguardando a tradição, mantendo-a e repassando-a a cada geração. A tradição representa o cerne do pensamento Kalunga, a presença ancestral, a memória social” (LIMA, 2009, p. 37).

Outra personalidade que percorreu a região da Chapada dos Veadeiros foi D. José de Almeida, o quarto capitão-general da província de Goiás, que em 1773

[...] chega a Cavalcante. Apazigua ali os sócios da Pedreira, grande e inesgotável mina de ouro, rica e problemática [...] De Cavalcante foi a São Félix, arraial hoje extinto, que teve uma fundição de ouro posteriormente transferida para Cavalcante. Do extinto São Félix, tangenciando as magníficas altitudes de Alto Paraíso na Chapada dos Veadeiros, o capitão general veio direto sobre São João D'Aliança, antiga Capitinga, e sobre Cocal do Andrade, nas proximidades da cidadezinha de São Gabriel de Goiás. Em 16 de setembro de 1773, “tomou quartel” em Couros, atual Formosa [...] (*Idem*, p. 144).

Durante o século XVIII, o imaginário predominante sobre as terras onde se situavam as minas auríferas ainda estava, em grande parte, imbuído dos motivos edênicos, embora conforme Holanda (2002) o imaginário lusitano fosse bem menos fantástico e mais dependente das experiências vivenciadas do que o dos hispânicos. Apesar dessa visão mais comedida,

A presença de tamanhos tesouros nas terras descobertas, se não bastava para atestar a vizinhança com o paraíso perdido, de qualquer forma dava meios para o acesso à eterna bem-aventurança [...] De ouro faz-se tesouro, e com ele, quem o tem, realizará quanto quiser no mundo, e até mandará as almas ao paraíso (*Ibidem*, p. 15).

Os primeiros relatos enfocando os elementos naturais do cerrado produzidos pelos bandeirantes procuravam na natureza pistas e sinais maravilhosos que revelariam tesouros naturais ocultos. É o caso, por exemplo, do mito da Serra dos Martírios¹², poderoso motivador edênico da região do Cerrado (Oliveira, 2012, p. 162).

A partir do século XIX apareceram as narrativas mais desencantadas, afinadas aos ideais de progresso vigentes. Foi quando ocorreram viagens e explorações científicas que objetivaram a exploração econômica e integração do território brasileiro.

Foi com esse intuito de dominar a natureza pela técnica que os viajantes naturalistas adentraram o sertão goiano. O botânico austríaco Johann Baptist Emanuel Pohl (1782 – 1834), entre os seus percursos, esteve na região de Cavalcante em 1819, quando fez seus trajetos entre Porto Real a Vila Boa. O seu olhar sobre a natureza manifesta-se com a frieza de um cientista, catalogando plantas e destacando as suas nomenclaturas científicas.

Em um primeiro momento, Pohl demonstrou uma impressão otimista a respeito de Cavalcante, relatou sobre a sua história e a sua riqueza aurífera, que era o comum interesse de

¹² A Bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, o pai, deu origem à lenda da Serra dos Martírios. Segundo o bandeirante, haviam signos do martírio de Cristo como a coroa, a lança e os cravos, esculpidos em minérios. O martírio de Cristo inspirou muitas visões maravilhosas a respeito da natureza do Cerrado.

todos que por ali percorriam. E também de uma forma analítica, identificou todo o vilarejo, suas casas e ruas:

Foi fundado em 1740 por Domingos Pires; enquadra-se entre as pequenas povoações, se bem que seja uma das melhores de Goiás; tem aspecto alegre e fica numa região amena, rodeada por montanhas, na Serra de São Pedro, outrora muito aurífera. As ruas são retas e retangulares. As casas são térreas, mas rebocadas de argamassa e caiadas. Os tetos são cobertos de telha cozida. Os terrenos cercados diante das casas são plantados com pés de café, bananeiras e laranjeiras (POHL, 1976, p. 280 – 281).

Por outro lado, com seu olhar carregado de elementos de sua cultura de origem, Pohl observa Cavalcante como um lugar afastado e pobre, pela penúria das suas serras auríferas:

Infelizmente, é visível a crescente pobreza nas casas que começa a arruinar-se [...] Já a alguns anos os ricos abandonaram o lugar e mudaram-se para outras paragens, principalmente porque desde muitos anos não se extrai mais ouro, seja por causa da profundidade em que se acha o metal, seja devido à falta de negros. Hoje deve ser indescritível a pobreza, em parte, porém por culpa dos próprios moradores, que preferem passar fome a trabalhar (*Ibidem*, p. 281).

Pohl teve problemas quando viajou pelos arredores de Cavalcante. Seus burros de carga encontravam-se esgotados, não conseguindo outros para substituí-los. Em alguns lugares, Pohl chegou a dizer que não estava pedindo serviços gratuitos, mas que estava disposto a pagar por tudo dentro do preço local. Após muitas queixas e adiantamentos, Pohl conseguiu um cavalo de carga para prosseguir sua viagem.

Distinto dos desbravadores do século XVIII, os relatos de Pohl são técnicos e não demonstram uma visão encantada da natureza. Mesmo perante formações geológicas exóticas, ele descrevia uma natureza desprovida de encantamento.

Seguimos primeiro a Serra de São Pedro, por meia légua, na direção sul; depois, ela desviou-se para o oeste e vimos, na direção de leste para oeste, a Serra dos Veadeiros. O nosso caminho, em geral serra acima, tinha o nome de Bocaina do Tombador Grande. O curso dos rios era sul-norte, para o Rio das Almas. Mais umas duas léguas adiante, reuniam-se as serras que, com desesperadora dificuldade, tínhamos de subir. Para isso foi-nos necessária uma hora inteira, e eu tive de apeiar para não quebrar o pescoço. Pode-se imaginar o que sofreram os nossos animais. Depois, seguimos ao longo da Serra dos Veadores, sobre colinas pedregosas, rumo a oeste e, depois de quatro léguas, atingimos o Rio Claro, de 8 braças de largura, o qual desce da vertente meridional da Serra dos Veadeiros, corre primeiro para o norte e, depois, na vertente setentrional daquela serra, dobra para o ocidente (*Ibidem*, p. 282).

O governador de Armas do Estado de Goiás, Raimundo José da Cunha Mattos¹³ também descreveu a região da Chapada dos Veadeiros, quando partiu do Rio de Janeiro em 1823, em direção a Vila Boa de Goiás, percorrendo o Planalto Central. A primeira referência cartográfica de Veadeiros foi feita em seu mapa da Província de Goiás. Cunha Mattos, como os exploradores de seu tempo, mediu e catalogou as bacias hidrográficas:

O Rio Tocantins nasce na Chapada dos Veadeiros: tem curso do oriente ao occidente superior a 50 legoas, e entra na margem direita do Rio Maranhão, 8 legoas a Oeste do porto na estrada entre Trahiras e Cavalcante [...] O Rio Preto nasce na Chapada dos Veadeiros, e com mais de 30 legoas de curso entra na margem direita do Rio Maranhão, logo abaixo de huma cachoeira denominada do Rio Preto que tem cem passos de comprimento, e he de descarreto pela margem esquerda [...] (CUNHA MATTOS, 1836, p. 231).

E por outro lado, depois de passar por adversidades, dentre elas ter perdido suas mulas por falta de mantimentos, resmungou que: “Huma escassez de mantimentos que se soffre no Districto de Cavalcante obrigou-me a mandar convidar os lavradores a trazerem gado, legumes, e farinha para subsistencia da Tropa” (*Ibidem*, p. 05).

Em 1892 a 1ª Missão Cruls, formada por vinte e dois integrantes, percorreu o Planalto Central durante sete meses, com o objetivo de demarcar a área que seria reservada ao futuro Distrito Federal. Era chefiada pelo astrônomo belga Louis Ferdinand Cruls. A expedição percorreu ao todo, quatorze mil quilômetros.

O itinerário começava em Formosa, dirigia-se sensivelmente para o norte passando pela chapada dos Veadeiros, depois retrocedendo, devia inclinar para o Tocantins, a fim de ir dar ao vértice NE da zona a demarcar; era pouco superior a 500 quilômetros a extensão deste itinerário (CRULS, 1947, p. 244).

Foi uma missão científica e exploratória que, inclusive, mediu o ponto mais alto do Planalto Central, a Serra do Pouso Alto, que teria 1.676 metros. Também foram realizadas pesquisas topográficas, climáticas, geológicas, sobre a flora, a fauna, solo e recursos minerais, o que resultou na demarcação de 14.400 km² de solo, compondo o Quadrilátero Cruls.

Cruls demonstrou certo receio no percurso pela Chapada dos Veadeiros:

Não tenho conhecimentos suficientes da segunda dessas bacias, não posso fazer um estudo comparativo, nem mesmo aventurar qualquer argumento em favor do percurso da linha pela chapada dos Veadeiros, com o fim de evitar o mais possível o aterrador vão do Paranã, cujas condições de salubridade são pouco favoráveis (*Ibidem*, p. 96).

¹³ Escreveu o “Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas províncias de Minas Geraes e Goiás” (1836), realizando também uma descrição corográfica de Goiás, das suas rotas até Mato Grosso e São Paulo.

O botânico Ernesto Ule, membro da comissão, por sua vez, inventariou a fitofisionomia encontrada em seus trajetos:

[...] poucos eram os que deram especial atenção às Criptógamas, das quais eu trouxe fetos, musgos e cogumelos; de modo que o resultado da minha viagem não deixará de contribuir algum tanto para o conhecimento do interior do Brasil. Sempre que me foi possível, observei a vegetação das regiões percorridas, e consegui trazer coleção de plantas secas consistindo de 450 números de Fanerógamas e 310 números de Criptógamas (*Ibidem*, p. 233).

Este relato mostra que os ideais de Ule estavam afinados aos de Pohl, esse olhar científico e sistematizado em relação a natureza. A comissão percorreu pela fazenda Paraíso, pelo povoado rural de Veadeiros e chegou ao norte nas serras do Pouso Alto. Ule acreditava que a região era uma ótima produtora de frutos e trigo.

Nesse momento, percebe-se que os relatos acerca da natureza, que apesar de mencionar a sua beleza, submeteram-na em termos racionais, despojando-a do encantamento. O viajante naturalista percorreu a região procurando catalogar novas espécimes de fauna e flora, em uma motivação científica que movia seus projetos. Isso representava um tipo de mentalidade próxima à classificada por Weber de “desencantamento do mundo”, no sentido de que

[...] não há forças misteriosas incalculáveis, mas que podemos, em princípio, dominar todas as coisas pelo cálculo. Isto significa que o mundo foi desencantado. Já não precisamos recorrer aos meios mágicos [...] (WEBER, 1982, p. 165).

Esse processo de racionalização inicia-se a partir do século XVI com o progresso da ciência moderna, o que provocou um antagonismo entre aqueles que acreditavam que a natureza era “encantada” ou “mágica” e aqueles que acreditavam em uma natureza calculável e quantificável. Nessa perspectiva progressista, “uma paisagem domesticada, habitada e produtiva era bela” (THOMAS, 1988, p. 303).

Desta forma, a natureza do cerrado goiano foi representada de formas diversas na passagem entre os séculos XVIII e XIX. Tanto os bandeirantes do século XVIII, quanto os cientistas viajantes do século XIX, preencheram o déficit de um conhecimento mais substancial da natureza do cerrado por meio de representações culturais disponíveis na sua época. As duas perspectivas são limitadas, são lentes opacas, que, mesmo assim, deixaram documentos de como o cerrado goiano foi concebido. Ambos os grupos

Desbravaram os sertões goianos na fase de transição da economia mineradora para a economia de base agropecuária, ora deslumbrando-se com as suas riquezas e belezas naturais, ora comparando o que viam com seus referenciais de civilização e fazendo juízos de valor sobre a índole da população local (BARBOSA, 2008, p. 30).

O século XX, por sua vez, mesmo transportando resquícios do desencantamento weberiano, progressivamente cedeu espaço a uma nova postura do homem frente à natureza, que já demonstrava alguns sinais durante o século XIX. Aquele antigo antropocentrismo renascentista abriu espaço para uma nova preocupação, como uma nova sensibilidade com o sofrimento dos animais e a preocupação com o plantio de árvores.

Conforme Keith Thomas (1988, p. 290 - 301) o crescimento urbano, anteriormente visto como um ideal de civilidade, com todas as suas consequências, como a degradação do meio ambiente, o odor do ar e a poluição, acarretou uma certa decepção.

Surgiu um novo anseio pelos néctares da vida rural. Ressurgiu o gosto pelo “ar fresco” do campo, pela sua tranquilidade e beleza cênica, visto como repouso e refrigério. Ressurgiu também o desejo de uma vida mais simples, distanciada das ganâncias da vida urbana. Começou-se a idealizar fins de semana em simples cabanas no campo. Os artistas e escritores românticos representavam o campo como um local imune às tensões sociais, em uma nostalgia, relembrando os seus tempos de infância, mistificando-o de forma escapista. O ideal de beleza urbana passou incorporar elementos da natureza, o que demonstrava uma insatisfação com o ambiente urbano. “Tais sensibilidades refletem o desconforto gerado pelo progresso da civilização humana: e uma relutância a aceitar a realidade urbana e industrial que caracteriza a vida moderna” (*Ibidem*, p. 302).

A Chapada dos Veadeiros, dentro desse novo contexto apontado por Thomas, foi representada como um refúgio mistificado. Reduzida a oitocentos integrantes, a Coluna Prestes, em precárias condições, atravessou a Chapada entre os dias 11 a 20 de setembro do ano de 1926. O movimento contava com várias lideranças de grupos políticos, inclusive tenentes, pregando reformas políticas e sociais, no combate ao governo de Artur Bernardes. O pesquisador Lima (2009) reuniu registros dos depoimentos de Luís Carlos Prestes através do seu neto, João Luiz Prestes Rabelo, e colocou em anexo em sua obra *Entre os cimos nublados, uma solidão selvagem: uma corografia contemporânea da Chapada dos Veadeiros*. Pode-se perceber em um trecho dos depoimentos o encantamento perante à natureza da Chapada dos Veadeiros apesar das adversidades em que a Coluna se deparava:

[...] Nesta paisagem fervilhante de quartzo, a travessia, neste 16, risca luminosamente a memória. No coração dos combatentes a certeza que a dor não podia mais que a surpresa [...]. Embalados no arrastar das padiolas sofrentes, nos embates potreados, em noites de grandes fogueiras, no compartilhar empolgado de tanta beleza, entre angústia e o esplendor, vão fechando o périplo mágico da Chapada Paraíso [...]. O campo magnífico amenizou o frescor da Batalha cruel (LIMA, 2009, p. 14 – 16).

Luís Carlos Prestes¹⁴, o filho, sessenta e nove anos depois da passagem de seu pai, também esteve na Chapada dos Veadeiros, e mostrou-se maravilhado com o Vale da Lua:

A água do Vale da Lua, ora é corrente forte e cachoeiras, ora é uma parada abrupta, congela sob sua superfície folhas secas e pequenas pétalas coloridas. Em certos momentos ela desaparece, penetra no interior das pedras, que, iguais a ovos gigantes foram espalhadas por todo o leito do rio São Miguel. Dentro destas pedras de casca fina, em pequenos quartos naturais, a água se transforma em duchas subterrâneas e marulha segredos que as borboletas tentam decifrar, mas não conseguem (*Ibidem*, p. 54).

O brigadeiro da aeronáutica Lysias Rodrigues, em 1930, a serviço do Correio Aéreo Nacional, partindo do Rio de Janeiro e percorrendo por outras cidades até chegar a Belém, participou de um projeto de implantação de aeroportos. Quando esteve na Chapada, maravilhou-se com a sua natureza e o seu povoado:

Cerca de quatro da tarde chegamos a povoação chamada Veadeiros. Uma dúzia de casas cobertas de palmeiras de indaiá, e uma apenas de alvenaria de tijolo, coberta de folhas, situadas no sopé do imponente Morro da Baliza, de quase 300 metros de altura, pela qual se enrosca em múltiplas voltas uma estrada de animais (*Ibidem*, p. 91).

A natureza passou a ser vista pelos viajantes de forma estupenda. Cada detalhe dos atrativos naturais, neste momento, reitera uma natureza viva, repleta de mistérios. Os viajantes desta nova fase se encantam com a peculiaridade da natureza da Chapada dos Veadeiros. Essa visão se intensifica a partir da segunda metade do século XX. A criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros em 1961, o desenvolvimento turístico-ecológico a partir da década de oitenta, a preocupação com a biodiversidade do Cerrado e o estabelecimento do Parque como um Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO em 2001, são exemplos disso.

A partir do momento em que a indústria e o desenvolvimento econômico ameaçam a face original da natureza, a “criação do domínio mental da fantasia encontra um paralelo

¹⁴ Na década de noventa, o vereador Eduardo Dada conheceu o filho de Luís Carlos Prestes, propondo a criação de um Memorial da Coluna Prestes junto a um Centro de Convenções em Alto Paraíso, que seria arquitetado por Oscar Niemeyer. O objetivo seria resgatar a importância histórica da passagem da Coluna a Goiás. O então prefeito Divaldo Rinco com o apoio do governador de Goiás Alcides Rodrigues, conseguiu a liberação de R\$ 800.000 reais para o desenvolvimento do projeto. Porém, com a sua morte, o projeto foi abandonado. O atual prefeito Alan Barbosa tem articulado na tentativa de retomar o projeto.

perfeito no estabelecimento de ‘reservas’ ou ‘parques naturais’ ” (THOMAS, 1988, p. 288). A reserva natural, desta forma, procura conservar o estado original da natureza.

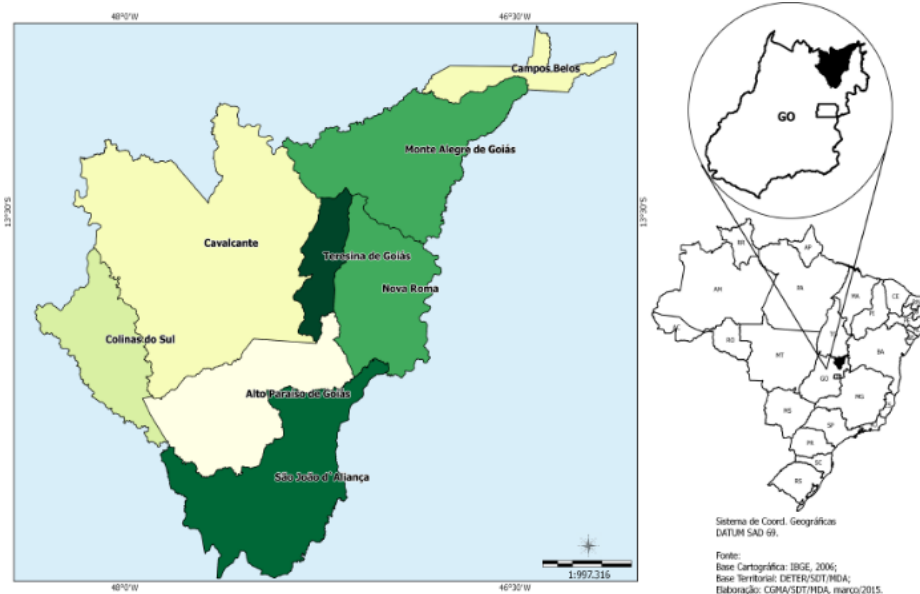
A natureza passou a ser ambiente de fuga para os habitantes dos grandes centros urbanos. O apreço pela natureza se converteu em uma espécie de ato religioso, sendo concebida como moralmente benéfica. Isso porque o seu papel agora é salutar ao homem, exercendo um poder espiritual sobre ele (*Ibidem*, p. 309).

O sentimento de pasmo, terror, e exultação, antes reservado a Deus, gradualmente ia sendo transposto ao cosmos em constante expansão, revelado pelos astrônomos, e aos objetos mais sublimes descobertos pelos exploradores na Terra: montanhas, oceanos, desertos e florestas tropicais [...] As próprias montanhas não eram mais repugnantes; tinham se tornado a forma mais elevada de beleza natural, sinal da sublimidade divina (*Ibidem*, p. 309).

Essa atração pela natureza ressurgiu como algo sofisticado, sendo aspiração dos intelectuais como espectadores das pinturas paisagísticas. Sendo a classe privilegiada para realizar viagens, vieram atribuir importância à contemplação de paisagens. A nova paisagem é selvagem, romântica, e uma fonte de riqueza espiritual.

1.2 DE VEADEIROS A ALTO PARAÍSO: A CRIAÇÃO DOS PRIMEIROS NÚCLEOS URBANOS

Figura 1 – A Chapada dos Veadeiros e seus municípios



Fonte: SIT (2015). Disponível em:

http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_121_Chapada%20dos%20Veadeiros%20-%20GO.pdf. Acesso em agosto/2015.

Atualmente, a Chapada dos Veadeiros (Figura 1) abrange oito municípios: Alto Paraíso de Goiás, Cavalcante, São João D'Aliança, Campos Belos, Colinas do Sul, Monte Alegre de Goiás, Nova Roma e Teresina de Goiás.

O primeiro registro de colonização nos domínios da Chapada foi em Cavalcante, e data de 1750, com a chegada de três famílias, que iniciaram as plantações de café, milho e prática da pecuária (FRANCO, 2006, p. 07). A partir deste mesmo ano, o lugar começou a receber grupos em função da mineração. Com isso, surgiu a Fazenda Veadeiros:

Em 1750, o fazendeiro Francisco de Almeida, juntando-se a Firmino de Almeida Salermo, José Pereira Barbosa e Manoel Caboclo, estabeleceu na região das cabeceiras do Rio São Bartolomeu um pequeno núcleo de colonização, com criação de gado e cultivo de café, denominado Veadeiros (AGEHAB, 2012, p. 49).

Quando o ouro foi se esgotando, as minas foram abandonadas progressivamente (Prefeitura de Alto Paraíso, 2013a). A fase mais intensa da mineração em Cavalcante se restringiu ao século XVIII.

Em 1780, Cavalcante possuía quatro engenhos de trigo na região denominada de Moinho¹⁵, atual vilarejo de Alto Paraíso. Em 1850, o trigo foi apresentado na Feira de Chicago, o que ocasionou um reconhecimento internacional. A mão de obra empregada nos engenhos era predominantemente escrava, e a partir de 1888, com a Lei Áurea, a produção teve uma expressiva queda. “Mas ainda [...] no ano de 1933, a região foi capaz de produzir 10.800 kg de trigo [...] recebeu prêmio internacional na Pensilvânia, Estados Unidos” (VALLE, 2001, p. 42).

O lugar era de difícil acesso e de escassa população. Um dos poucos núcleos populacionais era o povoado de Veadeiros, toponímia que remetia à presença dos cães caçadores de cervídeos (Bertran, 2000, p. 22). Veadeiros emergiu como distrito de Cavalcante, sendo criado pelo Decreto Lei Estadual nº 557, de 30 de março de 1938. A mineração, o comércio de peles de cervídeos e a intensa produção de trigo fizeram com que Cavalcante fosse bem conhecida em Goiás.

O trigo se manteve como a principal atividade econômica até o surgimento da mineração de cristal a partir de 1912 (Barbosa, 2008, p. 33). A exploração de cristal inicialmente esteve voltada para a produção de material bélico na I Guerra Mundial. Por causa

¹⁵ Situado a 12 km de Alto Paraíso, o Moinho é habitado em sua maioria por pequenos lavradores. Seu nome é proveniente do moinho de trigo da fazenda de João Bernardes Rabelo, produtor rural e ex-prefeito de Alto Paraíso. Proprietários dessas fazendas doaram lotes a seus escravos, o que justifica atualmente a predominância da população negra local (Oliveira; Santos, 2012, p. 16).

dela, surgiu o povoado de São Jorge¹⁶, atualmente distrito de Alto Paraíso (Lima, 2009). O distrito surgiu como uma vila, tendo seu primeiro núcleo populacional originado a partir de um acampamento de garimpeiros denominado de Garimpão. O cristal¹⁷ também era exportado para fabricação de eletrônicos, como componentes dos aparelhos de rádios e telefonia, sendo também utilizado em experimentos científicos.

Com o fim da guerra, as exportações tiveram uma queda brusca, tendo um renascimento na década de sessenta a partir de políticas de incentivo econômico. Porém, ao término desta década, a produção sofreu novamente uma decaída, deixando os trabalhadores sem opções de sustento, que por sua vez começaram a praticar a agricultura de subsistência e o extrativismo de florais do Cerrado. “Mais tarde com o desenvolvimento do ecoturismo, a região volta a prosperar, trazendo novas alternativas de sobrevivência para os moradores de São Jorge” (VALLE, 2001, p. 43). Muitos garimpeiros, por possuírem um profundo conhecimento das trilhas, cachoeiras e outros atrativos naturais, tornaram-se guias turísticos. O atual Secretário Municipal de Cultura de Alto Paraíso, em entrevista concedida, acrescenta que:

[...] depois de certo tempo com o movimento ambiental proíbe-se a extração de cristais, e aqueles que trabalhavam nessa extração viram guias turísticos. Então esse é um fenômeno social importantíssimo relevante, porque quando os programas turísticos começaram e os ambientais, aí você diz assim, “poxa, o quê que eu vou fazer para ganhar a vida? sou garimpeiro!” ... “Não, você vai receber gente, levar as pessoas nos locais que você conhece como ninguém, ensinar pra eles os segredos das plantas que você conhece como ninguém” e assim foi essa cultura de capacitação do turismo [...] (AMADEUS, 2015).

Um fato importante na história da antiga Veadeiros ocorreu em 1953, quando, pelo Decreto Estadual nº 808, o pequeno distrito se emancipou de Cavalcante, elevando-se à categoria de município em 12 de dezembro (data comemorada atualmente como o aniversário da cidade). Em 1963 o lugar, por uma iniciativa do legislativo municipal, passa a se denominar “Alto Paraíso de Goiás”, através da Lei Estadual 4.685 de 15 de outubro de 1963. A origem do nome do novo município buscou inspiração no nome da Fazenda Paraíso, do vereador da Câmara Dimas Barbosa.

¹⁶ Situado a 35 km de Alto Paraíso, o distrito de São Jorge tem uma população de aproximadamente 360 habitantes. Foi eleito como distrito através da Lei Municipal nº 499/96 de 06/12/1996. A exploração do cristal atraiu contingente populacional, transformando a região em um povoado, que fora nomeado como Vila de São Jorge. O nome se deve ao garimpeiro Severiano da Silva Pires, devoto do santo São Jorge, que obteve aceitação dos moradores para a implantação do nome. Eles construíram uma capela e nela colocaram a imagem de São Jorge.

¹⁷ O cristal referido é o quartzo, um minério muito abundante no planeta, sendo o mais comum dos cristais. Existem vários tipos de quartzo: o quartzo rosa, quartzo incolor, a ametista, o citrino, o quartzo fumado, o quartzo morrion, o quartzo leitoso e o quartzo azul. O mais comum deles em Alto Paraíso é o incolor, de transparência cristalina, conhecido como “quartzo hialino” ou “cristal de rocha”.

Alto Paraíso de Goiás [...] surgiu através da mobilização dos Vereadores da época que realizaram uma votação, no qual cada vereador tinha direito de sugerir dois nomes para a cidade. O vencedor foi o vereador Dimas que sugeriu este nome por causa de sua fazenda, chamada Paraíso e que fica a uma altitude mais baixa do que a antiga Veadeiros, logo ele imaginou a fazenda paraíso no alto: Alto Paraíso (PREFEITURA DE ALTO PARAÍSO, 2013a).

Muitos dos acontecimentos históricos da região foram sintetizados no seu brasão. (Figura 2). O brasão divide a paisagem natural representando a Chapada dos Veadeiros com um céu e um cristal brilhante, que por sua vez também é um importante símbolo de desenvolvimento econômico regional.

Figura 2 – Brasão de Alto Paraíso



Fonte: Prefeitura de Alto Paraíso de Goiás (2013).

Disponível em: <http://www.altoparaiso.go.gov.br>

Acesso em julho/2015.

A faixa branca traz a frase: “Na união reside a força”, que na interpretação do filósofo holístico Luís A.W. Salvi significa que

A união dos municípios pode ser a chave da redenção social, cultural e econômica de todo um país. Assim, os pequenos municípios, uma vez organizados entre si [...] seriam a chave do resgate da Humanização do mundo [...] Seria muito importante que Alto Paraíso, dotada de tantos corações e mentes brilhantes, pudesse dar este exemplo para o resto do país, assinalando como uma estrela-guia os novos rumos da cultura social (SALVI, 2007b, p. 49 - 50).

O fato fundamental na história da região foi a inauguração de Brasília no início da década de sessenta. O município passou a ser incorporado ao processo de modernização ligado

à nova capital brasileira. Por causa de Brasília, foi criado o Parque Nacional do Tocantins¹⁸, antigo nome do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. A partir daí a história de Alto Paraíso passou a ser influenciada pela capital, principalmente no que tange à adoção do lugar por grupos adeptos das novas religiosidades contemporâneas.

As mudanças também se referem ao processo de migração que o Distrito Federal proporcionou a todo o Estado de Goiás. Alto Paraíso foi cenário de mudanças socioeconômicas e culturais, recebendo grupos sociais distintos, principalmente advindos das regiões sul e sudeste do Brasil. Esses grupos, por sua vez, trouxeram consigo estilos alternativos de vida, visando a uma melhor qualidade de vida e a um íntimo contato com o meio ambiente. Estes grupos “buscam, sobretudo, organizar-se junto com a população local, no sentido de trocar experiências, realizando o encontro entre concepções modernas e tradicionais” (SILVA, 1998, p. 209). Algumas dessas ações resultaram em diversas associações, como a Associação dos Catadores de Flores do Cerrado, com o objetivo de integrar as famílias que praticam essa atividade econômica, auxiliando na sua participação no mercado. Outra iniciativa é a Associação Brasileira de Comunidades Alternativas, que visa à ampliação de uma consciência sócioecológica, desenvolvendo atividades sociais, educativas e culturais.

Alto Paraíso recebeu atenção do governador de Goiás Ary Valadão nas passagens da década de setenta a oitenta. O governador implantou o Plano de Desenvolvimento Integrado de Alto Paraíso (PRODIAP), que possuía o objetivo de incentivar a fixação da população, impedindo o seu êxodo para o Distrito Federal. E para isso, seria necessário desenvolver a infraestrutura urbana.

Porém, o projeto não atingiu os objetivos esperados, principalmente o de elevar a população da cidade para trinta mil habitantes. A morte por acidente de avião do filho do governador, Ary Filho, também conhecido como Aryzinho, o diretor do projeto, foi um dos motivos para o seu colapso. Outros motivos estão relacionados à inadequação do projeto à realidade da região, à mudança de governo e à escassez de recursos. Contudo, para Lima (2009, p. 95), o projeto deixou um saldo positivo: em menos de um ano foram construídos o aeroporto, o Hotel Paraíso, o hospital, instalações de água, energia e telefonia, asfaltamento, dentre outros que foram importantes para o crescimento da cidade.

Albuquerque (1998, p. 251 – 252) também defende que o projeto foi importante ao detectar dois carros-chefes para o desenvolvimento – a agropecuária e o turismo. Assim, ele

¹⁸ “Art 1º - O Parque Nacional do Tocantins criado pelo Decreto nº 49.875, de 11 de janeiro de 1961, passa a denominar-se Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros” (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 1972). Em 1961 a sua área total era de 625 mil hectares, mas em 1981, teve sua área reduzida para 65 mil.

propunha uma forma de desenvolvimento integrado, que visava ao melhoramento da produção agrícola voltada para a exportação, fortificando a cultura da soja. A população urbana nesse período aumentou, refletindo um desenvolvimento de infraestrutura urbana, enquanto a população rural reduziu em 25%. A partir do asfaltamento da GO-118, o turismo da região se consolidou e se amplificou nos anos noventa. Esse crescimento turístico causou a ampliação do setor terciário, atraindo também novos moradores.

Contudo, o que consolidou a projeção da região no patamar internacional e corroborou para o seu desenvolvimento turístico e econômico foi a projeção internacional do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. No dia 27 de setembro de 2001, o parque foi reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Natural da Humanidade e Reserva da Biosfera. Através de um decreto presidencial, Fernando Henrique Cardoso ampliou o parque para 235 mil hectares, o que causou revolta entre os proprietários de terras. Eles se sentiram prejudicados com perda de suas terras e a população da área preocupou-se com a situação dos antigos posseiros. Essa revolta resultou na concretização de um Mandato de Segurança de autoria da associação de moradores junto ao Supremo Tribunal Federal, argumentando que não houve uma consulta pública e cumprimento de determinados requisitos legais. Em seus argumentos, afirmavam que

Primeiro, não atendeu à Lei n 9.985/00, que no seu artigo 22, § 2º e 6º exige que a ampliação dos limites de uma unidade de conservação deva ser precedida de estudos técnicos e procedimentos de consulta pública. Segundo, que a referida lei careceria de exequibilidade, pois, exceto quanto ao art. 55, ainda não havia sido regulamentada (PEDREIRA, 2005, p. 01).

A população questionou a legitimidade desse decreto, exigindo a sua anulação, também com o argumento de que ele provocaria prejuízos econômicos e sociais, causando desemprego, e dificultando o desenvolvimento rural.

O resultado disso foi a anulação do Decreto de ampliação do parque, ocorrido no ano de 2002, mantendo o usufruto da terra aos moradores e proprietários. O parque retornou desta forma, à área definida em 1981, de 65 mil hectares. Na verdade, isso possibilitou discussões sobre a diversidade de interesses em jogo, na medida em que se encontram interesses de empresários, dos guias turísticos, dos ambientalistas, da comunidade e do governo.

Desta forma, percebe-se que a proximidade de Alto Paraíso com a capital do país configura-se num paradoxo: por um lado acarretou desenvolvimento econômico, demográfico, turístico e ambiental. Por outro lado, acarretou problemas sociais e urbanos, o que mostra a necessidade de se desenvolver políticas públicas e projetos voltados para as especificidades da

microrregião. O quadro número 1 sintetiza os principais fatos históricos do município entre os anos de 1750 a 1990 que foram abordados.

Quadro 1 – Os principais fatos na história do município de Alto Paraíso

Marcos históricos	Data	Atividade predominante	População estimada	Características da ocupação do território	Tipologia habitacional predominante
Núcleo de colonização na Fazenda Veadeiros	1750	Agropecuária	20	Ocupação da região da Fazenda Veadeiros	Casas de adobe com cobertura de palha
Produção de trigo	1850 - 1950	Agropecuária	50 - 100	-	Pau-a-pique e palha
Exploração de cristal	1930 - 1960	Extração de cristal e agropecuária	200	Migração de pessoas de outras regiões brasileiras	Casas de adobe
Construção de Brasília / Criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros	1960 - 1961	Extração de cristal e agropecuária	200	Migração de pessoas de outras regiões brasileiras	Casas de adobe
Chegada de grupos espiritualistas	1961 - 1990	Agropecuária e Turismo	4.000 (em 1990)	Migração de pessoas de outras regiões brasileiras e outros países	Construção de casas nos estilos alternativos / ecológicos

Fonte: Agência Goiana de Habitação (2012, p. 50), com adaptações. Disponível em:

http://site.agehab.go.gov.br/pmhis/alto_araiso.pdf. Acesso em junho/2015.

1.3 A TERRA PROFÉTICA DE DOM BOSCO E O MISTICISMO NO PLANALTO CENTRAL

Anseio antigo, Brasília, a terceira capital do país, emerge com o desafio de promover a união da nação. Uma região afastada, pouco explorada, em meio ao Cerrado, marca um projeto extraordinário na História, que pretendia promover uma maior integração entre as regiões do país. Esse anseio foi expresso por Tiradentes e os inconfidentes em 1789, pelo jornalista Hipólito da Costa em 1813, por José Bonifácio em 1822 e pelo historiador Francisco Adolfo Varnhagen em 1852.

A capital foi planejada nos primeiros meses da República, com o objetivo de integrar o país, seguindo o exemplo da república norte-americana. Com a Proclamação da República, o artigo 3º da nova Constituição Federal estabeleceu que a capital seria transferida para o Planalto Central. Para isso, a Missão Cruls definiu o quadrilátero de 14.400 quilômetros para reservar o local em que seria construída. Inclusive, em 1922, o presidente Epitácio Pessoa determinou o assentamento da pedra fundamental da nova capital na cidade de Planaltina, que por sua vez, estava inserida no quadrilátero.

O misticismo que surge na atmosfera de Brasília começa pela justificativa de que ali é um ambiente de encontro de diversas culturas, de caráter futurístico e central. Essa crença se desdobrará em uma série de teorias místicas.

Uma delas, defendida por Salvi (2000), afirma que, durante toda a história, cada parte do mundo está determinada a ser um centro espiritual em um determinado período histórico, para que o planeta alcance um equilíbrio frente às forças cósmicas. Nesse contexto, “a América está predestinada a manifestar uma nova Civilização mundial, trazendo referenciais globais para o futuro da humanidade” (SALVI, 2000, p. 15). Essa postura representa uma forma de resgate a todo o processo histórico de injustiças no qual a América fora subjugada e teve grande parte de sua população nativa dizimada. O autor defende que o Brasil, em seu processo histórico, está passando por sete etapas evolutivas¹⁹, que após a sua conclusão, estaria se preparando para uma nova descoberta. O Brasil possuiria um caráter integrador, que a todos recebe e une, o seu povo seria um “povo eleito”, uma nova raça, lembrando que “a nação sagrada das profecias será um povo tirado de muitos povos” (*Ibidem*, p. 126).

Já que o Brasil dentro dessa teoria mística recebe uma centralidade, o Cerrado emergiria como um protagonista:

¹⁹ A partir do ano de 1500, a primeira etapa representaria a unidade, o encontro entre duas culturas distintas, o nativo e o europeu. A segunda etapa representaria a polaridade, as lutas por terras, expansão bandeirante e jesuítica. A terceira etapa representaria o ternário, que seria a formação de um novo homem, o brasileiro, tendo nesse processo também as lutas dos povos nativos e negros. A quarta etapa representaria o quaternário, a consolidação da ordem e das leis no país. A quinta etapa representaria o pentagrama, o estudo da natureza do país, a importância da ciência, e o início do processo de independência do Brasil em relação a Portugal. A sexta etapa representaria a estrutura sêxtuple, que relacionaria à liberdade, o período democrático, a liberdade dos escravos, proteção ao indígena, e a República. A sétima etapa, o setenário, abordaria o equilíbrio das relações sociais e a eliminação de todo o carma racial gerado no processo histórico brasileiro, tendo o seu encerramento no ano de 2004 (Salvi, 2000, p. 25 – 27).

O Cerrado é o grande sistema de transição que existe na América do Sul. Por isto, em termos de Cerrado, podemos falar de Biocentrismo. O Cerrado é uma “Terra do Meio”, o ecossistema central onde se encontram todos os outros. Por sua diversidade estrutural, o Cerrado era chamado pelos índios da região de “a casa de todos”. Com efeito, aqui se permanece porque se sente em casa. É o lugar dos grandes encontros, no tempo e no espaço. Quem quer se encontrar a si mesmo e ao próximo, que busque as grandes regiões centrais. Porque este é o verdadeiro centro da terra, o seu coração de cristal. É o meio do continente, a terra interior, a Terra-Crista. A Chapada dos Veadeiros é o alto coração do Brasil, a terra do arco-íris [...] O Cerrado é íntimo do fogo. Além de ser uma fênix, arde com os brincos-de-princesa vermelhos, alastrados por toda parte como sarça ardente. O Cerrado é denso. É o lugar dos guerreiros, o berço das tribos, raiz das nações fraternas [...] (*Idem*, p. 37 – 38).

Essa crença de que o Brasil e a região do Cerrado são portadores de uma nova civilização originou-se, em 1883, com o sacerdote diocesano italiano João Belchior Bosco²⁰ que narrou em suas “Memórias Biográficas”²¹ o seguinte sonho:

Tinha debaixo dos olhos as riquezas incomparáveis deste solo que um dia serão descobertas. Via numerosas minas de metais preciosos, filões inexauríveis de carvão, depósitos de petróleo tão abundantes como nunca se encontraram em outros lugares. Mas não era ainda tudo. Entre o grau 15 e 20 havia uma enseada bastante longa e bastante larga, que partia de um ponto onde se forma um lago. Disse então uma voz repetidamente: quando se vier cavas as minas escondidas no meio destes montes (desta enseada), aparecerá aqui a terra prometida, que jorra leite e mel. Será uma riqueza inconcebível (DOM BOSCO *apud* COUTO, 2009, p. 19).

Alguns intérpretes arriscam defender que Dom Bosco estava se referindo à Brasília. Para Couto (2009), Dom Bosco afirmou que o fato profetizado aconteceria a uma geração que estaria por vir em sessenta anos após o seu sonho, o que seria por volta de 1943, e se estenderia até o ano de 2003. Já o escritor místico Campos (2002, p. 23 - 32) afirma que o término da geração mencionada por Dom Bosco seria no ano de 2010. O autor acredita que a mudança no país partirá do Planalto Central, visto que o local recebe povos de diversas culturas e que seu povo contribuiu para a construção de duas grandes metrópoles em menos de meio século.

Argumenta-se também que Dom Bosco teria mencionado um local que estaria entre os paralelos 15 e 20, e que também se localizaria entre a Cordilheira dos Andes e o Oceano Atlântico. Neste local haveria rios caudalosos, florestas imensas, minas de ouro, pedras preciosas e petróleo. Em nenhum outro ponto localizado nesta abrangência aconteceu um fato tão importante como a construção de uma cidade planejada e a transferência da capital do país.

²⁰ Fundou em 1859 a Pia Sociedade de São Francisco de Sales, Congregação Salesiana, em homenagem a São Francisco de Sales. Foi canonizado em 1934 pelo Papa Pio XI e aclamado como o “Pai e mestre da juventude” pelo Papa João Paulo II.

²¹ A obra possui 16.130 páginas e compreende dezenove volumes escritos em italiano, sem tradução para o português. Várias biografias do sacerdote diocesano procuram contar e interpretar alguns de seus sonhos.

Esses argumentos também afirmam que Dom Bosco nunca esteve na América, e que os mapas da época, eram muito imprecisos (Couto, 2009, p. 20 - 21). Acredita-se desta forma, que apenas uma revelação divina poderia trazer informações tão acertadas.

No mármore do Museu da Cidade, na Praça dos Três Poderes, está cravada a seguinte frase: “Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fê inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino” (Juscelino Kubitschek). Acredita-se que esta frase tenha sido inspirada no sonho de Dom Bosco. O político brasileiro Israel Pinheiro foi o responsável por empregar o primeiro ferro e cimento do canteiro de obras da construção da Ermida Dom Bosco, obra de Oscar Niemeyer. Inaugurada em 1957, às margens do Paranoá (Lago Sul), a capela apresenta a forma de uma pirâmide com base triangular, é revestida em mármore, e a cruz em seu cume é de metal (Figura 3). Seu interior abriga uma estátua do sacerdote e uma placa que rememora um trecho do seu sonho (Figura 4).

Monumentos inspirados no sonho de Dom Bosco

Figura 4 – Ermida Dom Bosco



Fonte: Autoria própria (2016).

Figura 3 – Placa no interior do Ermida Dom Bosco



Fonte: Autoria própria (2016).

A importância simbólica de Dom Bosco para a fundação da cidade foi tão expressiva que, em 1961, atendendo um apelo da população, os ex-alunos salesianos Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e Paulo de Tarso, firmaram a petição para que São João Bosco fosse afirmado Co-Patrono da Cidade, já que Nossa Senhora Aparecida era a padroeira. O próprio presidente JK relata sobre o sonho do sacerdote, mostrando que ele acreditava nessa profecia e que teria lido a obra *Memórias Biográficas*:

O santo Becchi, na Itália, era dado a visões, que constituíam verdadeiras antecipações do que iria ocorrer em futuro, às vezes, remoto. A 30 de agosto de 1883, passou ele por outra experiência desse gênero. Tratava-se de um sonho-visão - e desta vez referente ao Brasil [...]. Quando li essas palavras nas suas *Memórias Biográficas*, não deixei de me emocionar. Meditei sobre a Grande Civilização que iria surgir entre os paralelos 15° e 20° - justamente a área em que estava construindo, naquele momento, Brasília. O lago, da visão do santo, já figurava no Plano Piloto do urbanista Lúcio Costa. E a Terra Prometida, anunciada repetidamente, pela misteriosa voz, ainda não existia de fato, mas já se configurava através de um anseio coletivo, que passara a constituir uma aspiração nacional. Ali, “correria leite e mel”. A visão de Dom Bosco fora, de fato, uma antecipação, uma advertência profética sobre o que iria ocorrer no Planalto Central a partir de 1956 (KUBITSCHKEK, 2000, p. 18).

Outras profecias alcançaram a nova capital, como as dos adeptos da Nova Era. O astrólogo Yves Christiaen (1981), ao discutir sobre as Eras astrológicas em sua obra *A mutação do mundo*, defende que a criação de Brasília seria um marco da Nova Era, a chegada da Era de *Aquarius*²². O autor se baseia primeiramente na leitura da profecia de Dom Bosco, defendendo que Brasília foi planejada em forma de cruz e que fora consagrada por este sacerdote.

Outra interpretação mística de Brasília é de autoria da historiadora Iara Kern, em sua obra *De Akhaton a JK: das Pirâmides a Brasília*, de 1984. O título sugere um paralelo entre o faraó Akhenaton com o presidente Juscelino Kubitschek, em uma série de anacronismos entre pirâmides egípcias e construções de Brasília.

A autora apresenta oito ilustrações em anexo, de autoria do artista plástico brasileiro Byron de Quevedo, que foram encomendadas pela própria pesquisadora. São telas comparativas para representar a sua tese principal: a relação entre Brasília e a antiga cidade egípcia Akhetaton. Para Kern “O Egito parece ser, por destino, a ‘Terra Prometida’ dos historiadores, assim como Brasília é a ‘Terra Prometida’ do 3º Milênio” (KERN, 1984, p. 15).

A hipótese de Kern idealiza que Brasília é predestinada a ser o Celeiro do Mundo, a terra de onde jorrará leite e mel²³, precisamente confirmando sua crença na profecia de Dom Bosco. Acrescenta que quando escavarem Brasília, encontrarão urânio e petróleo, fato também apontado pelo sacerdote. “Assim como no Egito Antigo emergiam monumentos em homenagem aos seus fundadores, em Brasília temos uma Ermida em homenagem a D. Bosco” (*Ibidem*, p. 21). Todos os templos no Egito Antigo eram cercados por água, com exceção de suas entradas, e em Brasília, as suas edificações também apresentam esta característica.

²² Os conceitos “Era de *Aquarius*” e “Nova Era” serão esclarecidos no capítulo 2 quando se trata das novas religiosidades.

²³ Referência à passagem bíblica de Êxodo, quando Deus diz a Moisés: “Certamente, vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento; por isso, desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel [...]” (BÍBLIA SAGRADA, ÊXODO 3.7 – 8).

As semelhanças apresentadas pela autora mostram-se de natureza esotérica, como a relação entre o rio Paranoá com o rio Nilo e o edifício da CEB – Companhia de Eletricidade de Brasília em relação com a pirâmide de degraus de Sakára, no Egito (Figura 5). O Egito recebeu migrações das mais variadas etnias, formando uma nação heterogênea e acolhedora, da mesma forma que Brasília, que por sua vez, apresenta a característica de cidade cosmopolita. Kern defende que a Pirâmide de Degraus de Sakára, a estrutura mais antiga de pedra talhada no mundo, formava uma cidade residencial, sob a proteção do pássaro Íbis, com o objetivo de guardar energia cósmica. A pirâmide possuía sessenta e um metros de altura e era também um verdadeiro museu de objetos preciosos, como as estátuas do faraó. Acreditava-se que a pirâmide era detentora de um tesouro inimaginável que teria sido roubado. Desta forma, a pirâmide da CEB possuía as mesmas medidas que a pirâmide de Sakára, e também guardaria energia, só que neste caso, a energia física.

Figura 5 – A pirâmide de degraus de Sakára no Egito comparada à pirâmide de degraus da CEB em Brasília



Fonte: Kern (1984, p. 107). Ilustração de Byron de Quevedo.

Kern também analisa vários edifícios de Brasília, como o Congresso Nacional, a Catedral Metropolitana, o Teatro Nacional, a obra “Meteoro” de Bruno Giorgi no Palácio do Itamaraty, o Cemitério de Brasília, o edifício da Igreja Católica de Santa Cruz, o edifício do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPQ), o Memorial JK, dentre outros.

A relação que a obra sustenta entre o faraó Akhenaton e o presidente JK é embasada em muitos dos discursos do presidente, que por sua vez, demonstrava conhecimento e admiração pela antiguidade egípcia. Kern cita trechos da obra *Meu caminho para Brasília* (1974) de autoria do presidente, para defender que ele perpetrava algumas relações entre Brasília e o Egito, bem como a sua inspiração no faraó Akhenaton:

Hoje, tanto tempo decorrido, pergunto-me, às vezes, se essa admiração por Akhenaton, surgida na mocidade, não constituiu a chama, distante e de certo modo romântica, que acendeu e alimentou meu ideal, realizado na maturidade, de construir, no Planalto Central, Brasília – a nova Capital do Brasil (KUBITSCHKEK *apud* KERN, 1984, p. 60).

Segundo Kern, JK também mencionou Akhenaton em outros trechos: “Como Aknaton escreveu o Hino ao Sol, na inauguração de sua cidade planejada, hoje em pleno século XX tudo se repete, pois é o mesmo sol que nos ilumina” (KUBITSCHKEK *apud* KERN, 1984, p. 67).

Kern cita uma série de discursos do presidente em outras de suas obras, para insistir que ele teria uma espécie de relação muito forte com o antigo faraó. Ou seria uma espécie de reencarnação? Não que ela deixe isso claro em sua tese, mas pela obra apresentar um cunho esotérico não é de se estranhar as várias interpretações que isso engendrou nos pesquisadores que procuram compreendê-la. Para concluir a sua teoria, Kern defende que a forma do Plano Piloto se assemelha ao formato da ave Íbis.

Apesar de todas as comprovações contrárias a partir dos esboços e discursos dos idealizadores Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, Kern resguarda a ideia de que toda essa estética da cidade não teria sido feita de forma intencional. A autora defende que isso teria acontecido de forma natural, sem que os próprios arquitetos desconfiassem.

O vídeo “Brasília Secreta” (1984), cuja direção é do cineasta Pedro Torre, apresenta o trabalho de Kern e uma entrevista com o arquiteto Gladson da Rocha, responsável pelo projeto da CEB, que afirma:

Para o projeto da CEB, na L2 Norte, ... eu não escolhi a forma de pirâmide. Eu fui convidado para participar de um concurso, e aceitei o convite, fomos uma meia dúzia de arquitetos e afinal, comecei a trabalhar, pensar sobre o programa que me foi fornecido, e finalmente, ... como tudo que acontece comigo, um dia, veio a resposta. [...] quando eu fiz a maquete, vi que era uma pirâmide. Eu não tinha pensado em pirâmide absolutamente, e muito menos, né ... em Sakára. Surgiu uma pirâmide escalonada, com proporções bem parecidas com Sakára. [...] Não, eu nem pensei, eu não sabia, agora que me dou conta [...] Me veio uma lembrança de um caso que aconteceu comigo em Los Angeles [...] quando uma senhora, uma jovem senhora, vinha no sentido contrário ao meu, e a uns dez metros assim de distância, ela botou as mãos pra cima com os olhos bem acesos assim para mim, e botou as mãos para cima dizendo “Que que é isso? O que que eu estou vendo? Não é possível uma coisa dessas!” E eu me espantei e olhei assim pra cima. E ela me disse “Não, tudo bem, é que eu tenho certeza que o senhor foi um sacerdote egípcio a três mil e quinhentos anos passados” (ROCHA, 1984).

Desta forma, crenças de ordem mística permeiam as várias teses sobre a emblemática Brasília, cidade que suscitou muitas interpretações a partir das profecias do sacerdote italiano. Neste bojo profético, alguns centros místicos foram dispostos próximos ou dentro de Brasília para irradiar um apoio espiritual à capital política. Brasília configura-se então, num paradoxo:

Brasília mística, sagrada, solidária, multicultural, plurirregional e transnacional, que convive com a Brasília da corrupção, da exclusão, da violência, do suicídio. Todas estas chamadas contraditórias e conflitivas são as que alimentam o fogo da utopia da capital nacional, mesmo que seja apenas imaginária na mente de cada brasileiro (SIQUEIRA, 2003b, p. 144).

A capital é o décimo quarto destino turístico mais procurado no Brasil, tendo como seus carros-chefes o turismo de eventos, místico - religioso, cívico, ecoturismo, rural e náutico. Foi declarada pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade em 1987. Brasília abarca setecentas ramificações religiosas²⁴ e dois mil e seiscentos templos religiosos. Dentre os seus principais estão a Catedral metropolitana, Terra Pura, Templo *Seicho-no-iê*, Legião da Boa Vontade (LBV), Igreja Messiânica Mundial do Brasil, Cidade da Paz, Mesquita Centro Islâmico do Brasil e Templo da Ordem Rosa-Cruz. Próximo à capital estão o Vale do Amanhecer, na cidade de Planaltina e a Cidade Eclética, próximo a Santo Antônio do Descoberto.

Assim, nada mais natural que uma Capital nova, imbuída de projetos tão arrojados, receba investimentos espirituais desta natureza nas suas redondezas, pela intensa presença de videntes e visionários, e de pioneiros e “alternativos” que buscam nova forma de vida e a reforma profunda da civilização (SALVI, 2007a, p. 31).

De tal modo, Siqueira (2003b, p. 39 - 40) completa que Brasília nasceu sob o vislumbre de dois grandes mitos fundadores: o mito da cidade utópica e da terra prometida. Por um lado, a cidade utópica, com todo o seu planejamento urbano e a arquitetura modernista, representa o poder político do país e o marco de um novo tempo pautado nos preceitos do belo, do progresso e da modernidade. Contudo, esse mito fundador convergiu com o místico, a partir das referências ao sonho de Dom Bosco. Mas para Siqueira (2003b), ambos os mitos constituem a base para do fenômeno místico-esotérico que escolheu Brasília como a capital do terceiro milênio e/ou a capital da Nova Era. A partir desses fatos, muitos grupos religiosos começaram a afirmar que possuíam visões a respeito do lugar, e começaram a chegar com o intuito de engendrar uma nova civilização.

A partir de 1959, muitos grupos de orientação espírita kardecista alegaram que receberam orientação espiritual para se deslocarem ao Planalto Central com a missão de desenvolver projetos filantrópicos com crianças carentes (Bandeira e Siqueira, 1998, p. 269). A região de Alto Paraíso, localizada a 230 quilômetros da capital, se destacou dentre os locais que recebem esses grupos.

²⁴ “[...] criados, transferidos de outros locais ou fundados a partir de sonhos e de premonições de pessoas e grupos que continuam a chegar, certos de que na região se gesta uma Nova Civilização” (SIQUEIRA, 2003b, p. 29).

1.4 ALTO PARAÍSO NA VISÃO DOS GRUPOS ESOTÉRICOS

Em Alto Paraíso, os grupos esotéricos começaram a se estabelecer a partir do final da década de cinquenta. A relação entre a Chapada dos Veadeiros com o misticismo de Brasília foi discutida por Luís A.W. Salvi em entrevista concedida:

É bem sabido que o misticismo bem cedo chegou à Capital do país e a toda região, acompanhando as “novidades”. Novas correntes de pensamento sempre buscam novas oportunidades históricas - e isto também marca seguramente a minha própria presença [...]. Contudo, há muito tenho uma tese sobre isto, já que desde a década de 80 frequento o Planalto Central [...] As profecias de Dom Bosco alcançam a região da Chapada dos Veadeiros, que foi inclusive prospectada para ser local da nova Capital Federal na época em que queriam construir Brasília. Seguramente a mística de Brasília influenciou Alto Paraíso, contudo a Chapada dos Veadeiros possui as suas próprias virtudes, do que o nome da cidade de Alto Paraíso fala por si só. Nisto, queremos crer que a Chapada dos Veadeiros também se presta como um repositório espiritual para a população de Brasília, que é naturalmente aquela que mais frequenta a Chapada (SALVI, 2015).

O Quadro 2 sintetiza cronologicamente a chegada dos principais grupos esotéricos no decorrer da história da região e estima-se que ela já tenha recebido mais de quarenta grupos das mais variadas orientações filosóficas e religiosas, de acordo estatísticas do IBGE (2014).

Quadro 2 – O advento de grupos esotéricos em Alto Paraíso

(continuação)

Ano	Grupo	Município / país de origem e/ou Sede	Orientação / filosofia
1957	Fazenda <i>Bona Espero</i>	Recife	Fazenda escola com trabalhos filantrópicos com crianças. Orientação espiritualista e esperantista ²⁵
1963	Cidade da Fraternidade	Belo Horizonte	Comunidade espírita kardecista. Também atua como uma ONG em atividades de cooperação agrícola e educacional com crianças carentes
1970	Hare-Krishna	Nova York	Filosofia baseada na leitura dos <i>vedas</i> . Fundada pelo pensador indiano <i>Srila Prabhupada</i>

²⁵ O médico polonês Lázaro Luís Zamenhof criou o Esperanto no ano de 1887 ao observar crianças que se desentendiam nas brincadeiras nas ruas por falarem línguas diferentes. Ao criar uma língua universal, o objetivo seria proporcionar um fácil aprendizado, acessível a todas as nações. Possui núcleos de representantes em cento e trinta países. Funciona como uma língua auxiliar para ser praticada paralelamente à língua materna de cada nação. É reconhecida pela UNESCO desde 1954 “Como instrumento de cooperação internacional no campo da educação, ciência e cultura” (Valle, 2001, p. 74).

(continuação)

Ano	Grupo	Município / país de origem e/ou Sede	Orientação / filosofia
1982	Ordem Mística Iniciática Brahmânica	Rio de Janeiro	Filosofia do conhecimento brahmânico ²⁶ , orientação ecumênica e espiritualista. Vida comunitária ligada à natureza
1987	Cavaleiros de <i>Maitreya</i>	Alto Paraíso	Preparação para a vinda do Cristo ou Buda <i>Maitreya</i> . Sob a orientação dos mestres da Grande Fraternidade Branca, realizavam serviços de cura.
1988	Instituto Solarión	Alto Paraíso	Instituição espiritualista, educacional e ambientalista. Cursos e retiros esotéricos
1991	Associação Cúpulas de Saint Germain ²⁷	Corwin Springs, Montana (USA)	Declaravam-se como um grupo de alquimistas, que realizam a transmutação de substâncias. Ensinamentos dos Mestres Ascensos
1991	Associação Holística Vale do Sol	Alto Paraíso	Presença de João Perez, incorporador do Dr. Fritz. Orientação ufológica e espírita. Estudos sobre o Sincronário da Paz
1992	Fundação Arcádia	Atibaia (SP)	Filosofia da Grande Fraternidade Branca Universal e Grande Conselho Intergaláctico da Paz. O seu objetivo é o despertar da consciência cósmica.
1993	Rede N.A.V.E. (Nossas almas vieram das estrelas)	Rio de Janeiro	Sociedade esotérica, filantrópica, com orientação ufológica. Acreditam em uma transição apocalíptica entre a Era de peixes para a Era de Aquário.
1995	Fazenda Osho Lua	Alto Paraíso	Orientação do guru indiano Osho. Trabalhos com desenvolvimento sustentável. Os seguidores são conhecidos como “ <i>sannyasins</i> ”
1996	Loja Maçônica	Rio de Janeiro	Instituição universalista, filosófica, espiritualista, filantrópica e humanitária. Não se denomina como religião ou seita
1999	Grupo Deus Mãe (GDM)	Manaus	Famílias comunitárias norteadas pelos princípios cristãos. Orientação espiritualista e mediúnica

²⁶ O Brahmanismo é uma doutrina filosófico-religiosa indiana antiga, atualmente conhecida como Hinduísmo.

²⁷ Entidade cultuada por seguimentos místicos, que acreditam que ele tem reencarnado por várias gerações em importantes figuras históricas como o profeta Samuel, José - pai de Jesus, o mago Merlin, Cristóvão Colombo, Allan Kardec, Francis Bacon, tendo também nascido durante o século XVIII ou XIX como o Conde de *Saint Germain*, na França. O Conde foi uma figura histórica controversa, que até mesmo nem se tem concordância entre os historiadores da sua existência. Ele tem suscitado inúmeras lendas, as quais alegavam a sua imortalidade, talento nato para as artes, portador de uma imensa fortuna, fluência de inúmeros idiomas, conhecimento da Alquimia e também portador da pedra filosofal e do elixir da vida, além de outras peripécias. É consagrado pelos místicos como o profeta da Era de Aquários, que ainda estaria a reencarnar, da mesma forma que Jesus Cristo veio sobre a Terra em sua respectiva Era de Peixes.

(conclusão)

Ano	Grupo	Município / país de origem e/ou Sede	Orientação / filosofia
1999	Estação Terra	São Paulo	Orientação espiritualista. Realizam terapias energéticas, dos <i>chakras</i> do corpo humano e terapias de vidas passadas
2002	Vale do Amanhecer	Planaltina	Ordem espiritualista cristã. Movimento doutrinário e mediúnico. Acreditam que a doutrina fora gerada pelos seres extraterrenos <i>Equitumans</i>
2004	Oficina do Amor Amigos de Sempre	Camboriú (SC)	Objetivo de divulgar e promover o holismo, a paz e o amor universal. Lida com telepatia, incorporação, psicografia e terapias. Estudos ufológicos.
2005	Igreja do Trance Divino (ITD)	Alto Paraíso	Vivências a partir da música eletrônica <i>trance</i> . Estudos de música de alta tecnologia, ciência e ufologia. Prática da dança como transcendência
2007	Céu ancestral do arco-íris: sol do coração	Itajubá (MG)	Xamanismo e uso ritual da <i>ayahuasca</i>
2007	Templo Mãe D'Água	Holanda	Grupo espiritualista com o uso ritual da <i>ayahuasca</i> . Ligações com o Santo Daime associados à devoção aos orixás e espíritos da floresta
2007	<i>Ashram Matri Sadan</i> Brasil	Índia	O <i>Ashram</i> é um local de práticas espirituais baseadas no budismo. Um retiro em meio à natureza e silêncio
2011	Irmandade Jardim de Juramidam	Rio Branco (AC)	Doutrina do Santo Daime
2012	Centro de Estudos Budistas <i>Bodisatva</i>	Viamão (RS)	Estudos e práticas budistas, meditação e retiros espirituais
2013	Novo Portal da Chapada	Índia	<i>Ashram</i> inspirado no budismo, com a liderança espiritual de Sri Prem Baba. Práticas espirituais como <i>satsangs</i> (palestras), yoga, meditação, canto de mantras e pujas (cerimônias védicas).

Fonte: (Sassi, 1979); (Grupo Deus Mãe, 2015); (Confederação Maçônica do Brasil, 2015); (*Ayahuasca Dreams*, 2015); (ITD, 2006); (Jarano do Amanhecer, 2013); (Oficina do Amor Amigos de Sempre, 2010); (Sri Prem Baba, 2015); (Ten-Tao, 2015); (Valle, 2001) com adaptações. Disponível em: <http://www.valedoamanhecer.com>; <http://www.comab.org.br>; <http://www.ayahuascadreams.com>; <http://igrejadotrancedivino.blogspot.com.br>; <http://jaranodoamanhecer.blogspot.com.br>; <http://oficinasamigosdesempre.com.br/>; <http://www.sriprembaba.org/ashram>; <http://www.tentao.org.br/>. Acesso em: 08 de setembro de 2015.

A pioneira dos movimentos esotéricos é a Fazenda *Bona Espero*. Um grupo de esperantistas alega ter recebido uma missão espiritual para se fixar em uma região central do Brasil com o objetivo de estabelecer uma instituição social e comunitária para o ensino do Esperanto. Foi criado um projeto educacional, com o financiamento de recursos próprios e recebidos por adeptos de outras partes do mundo. Além do ensino fundamental, existe a inclusão das aulas de Esperanto no currículo. O seu caráter social abriga crianças abandonadas ou que sofreram maus tratos familiares.

A partir da década de sessenta chegaram os demais grupos de orientação espiritualista e muitos deles apresentavam projetos sociais, estabelecendo assentamentos comunitários e ONGs. O primeiro deles, e que ainda está presente na região é a Cidade da Fraternidade (CIFRATER), que professa:

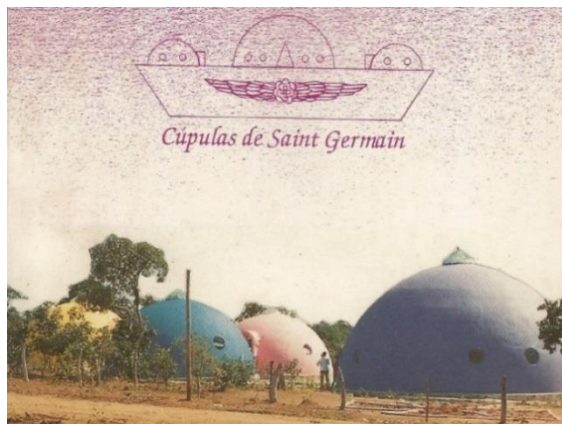
A Chapada dos Veadeiros é um vórtice magnânimo de energias, oferecendo àqueles que buscam ascender espiritualmente, a oportunidade de sintonizar com maior intensidade com as comunidades espirituais diretoras do planeta. Assim qualquer empreendimento nobre e que venha a ser desenvolvido nesta região, Coração do Brasil, deve estar ciente da sua responsabilidade e disciplina, visto a necessidade de correspondência e sintonia à atmosfera psíquica de intensa harmonia que reina nestas localidades (GRUPO DA FRATERNIDADE IRMÃ SCHEILLA, 1991).

Outros grupos que se estabeleceram entre as décadas de sessenta e noventa se dissolveram e não estão mais atuantes na cidade, embora alguns tenham remanescentes entre os moradores. São eles os Cavaleiros de *Maitreya*, Fundação Arcádia, Associação Cúpulas de *Saint Germain* e Estação Terra. “De acordo com Shura, que participou do Osho-Lua e de outras iniciativas comunitárias, nada aqui em Alto Paraíso dura muito tempo porque a vida é efêmera [...]” (SANTOS, 2013, p. 207).

Um desses grupos dissolvidos, a Associação das Cúpulas de *Saint Germain*, criou um complexo que atuaria como um centro de Alquimia, funcionando como irradiador de energia, com a combinação de cristais e outras substâncias. As cúpulas, construídas em 1991, formavam um complexo arquitetônico interessante, em suas formas coloridas, com altura de seis metros e o formato de *domus*²⁸ (Figura 6). Localizadas no centro da cidade, estão em ruínas dentro de um terreno sob jurisdição da Prefeitura de Alto Paraíso. Outras cúpulas que faziam parte do complexo estão em uma parte do terreno aberta e estão vandalizadas (Figura 7).

²⁸ Palavra em latim que significa ‘lar’. Em construções religiosas sugere a ideia de “o lar de Deus”.

Figura 6 – As Cúpulas de Saint Germain em 1991



Fonte: Cúpulas de *Saint Germain* (1991).

Figura 7 – As Cúpulas de Saint Germain em 2015



Fonte: Autoria própria (2015).

Seus adeptos, denominados de alquimistas da Nova Era ou “filhos de *Saint Germain*”, praticavam a transmutação de energia magnética e telúrica²⁹ em energia eletrônica (Bandeira e Siqueira, 1998, p. 287). Dentro das cúpulas, o grupo realizava rituais de iniciação e recitação de mantras, utilizando substâncias preparadas (uma espécie de elixir da juventude, que possuía em sua composição raízes e essências naturais de flores), pedras e cristais para energização. Um dos apelos que eram entoados pelo grupo indica a sua reverência a *Saint Germain*:

Oh Bem-Amado Saint Germain, nosso Mestre adorado! / [...] Reúne todos os teus filhos / sob as cúpulas de Saint Germain / para que se forme aí uma Cúpula de Homens Superiores, / espargindo a Idade do Ouro sobre nosso Amado Planeta! [...] (CÚPULAS DE SAINT GERMAIN, 1991, p. 41).

Moradores da cidade contam que houve uma intriga entre um guru e alguns seguidores, o que teve como consequência uma tentativa de homicídio, fato que ocasionou a desunião do grupo. Esse é apenas um episódio que marca a dissolução de um grupo na cidade, dentre vários outros que ocorreram. Esse fato faz muitos acreditarem que a região perdeu muito do seu misticismo, tornando-se mais reconhecida atualmente pela questão ambiental e terapêutica.

Contudo, Luiz Lima, em entrevista, esclarece que a região continua sendo reconhecida por seu caráter místico:

²⁹ A radiestesia, considerada pelos cientistas uma pseudociência, concebendo o planeta Terra como um organismo vivo, acredita que o mesmo emite uma série de energias a partir do seu centro, incorporando os solos, os aquíferos e os minerais da superfície do planeta. Desta forma, as forças telúricas influenciam os seres vivos que habitam o planeta, podendo incidir com energias positivas ou negativas. Esse conhecimento já era praticado por alguns povos da antiguidade que construíram seus templos e pirâmides sobre locais considerados repletos de energias telúricas favoráveis, com o empreendimento de uma arquitetura sagrada.

[...] Tudo que é relacionado vamos dizer assim a ..., a uma cultura indigenista xamânica chegou a ser merecedor de três festivais aqui recentes, recentes, 2010 pra cá. Foram três festivais, eles deram o nome de medicina sagrada. Esses festivais provocaram até mudanças de estrangeiros, foi como uma retomada. Uniu aqui, esse festival. Foi como se fosse um ... uma respirada. Um movimento né, dessa migração, porque aqui quem traz isso de uma maneira muito diferenciada talvez seja essa migração né ... Pirenópolis também tem, mas aqui é mais acentuado. Aqui está se tornando mais acentuado. Mais universal. Eu fiz a lista já de mais de quarenta países, com presença aqui [...] O esoterismo, a espiritualidade assim chamada, espiritualidade [...] Os migrantes estão instrumentalizados com visões espirituais com bases no Oriente. Budismo, taoísmo (LIMA, 2015).

É evidente que, para compreender essa diáspora dos grupos esotéricos em Alto Paraíso, deve-se ater às peculiaridades de cada um. Contudo, como grande parte deles constituía-se em agrupamentos comunitários, alguns aspectos podem ter determinado a sua dissolução: a transição de uma vida urbana para uma vida rural ocasionou dificuldades de adaptação ao trabalho na produção de alimentos, dificuldades na manutenção de residências e fazendas, falta de experiência agrícola, mudanças radicais de comportamento familiar ou sexual, desentendimentos entre grupos, falta de condições materiais, comportamentos egoístas e desentendimentos em relação à cooperação mútua no trabalho. Esses motivos fizeram os indivíduos se dispersarem e buscarem novas redes novaeristas (Santos, 2013, p. 207 - 208). Assim, pode-se alegar que existe uma tendência destes grupos a possuir um caráter volátil, mudando frequentemente os seus polos e até mesmo as suas sedes. Outra questão que pode ser considerada é a expectativa do indivíduo em vivenciar experiências místicas, aguardando resultados rápidos. Buscam uma transcendência e a vivência de uma experiência extraordinária, muitas vezes alcançada por outros membros ou líderes dos grupos, gerando uma certa decepção.

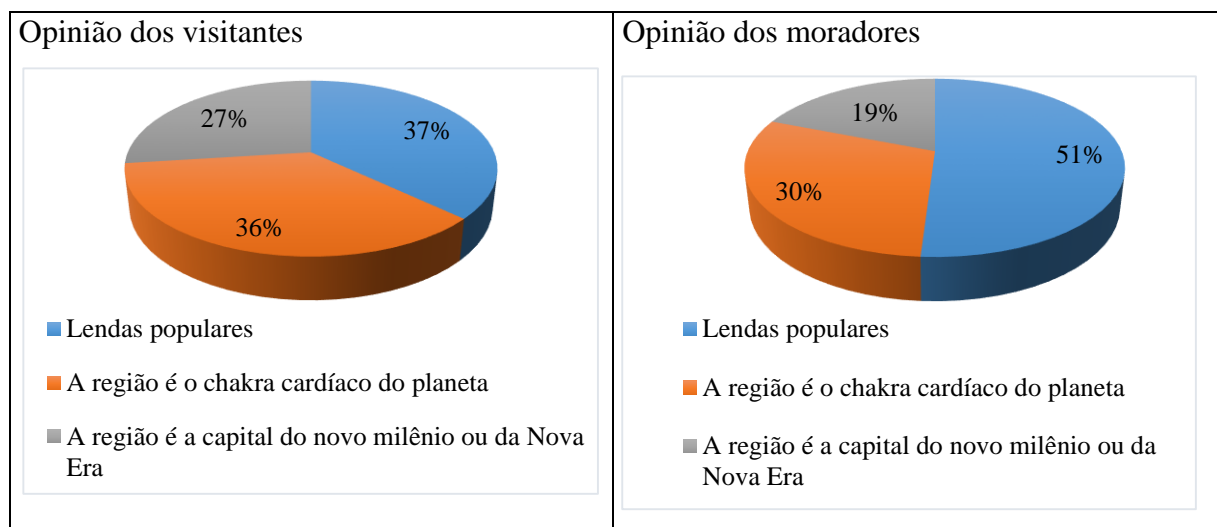
De duzentos adeptos de grupos místico-esotéricos da região do Planalto Central entrevistados por Siqueira (2003b, p. 83), 76% acreditam na tese do protagonismo místico de Brasília e 61% acreditam que todo o Planalto Central está incluído nesta designação. Um depoimento de um remanescente dos Cavaleiros de *Maitreya* demonstra que muitos destes grupos acreditam que a região é o *chakra*³⁰ cardíaco do Planeta:

³⁰ Em sânscrito significa “roda, centro, plexo”. “A anatomia e a fisiologia dos hindus ensinavam que o corpo humano tem sete *chakras* principais, desde a base da coluna vertebral até o alto da cabeça. Utiliza-se a mesma compreensão para a Terra, que teria vários *chakras*. O *chakra* cardíaco seria onde bate o coração do planeta” (SIQUEIRA, 2003a, p. 41).

Porque aqui nós temos os nossos chakras, os pontos energéticos do nosso corpo e a terra também tem esparramados por toda a sua área, pontos energéticos. Aqui na região do planalto central brasileiro é o chakra cardíaco do planeta, onde pulsa o coração da terra. Estamos no maior platô de cristais do planeta. Por isso, qualquer energia que você emanar a partir daqui, com a potencialização do cristal, essa energia vai se multiplicar infinitamente (CAVALEIROS DE MAYTREA *apud* SIQUEIRA, 2003b, p. 87).

O Gráfico 4 confronta as opiniões de visitantes e moradores em relação aos motivos que levaram a região da Chapada dos Veadeiros ser considerada um local místico.

Gráfico 4 – Por que a Chapada dos Veadeiros é considerada um local místico?



Fonte: Autoria própria (2016).

Entre os visitantes, se somadas as porcentagens das opiniões de caráter místico, chega-se ao total de 63%, contra o total de 37% da opinião mais crítica, o que mostra que o imaginário místico está ainda bastante a florado entre estes. Contudo, é preciso considerar que a opinião de quem é “de fora” muitas vezes acaba sendo influenciada por vários fatores, como o sensacionalismo midiático. Dentre os moradores da região entrevistados, se as duas opiniões de caráter místico forem unidas, ter-se-ia 49% contra a opinião crítica que é a majoritária, de 51%. Porém, a diferença seria pequena. Estas visões estão mais equilibradas entre os moradores, que demonstram uma visão mais crítica do que os visitantes.

Alguns fatores de ordem geográfica promovem a região de Alto Paraíso nesse contexto, ligando-a a essa simbologia de Brasília. A primeira delas é a presença dos cristais de quartzo. “O cristal sempre foi símbolo da luz celeste e divina” (SIQUEIRA, 2003a, p. 64). E isso era tanto para as culturas indígenas, que o consideravam uma substância sagrada, quanto para os povos australianos que o consideravam o reflexo do mundo, uma substância espiritual.

Para Salvi (2007b, p. 113) “Alto Paraíso está sob um imenso bolsão de cristal. É, na verdade, uma enorme cama de cristal. Potencializa o mistério, o fascínio e tudo o que você é, mesmo que não saiba que é”. O cristal é considerado mágico por refratar a luz e revelar o arco-íris. É o símbolo da alma e a relação entre a luz e a matéria, sendo concebido como uma forma de “luz condensada”. Essa presença para os místicos emana uma energia que lida de forma intensa com as emoções: “Os que passam cinco ou mais dias em Alto Paraíso retornam para suas cidades, mas não para a mesma vida, vinculem isso a sua estada aqui ou não” (*Ibidem*, p. 112). O autor acredita que a cidade emana uma energia que atinge o inconsciente e as feridas emocionais, possibilitando reflexões para tomada de decisões, e que isso ocorre de forma mais intensa quando a pessoa permanece na cidade por um longo período. Assim, muitos grupos místicos enxergam a cidade como um local de cura, que pelos cristais purifica a todos que a visitam. Representa uma luz divina que se projeta sobre os peregrinos que vão ao local em busca de algo.

Dizem os místicos locais que um cristal tem o poder de filtrar as energias negativas do ambiente. Um pedaço pequeno pode manter uma sala ou uma casa “energizada”, ao passo que o grande afloramento de quartzo que caracteriza a Chapada dos Veadeiros seria responsável pela atmosfera de espiritualidade reivindicada pelos *buscadores* [...] Os cristais, na sabedoria dos *alternativos*, estão associados diretamente a uma maior propensão à *transição* individual e ao “misterioso magnetismo” do lugar. Sob a ótica dos *buscadores*, a força dos cristais contribui deixando as pessoas mais sensíveis para experimentar momentos iniciáticos de “crise” e “revelação” (SANTOS, 2013, p. 193).

Esse poder energético³¹ creditado pelos místicos ao cristal de quartzo relaciona-se ao seu suposto efeito piezoelétrico, isto é, produção de voltagem elétrica. A placa de cristal atua como um catalizador de energia no ambiente. Salvi acrescenta em entrevista que:

Com relação aos famosos cristais da região, muito se fala sobre isto, merecendo oportunamente uma investigação criteriosa visando “separar o joio do trigo”. Por ora, a lenda serve para atrair pessoas espiritualizadas para o local. Certamente existe muito cristal na Chapada, mas o simbolismo mais uma vez é que se destaca, sobretudo nas suas conexões com o arco-íris – o “holismo” e o ecumenismo sempre tão celebrados da Nova Era – , etc. Ademais, as pedras e os cristais em particular, são instrumentos tradicionais do misticismo e da magia (SALVI, 2015).

Outro fator que corrobora com o protagonismo místico de Alto Paraíso é a sua natureza exuberante. Salvi (2007b) afirma que as cachoeiras surgem como símbolo da própria

³¹ O caso dos cristais é emblemático das mudanças das representações em relação à natureza em direção ao encantamento. Visto como recurso econômico na época da I Guerra, agora passou a integrar um bem simbólico da cidade.

iluminação ou coroação da vida. Nela, os elementos naturais se fundem como no arco-íris, simbolizando a unidade a partir de elementos divergentes. Esses elementos fundidos podem ser a água, as pedras, o ar e o sol, que se movimentam formando uma unidade. “Por isto religiões como a Umbanda consideram as cachoeiras como redutos de elementais. E na China, o ser sagrado a elas relacionado é o Dragão, que representa a fusão de todos os elementos” (p. 43).

O caminho que conduz até a cachoeira (Figura 8) também pode representar o deleite ou provação. O acesso a elas pode ser prazeroso em alguns momentos, ao passo que em outros, pode exigir um esforço físico intenso. Entretanto, esse caminho árduo simboliza os caminhos da vida, que se mostram gratificantes, quando exigem mais provação por parte do indivíduo. “Exploremos as cachoeiras, busquemos a iluminação!” (*Ibidem*, p. 44).

Figura 8 – Saltos do Rio Preto



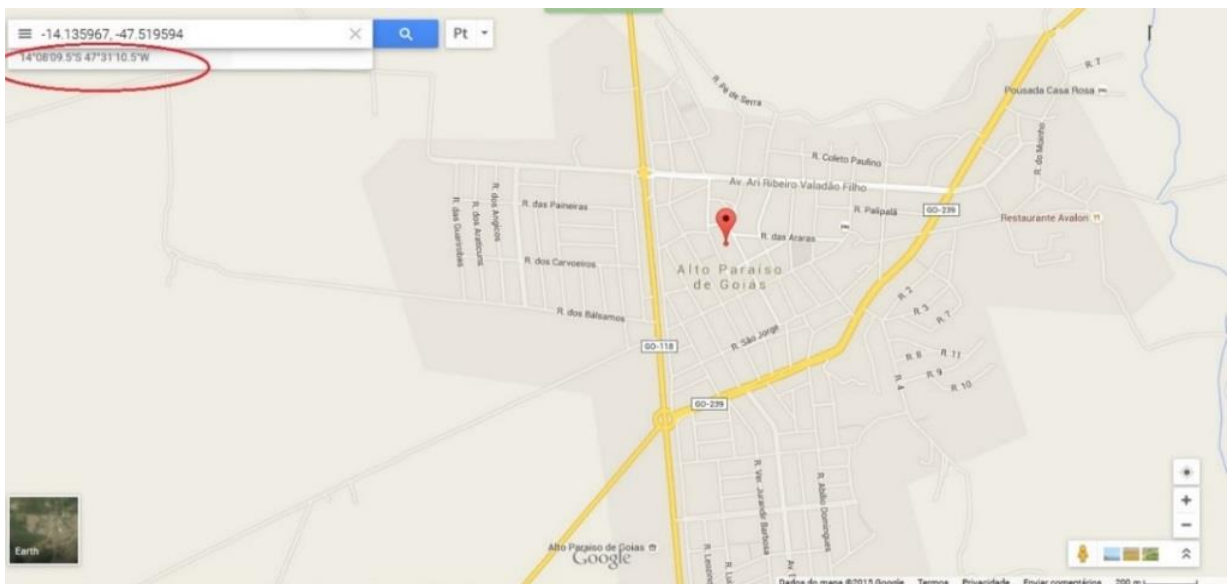
Fonte: Foto de Ion David/Travessia Ecoturismo (2012).

Outro fator místico expressivo é a localização de Alto Paraíso no paralelo 14. O número 14 adotado isoladamente carrega muitas interpretações no ramo da numerologia, e muitos místicos interpretam este paralelo começando por este caminho. O quatorze simboliza o Arcano XIV (A Temperança) no Tarô, o Arcano da inspiração e da Alquimia. Representa as polaridades, a transmutação dos elementos, benção celeste, flexibilidade, renovação da vida, harmonia e equilíbrio. O Arcano representa uma fusão alquímica do fogo e da água, simbolizando a fusão entre os opostos para chegar ao equilíbrio. Representa também a deusa grega Íris, personificação do arco-íris, que por sua vez, é a expressão da fusão da água e do fogo, visto que o fogo nesse caso representa a luz solar. Na astrologia este Arcano está relacionado às representações aquarianas, ligadas ao simbolismo de Indra, divindade hindu que representa a purificação. O número quatorze reflete outras interpretações místicas, como o fato de o corpo do deus egípcio Osíris ter sido dividido em quatorze partes, e Jesus, que atravessou as quatorze estações da cruz.

Acredita-se também que há uma ligação entre a Chapada dos Veadeiros com *Machu Picchu* no Peru através do paralelo 14, fato que corroboraria uma visão maravilhosa e encantada da chapada. *Machu Picchu*, a cidade sagrada dos incas, teria sido construída calculadamente no paralelo 14, pelo fato destes povos acreditarem que esta é uma linha portadora de um ambiente metafísico diferenciado de outros locais.

Sobre a localização de Alto Paraíso, baseando-se nas coordenadas geográficas concedidas pela Prefeitura de Alto Paraíso (2013b) – Latitude: 14°08'1" Sul / Longitude: 47°31'17" Oeste – pode-se perceber que os dados estão corretos ao serem verificados no *Google Maps* (Figura 9).

Figura 9 – Localização de Alto Paraíso no paralelo 14



Fonte: Google Maps (2015) com adaptações. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/14%C2%B008'09.6%22S+47%C2%B031'10.1%22W/@-14.1414024,-47.5218843,15z/data=!4m2!3m1!1s0x0:0x0>. Acesso em setembro/2015.

Luiz Lima, em entrevista, esclarece sobre essa localização:

O paralelo 14 sim, esse é próximo, está um pouco acima do Rio Preto, não tá naquele ponto onde se festeja, onde tem a placa e tem aquelas pedras [...] Já passamos com GPS e bateu, mas não tá lá naquele lugar, tá um pouco a norte, o paralelo 14, tá a uns pequenos graus ali” (LIMA, 2015).

Lima quis dizer que o Paralelo 14 não passa exatamente pela região onde se celebra, pois foi colocada uma placa com essa indicação, na localização do Jardim Zen, na margem esquerda da GO-118, a três quilômetros ao norte da cidade. Neste local, esotéricos realizam

vigílias e encontros. Assim, ele garante que fez um mapeamento, um trabalho com GPS e alega que o paralelo passa por uma região acima do Rio Preto, que seria um pouco mais ao norte.

Ao conferir a localização de *Machu Picchu*, os dados de latitude mostram que a cidade está situada no paralelo 13. A cidade peruana que se encontra no paralelo 14 é *Nazca*. Essa informação foi também comprovada pelo Secretário de Cultura:

O paralelo 14, ele não está exatamente em *Machu Picchu*. Não está em cima do paralelo 14, mas quem está exatamente ali perto são as linhas de *Nazca*. Então eu tive um grande amigo catedrático que falou pra mim: “olha, quando se fala que tá na mesma linha do paralelo 14, *Machu Picchu*, não. *Machu Picchu* tá bem pertinho, [...] mas em cima mesmo estão as linhas de *Nazca* (AMADEUS, 2015).

Portanto, se Alto Paraíso possui uma hipotética ligação dimensional com alguma região, seria com *Nazca*, não menos importante que *Machu Picchu*, visto que a cidade possui toda uma história marcada por vários mistérios sobre os seus desenhos com linhas gigantescas.

Essa posição de Alto Paraíso no paralelo 14 também possui outra interpretação mística, que a coloca em uma dupla centralidade no Brasil, à medida que centraliza o país no sentido latitudinal e longitudinal. Essa posição simboliza o “Império das quatro direções”, como foi *Cuzco* para os incas, pois esta cidade inca está próxima ao paralelo 14. A Figura 10 apresenta a natureza dessa centralidade, que invoca as cinco regiões do país, mostrando também que o Brasil nesta divisão do paralelo 14 apresenta uma forma de cruz, algo que indicaria mais uma vez, uma importância mística simbólica (Salvi, 2007a, p. 86 – 87). A região dentro desses ideais místicos estaria predestinada a se tornar uma cidade-portal, por confluir energias da Nova Era, que teriam o objetivo de unificar as dimensões e projetar uma civilização futura.

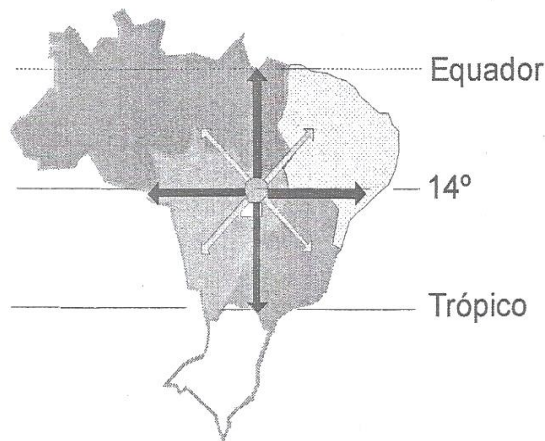
A Sociedade Brasileira de Eubiose³² (SBE) acredita no princípio de que o Brasil teria um protagonismo no ambiente da Nova Era e criou uma proposta de colocar Alto Paraíso em um Sistema Geográfico (SIGEAP) (Figura 11). Esse sistema envolve outras cidades brasileiras

³² “Eubiose [do gr. eu (bem, bom) + bios + osis (modo de viver)] é um neologismo criado e difundido pela Sociedade Brasileira de Eubiose, outrora Sociedade Teosófica Brasileira. Seu significado, embora muito abrangente, relaciona-se com o processo de evolução humana, entendido como transformação de energia em consciência. Tal processo, longe de se identificar com as religiões dogmáticas, aponta no caminho de uma construção crítica do autoconhecimento. Trabalhando, portanto, para além dos estudos de religiões comparadas, a Sociedade Brasileira de Eubiose apresenta manancial próprio de saberes que segue do conhecimento sobre a natureza oculta do corpo humano às visões sobre a cosmogênese [...]” (SBE, 2012, p. 01). Foi criada pelo brasileiro estudioso de ocultismo Henrique José de Souza sob uma influência maçônica, inspirando-se na Teosofia (Doutrina sincrética fundada pela escritora russa Helena Blavatsky, também ligada ao ocultismo e religiões orientais). A Eubiose atua também com uma visão aghartiana, por acreditar no conceito intraterreno, no qual, *Agharta* é o mundo intraterreno. *Agharta* e seus habitantes estão presentes em um universo subterrâneo dos continentes do planeta Terra, que possui cidades sob regiões como o Himalaya, no Oriente, ou na Serra do Roncador, no Brasil. Acreditam que as cavernas podem ser portais dimensionais (Salvi, 2007a, p. 10 – 13).

com o objetivo de projetar Brasília, demandando uma integração, influenciando os rumos da capital federal (Salvi, 2007a, p. 03).

Geografia Sagrada de Alto Paraíso

Figura 10 – O paralelo 14 no Brasil



Fonte: Salvi (2007a, p. 87).

Figura 11 – O Sistema Geográfico de Alto Paraíso (SIGEAP)



Fonte: Salvi (2007a, p. 15).

Na proposta do SIGEAP uma pirâmide uniria quatro centros espirituais brasileiros (Alto Paraíso, Itaparica, Xavantina e São Lourenço), que se organizariam no sentido de descentralizar o poder no país e equilibrar forças. Itaparica estaria junto a primeira capital do país, Salvador; São Lourenço estaria junto à segunda capital, Rio de Janeiro; e Alto Paraíso, junto à atual capital. Xavantina encontrar-se-ia em paralelo com Alto Paraíso para canalizar as energias ao interior do país, causando um equilíbrio, simbolizando a interiorização. Alto Paraíso também se encontraria como um mediador para Xavantina, apresentando uma posição até mesmo de centralidade dentro deste sistema, pelo fato de a cidade ser polo cultural, esotérico, terapêutico e ecoturístico (*Ibidem*, p. 15 - 26).

Assim, a região da Chapada recebeu diversos fluxos migratórios. Centenas de pessoas migraram de seus países para buscar uma vida distante dos grandes centros urbanos, acreditando que na região da Chapada dos Veadeiros estaria o verdadeiro paraíso. Sem dúvida, esse processo intenso de migração foi responsável por mudanças estruturais na cidade, acarretando múltiplas trocas culturais.

CAPÍTULO 2. ALTO PARAÍSO, UM REFÚGIO PÓS-MODERNO

Quando a lua estiver na sétima casa e Júpiter se alinhar com Marte, então a paz guiará os planetas e o amor irá além das estrelas. Esse é o amanhecer da Era de Aquários! Harmonia e compreensão, simpatia e confiança em abundância. Sem mais falsidades ou zombarias, visões vivas de sonhos dourados. Cristal místico de revelações e a verdadeira libertação da mente. Aquários! Aquários!

(The 5th Dimension, 1969)

A hipótese que guia este capítulo é a de que o município de Alto Paraíso de Goiás é paradigmático para se compreender as principais mudanças ocorridas com o advento da pós-modernidade e, por isso, tornou-se uma espécie de refúgio para as tribos pós-modernas. Nesse sentido, objetivo do capítulo consiste em analisar como essas mudanças impactaram o contexto local, levando-se em conta a crise da ciência moderna e seu impacto na popularização das medicinas alternativas no município de Alto Paraíso. Desta forma, o local apresenta várias facetas das mudanças pós-modernas, como o advento das “tribos”, que se manifestam como agrupamentos sociais em um ambiente marcado por uma identidade flexível. Outro aspecto típico do mundo pós-moderno é o hibridismo cultural que compõe o município de Alto Paraíso, pela sua pluralidade de culturas, em que convivem a cultura tradicional goiana com a cultura dos migrantes. Por fim, o capítulo se propõe a analisar a transformação da religiosidade no mundo contemporâneo, marcado pela pluralização e pela forte influência das religiosidades de matriz oriental.

2.1 EM BUSCA DE UM MUNDO ENCANTADO

Ao caminhar por Alto Paraíso, o transeunte depara espontaneamente com uma estética muito peculiar que se difere das demais cidades de Goiás. O destaque é uma arquitetura mística, composta de pirâmides, cúpulas, templos, murais e esculturas que se alastram pelas ruas.

O reencantamento do mundo deixou marcas na estética urbana e no imaginário que concebe Alto Paraíso, bem como toda a Chapada dos Veadeiros, como um local permeado por forças telúricas. Na verdade, essas crenças fundamentam-se numa reunião de diversos fatores, como as minas de cristais de quartzo, as nascentes, como a do Rio Tocantinzinho³³, o hibridismo cultural e as belezas naturais. Esses fatores reforçam argumentos de que Alto Paraíso é um modelo para a humanidade, dentro de novos paradigmas culturais que emergiram no terceiro milênio (Franco, 2006, p. 08).

A peculiaridade estética da cidade é visível já na principal avenida, a Ary Ribeiro Valadão Filho, repleta de restaurantes, bares, comércios de produtos naturais e esotéricos. De acordo com Machado (2014) as principais ruas da cidade receberam nomes alternativos em função do turismo místico. A avenida referida recebeu o nome de Avenida *Kundalini*, que significa “a serpente que atravessa os sete *chakras*, liberando o fluir da energia vital no corpo sutil” (p. 79). A *Kundalini* por ser uma energia de raiz, como a espinha dorsal do corpo humano, rege todos os *chakras* de um ser vivo. Essa ideia metaforiza a Avenida Ribeiro Valadão Filho, como se fosse a avenida que conduz energia para todas as outras. A avenida, assim como a *Kundalini*, simbolizaria o despertar de uma nova consciência universal, atuando sobre cada parte da cidade.

Dois arcos (Figura 12) assinalam o seu início. A Prefeitura Municipal de Alto Paraíso foi a responsável pelo projeto de sua construção em 1998. Eles suscitam interpretações místicas na região. Uma delas descreve que o arco duplo simboliza a dualidade ‘sol e lua’, e também remete à forma do arco-íris, que na Bíblia é o símbolo da aliança entre Deus e os seres vivos da Terra. Entre os arcos há um espaço de sete metros, que é preenchido por uma árvore, um vácuo que metaforiza a árvore da vida que está no centro do Éden (Figura 13) (Salvi, 2008, p. 62).

Desde as civilizações antigas, os portais das cidades eram construídos como uma forma de canalização de energias, como o Portal do Sol de *Tiwanaku* na Bolívia.

³³ “Nasce acima de mil metros de altitude, próximo a Alto Paraíso de Goiás - GO, dá a volta pelo sul das montanhas do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e corre rumo ao município de Colinas do Sul, em Goiás – GO” (ICMBIO; MMA, 2009, p. 50 – 51).

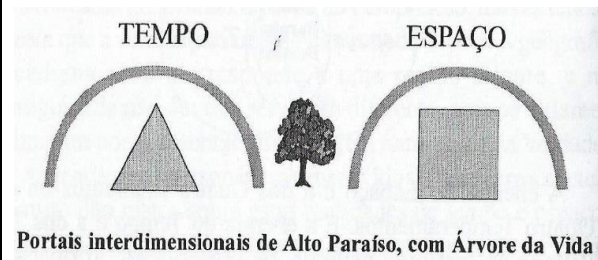
A estética reencantada dos arcos na entrada da cidade

Figura 12 – Monumento dos arcos



Fonte: José Loures (2014).

Figura 13 – Suas representações místicas



Fonte: SALVI (2008, p. 62).

Em Alto Paraíso, inúmeros são os monumentos que homenageiam culturas antepassadas; um deles é a Praça dos Quatro Elementos Alquímicos que apresenta um monumento intrigante, na medida em que sugere (em menor escala) o formato do Stonehenge³⁴ (Figura 14). A praça faz referência a cada um dos quatro elementos alquímicos ‘água, ar, fogo e terra’. Isso manifesta a influência que os grupos místicos exerceram na região, como os seguidores de *Saint Germain*, também conhecidos como os “alquimistas³⁵ da Nova Era”. A aparente semelhança do monumento à Stonehenge indica um desejo de retorno às sabedorias milenares, típico do reencantamento do mundo.

O Obelisco do Heptágono (Figura 15) faz uma hipotética referência ao Portal do Sol de *Tiwanaku* na Bolívia. Apesar deste monumento não apresentar o formato de um obelisco³⁶, que seria aquele formato verticalizado, é uma referência ao portal solar³⁷, que por sua vez, está

³⁴ O monumento misterioso suscita curiosidade quanto à sua construção e finalidade, muitas vezes sendo relacionado a rituais druidas, portais dimensionais e observatório astronômico. Mas a questão é que o local onde fora construído, era creditado como repleto de forças telúricas, o que seria propício à realização de rituais, da mesma forma que a Alto Paraíso é creditado todo potencial místico, constituindo-se também como um local de encontro ou retorno das sabedorias antigas.

³⁵ A Alquimia era considerada uma ciência oculta, que para Steiner (1998) pode ser compreendido como uma forma suprassensível de conhecimento, o que permanece não revelado. A ciência oculta pretende se ater aos fatos sensoriais, considerando o animismo como um elemento cognitivo. Seria uma forma de autoconhecimento através da vivência do conhecimento da natureza. O alquimista era considerado um conhecedor dos segredos ou um mago, que poderia acelerar o processo de conversão dos metais em ouro, e ter em seu poder as pedras filosofais e o elixir da longa vida. É evidente que essas práticas também recebiam rotulações religiosas, na medida em que todos os metais ao passarem pelo processo de transformação, representaria o homem transcender a matéria.

³⁶ Os obeliscos são monumentos comemorativos, possuem um formato verticalizado, alongado e base quadrangular, geralmente feitos a partir de uma única peça de pedra (monólito). Já foram sinônimos de proteção, comemoração e homenagem, tendo sua origem no Antigo Egito.

³⁷ Essa referência solar se deve à reverência ao deus *Viracocha* praticada pela cultura inca.

relacionado a um remoto sistema de alinhamento com solstícios e equinócios. O heptágono refere-se à simbologia do número sete, considerado pelos místicos um número sagrado e indivisível. Representa a análise, perfeição, mistério, plenitude, as sete cores do arco-íris, os sete *chakras* do corpo humano e os sete dias de cada fase lunar (Hofmann, 1999, p. 20-21).

Monumentos em logradouros públicos que celebram culturas antepassadas

Figura 14—Praça dos 4 elementos alquímicos



Fonte: Autoria própria (2015).

Figura 15 – Obelisco do Heptágono



Fonte: Autoria própria (2015).

Além dos monumentos públicos que refletem o clima local de misticismo, encontram-se também na cidade edificações e monumentos construídos por grupos esotéricos, a exemplo de uma estátua de *Kuan Yin* (Figura 16), que se localiza em um templo nas dependências da Pousada Spa do Espírito. *Kuan Yin* é uma divindade feminina chinesa, seu nome significa “aquela que escuta todos os lamentos do mundo”. É a *bodisatva*³⁸ da misericórdia e compaixão. Conta-se que ela teria existido como uma humana e que durante sua vida teria jurado proteger e amparar todos os seres humanos que estivessem em sofrimento. Acredita-se que *Kuan Yin* ensina os homens a cantar mantras para curar as feridas da alma. Em muitas de suas representações, como a estátua em Alto Paraíso, a divindade aparece sentada sobre uma flor de lótus. É muitas vezes relacionada à figura de Maria, mãe de Jesus. É muito comum em Alto Paraíso encontrar devotos de *Kuan Yin*.

A Gota *Sat Som*, espaço de meditação (Figura 17) também é um exemplo. Um grupo de migrantes meditadores (Punia, Lim, Yashem, Zaque e Chandra) foram os responsáveis pela construção da Gota em 1993, com o objetivo de criar um espaço para meditação sob os preceitos de Osho em suas orientações de construção de templos, possibilitando a audição de sons e

³⁸ Ser iluminado dentro da concepção budista. Pessoa comum que durante a vida alcançou a iluminação por sua grande compaixão pelo mundo, procurando chegando a um patamar similar ao de Buda.

recitação de mantras. O formato de gota favorece uma acústica que expande o som, o que supostamente estimularia a imersão do indivíduo em meditações. Os construtores arquitetaram o formato de *domus*, que teria um cume, fazendo referência ao cume da pirâmide egípcia de Quéops. A diferença é que a base ao invés de ser quadrilátera, é uma circunferência, o que explica o formato de gota. A Gota é aberta ao público mediante ao pagamento de ingresso e à observância de algumas regras, como não fotografar, contribuir com o silêncio e retirar os sapatos, tudo isso para manter harmonia do ambiente. De acordo os seus idealizadores:

Ao entrar no Templo, você começa a se ouvir, sua forma e dimensões permitem a percepção do silêncio e isso faz com que você ouça os sons de todos os seus movimentos até mesmo de sua respiração. Aí o foco de sua atenção muda, você aprende a ouvir e perceber a origem de todos os sons... o silêncio! (GOTA SAT SOM, 2015).

Monumentos e edificações místicas em terrenos privados

Figura 16 – Estátua de *Kuan Yin*



Fonte: União Global de Atitudes (2012). Disponível em: <http://uniaoglobaldeatitudes.blogspot.com.br/2012/07/pousada-spa-do-espírito.html>

Acesso em janeiro/2016.

Figura 17 – Gota *Sat Som*



Fonte: Autoria própria (2015).

Um templo em forma de gota não chega a ser estranho para uma cidade em que se comercializam broas feitas por fadas (Figura 18) e onde se percorre por Camelot (Figura 19). O meio empresarial da cidade explora comercialmente os grandes temas da mitologia universal. As fadas, seres das mitologias celtas, representam a deificação das manifestações da natureza em um sentido animista. Sua origem remonta às divindades femininas celtas que possuíam poderes sobrenaturais (Coelho, 2003, p. 71). As fadas passaram a fazer parte das mitologias anglo-saxônicas e nórdicas, tornando-se popularizadas no cinema e na literatura.

Camelot, o lendário castelo bretão, por sua vez, é rememorado na estética da Pousada Camelot, que apresenta uma decoração medieval em seus quartos e outras dependências. A Excalibur, o Santo Graal e a Avalon não deixaram de ser referenciados na decoração. “Camelot significa, segundo a tradição Arthuriana ‘local ideal de se estar’. Dentro do espírito do bem-estar e receber, os idealizadores do projeto pensaram em um local que refletisse Camelot” (Pousada Camelot, 2015). Esses elementos presentes na pousada indicam uma nostalgia de uma época em que se acreditava em magia, típica do reencantamento do mundo.

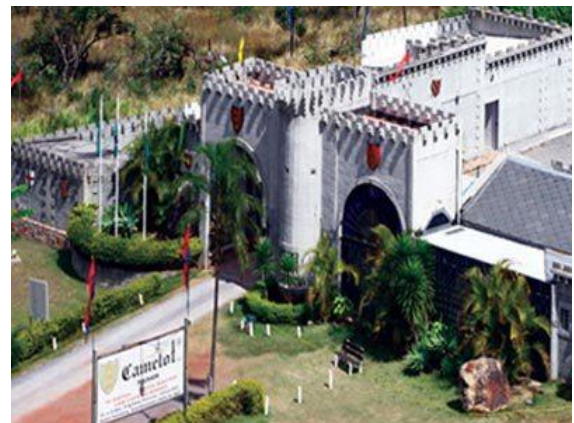
A referência a mitos universais em Alto Paraíso

Figura 18 – Quitutes artesanais



Fonte: Autoria própria (2015).

Figura 19 – Pousada Camelot



Fonte: *Best day viagens* (2015). Disponível em: <http://www.bestday.com.br/Alto-Paraíso/Hoteis/Pousada-Camelot-Inn/>. Acesso em novembro/ 2015.

O uso das cosmogonias das grandes civilizações antigas está bem presente na estética urbana de Alto Paraíso, como as estátuas egípcias de autoria do artesão José Avito (Figura 20) e nas decorações de pousadas, como o símbolo maia *Hunab ku* na Pousada Dona Didi (Figura 21). As estátuas referem-se à Esfinge, aos deuses egípcios Ísis e seu filho Hórus e ao faraó Quéfren. O símbolo maia *Hunab ku*, “único deus” na linguagem quiché, refere-se ao criador do universo, simbolizando a força geradora de toda a vida. Muitos acreditam que o deus habita o centro da Via Láctea, e que teria gerado as estrelas, o sol e o planeta Terra.

O retorno ao politeísmo das civilizações antigas

Figura 20 – Estátuas egípcias



Fonte: Autoria própria (2015).

Figura 21 – Símbolo maia *Hunab Ku*



Fonte: Autoria própria (2014).

Essa variedade cultural e estética presente em Alto Paraíso possui várias matrizes que são definida por Magnani (1999, p. 83) como: a matriz erudita, composta pelas grandes civilizações da Antiguidade, como o Antigo Egito, Mesopotâmia, Índia e extremo Oriente; a matriz esotérica ocidental, formada pelas culturas greco-romanas, celtas, cabala, alquimia medieval e sociedades ocultistas; a matriz americana, representada pelos maias, incas e astecas; a matriz ágrafa / popular, alimentada pela oralidade ou vestígios arqueológicos sobre os grupos indígenas que habitaram a região; a matriz popular camponesa ou urbana, composta por curandeiros, adivinhos, e outras práticas que resgatam práticas autóctones.

Além da estética urbana, outro aspecto do reencantamento do mundo presente em Alto Paraíso é a presença maciça de terapias alternativas³⁹. Muitas pousadas oferecem essas práticas para hóspedes ou qualquer outro visitante da cidade. A região é reconhecida internacionalmente como um centro de bem-estar, busca de cura e autoconhecimento. Por isso, recebe terapeutas de várias partes do mundo, existindo, inclusive, uma associação de terapeutas, que visa estabelecer parceria com as pousadas.

³⁹ Magnani (1999, p. 46) define as terapias alternativas como um trabalho holístico, que considera as dimensões corpo / mente / físico. O autor acrescenta que elas possuem um caráter “*soft*”, por serem apresentadas como terapias menos agressivas e menos dependentes de equipamentos e um caráter “*natural*” pelo fato de ter o poder curativo e regenerador, utilizando elementos naturais no lugar de medicamentos químicos.

Conforme informações cedidas pela própria associação⁴⁰, as terapias mais procuradas são: massagens, *reiki*⁴¹, florais do cerrado, detox, curas de várias espécies, vivências, *ayahuasca* e terapias de autoconhecimento. Por tudo isso, há quem afirme que “Alto Paraíso busca se afirmar hoje como um espaço de terapias, não tanto de esoterismo” (SALVI, 2007b, p. 42).

O quadro 3 apresenta os estilos de terapias oferecidas, indicando uma intensa concentração desse tipo de atividades para uma cidade do porte de Alto Paraíso.

Quadro 3 – Estilos de terapias oferecidas em Alto Paraíso

Massagens	Massagem <i>ayurvédica</i> , Massagem integrativa, Massoterapia, Aplicação de pedras quentes, Argiloterapia, Reflexologia, <i>Zen Shiatsu</i> , <i>Thai</i> Massagem, <i>Rebalancing</i> , <i>Calatonia</i> , <i>Bambuterapia</i> , <i>Trigger points</i> , Quiropraxia indiana, Massagem para gestantes, Massagem capilar, Esfoliação, Massagem miofacial
Meditações	Meditação em grupo ou particular, Meditação zen, Mantras, Estudos budistas, <i>Yoga</i> , Cantos sagrados com instrumentos raros e harmonização pelos sons, Tantra
Desintoxicações	Alimentação viva, Dietas orgânicas desintoxicantes, Teste de intolerância alimentar com máquina de Bio-Ressonância eletromagnética
Terapias energéticas	<i>Reiki</i> , <i>Tera Mai Reiki</i> , Leituras de Aura, Terapias com cristais, Cura Reconnectiva e Reconexão, Diagnóstico através de radiestesia da energia dos órgãos, Alinhamento de <i>Chakras</i> , Terapia de <i>Tao Healing</i> , Alquimia taoísta
Fitoterapias	Limpeza facial fitoterápica, Florais do cerrado da Chapada, Aromaterapia, Moxabustão, Cones Chineses, Florais de <i>bach</i>
Vivências e outros	Biodança, Mandaloterapia, Musicoterapia, <i>Tai chi chuan</i> , Tarô terapêutico, Acupuntura

Fonte: Associação de Terapeutas de Alto Paraíso (2014) com adaptações.

A região se revelou um polo para terapias alternativas, atraindo inúmeras pessoas que buscam cura e uma harmonia com natureza. Apesar de muitas dessas práticas não serem reconhecidas pela ciência, no contexto pós-moderno elas alcançaram um visível crescimento.

⁴⁰ A Associação de Terapeutas de Alto Paraíso de Goiás, criada em fevereiro de 2006, é uma entidade civil, sem fins lucrativos e possui cerca de quinze associados. Seus objetivos são: “Fortalecer a classe dos terapeutas holísticos, compartilhar o conhecimento, vivenciar, trocar, ensinar, divulgar, praticar as terapias naturais, energéticas, aceitar a totalidade e dualidade do Ser, esse é o grande desafio de nossa Associação” (Associação de Terapeutas de Alto Paraíso, 2014).

⁴¹ “*Reiki* é um sistema natural de harmonização energética pela transmissão de energia através das mãos. É uma técnica sistematizada que restaura a saúde física, mental, emocional e espiritual, equilibra os centros de energia, eliminando as emoções negativas, as tensões e o stress. *Reiki* é uma terapia holística, reconhecido pela Organização Mundial de Saúde. *Reiki* não é religião ou seita. *Reiki* é aberto a todos, para que todo o mundo possa ajudar a si mesmo e ao próximo conforme a necessidade (ALTO PARAÍSO DE GOIÁS BLOGSPOT, 2009).

Um exemplo desses centros alternativos de terapia é a Pousada Spa do Espírito (Figura 24), que oferece sessões semanais gratuitas de meditação em grupo e terapias espirituais. A fachada da pousada atrai atenção pela sua simbologia, indicando na figura humana os canais energéticos do corpo humano, a serem trabalhados em terapias de equilíbrio e energização dos *chakras*, da aura, bem como a energia vital. O holismo é indicado pela representação do corpo humano em união com elementos da natureza, como indica as ilustrações do tucano, das flores, dos frutos e da água. A imagem também sugere o corpo humano em posição de meditação e faz referência às divindades hindus.

Figura 24 – Pousada Spa do Espírito



Fonte: Autoria própria (2014).

É comum encontrar sessões coletivas de *yoga* ou meditação em locais como o CEBB (Centro de Estudos Budistas Bodisatva), a Casa de *Kuan Yin*, a Casa da Cultura da Paz, a Associação Holística ou a Estrada Ecológica Humana. Um aspecto singular desses locais é que muitas atividades são gratuitas, com contribuição facultativa, e, quando são cobrados valores fixos, são relevados como “energia de troca”. No caso das terapias individuais, as sessões possuem valor financeiro fixo.

Outro aspecto do reencantamento foi percebido no ano de 2012 quando os noticiários alarmaram sobre o “fim do mundo”. Esse “boom” midiático fora estimulado pela indústria cinematográfica *hollywoodiana* com o filme “2012”⁴², dirigido por Roland Emmerich. Os

⁴² O filme “2012” parte do princípio de que os maias profetizaram a destruição do planeta Terra a partir seu calendário, que ocorreria no dia 21 de dezembro de 2012. Apresenta uma cena na qual crédulos do calendário maia estavam cometendo um suicídio coletivo em uma região do México. Fora a exacerbação de efeitos especiais, o filme também mostra algumas referências a simbologias cristãs e mitológicas. Lembrando que o mesmo aproveitou três anos anteriores para começar a suscitar essa nova “moda” na mídia, que gerou uma série de reportagens e até mesmo uma minissérie da TV Globo, o que mostra que a discussão encontrou terreno fértil no Brasil.

noticiários elegiam algumas cidades ao redor do mundo como possíveis refúgios para esse cataclismo. No Brasil, o destaque de Alto Paraíso ocorreu por causa das representações paradisíacas atribuídas à região da Chapada dos Veadeiros e a todo o planalto Central. Esses locais, neste contexto, estariam protegidos pela altitude e pela sua localização mística, portanto, salvariam-se das enchentes mundiais.

As referências midiáticas referiam-se à região como um local protegido de qualquer cataclismo, repleto de mistérios, detentor de uma natureza peculiar, de contatos extraterrestres e a promessa de uma terra prometida. De tal modo, elas determinam os elementos que estarão em destaque, em uma seleção do que deve aparecer, buscando o sensacional. É o que se pode perceber em vários noticiários a respeito (Quadro 4):

Quadro 4 – Alto Paraíso, protagonista nos discursos sobre o “fim do mundo” na mídia⁴³

“Hotéis de Alto Paraíso de Goiás já fazem reservas para datas proféticas” (G1 Goiás).
“Estrangeiros não param de chegar a Alto Paraíso em busca de proteção” (TV Globo).
“O reino dos esotéricos: Místicos de Alto Paraíso vêem disco voador, conversam com ET e esperam o fim do mundo” (VEJA).
“Alto Paraíso vira ‘bunker’ esotérico para o fim do mundo no Brasil” (TERRA).
“Fim do Mundo é em Alto Paraíso” (Gazeta do Povo).
“Fim do Mundo atrai visitantes para Alto Paraíso de Goiás” (TV Brasil).
“Alto Paraíso (GO) muda rotina para o fim do mundo” (UOL).
“O Fim do Mundo em Alto Paraíso” (SBT).
“Quer escapar do fim do mundo em 21 de Dezembro? Vá para Alto Paraíso” (IG).
“Alto Paraíso: Onde o mundo não acaba” (Encontro Brasília).
“À espera do fim do mundo” (IstoÉ).
“CQC em Alto Paraíso: cidade que sobreviverá ao fim do mundo” (Band).
“Cidade em Goiás seria a única a sobreviver ao fim do mundo” (SBT).

Fonte: Emissoras: TV Globo, TV Brasil, Band, SBT; Sites: G1, Terra, Gazeta do Povo, UOL, IG, Encontro Brasília; Revistas: VEJA, IstoÉ (2012).

⁴³ Quadro publicado originalmente no artigo “A repercussão do boato do fim do mundo em Alto Paraíso (GO) em 2012”, no livro “Festas, religiosidade e saberes do Cerrado” (2015) do TECCER / UEG, que por sua vez, faz parte das pesquisas desenvolvidas para a presente dissertação.

Recebem destaque as representações da cosmogonia maia⁴⁴, muito visíveis no estilo de vida de alguns moradores da cidade, como nas lojas de artigos esotéricos, nos símbolos presentes nas pousadas e residências, e nos oráculos maias. É importante destacar que muitos místicos adeptos da cosmogonia maia não acreditaram no “fim do mundo” em 2012, concebendo-o apenas como uma mudança de ciclos.

O fim do mundo já fora alarmado em outra data: a passagem do ano de 1999 para 2000, quando a cidade foi também reconhecida como um refúgio apocalíptico, atraindo muitas pessoas em busca da segurança contra uma hecatombe. A diferença entre o ano 2000 e 2012 foi bem explicitada por um dos moradores da cidade:

[...] tivemos dois “booms”: 2000, a mudança, “fim do mundo”, aquela coisa toda, aquela mística em cima de Alto Paraíso, pela sua altitude, a “Terra vai fazer isso, a Terra vai fazer aquilo”, e a gente só observando. A cidade recebendo turistas, superlotando, graças a Deus o mundo não acabou em 2000. Aí, a gente espera um tempão, e vem um novo acontecimento em 2012, se esperava, a gente teve [...] A gente teve menos turista, a gente teve cancelamento de pessoas que queriam tá aqui no dia 21 de Dezembro, porque eles estavam com medo da cidade lotar e acabar a comida. Ou seja, a mídia que foi feita diminuiu o turista que a gente ia ter, muitas famílias cancelaram sua vinda para cá, com medo de não ter água, não ter gasolina, que todo mundo ia vir pra cá [...] Então foi um fator sociológico inverso. Esperava-se muita gente, fez-se tanto alarde, que quem queria vir mesmo, ficou com medo de vir. Então teve gente que falou: vai vir 25.000 pessoas, 15.000 ... 2.000 pessoas vieram. Um feriado normal aí a gente tem muito mais do que 2.000 [...] (AMADEUS, 2015).

De qualquer forma, a quantidade de visitantes que a cidade recebeu em ambas as datas, mesmo díspar, indica que muitas pessoas se atraem por elementos místicos, como a hipótese de um apocalipse. Essa crença no oculto protagoniza um momento de liberdade religiosa e consequente liberdade de crenças concatenadas à atuação da mídia. A repercussão de casos como o medo do “fim do mundo” demonstra que o desencantamento do mundo weberiano atingiu os seus limites. O mundo, ao menos para uma parcela significativa da população humana, parece encantar-se novamente.

⁴⁴ Essas livres interpretações da cosmogonia maia como precursora do ciclo de 2012 foram também engendradas pela própria comunidade acadêmica, a partir das pesquisas de Juan Martínez Hernández, Joseph Goodman e John E. S. Thompson, que posteriormente, procuraram esclarecer os equívocos. Contudo, um dos fatos que marcaram significativamente a construção de uma mística leitura dos calendários maias foram as pesquisas do historiador da arte norte-americano José Argüelles, que decifrou os códigos maias, defendendo a tese de que há um grave erro no calendário gregoriano. Argüelles criou o *plano de paz* que tem por finalidade substituir o calendário gregoriano por um novo calendário que postule 13 ciclos anuais, já que a Terra levaria treze luas para girar em torno do sol. Por sua vez, calendário gregoriano considera o ano composto por apenas doze meses. O pesquisador defendeu que essa contagem errada do tempo levaria a humanidade ao caos por não considerar os ciclos naturais.

2.2 EM BUSCA DA VIDA COMUNITÁRIA

Alto Paraíso é uma cidade de “várias tribos”. Michel Maffesoli (1998) elucida o termo “tribo” como um: “vaivém constante que se estabelece entre a massificação crescente e o desenvolvimento dos microgrupos [...]” (p. 08). Para o autor, o termo compreende-se por formações de comunidades emocionais, de caráter policultural, formadas através de um sentimento em comum entre indivíduos em vários quesitos como sexualidade, etnia ou religião. É o que caracteriza a sociabilidade no final do século XX, o fenômeno das massas em constante dinamismo, no qual as pessoas podem mover-se entre grupos identitários. Um emaranhado de situações, experiências e diversidade de ações caracterizam a sociedade pós-moderna.

Há a proliferação de uma diversidade de aparências na sociedade, que fazem parte da vida cotidiana, a partir da característica emocional. “Ser de uma tribo”⁴⁵ hoje pode significar fazer parte de um grupo de pessoas que compartilham os mesmos interesses seja qual for a sua natureza, sob os mesmos quesitos visuais e padrões de consumo.

O desenvolvimento das grandes metrópoles engendrou a formação das tribos, caracterizando uma sociabilidade emocional. Desta forma, Maffesoli (1998) recorre à comunidade emocional de Weber, a *Gemeinde*, uma categoria baseada no efêmero, porque “permanência e instabilidade serão dois polos em torno dos quais se articulará o emocional” (*Ibidem*, p.18). Representa uma forma de o indivíduo procurar se relacionar com aquele que pensa ou sente como ele; isso caracteriza a emoção vivida em comum.

O movimento alternativo, concebido nesse sentido como uma “tribo”, se originou em Alto Paraíso com o movimento “Rumo ao Sol” na década de setenta. O evento marcou a chegada de grupos de filosofia alternativa, organizando um Encontro de Comunidades Alternativas em 1981. O primeiro evento desse gênero no Brasil ocorreu na cidade de Visconde de Mauá (RJ) e depois se alastrou para outras regiões onde já existiam comunidades alternativas, como Mato Grosso e Minas Gerais.

Em Alto Paraíso, o evento, realizado na Fazenda *Bona Espero*, contou com cerca de cento e oitenta participantes, que divulgaram ideais terciomilenaristas de preservação da natureza, vida espiritual e em comunidade (Valle, 2001, p. 49 – 50).

Um antigo morador da cidade e participante do evento conta que:

⁴⁵ Grupos de esotéricos e alternativos podem ser considerados “tribos”.

O Rumo ao sol, ele implicitamente já era muito eclético, na sua estruturação, ele tinha muitos segmentos [...] Então tinha uma linha assim mais terapêutica oriental, tinha uma linha mais agrícola alternativa, tinha a linha daqueles que usavam a *cannabis sativa*, tinha a linha dos que eram contra a *cannabis sativa*, tinha a dos que eram radicalmente vegetarianos, que não permitia nada que não fosse, aqueles que eram vegetarianos mas eram liberais, [...] e haviam assim umas oito linhas por aí, mais ou menos. Posteriormente foi, ... foram sendo expressas em várias outras linhas que foram chegando. Um pouquinho de *hare krishna*, um pouquinho de *Rajneesh Osho* [...] (LIMA, 2015).

Pode-se perceber no relato do participante, que o Rumo ao Sol era um evento de cunho eclético, em que vários segmentos da cultura alternativa estavam presentes. Foi por meio dele que as terapias, o vegetarianismo, a permacultura e as religiosidades orientais chegaram na região. Isso porque, conforme Machado (2014, p. 18) parte desse grupo após o evento permaneceu na cidade, com o apoio da Fazenda *Bona Espero* que lhes cederam parte de suas terras por comodato. Ali uma comunidade alternativa começou a se erguer com o objetivo de viver contra o sistema consumista.

Na opinião de outro morador,

[...] o movimento Rumo ao sol veio exatamente dessa intenção de [...] encontrarem o que eles sempre quiseram, um local onde eles pudessem tomar banho no rio com ou sem roupa, que eles pudessem criar as crianças comendo comida da horta, sem nenhum tipo de veneno, seria uma vida muito mais dentro da natureza. Esse movimento Rumo ao Sol então vê-se aí uma diferenciação entre o movimento da Cidade da Fraternidade, que foi tipicamente espírita, espiritualista, e o movimento Rumo ao Sol que tem o misticismo da Nova Era, onde você mistura todas as religiões, mas que convergem no autoconhecimento e no respeito à natureza (AMADEUS, 2015).

A comunidade passou por problemas de infraestrutura, fazendo com que os integrantes de dispersassem, alguns abandonando Alto Paraíso e os remanescentes migrando para o Povoado do Moinho.

Atualmente, muitos festivais reúnem e mantêm a chama acesa dos grupos alternativos. O Festival Internacional de Culturas Alternativas (FICA⁴⁶) que acontece todos os anos na Fazenda Flor de Ouro Vida Natural e Holística (situada no Povoado do Moinho) reúne os “alternativos” sob o ideal da contracultura. Lá os alternativos participam de oficinas e realizam uma comunhão cultural. No FICA, a cozinha é comunitária, cada participante traz algum alimento, seguindo a orientação ovo-lacto-vegetariana. São admitidos apenas alimentos

⁴⁶ Existe outro festival com a sigla FICA (Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental), que acontece anualmente na cidade de Goiás e que possui um objetivo diferente do Festival que acontece em Alto Paraíso. O evento realiza várias atividades culturais que incluem apresentações musicais, debates, oficinas e exposições, com objetivo de incentivar a produção cinematográfica sobre o meio ambiente, realizando premiações a algumas produções selecionadas.

orgânicos, sem conservantes ou corantes, dando preferência aos grãos, castanhas, legumes, ovos caipiras e verduras.

Um ritual coletivo que marca o festival é a “sauna”: uma panela de aço inox com ervas e óleos naturais aquecida num fogão a lenha que produz vapor. Dentre as outras atividades coletivas do ritual, destacam-se a “vivência na lenha”, em que os participantes praticam a coleta, o corte e o transporte da madeira utilizada na combustão; as oficinas de Arte Livre, que oferecem conhecimentos de artes manuais e circenses; *yoga*; a vivência da roda viva, composta por rituais e cerimônias indígenas; cantos sagrados; oficinas de astrologia, proteção espiritual e mandalas. O cartaz do FICA (Figura 25) é ilustrativo de seus ideais de preservação ambiental, holismo e a procura do homem pelo contato com o cosmos.

Figura 25 – Cartaz do FICA 2015



Fonte: Cartaz de divulgação FICA e Flor de Ouro (2015).

O texto explicativo dos organizadores do Festival deixa bem evidente o seu caráter “tribal”, ligado a uma comunidade que comunga as mesmas emoções:

Entendemos por alternativo uma opção, uma resposta criativa diferente ao sistema, mais livre, fora do padrão, descentralizada, sustentável e harmônica com o Meio Ambiente. O FICA pretende ser um modelo dessa convivência pacífica e harmônica entre pessoas de todos os cantos do planeta que comungam ou simpatizam da mesma visão de mundo praticando a teoria da cultura alternativa por meio de oficinas, palestras, vivências e apresentações culturais focando uma visão ecológica espiritualizada (FICA FLOR DE OURO, 2015).

Ramificações deste festival acontecem em Areembepe na Bahia e em São Tomé das Letras. Estes festivais celebram os valores alternativos procurando divulgá-los, expressando uma postura de preservação ambiental e uma atuação em diversas áreas, como na arte, economia, educação, espiritualidade e saúde.

Outros festivais que mobilizam as tribos alternativas são os festivais de música eletrônica. O Festival Alternativo do *Kranti*, que acontece todos os anos no mês de julho, é

sediado em Alto Paraíso, apesar de algumas edições ocorrerem em outras cidades do Planalto Central. Essa nova prática cultural, que mescla influências procedentes de diversas nacionalidades, criando comunidades espirituais sob a influência dos ensinamentos de Osho, chegou ao Ocidente na década de noventa. A sua base é um estilo de música eletrônica que simula efeitos neurológicos promovidos pela substância alucinógena do LSD, em batidas repetitivas e efeitos sonoros supostamente hipnotizantes e estimuladores de uma experiência de transe, que em inglês, significa *trance*⁴⁷.

Na perspectiva dos praticantes, essa espécie de ritual dançante desperta o “eu” interior, uma pluralidade cultural e um clima de paz entre todos. O *trance* em suas concepções estimularia a libertação das convenções sociais em relação ao sexo, ao uso de drogas, ao trabalho formal e às obrigações familiares, buscando uma consciência comunitária, fraternal, ecológica, mística e espiritual. É encarado como uma forma de autocura pelos participantes.

Esse aspecto religioso que o *trance* apresenta culminou na formação da Igreja do *Trance* Divino (ITD), uma organização de caráter espiritualista, fundada por Veet Prayas (pastor e DJ), Gauthama (missionário) e Kuyana, na cidade de Alto Paraíso no ano de 2005. Os fundadores explicam que

A Igreja do Trance Divino é uma instituição que visa propiciar a seus membros uma vivência e experimentação indo profundamente por entre os caminhos da música eletrônica mais especificamente o *trance*. A Igreja proclama que o *trance* é Divino e dentro da sua hierarquia possui membros que ocupam cadeiras eclesiais, sendo elas, a de Pastores do *trance*, Bispado, Monastério e Missionários [...] A Igreja tem como principal objetivo levar o *Trance* Divino por todas as partes do universo e o enriquecimento cultural de seus membros prezando pela paz e harmonia do planeta. Tem como base na educação de seus membros os estudos avançados, a música de alta tecnologia, as ciências e a ufologia. Proclama como forma de meditação, a dança, e fará com que haja encontros onde a música eletrônica será a forma de culto utilizada. A Igreja do Trance Divino, é destituída de qualquer forma de preconceito e adota como lema, a verdade, a bondade e a beleza [...] (PRAYAS, 2006).

⁴⁷ A partir da década de sessenta emergiram movimentos de contracultura, como os movimentos feministas, antirracistas e pacifistas. Neste período de efervescência social a ligação com o Ocidente e o Oriente se embriona através dos ideais pacifistas do hinduísmo e do budismo. Nesse contexto, o Estado de Goa localizado na costa indiana, um local paradisíaco, tinha a produção e consumo da *cannabis* permitida. Jovens de várias partes do mundo se reuniram na região com objetivo de alcançar uma espiritualidade e participar dos eventos nas praias, dando origem ao estilo *Goa Trance*, que influenciou os jovens alemães e foi se difundindo pelo mundo ocidental. Goa tornou-se um local turístico e alvo do tráfico de drogas, uma espécie de Ibiza asiática.

A ITD⁴⁸ surgiu de uma reunião de amigos, mas alcançou visibilidade nacional, principalmente nas redes sociais, com suas ramificações nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Bahia.

Um aspecto comum às diversas “tribos” que vivem em Alto Paraíso é a defesa da flexibilização do trabalho formal, uma vez que, no caso dos seguidores de Osho, é comum ficar um ano ou mais tempo sem trabalhar, visitando algum país estrangeiro. Muitos são empresários ou herdeiros de consideráveis fortunas que abandonam o trabalho formal nas grandes cidades e partem para uma vida mais tranquila e mais próxima da natureza para cuidar do “eu” interior. Em muitos casos, esses indivíduos mantêm seus recebimentos financeiros mensais. Outros radicalizam o rompimento com o mercado formal, como os *hippies*, que procuram viver de seu artesanato (Santos, 2013, p. 157).

Muitos dos estrangeiros que chegam a Alto Paraíso seguem a filosofia de Osho, que por sua vez, ensinava que desapego da vida material não significa a sua abominação. O indivíduo na atualidade, que possui bens no sentido material, não tem preenchido a si mesmo com o que mais precisa, assim, continua buscando algo, sentindo uma “fome” espiritual. Osho pregava que se o indivíduo dispõe de toda uma tecnologia, é bom que venha a usufruir. O problema do consumismo é que o indivíduo se apega muito aos bens de consumo e sofre com medo de perdê-los. Ou seja, deve-se usufruir de tudo o que se pode conseguir na vida, mas sem se tornar dependente disso. Isso seria a liberdade para o guru indiano, não depender dos sistemas modernos abstratos, pois tudo se transforma.

É pertinente para conhecer o estilo de vida dessas “tribos”, a pesquisa de Santos (2013) sobre o cotidiano de uma “família” constituída por indivíduos de diversas nacionalidades estabelecidos em Alto Paraíso, sob a filosofia da Nova Era. Essa família conforme Santos (2013) se concretiza através de palavras, contato físico, reciprocidade, compartilhamento de uma mesma filosofia e experiências em grupo, formando uma espécie de comunidade alternativa, lembrando também as formações de agrupamentos afetivos que tecem um convívio social (Mafessoli, 1998). Ela não necessita necessariamente ser formada pelas predeterminações biológicas, transcendendo as concepções tradicionais do que é o amor. “Uma moradora de Alto Paraíso explica que sua *família* é como uma ‘rede de bons amigos’. Podemos chamar essa ‘rede’ de uma ‘rede-família’ ” (SANTOS, 2013, p. 38). Essa família demonstra

⁴⁸ Apesar de muitos acreditarem que o grupo pode ser uma espécie de “brincadeira”, questão que nenhum dos membros deixa clara, a instituição tem inscrição em CNPJ e realiza encontros entre seus integrantes.

uma múltipla identidade, na medida em que conjuga indivíduos de diversas culturas, que também é flexível sobre a chegada, permanência ou partida dos membros.

Muitos indivíduos abandonaram os grandes centros urbanos para se estabelecer em regiões interioranas, como a Chapada dos Veadeiros, a Chapada dos Guimarães e a Chapada Diamantina. Desta forma, estas regiões tornam-se locais de convivência cosmopolita⁴⁹, na medida em que recebem este contingente heterogêneo cultural.

No âmbito da formação de diversas concepções de família, existem as formações das “famílias comunitárias”, um exemplo delas em Alto Paraíso é o Grupo Deus Mãe (GDM). A origem do grupo remonta ao ano de 1990, em Manaus, quando

Um grupo de pessoas, que se intitularam *Homens e Mulheres de Boa Vontade*, se reuniram e decidiram que iriam efetivamente acreditar no Ser humano e que colocariam, a partir de então, como objetivo principal de suas vidas, a transformação consciente e planejada de si mesmos e também de seus semelhantes que aceitassem participar livremente desse processo (GDM, 2014).

Cinco famílias amazonenses formaram uma família comunitária e mudaram sua sede para Alto Paraíso de Goiás por causa dos cristais existentes na região. O grupo é administrado por um Conselho Comunitário, composto por adultos que decidem todas as questões materiais. Apresenta-se como um grupo de orientação cristã, espiritualista e mediúnic, conforme informações que os líderes concederam em entrevista informal. Para compreender melhor o funcionamento desta vida comunitária, o GDM esclarece que:

Na Família Comunitária GDM, todos os bens, salários e ganhos de quaisquer espécies são de uso e gozo da coletividade. Os membros trabalham nos diferentes ramos da economia dentro e fora da família; as crianças e os jovens estudam em escolas públicas ou particulares e no restante do dia brincam com seus companheiros de idade. Estudam e divertem-se até a conclusão do 3º grau, quando ingressam na economia interna ou externa para produzir e obter ganhos, os quais são compartilhados igualmente. Todos os homens e mulheres são pais e mães de todas as crianças e jovens, sem distinções consanguíneas. Uma só família fraterna, uma só religião ecumênica – todos são cristãos espiritualistas, independentemente da denominação religiosa que livremente professam (*Idem*, 2014).

Os movimentos contraculturais e a hibridização cultural romperam as fronteiras entre tradição e modernidade. Os indivíduos buscam uma emancipação dos regulamentos hegemônicos ocidentais, na medida em que vivem em uma comunidade de cooperação coletiva,

⁴⁹ “Cidades cosmopolitas, podem ser descritas como ‘interculturais’, não apenas locais de encontro, mas também sobreposições ou interseções entre culturas, nas quais o que começa como uma mistura acaba se transformando na criação de algo novo e diferente” (BURKE, 2003, p. 73).

possuem uma maior ligação com a terra e seus respectivos frutos. Por outro lado, para sobreviver, estes grupos mantêm o elemento tradicional da figura de um líder, o que leva à perseverança de uma certa hierarquia. Contudo, é ela que mantém uma organização e estruturação interna, fazendo com que estes grupos continuem existindo.

2.3 EM BUSCA DO HIBRIDISMO CULTURAL

Alto Paraíso, nos últimos anos, tem sido palco de muitas atrações culturais, que mudaram o cotidiano da cidade. Pessoas de várias culturas e religiões convivem entre si, o que traz intensas trocas culturais. É um local interessante para se compreender o hibridismo cultural, por ser marcado por convivências diversas: os grupos sociais tradicionais (antigos fazendeiros e produtores, comunidades quilombolas e indígenas) e os pós-modernos (*hippies* e alternativos).

Existe aparentemente uma divisão social em três categorias: os antigos moradores, cognominados de “nativos”; os “alternativos”⁵⁰, também alcunhados como “chegantes”, que se constituem em um grupo heterogêneo, associam-se aos movimentos contraculturais⁵¹ e são migrantes dos demais Estados do Brasil e outros países; e os visitantes e turistas⁵², que são as pessoas que permanecem curtas temporadas na cidade.

De acordo o Censo do IBGE de 2010, 2.082 moradores de Alto Paraíso eram provenientes de outros Estados do país, 51 dos moradores eram estrangeiros e 9 brasileiros naturalizados, do total da população de 6.885 habitantes.

Santos (2013, p. 215) em sua pesquisa detectou o número de 3.239 pessoas naturais do município e 3.646 que vieram de outros municípios do Brasil ou países (apresentando esse número mesclado entre migrantes e imigrantes). Ele encontrou moradores oriundos de trinta e seis nacionalidades distintas, dentre elas, norte-americanos, alemães, argentinos, croatas,

⁵⁰ Ambos os termos “nativos” e “alternativos” são naturalmente utilizados no linguajar dos moradores de Alto Paraíso, como se pode perceber tanto no cotidiano da cidade, quanto em pesquisas relacionadas, que também utilizam esses termos. Porém, eles serão mencionados no decorrer desta pesquisa sob aspas, no sentido de mostrar que são termos popularmente praticados.

⁵¹ Movimento cultural que teve seu ápice na década de sessenta, formado por jovens que começaram a contestar as convenções sociais e mobilizaram-se em prol de “mudar o mundo”. Estes jovens se sentiam reprimidos pelas famílias conservadoras e mobilizaram-se na criação de uma cultura alternativa contra o sistema da época. Esse ideal culminou no movimento *hippie*, que se expressou através de artistas e escritores. O “ser *hippie*” seria adotar um estilo de vida alternativo, expressando-se através de modos de vestir, comer, conviver socialmente e pensar.

⁵² O turista representa uma categoria mais restrita, designando aquele que deixa o seu local de origem para permanecer por mais de vinte e quatro horas em outra cidade, com objetivo de lazer, cultura, família e religião. O visitante, por sua vez, é uma categoria mais abrangente, constituindo todo aquele que deixa o seu local de origem por qualquer motivo e que não exerça atividade remunerada na região onde visita (Beni, 2001, p. 201). Desta forma, nesta pesquisa, opta-se por aplicar o termo visitante.

israelenses, russos, italianos, suíços, austríacos, persas, guatemaltecos, turcos, neozelandeses, holandeses, dentre outros. Contudo, o autor reitera que é complicado determinar com precisão o número de migrantes e imigrantes na região, devido à sua intensa mobilidade. Assim, muitos defendem que os dados do IBGE estão incorretos, por apresentarem um número expressivamente menor de estrangeiros.

As relações sociais entre os novos moradores e os antigos iniciam-se com relações de trabalho ou comércio. A chegada desses novos moradores mudou o ritmo de vida dos “nativos”, que no primeiro momento lhes receberam de forma pacífica. Os moradores da cidade acreditaram que essa chegada seria a responsável pelo desenvolvimento econômico da região. Valle (2001, p. 105) discorre que os primeiros migrantes construíram suas moradias semelhantes aos padrões locais, respeitaram a cultura dos “nativos” e procuraram se articular com as populações locais em vários aspectos, como no linguajar e em compartilhar atividades conjuntas. Não há registros de que eles teriam sofrido alguma repulsão ou repressão por parte dos “nativos” (Santos, 2013, p. 218).

E por outro lado, essa interação gera conflitos e oportunidades nas relações de trabalho. Os nativos enxergam nesses novos moradores uma boa oportunidade de emprego. Quando os estrangeiros ou migrantes aproximam-se da região promovendo postos de trabalho são bem vistos. Aqueles empregos que concedem uma melhor remuneração acabam sendo preenchidos por eles próprios, que possuem mais estudo e qualificação que os “nativos” (*Ibidem*, p. 222).

Quando os esotéricos chegam à região trazendo trabalho para os nativos, eles são bem vistos, mas com a diminuição da oferta de trabalho e com o isolamento que essas comunidades mantêm com o mundo exterior, os nativos passam a interpretá-las sob um véu nebuloso (FLEISCHER & FALEIRO, 2012, p. 265).

As ONGs têm presença forte na cidade, sendo iniciativas dos “alternativos”. A Fazenda-escola *Bona Espero*, a Cidade da Fraternidade, a Escola Vila Verde (Instituto Caminho do Meio), Centro de Vivências Crescer e o Instituto Oca Brasil são associações que, dentre outras, visam alcançar as crianças carentes e promover um ensino integral, que garanta uma formação social, cultural e ecológica. Essas ações promovem apoio às crianças que não têm condições ou bases familiares, a exercerem seus direitos de cidadania.

A cidade ainda não possui uma universidade, mas tem um polo de Ensino a Distância através da Universidade Aberta do Brasil, que oferece cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Goiás, Universidade Estadual de Goiás e Universidade de Brasília. O

projeto de uma universidade presencial está em andamento, por meio de uma iniciativa de empresários da região.

Alguns moradores antigos afirmam que a cidade tem sido alvo da chegada de drogas ilícitas, visto que encontra forte público consumidor. Eles atribuem à chegada dos migrantes uma série de problemas sociais:

Se por um lado, a população local considera positivo compartilhar o espaço com os migrantes, pois considera-os responsáveis pelo progresso alcançado pelos municípios, por outro, são reticentes, quando se expressam sobre o modo de vida dos novos habitantes, uma vez que consideram bastante diferentes dos seus [...] acusam que determinados problemas, próprios das grandes cidades, foram introduzidos pelos novos moradores, como, por exemplo, o uso de tóxicos (SILVA, 1998, p. 210).

Isso porque em 2014, quando aconteceu um festival de música eletrônica na cidade, vinte e cinco pessoas que estavam no evento, foram levadas para a Delegacia de Alto Paraíso sob a suspeita de uso e tráfico de drogas. Nestes festivais é muito comum encontrar o uso de tóxicos e muitas pessoas que vem “de fora” alimentam o comércio na região.

Não há como negar que a chegada desses migrantes desencadeou um intenso desenvolvimento econômico na região, mas, como todo crescimento urbano no Brasil, trouxe consigo uma série de problemas estruturais⁵³.

O processo migratório deu origem a forte especulação imobiliária e a um nítido aumento do custo de vida, criando dificuldades para a população local – de parques recursos [...] O fenômeno do êxodo rural – transferência de pequenos produtores rurais para a cidade –, uma vez que perderam os benefícios do uso de terras – devolutas –, que eram utilizadas em comum para produzir ou coletar lenha, frutas e até mesmo ter acesso a água canalizada. Essa situação causou o adensamento do espaço urbano provocando o inchaço da cidade e a saturação da infraestrutura que já era precária e não respondia às demandas da população (*Ibidem*, p. 210).

Entretanto, são problemas que também fazem parte de todo o cenário brasileiro. Nesse sentido, Alto Paraíso não é diferente de outras cidades do interior. A sua peculiaridade reside em sua riqueza cultural híbrida apesar destes problemas sociais existirem.

A cidade atrai um expressivo contingente turístico em eventos que celebram as culturas tradicionais, o que representa no quesito lazer, um apropriado ponto de convergência entre os grupos sociais. O “Encontro de culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros”

⁵³ Conforme informações AGEHAB (2012), os setores Novo Horizonte, o setor rural Paranã, o Assentamento Silvio Rodrigues e o Assentamento ESUSA são considerados setores de baixa renda, com carência de emprego, sem infraestrutura, principalmente pelas moradias precárias, número expressivo de jovens usuários de drogas e situação de alta vulnerabilidade social. Porém, sabe-se que essas condições sociais não diferem de outros municípios do país, constituindo-se um problema de dimensão nacional.

(Figura 26) realizou sua 15ª edição em 2015. O evento acontece todos os anos no Distrito de São Jorge e tem atraído cerca de trinta mil visitantes. Trata-se de uma reinvenção da tradição da Chapada dos Veadeiros para transpor as fronteiras nacionais, um encontro que propõe o diálogo entre todas as culturas. Acontece durante o mês de julho, transformando a cidade em um centro multicultural do país, e atrai também pessoas de outros países. Na verdade, o que seria para mobilizar os grupos tradicionais, tornou-se um foco atrativo de turistas e “alternativos” que se interessam em participar de vivências nas aldeias multiétnicas e conhecer melhor os povos tradicionais da região.

O evento foi iniciativa da ONG Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, fundada em 1997 em São Jorge. A instituição sem fins lucrativos foi recebendo reconhecimento por suas atividades artísticas realizadas com os “nativos” da região, que visam à promoção de sua qualidade de vida, proteção ao meio ambiente e a preservação de suas raízes culturais. Possui um espaço físico para a realização de eventos, contando com o apoio de voluntários. Para o grande evento, a instituição angaria apoio e patrocínios oficiais.

Dentre as suas atrações estão a caçada da rainha (de Colinas do Sul); a catira (de Natividade e São João); a curradeira dos foliões de São João D’Aliança; sussa do sítio histórico kalunga; congo da comunidade de Niquelândia; aldeia multiétnica, que a cada edição recebe uma etnia, como os Kayapó, Yawalapiti ou Avá-canoeiro; congada de Monte Alegre; rodas de prosa que representam uma oportunidade para o público trocar experiências; encontro de capoeira Angola; encontro de culturas gastronômicas; e várias oficinas, como as de circo, conservação de sementes, acessórios étnicos, boneca de pano, dança sussa kalunga, percussão, origami, xilogravura, cato, dança afro, perna de pau, pífano, observação do céu, e identificação de ervas medicinais (XI Encontro de culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros, 2011).

É um evento que, apesar de ser recente, propõe reconhecer a diversidade cultural da região e incentivar a troca cultural. Na opinião de Salvi (2007b p. 51) “alguns elementos culturais, de viés tradicional, já são reconhecidamente novos, denotando a contribuição que o pensamento alternativo tem aportado à cultura local”. O fragmento de um folder em sua 11ª edição apresenta o objetivo do evento, valorizar a cultura “nativa”, mostrando que o diálogo com os “alternativos” promove uma nova cultura:

Não por acaso o Encontro de culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros nasce, cresce e se institucionaliza nos últimos doze anos, como parte da carga simbólica de um lugar muito especial sobre vários aspectos. Parque nacional, patrimônio natural da humanidade, reserva da biosfera, lugar onde ainda pulsam os últimos avá-canoeiro e onde reside a vida kalunga. Povos únicos. Retratos de um Brasil tradicional e contemporâneo. [...] Ele é também produto de uma nova cultura, de uma cultura que surge da convivência de nativos com alternativos que para São Jorge se mudaram [...] (XI ENCONTRO DE CULTURAS TRADICIONAIS DA CHAPADA DOS VEADEIROS, 2011, p. 01)

Dentre outros eventos relacionados às culturas tradicionais, destacam-se a Semana de São Jorge (Figura 27), que durante a semana do dia 23 de abril comemora o dia do santo e o aniversário da vila com espetáculos de música, performances e exibições de vídeo; o feriado municipal de Alto Paraíso, da padroeira, Nossa Senhora das Graças (27/11); a festa religiosa regional da Nossa Senhora da Conceição (08/12); o aniversário de Alto Paraíso, com uma festa tradicional (12/12); folia de reis (06/01); festa junina “São Jorge saúda São João” (22/06) e a Festa do Divino Espírito Santo (10/06). Esses eventos costumam atrair um público heterogêneo.

Muitos eventos, por sua vez, são frequentados em grande parte por alternativos e visitantes, como o Festival Alternativo do *Kranti* (Figura 28), que representa os festivais *trances*. Em seu cartaz percebe-se a valorização dos cristais da região da Chapada dos Veadeiros, o que mostra uma ligação entre a música e o esoterismo. O Festival Ilumina (Figura 29) por sua vez, também ligado à música, apresenta uma série de rituais que perpassam pelas recitações de mantras, danças circulares, ativação dos *kims*⁵⁴ do Sincronário da paz e meditações, apresentando uma forte característica espiritual.

Outros festivais de natureza alternativa são: Festival *YogaAstral*, Festival *Condor Eagle* de Medicina Sagrada, *Reveillon da Paz*, Festa *Rave – Trancendence*, *Moonstock* – Festival de Inverno de Alto Paraíso, Temporada *Sri Prem Baba*, Festival de Música Devocional na Gota, Semana *Aratukum*, *Self (Sacred Experiences Leading to Freedom)*, *Insight Festival* e *Saraval* Encontro das Artes. São festivais relacionados às novas religiosidades ou aspectos da contracultura, com os quais muitos dos nativos não se identificam.

⁵⁴ Uma espécie de horóscopo baseado no calendário maia, com alterações, conhecido como assinatura galáctica. De acordo a data de nascimento, o oráculo determina a personalidade e o destino de cada indivíduo.

Eventos híbridos em Alto Paraíso

Figura 26 – XV Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros



Fonte: Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros (2015). Disponível em: <http://www.encontrodeculturas.com.br/>. Acesso em agosto/2015.

Figura 27 – Semana de Jorge



Fonte: Portal de São Jorge (2009). Disponível em: http://www.portaldesaojorge.com.br/modules.php?name=News&new_topic=5. Acesso em novembro/2015.

Figura 28 – Festival Alternativo do *Kranti* de Música Eletrônica



Fonte: Psicodelia (2014). Disponível em: <http://psicodelia.org/noticias/festival-alternativo-do-kranti>. Acesso em novembro/2015.

Figura 29 – Festival Ilumina – Música vibrando cura



Fonte: Ilumina (2014). Disponível em: <http://iluminachapadadosveadeiros.blogspot.com.br/>. Acesso em novembro/2015.

São visíveis algumas disparidades e não-interação entre os dois grupos, através de aspectos tais como bares frequentados por “alternativos” e outros frequentados por “nativos”. As pizzarias, restaurantes e estabelecimentos comerciais mais conhecidos da cidade, na avenida principal, praticam preços altos em seus produtos, o que restringe o acesso de moradores locais que possuem menor condição financeira.

Pode-se dizer que existem hoje duas populações, até certo ponto apartadas uma da outra, vivendo em Alto Paraíso. Na rua principal encontramos em geral os que vieram de fora. Nas ruas paralelas e transversais mais afastadas, encontramos o povo oriundo da terra, que não frequenta a rua principal porque, muitas vezes, tem vergonha das suas roupas, dos seus calçados e até do seu modo de falar (FRANCO, 2006, p. 63).

A forma de se vestir e de pensar se mostra de forma díspar entre ambos. Um exemplo disso é a “Cachoeira do Banho Pelado”⁵⁵ (Figura 30), local onde há autorização para banhos nus. Os “alternativos” são os que mais frequentam a região, pela sua cultura do naturismo, que prega um retorno à natureza e a prática de nudismo em grupo. Essa prática do nudismo representaria uma postura de respeito do homem frente à natureza e a si mesmo. O naturismo torna a cachoeira um refúgio no ambiente do patriarcalismo goiano.

Um ponto de interação intensa entre os “nativos” e os “alternativos” é a Feira do produtor rural (Figura 31), situada frente à Prefeitura de Alto Paraíso. A feira é um empreendimento criado pela comunidade de produtores rurais do povoado do Moinho, que posteriormente recebeu a adesão de novos moradores em sua disposição e cooperação. A feira é aberta aos sábados no período matutino e às terças no período vespertino. Tornou-se uma atração turística dispondo de uma variedade de produtos à venda, como livros, comida típica goiana, comidas orgânicas, artesanato e vestuário. Os pequenos empreendedores recebem apoio do SEBRAE, e estabelecem uma amistosa relação com os empreendimentos dos novos moradores. O público consumidor da feira também é heterogêneo.

[...] Existe uma natural confluência de interesses entre certa produção nativa, e a demanda de consumo trazida pelos alternativos. Tal como a valorização das plantas medicinais da região e produtos naturais feitos a partir desta matéria-prima. Tentativas educacionais e até mesmo de ensino de terapias alternativas, tem tido algum respaldo na população local (SALVI, 2007b, p. 52).

⁵⁵ Localizada no Rio dos Macaquinhos, a 42 quilômetros do centro da cidade.

Locais de interação social em Alto Paraíso

Figura 30 – Cachoeira do Banho Pelado



Fonte: Portal das Cachoeiras (2015). Disponível em: <http://www.portaldascachoeiras.com/cachoeira/50/Cachoeira-Do-Banho-Pelado>. Acesso em agosto/2015.

Figura 31 – Feira do produtor rural



Fonte: Autoria própria (2015).

No campo da política, o atual prefeito da cidade, Alan Gonçalves Barbosa, eleito em 2012 com 2.365 votos, já foi vereador, presidente da Câmara e vice-prefeito na administração de Divaldo William Rinco⁵⁶. Sua família é reconhecida na cidade por serviços que já prestaram à comunidade altoparaísense.

Alan é ex-presidente do Rotary Club⁵⁷ de Alto Paraíso, e seu pai, Jair Pereira Barbosa, ex-prefeito de Alto Paraíso, é sócio honorário da associação ao lado da ex-primeira dama, Aurora Gonçalves Barbosa. Jair Barbosa também é maçom, juntamente ao atual Secretário de Administração e Finanças, Martinho Mendes da Silva.

O anterior prefeito Divaldo Rinco, por sua vez, chegou ao município com a sua família no ano de 1964, aos quatro anos de idade. Sua família é responsável pela implantação da instituição espiritualista e ONG Cidade da Fraternidade. Outro político que também tem ligações com os movimentos alternativos na cidade é o ex-vice-prefeito Augusto Vinholis,

⁵⁶ O ex-prefeito de Alto Paraíso foi assassinado no dia 02 de setembro de 2010, aos cinquenta anos de idade e exercendo o seu terceiro mandato na Prefeitura. Ele foi baleado em frente a um bar no bairro Cidade Alta. Houve rumores de que o crime teria motivos políticos. A questão é que o caso chocou a pequena cidade que não estava acostumada com homicídios de tal porte.

⁵⁷ “Organização internacional com 1,2 milhão de associados e presença em 207 países. O nome *Rotary* sugere a prática de rodízios de reuniões nos polos de cada associado. Foi fundado em 1905 pelo advogado norte-americano Paul P. Harris. Algumas personalidades rotarianas estão presentes em lideranças políticas e empresariais de todo o mundo. “O *Rotary Club*, é um Clube de Profissionais, que congrega líderes das comunidades em que vivem ou atuam, fomentando um elevado padrão de ética ajudando a estabelecer a paz e a boa vontade no mundo, e que prestam serviços voluntários não remunerados em favor da sociedade [...] O *Rotary*, é a maior ONG – Organização não governamental do mundo, e se identifica sempre por uma marca, logotipo, que é uma Roda Denteada” (ZACHARIAS, 2015).

médico naturalista reconhecido internacionalmente. O médico construiu uma casa de superadobe, antissísmica, destinada a suportar desastres naturais. Tornou-se afamado no período em que se polemizava sobre o fim do mundo em 2012.

Isso mostra a força que esses grupos alternativos possuem na cidade. Dentre os atuais nove vereadores eleitos em 2012, quatro deles são naturais de outras cidades. Esses dados mostram que os novos moradores se infiltraram nos setores da sociedade exercendo destaque, mas isso não excluiu totalmente os “nativos”. Pelo número de votos dos prefeitos, percebe-se que eles recebem respaldo da sociedade local.

No campo estético, os monumentos existentes na cidade representam muitas das culturas presentes. Dois monumentos representam a cultura e a história local. O primeiro ilustrado, que representa um kalunga (Figura 32), marca a presença das representações que celebram as culturas nativas da região, que convivem com a diversidade das representações esotéricas, mostrando o quanto a estética de Alto Paraíso é híbrida.

O segundo monumento é a estátua do Ary Ribeiro Valadão Filho (Figura 33), também conhecido como Aryzinho, que realiza uma homenagem às ações desenvolvidas por ele durante os projetos do seu pai, o ex-governador Ary Ribeiro Valadão. A morte trágica de Ary Filho causou comoção e batizou o nome da avenida principal da cidade, Av. Ary Ribeiro Valadão Filho, inclusive, a estátua se localiza no início da avenida. Sua morte causou angústia a grande parte da população de Alto Paraíso, porque o acidente ocorreu nos arredores da região e de forma violenta. Os corpos de Ary Filho e três de seus companheiros foram consumidos por queimaduras, que os levaram à morte dentro de três dias. Luiz Lima fez uma linda homenagem à estátua de Aryzinho em sua obra *Entre cimos nublados uma solidão selvagem* (2009):

A mochila que Aryzinho traz às costas, além de imaginária e colorida, carrega os sonhos de uma nova era. Aos poucos vai metamorfoseando-se em gigantescas asas brancas. Agora Ary já não é mais estátua. É Ícaro liberto do bronze, rumo ao firmamento. Zênite! De um lado para o outro, desgrudando-se do pedestal, como um Carlitos Espacial, a estátua, agora corpo vivo, meio homem, meio pássaro, batendo as asas, ergue-se em arrebatamento mágico pela vastidão do éter sem fim (p. 65).

Hibridismo nos monumentos – Monumentos que celebram a história local

Figura 32 – O Kalunga



Fonte: Autoria própria (2015).

Figura 33 – Estátua de Ary Valadão Filho



Fonte: Autoria própria (2015).

Dois monumentos celebram as culturas “chegantes” na região. O primeiro deles é um Obelisco que está na Praça da Paz (Figura 34), construído no ano de 1993. O monumento apresenta um símbolo que carrega consigo toda uma história. Em 1935 este símbolo, de origem hindu, formado por três pequenas esferas dentro de um círculo, foi escolhido para representar o Pacto *Roerich*, que garantia em tempos de guerra, que todos os monumentos e museus deveriam ser preservados. O lema do pacto seria “Onde há paz, há cultura. Onde há cultura, há paz”. Os três círculos no centro simbolizam a arte, a ciência e a espiritualidade, que estão envoltas pelo círculo que simboliza a cultura. Outra interpretação é que seria uma representação do próprio ser humano, em que as três esferas representariam o físico, o espírito e a mente, circundadas pelo círculo de livre-arbítrio. Apesar de referir-se à importância da cultura de todas as nações, selando a paz entre todas elas, o símbolo também fora apropriado pelos movimentos ambientalistas com o objetivo de representar além da proteção ao patrimônio cultural, incluir o patrimônio ambiental do planeta.

O segundo monumento ilustrado, símbolo do *Rotary Club* (Figura 35), celebra a presença deste grupo que chegou à cidade no ano 2000, marcando a presença de vários empresários que trabalham em ações sociais e outras iniciativas em prol do desenvolvimento social e econômico.

Hibridismo nos monumentos – Monumentos que celebram as culturas chegantes

Figura 34 – Praça da Paz



Fonte: Autoria própria (2015).

Figura 35 – Monumento do Rotary Club



Fonte: Autoria própria (2015).

Após a chegada dos movimentos alternativos e esotéricos à região, originou-se uma nova estética, com a construção de uma arquitetura fora do padrão das residências dos “nativos”. As construções com formatos de *domus* (Figura 36) são numerosas na cidade e apresentam um estilo alternativo de construção. São adaptáveis a vários tipos de climas, fornecendo uma circulação de ar natural e baixo consumo de energia. Esse estilo de construção é feito em vários países, como no Japão, na Tailândia, no Canadá e nos Estados Unidos. A *Dome House* é uma construção modular de poliestireno expandido (isopor) que não enferruja, não atrai cupins e não sofre corrosões. É altamente resistente a desastres naturais. O objetivo destas construções é ser eficiente sem agredir o meio ambiente, sendo uma alternativa sustentável e ecologicamente viável.

Também existem outros estilos de casas ecossustentáveis (Figura 37) e de baixo custo em Alto Paraíso. A sua composição de adobe, o telhado de palha, e madeiras no revestimento externo, mostra o interesse em reaproveitamento de materiais locais. Esse estilo de construção pode ser chamado de “arquitetura vernacular”, que é aquela em que se emprega recursos oriundos da região onde foi construída. Elas se adequam ao meio onde foram implantadas.

Arquitetura híbrida em Alto Paraíso – Edificações alternativas

Figura 36 – Formato de *domus*



Foto de Antônia Canto (2007). Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/5283724>. Acesso em novembro/2015.

Figura 37 – Casa ecossustentável



Fonte: Autoria própria (2015).

Alto Paraíso, desta forma, apresenta uma arquitetura híbrida, quando se defronta estilos alternativos com as casas tradicionais (Figura 38), que coexistem em uma paisagem dinâmica. Muitas destas casas tradicionais também passaram por um processo de interação com a cultura alternativa de alguma forma, como as casas em que foram feitas pinturas murais. O artista goiano Wés Gama é o autor do mural ilustrado (Figura 39) que foi desenvolvido no ano de 2012 com a técnica do spray. Na sua opinião: “Seu tema representa a religiosidade e a natureza, que são detalhes que às vezes se destacam na cidade” (GAMA, 2015).

Arquitetura híbrida em Alto Paraíso – Edificações nativas

Figura 38 – Casa tradicional



Fonte: Aemeap (sem data). Disponível em: <http://aemeap.blogspot.com.br/>. Acesso em novembro/2015.

Figura 39 – Pinturas murais em casas



Fonte: Autoria própria (2014).

Pode-se considerar estes elementos como exemplos do que Burke (2003) denomina de hibridismo arquitetônico e da imagem que representa um processo de apropriação e adaptação. A arquitetura pode apresentar muitos exemplos de artefatos híbridos que por sua vez, representam as afinidades ou convergências entre as imagens oriundas de diversas culturas.

Também no campo artístico, o hibridismo cultural é visível em muitos murais da cidade. Dois exemplos são os murais do matuto (Figura 40) localizado na Feira do produtor rural e o mural da Kalunga namoradeira (Figura 41) localizado em frente à praça do turista, ambos de autoria de Wés Gama. Os murais foram feitos no ano de 2014 com a técnica de tinta spray e acrílica. Sobre o mural do matuto o artista descreve que:

O layout foi criado por mim e contei com a colaboração de outro artista goiano, Mateus Dutra. O Matuto me representa a essência do ser humano, e ao mesmo tempo o futuro! Aquele estilo de vida é o futuro, a vida simples e direta com a natureza e com você mesmo [...] Fomos convidados a pintar o mural através do Pedro, um amigo que trabalha com o pessoal da associação dos agricultores. Geralmente pinto por conta própria (GAMA, 2015).

Esse discurso do artista representa uma idealização do matuto, uma forma de nostalgia. O matuto é visto como um modelo de vida para o ser humano, pela sua vida simples e relação íntima com a natureza. O pós-modernismo é repleto destas formas de pastiche, que ao retomar a cultura tradicional regional, traz uma nostalgia ao estilo de vida do homem do campo.

Murais em Alto Paraíso que celebram a cultura tradicional

Figura 40 – “Mural do Matuto”



Fonte: Autoria própria (2015).
Arte de Wés Gama e Mateus Dutra (2014).

Figura 41 – “A Kalunga namoradeira”



Fonte: Autoria própria (2015).
Arte de Wés Gama (2014).

Existe uma adaptação dos indivíduos que chegam (no caso os “alternativos” e estrangeiros em Alto Paraíso) ao novo contexto social, porém, as mudanças são dos dois lados. Salvi demonstra uma preocupação em relação ao hibridismo em Alto Paraíso:

[...] Muita gente renega a própria cultura e procura adotar outra, porém de uma forma fragmentada e seletiva, deixando vazios em muitas coisas. Podemos chamar a isto de ótica amadorística da espiritualidade, quiçá burguesa e diletante, superficial e até “filosófica” se se quer, que adquire bem mais o caráter de terapia, para auxiliar a enfrentar um cotidiano pesado ou as próprias angústias do ser. Como isto nunca é suficiente, a pessoa jamais se realiza realmente, mesmo porque a descontextualização também a isola ou dessocializa. Como resultado, permanece “pulando de galho-em-galho”, como se diz, e sucumbe facilmente ao apelo das drogas (SALVI, 2015).

A partir desse depoimento pode-se perceber que esse encontro de culturas distintas, além de seus pontos positivos, também gerou conflitos; é o que se presencia nas divergências socioculturais e econômicas entre os antigos moradores da cidade e os novos moradores. Essa relação se mostra de forma contraditória à medida que por um lado, para os místicos esse é o desafio da Nova Era, promover uma sociedade multicultural na qual há a convivência pacífica, interacionista e não excludente. Acreditam ainda que é na diferença que há construção, colaboração e compreensão, para que não se aprenda apenas a aceitar o outro e sim, a amá-lo. Contudo, mantiveram-se nas posições mais altas da sociedade altoparaíense.

Norbert Elias e John L. Scotson (2000) realizaram uma pesquisa sociológica em uma pequena comunidade no interior da Inglaterra, que culminou na publicação da obra *Os estabelecidos e os outsiders*. Eles investigaram a relação entre um grupo antigo estabelecido (*establishment*) na região e um grupo novo de migrantes, os *outsiders*⁵⁸.

O grupo estabelecido se autorepresentava como superior aos *outsiders*, eram de famílias antigas, ocupavam os mais altos cargos e recusavam manter contato com os novos moradores. Enxergavam-nos como indivíduos que não poderiam se inserir em seu grupo social. Fatores como antiguidade da associação, grau de coesão e integração grupal e sentimento de pertencimento eram suficientes para justificar esse sentimento superior. Essas questões aliavam-se ao fato de os recém-chegados não formarem um grupo homogêneo, unido e constituírem-se um grupo minoritário. Eles eram vistos como uma ameaça ao estilo de vida dos estabelecidos - anômicos, quebradores de normas e tabus, desordeiros e sujos. “Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído” (ELIAS & SCOTSON, 2012, p. 23). Porém, quando o grupo

⁵⁸ *Outsiders* na língua inglesa significa “forasteiros”. Compreendem um grupo heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais flexíveis (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 07).

outsider é necessário de alguma forma aos estabelecidos, cria-se um vínculo duplo, causando um equilíbrio do poder.

No caso de Alto Paraíso, não houve esse repúdio do “nativo” ao “alternativo” *outsider* na proporção documentada por Elias e Scotson na Inglaterra. Contudo, inegavelmente, houve no mínimo, um estranhamento cultural entre um grupo estabelecido e um recém-chegado, que comumente se dá de forma estigmatizada, seja em qual posição ambos estejam. A grande diferença é que, no caso de Alto Paraíso, foram os “chegantes” que estiveram em posição socioeconômica superior aos “nativos”. Ali, o *outsider* é o grupo que tem melhor condição financeira, apresenta uma união de ideais e podem circular pelas regiões mais centrais da cidade, pelo poder aquisitivo que acompanha os elevados preços, enquanto os estabelecidos não acompanham o crescimento econômico. Dependendo das políticas públicas, os estabelecidos ocupam os cargos de remuneração mais baixa e que exigem menor escolaridade. Essa relação de Elias & Scotson (2000) pode ser presenciada de forma contrária no contexto de Alto Paraíso.

Alto Paraíso abarcou uma intensa multiculturalidade, consequência da presença de diversas matrizes culturais, procedentes de outros estados do Brasil, e outros países como a Índia, Itália, Estados Unidos, Argentina, Suíça, Holanda, Áustria e Rússia. Do ponto de vista sociológico, pode-se afirmar que o local é marcado pela confluência de valores tradicionais e pós-modernos. Uma cidade híbrida, que se configura como um lugar privilegiado para o estudo cultural do mundo contemporâneo.

2.4 EM BUSCA DE NOVAS RELIGIOSIDADES

O município de Alto Paraíso é paradigmático das religiosidades pós-modernas, apesar de grande parte da população se constituir de católicos. É o que mostram os dados do IBGE através do último Censo (2010)⁵⁹ (Tabela 1). Contudo, nas áreas turísticas ou mais frequentadas pelos “alternativos” e visitantes, há o predomínio das simbologias das novas religiosidades, que se difundem pelas pousadas, restaurantes, e na avenida principal.

⁵⁹ O último censo realizado no município foi no ano de 2010, por isso, os dados estatísticos de religiosidades não estão atualizados, podendo apresentar variações.

Tabela 1 – Estatísticas das religiosidades em Alto Paraíso

Religião	1970 ⁶⁰ (2.775 hab.)	1980 ⁶¹ (2.721 hab.)	1991 (4.194 hab.)	2000 (6.182 hab.)	2010 (6.885 hab.)
Catolicismo	95,5%	90,5%	70,03%	67,22%	51%
Protestantismo	2,5%	4,2%	15,47%	14,74%	23,07%
Espírita	2%	4,6%	5,08%	3,48%	3,59%
Outras religiões cristãs	-	-	0,21%	0,19%	1,35%
Afro-brasileiras	-	-	0,36%	-	0,89%
Orientais	-	-	0,05%	0,45%	0,6%
Espiritualista	-	-	-	0,98%	1,67%
Tradições Esotéricas	-	-	-	3,75%	0,19%
Tradições indígenas	-	-	-	-	0,33%
Outras religiões	3 pessoas	6 pessoas	0,67%	-	-
Religião não determinada	-	-	-	-	1,39%
Agnosticismo	-	-	-	-	2,05%
Sem religião	-	6 pessoas	7,63%	8,51%	14,13%
Ateísmo	-	-	-	-	0,14%
Sem declaração	-	-	0,50%	0,67%	-

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2014); Censo Demográfico de Goiás 1970 / 1980 com adaptações. Disponível em: http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/default.asp?z=t&o=3&i=P;http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t23_go.pdf;http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/72/cd_1980_v1_t4_n25_go.pdf. Acesso em: julho/2015.

A partir da tabela 1 pode-se perceber que, apesar de o catolicismo ser maioria, ele apresentou uma queda no percentual a partir do ano de 1970 até o ano de 2010, reduzindo de 95,5% para praticamente metade da população residente. Essa média de católicos em Alto Paraíso está abaixo dos percentuais no Estado de Goiás (65,42%) e no Brasil (64,6%). Outra questão que deve ser levada em consideração é o crescimento do número de “crentes não praticantes” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 42) que apesar da maior parte da população se autodenominar católica, boa parte dela passa por um processo de ruptura entre crença e prática.

O catolicismo no Brasil perdeu espaço para as religiões evangélicas, que em 2010 alcançaram 22,2% da população. Em Alto Paraíso, as religiões evangélicas chegaram a 23,07%,

⁶⁰ O primeiro Censo realizado em Alto Paraíso como município foi em 1960, porém, os dados sobre religião não foram especificados. Por isso, optou-se por analisar esse crescimento a partir do ano de 1970.

⁶¹ Houve uma desestabilização do crescimento populacional na passagem da década de setenta para oitenta, havendo uma redução no número da população total, ao passo que a urbana aumentou. Isso significa o processo de êxodo rural que escoou para Brasília (Albuquerque, 1998, p. 242).

próximo da média nacional. O Estado de Goiás emerge com um maior percentual, de 28,1% (Censo IBGE 2010).

Segundo as pesquisas de religiosidade no IBGE, os evangélicos e os sem religião são os grupos que mais têm crescido nos últimos anos na cidade. Inclusive, no povoado do Moinho, cerca de 90% da comunidade é adepta da Comunidade Evangélica Projeto de Deus, uma população anteriormente católica em sua maioria (Campos, 2008, p. 80).

Esses dados demonstram o declínio das religiões tradicionais, ilustrando uma primeira característica do panorama religioso pós-moderno. Por outro lado, os grupos neopentecostais tiveram um aumento vertiginoso nos últimos anos, o que mostra uma pluralização, fragmentação e adaptação dessas religiosidades no contexto religioso.

A segunda característica a ser destacada, quiçá a mais importante, é a pluralização religiosa, representada na tabela pelo aparecimento de pessoas a partir do ano de 1991 que se autodefinem adeptas das religiões afro-brasileiras, orientais, outras religiões ou que se definem sem religião. No ano de 2010 também aparecem declarações de outras religiosidades, como os espiritualistas, as tradições esotéricas, indígenas, declaração de religião não determinada ou múltiplo pertencimento, os agnósticos e os ateus. O número de pessoas sem religião em Alto Paraíso (14,13%) é expressivamente maior que a média do Estado de Goiás (8,1%). O número de ateus em Goiás (0,49%) por sua vez, é maior que a média do município (0,14%).

Há uma tendência a diversificação de escolhas dentro dos grupos migrantes em Alto Paraíso, como afirma um morador: “[...] Aqui o cristianismo é minoria né, entre os migrantes, ‘minorisíssima’ aliás. Está mais nos nativos. Os migrantes estão instrumentalizados com visões espirituais com bases no Oriente ... o budismo, taoísmo, hinduísmo” (LIMA, 2015).

No Brasil, percebe-se uma tendência ao trânsito de fiéis por variadas denominações, sendo a terceira característica do ambiente pós-moderno apontada. Essa questão foi constatada pelos sociólogos brasileiros Menezes & Teixeira (2013), que reuniram em uma obra várias pesquisas que analisam os dados do Censo de 2010 sobre as religiões no Brasil. Estas pesquisas analisaram esses resultados do Censo dialogando também com o panorama internacional, a partir das análises dos dados apresentados pelo *Pew Research Center*⁶², que por sua vez, realizou pesquisas sobre as religiões mundiais e também foi divulgado no ano de 2012. Desta forma, as pesquisas de Menezes e Teixeira (2013) mostram o panorama de um país que tem surpreendido em sua dinâmica de transformações no campo religioso. Apesar de seus limites,

⁶² Organização sem fins lucrativos norte-americana que desenvolve pesquisas sobre várias tendências da sociedade.

o Censo apresenta dados que comprovam um processo de pluralização e diversificação religiosa, uma intensificação do trânsito religioso, adesões voluntárias e flexíveis.

Essa liberdade de escolha religiosa representa um período em que

Os indivíduos fazem valer sua liberdade de escolha, cada qual retendo para si as práticas e as crenças que lhe convém [...] Elas são triadas, remanejadas e, geralmente, livremente combinadas a temas emprestados de outras religiões ou de correntes de pensamento de caráter místico ou esotérico (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 43)

Nesse processo de flexibilização religiosa, o indivíduo também opta por não participar de qualquer desses agrupamentos. São indivíduos que se desprenderam dos vínculos institucionais, em um processo de redefinição de identidade. Muitos destes se desligaram de uma religião tradicional, buscando por uma religiosidade própria. Isso porque as prioridades mudam durante as fases da vida. Um fiel ou um adepto pode aderir a variadas formas de religiosidade e a partir daí as instituições religiosas têm procurado adaptar-se a essas mudanças (Bauman, 2007, p. 89).

Neste contexto, emerge uma autonomia do homem em sua espiritualidade, na medida em que a adesão de um indivíduo a um grupo religioso não é algo pré-determinado socialmente. Para Bauman (2007) cada indivíduo acredita em seu próprio deus, podendo também mudar de crenças e valores, na medida em que desenvolve a sua fé sem a necessidade de uma doutrina específica, interpretando o mundo que o cerca de uma forma pessoal. Esse fato representa o enfraquecimento das tradicionalidades religiosas e a proliferação de migrações religiosas.

A flexibilização religiosa também é ilustrada pelo crescimento no número de agnósticos. São pessoas que não herdaram de família esta posição filosófica, sendo muitos nascidos em berços cristãos, e que durante a sua vida desenvolveram sua própria identidade em relação àquilo que conheceram e não concordaram. O termo agnóstico deriva do grego *agnostos*, que significa, “não conhecimento” ou “não cognoscível”. A palavra resulta na junção do termo de negação “a” com a palavra *gnosis*, que significa conhecimento.

Agnosticismo é a afirmação de desconhecimento a respeito da veracidade de uma proposição. Em outras palavras, o agnóstico afirma que a questão da existência de divindades ainda não foi decidida, ou não pode ser decidida. A rigor, o agnosticismo pode se referir a qualquer afirmação, mas em geral a palavra se refere a ideias metafísicas, particularmente à existência de deuses (ATEA, 2015).

Aponta-se uma quarta característica – a orientalização do Ocidente – que aparece de várias formas, como nas simbologias presentes nas vestimentas, a influência na alimentação, no cuidado com o corpo e nas medicinas alternativas. Em Alto Paraíso os símbolos orientais

estão por toda a parte, em clínicas veterinárias, no comércio, em pousadas e em centros de meditação. A pintura mural de uma clínica veterinária (Figura 41) apresenta um gato que remete à figura de Buda. Ele está em posição de meditação e sobre uma flor de lótus, que, inclusive, é uma característica muito comum nas representações de divindades budistas. A sua mão levantada significa “boa saúde”. A lótus simboliza a iluminação e pureza espiritual para o budismo. As mitologias budistas contam que por onde Buda caminhava flores de lótus desabrochavam. A flor simboliza o indivíduo que ainda não atingiu a iluminação espiritual quando ainda está fechada, pois quando se abre, significa que ele a alcançou. Pode-se compreender neste mural a valorização dos animais como seres divinos, algo também defendido pelas filosofias budistas.

A simbologia do *Yin-yang* (Figura 42), no comércio da cidade representa a valorização das religiosidades orientais, como o Taoísmo. No Taoísmo, o *Yin-yang* simboliza a força geradora, com duas energias opostas. O *yin* é a escuridão, o *yang* é a luz. Essas duas forças garantem o equilíbrio, como a dualidade entre sol e lua, o homem e a mulher, na qual os antagonismos são complementares.

A miniatura do Buda reclinado de Bangkok na Pousada Rubi Violeta (Figura 43), por sua vez, faz uma referência ao Templo *Wat Pho*, situado na capital da Tailândia. O monumento é uma figura do Buda em uma posição reclinada, medindo 43 metros. As solas dos seus pés são feitas de madrepérola e toda a estátua é folheada a ouro. A estátua de Buda no espaço de meditação Gota (Figura 44), comprada diretamente dos monges tibetanos, foi trazida em 2003.

Símbolos orientais em Alto Paraíso

Figura 41 – O gato budista



Fonte: José Loures (2014).

Figura 42 – *Yin-yang*



Fonte: Autoria própria (2015).

Figura 43 – Miniatura do Buda reclinado



Fonte: Autoria própria (2015).

Figura 44 – Estátua de Buda



Fonte: Autoria própria (2015).

Como se pode perceber, uma tendência das novas religiosidades é retomar aspectos das religiões orientais, como também é o caso do guru Sri Prem Baba em Alto Paraíso. Seu nome de batismo é Janderson Fernandes de Oliveira. Nasceu em São Paulo e cresceu em um ambiente permeado por religiosidades diversas. Desde criança ele já passava por experiências espirituais que não sabia explicar. Durante sua adolescência ele praticava *yoga*, meditações e artes marciais. Em sua vida adulta estudou na Escola Gnóstica do Mestre Samael Aum Weor, onde desenvolveu a concentração e a meditação, aprendeu psicologia gnóstica, ocultismo, tantrismo e terapia dos elementos. Ele se formou em Medicina chinesa e naturopatia. Também entrou em contato com os ensinamentos do mestre Osho. Aos trinta e três anos de idade foi à cidade de Rishikesh, na Índia, acreditando que havia recebido uma mensagem divina para ali estar. Lá, ele esteve sob os ensinamentos de Sri Hans Raj Maharajji, que foi o seu guia espiritual (Sri Prem Baba, 2015).

Após toda essa formação espiritual, o guru dedicou sua vida a estabelecer uma ligação entre o Ocidente e o Oriente e entre a ciência e a espiritualidade. Foi se tornando reconhecido internacionalmente, em suas passagens pela Índia, Estados Unidos, Brasil, Argentina, Israel e vários lugares da Europa. Além dos trabalhos espirituais, ele tem se dedicado a projetos sociais, políticos, ações ambientais e educacionais. Em 2011 o guru criou uma ONG chamada *Awaken Love Action*, com o objetivo de despertar a humanidade para uma cultura de paz e prosperidade através de ações educativas. Prem Baba lidera os retiros espirituais que acontecem anualmente no Novo Portal da Chapada, situado a nove quilômetros de Alto Paraíso, um local com piscinas de água corrente, áreas de *camping*, chalés, restaurante, salões de atividades, *satsang* e um redário. Neste local, os eventos relacionados ao *Awaken Love Action*, com temporadas em datas

pré-definidas, reúnem uma quantidade significativa de participantes de diversas partes do Brasil e do mundo (*Ibidem*, 2015).

Uma quinta característica a ser apontada é o retorno do paganismo⁶³. O processo de renascimento do paganismo, no qual a religião se reaproxima da magia, representa um processo de afastamento dos elementos básicos da religiosidade tradicional. Para Maffesoli (1998) a modernidade era caracterizada pelo “monoteísmo de valores” e pela tradição inabalável, cientificista. Esse ideal cedeu lugar ao “politeísmo de valores”, com o surgimento do tribalismo, o retorno do paganismo e da mitologia, ressignificando crenças e costumes, que neste momento passam a ser efêmeros (p. 152).

Neste contexto ressurgem também o sentimento tribal de pertencimento, o retorno ao imaginário e emocional, o nomadismo e o sentimento comunitário. Um exemplo empírico em Alto Paraíso do renascimento do paganismo é a presença do grupo denominado “Sagrado Feminino – Chapada dos Veadeiros”. É formado por mulheres que estudam e praticam o “Sagrado Feminino”, uma forma de espiritualidade e conexão com a natureza e o universo. Praticam *yoga*, meditação, alimentação detox, alinhamentos dos *chakras*, e outros ritos em círculos nas fogueiras. O número de membros na rede social *Facebook* está acima de três mil, visto que agregam mulheres de várias partes do Brasil, que também praticam em suas cidades. Em seu discurso, o grupo defende que:

As mulheres estão muito feridas e desconectadas de sua natureza interior, muitas agem atualmente regidas pela energia masculina e sofrem uma grande pressão da sociedade e também interior para serem as melhores em tudo: super mães, super esposas, super profissionais, super donas de casas, etc. o que as deixa esgotadas, estressadas, insatisfeitas, doentes e infelizes. Esse encontro tem o intuito de festejar a sacralidade de ser mulher, proporcionar o contato novamente com rituais, práticas e atividades que ressaltam as qualidades do feminino, gera o empoderamento e resgate da força feminina, além de potencializar o contato saudável, amoroso e nutritivo entre as mulheres para que todas possam entrar novamente em contato com sua unidade e sentirem-se mais plenas (BIZINOTO, 2015).

Uma sexta característica do fenômeno religioso pós-moderno é o sincretismo da Nova Era (*New Age*), que encontra em Alto Paraíso um laboratório primoroso para estudo de casos. O *New Age*⁶⁴ é uma aglutinação de várias tendências que escapam da religiosidade doutrinária e tradicional. Busca uma melhor relação e integração do homem com a questão ambiental e

⁶³ O termo é oriundo da palavra em latim *paganus*, que significa aquele que mora no campo. O paganismo é compreendido como o culto às forças da natureza.

⁶⁴ O grupo musical estadunidense *The 5th Dimension* (Quinta dimensão) fez muito sucesso entre as décadas de sessenta e setenta, com o hit “*Age of Aquarius*”. Representou a efervescência dessas crenças nessas décadas, juntamente ao crescimento do movimento *hippie* e o Festival de *Woodstock* (1969).

com uma dimensão cósmica. Para Leila Amaral (2000), a Nova Era é uma “cultura religiosa errante” (p. 187), na qual existe uma experimentação de diversas crenças, constituindo-se em um caráter heterogêneo. A religiosidade passa do domínio institucional para o domínio privado, estando em um processo de construção particular de cada indivíduo. Desta forma, trata-se de uma prática sem contornos definidos ou sem regras pré-definidas, de caráter efêmero.

A Nova Era, ou a Era de *Aquarius* para os místicos, é um período aguardado por aqueles que acreditam em um mundo melhor. A Era de *Aquarius* sucederá a atual Era (que seria a de Peixes) de acordo a astrologia, quando o sol no equinócio de outono (no hemisfério sul) nascer em frente à constelação de Aquário, pois na era atual, o sol nasce na constelação de peixes. A data correta em que isso ocorrerá difere entre os astrólogos, mas acredita-se que será no atual milênio. As profecias referem-se a uma era de fraternidade universal, em vista que Aquário é um signo científico e intelectual.

Para Salvi (2007a, p. 54) a humanidade está adentrando na Era de Aquário, o que significa uma reordenação da civilização, pelo fato de que a característica de Aquário é a ciência, a fraternidade e o humanismo. A Era de Aquário desta forma, representa para os místicos a união de todos em uma só nação, uma civilização que terá avanços inimagináveis, em que a humanidade estaria preparada para o contato com habitantes de outros planetas. Trata-se de uma promessa que só será cumprida a partir das atitudes do ser humano, pois na Era de Peixes, por exemplo, que poderia ter sido uma era de compaixão com o surgimento do cristianismo, as características positivas de Peixes não foram cumpridas pelos seres humanos, que deixaram transparecer apenas destruição, agressão, cegueira e incompreensão.

Quando se fala em Nova Era, a referência é feita às práticas religiosas híbridas, no sentido de que mesclam elementos, criando uma religião própria, como fez Mahatma Gandhi, agrupando ideais budistas, hindus e cristãos. Burke (2003) lembra que as religiões relativamente novas geralmente são exemplos de práticas híbridas.

O sincretismo já fora concebido de forma crítica até o século XVII como uma forma de “caos religioso”. A partir da tentativa de conciliação entre o paganismo e o cristianismo pela Renascença, o termo passou a ser concebido de forma positiva, como forma e harmonização. No século XIX o sincretismo também foi valorizado nos estudos das religiões clássicas e nos contatos entre as culturas americanas e africanas (Burke, 2003, p. 50 – 51). O discurso dos seguidores de *Saint Germain*, em Alto Paraíso, corrobora o ideal sincrético:

Oh Deus Todo-Poderoso criador de todo o Universo, / pelo Teu Poder, Sabedoria e Amor infinitos / fazei com que todas as religiões se interliguem, / concretizando a Religião Universal da Nova Era. / Que os Cristãos vejam nos olhos de Cristo o semblante de Buda, / Que todos os Hindus vejam nos olhos de Krishna o semblante de Maomé. / Que todos os Nomes de Deus sejam unificados pelo Cristo Cósmico que habita cada Coração humano. / Que as religiões sejam dissolvidas / para que surja a verdadeira religião / O homem Dourado – O Cristo encarnado em ação (CÚPULAS DE SAINT GERMAIN, 1991, p. 34).

Neste discurso, pode-se perceber a menção ao Deus do monoteísmo, pela referência a um “Deus Todo-poderoso” e menções a uma religião universal, que seria a Nova Era. Eles mencionam Cristo, Buda, Krishna e Maomé, para que todos sejam vistos em uma só pessoa.

A religião, no contexto pós-moderno, também perpassa por um fenômeno que Peter Berger (1985) denomina como “psicologização da religião”, que seria a sétima característica apontada. Para o autor seria uma busca do ser humano pelo autoconhecimento que está intimamente ligado ao surgimento de um novo estilo de vida e desenvolvimento de uma espiritualidade própria. O indivíduo, para alcançar um transcendentalismo⁶⁵, realiza uma busca pelo seu próprio interior, pois é a partir dele que se iniciam as principais mudanças, expandindo-se para quem está próximo. Por isso as práticas de recitação de mantras, meditações e terapias alternativas são importantes como uma forma de transcender a materialidade.

A proposta dessas novas formas de religiosidade é protagonizar o interior do ser humano, que por sua vez, parte para o exterior, estabelecendo uma relação indivíduo – sociedade. A mudança na humanidade tem que partir das práticas interiores de cada um. Não deixa de existir um projeto de reformulação da sociedade, mas para isso, o homem deve primeiro mudar a si mesmo, num processo de autoaperfeiçoamento. “A experiência do sagrado e do religioso concentram-se no indivíduo. É ele quem se constitui centro da nova religiosidade, assim como é símbolo da sociabilidade na modernidade” (SIQUEIRA, 2003a, p. 45).

Nasce um novo estilo de vida que terá uma direta relação com o mercado, isto é, surge o “consumidor religioso” (*Ibidem*, p. 48). Conforme as pesquisas de Siqueira (2003a), o fenômeno esotérico está ligado às camadas mais privilegiadas da sociedade, em maior nível de instrução e poder aquisitivo. Entre as camadas menos favorecidas economicamente há uma tendência da presença das religiões tradicionais. Apesar de se verificar a presença do *New Age* nas classes populares, percebe-se que há um maior número de adesões oriundas das classes com um maior nível educacional, e quanto menor o nível de escolaridade, maior a tendência a

⁶⁵ Acreditar em uma realidade superior que ultrapassa os sentidos, em que há uma separação entre o mundo físico e o espiritual. O indivíduo desta forma exercita uma consciência intuitiva, afinando suas concentrações no “eu” interior, evitando influências externas.

frequentar as religiões tradicionais. “O consumo do tipo *New Age* de práticas não convencionais [...] localiza-se nas classes médias e altas semi-intelectualizadas” (SIQUEIRA, 2003a, p. 36). Hollinger (2003) também concorda que muitos adeptos do *New Age* fazem parte de um grupo intelectual e que tem melhor poder aquisitivo. Até mesmo porque os serviços nesta área, como cursos, livros, retiros espirituais e spas possuem elevado preço.

[...] A Nova Era não se limita à participação do indivíduo em um mercado religioso que se conforma ao consumismo, nem é um aglomerado de práticas individualistas de bricolagem religiosa operadas por sujeitos que não se encontram relacionados. Para além disso, a Nova Era forma uma comunidade que partilha um *ethos* específico. O estilo de vida, guiado por interesses em comum, participação em locais geográficos comuns, crenças comuns e causas comuns, em suma, por um *habitus* comum, gera um sentimento de comunidade e pertença (MACHADO, 2014, p. 28).

Há quem acredite que esse consumismo é passageiro e induzido por estratégias de *marketing*. Magnani (1999) divide o consumidor em dois grupos: aquele que “é encarado como o protótipo do consumidor indiscriminado, leitor acrítico de livros de autoajuda, seduzido por qualquer sistema dito alternativo e pronto a ver duendes em toda parte” (p. 10) e aquele consumidor por sua vez exigente, que se dedica aos estudos destes temas.

Em uma fuga dos problemas sociais, os seres humanos recorrem a grupos sociais, políticos ou culturais, pois vivem em uma sociedade individualizada, na qual questões como raça, gênero, idade, dentre outros, representam classes frequentemente excluídas socialmente. Esse “estar junto” é o que começou a cimentar as relações sociais entre os variados grupos religiosos, desde as religiões politeístas, perpassando pelo cristianismo e as religiosidades pós-modernas. A formação desse ambiente de compartilhamento de emoções fornece uma estrutura de comunicação, como a formação de uma rede, de ajuda mútua, de convívio grupal e de prática de determinados ritos. Uma multiplicação de reagrupamentos, definidos por Maffesoli (1998) como afetivo-religiosos, são formações de pequenos grupos, que através de uma rede tece a formação de uma convivência social.

As sete características sistematizadas representam o panorama religioso na contemporaneidade que tem passado por profundas transformações em função do aumento no número de novas religiões, doutrinas e filosofias. Alguns termos representam esse caráter pluralizado: campo religioso ampliado; religião difusa; religiosidade flexível – flutuante; novas formas do sagrado; sacralidade não-religiosa; nova religiosidade sincrética; esotérica–holista *new age*; religiões seculares; orientalização do Ocidente (SIQUEIRA, 2003a, p. 25).

Assiste-se a um processo de privatização das crenças religiosas e a uma pluralização da fé, o que pode favorecer um processo de subjetivação. Técnicas as mais variadas, suscetíveis de serem utilizadas independentemente das crenças religiosas nas quais se ancoram podem ser adaptáveis, porque úteis para o autoconhecimento [...] Este relativismo ou poliformismo religioso, arquitetado em torno de um misticismo, por sua vez baseado em uma teoria geral simples, superecumênica, parece que tende a diminuir a submissão da construção religiosa em igrejas ou instituições reguladas ou normatizadas (*Ibidem*, p. 45).

Soares (2003) designa estes grupos como “místico-esotéricos”. Isto é, são grupos de uma religiosidade não doutrinária. O autor postula a ideia de “adesão” religiosa. Uma nova busca pelo sagrado incentiva o trânsito por várias religiões, filosofias, rituais e práticas. Esses grupos se consideram antidoutrinários, criando um novo estilo de vida e colocam-se em oposição às religiões tradicionais por questões como a culpa, a repressão, a acumulação de riquezas, hierarquias e determinados rituais.

Danièle Hervieu-Léger (2015) esclarece que o que ocorre é uma “bricolagem de crenças”, o que caracteriza um período de desregulamentação da religião por parte das instituições tradicionais. As instituições perdem sua capacidade de controle social e cultural dos fiéis. Esse fenômeno é marcado pelo movimento e mobilidade de crenças, que possibilitou o surgimento de dois sujeitos distintos: o peregrino e o convertido. O peregrino é aquele religioso em movimento, que realiza seu percurso individualmente. Ele é caracterizado pela postura de “crer sem pertencer” (p. 12), sendo denominado pela autora também de “crente passeador” (*Ibidem*, p. 28). Muitos historiadores, como o francês Alphonse Dupront, evidenciam múltiplas significações da figura do peregrino, a começar por aquele que se desenvolveu no século VIII, nas caças às relíquias, nas peregrinações medievais entre os séculos XI a XIII, e após esse período, as peregrinações da Reforma Protestante e a posterior Contrarreforma. A modernidade traz um peregrino diferenciado, como um religioso em movimento. Ele remete a percursos individuais espirituais, mas também desenvolve uma sociabilidade religiosa que assume uma forma coletiva, ao agrupar-se com outros indivíduos por afinidades. Já o convertido, na visão de Hervieu-Léger, é aquele que muda de religião, entra para o caminho da religião ou se reafilia a uma mesma tradição religiosa que já possuía. Esta última poderia ser exemplificada com o caso de um indivíduo protestante, que muda para uma corrente neopentecostal.

As conversões nas sociedades modernas são inseparáveis, a um tempo, da individualização da adesão religiosa e do processo de diferenciação das instituições que faz emergir identidades religiosas distintas das identidades étnicas, nacionais ou sociais. Em uma sociedade em que a religião tornou-se assunto privado e matéria de opção, a conversão assume antes de tudo a dimensão de uma escolha individual, na qual se manifesta, por excelência, a autonomia do sujeito crente (*Ibidem*, p. 108 – 109).

Pode-se perceber que a grande diferença entre ambos os indivíduos – peregrino e convertido – é que o convertido abraça integralmente uma religião, ao passo que o peregrino demonstra uma mobilidade. Contudo, o que os une é a questão da identidade religiosa que pode ser remanejada ou reconstruída a partir de “diversos recursos simbólicos colocados à sua disposição e/ou aos quais eles podem ter acesso em função das diferentes experiências em que estão implicados” (*Ibidem*, p. 64). A capacidade das instituições de regular a religiosidade dos indivíduos é questionada pela autonomia que os mesmos estabelecem, que por sua vez, passam a rejeitar identidades pré-definidas, construindo por conta própria seus caminhos. Essas duas figuras sociais ilustram o panorama religioso contemporâneo que está centrado no indivíduo. Esta é uma característica chamada pela autora de “nebulosa místico-esotérica” (*Ibidem*, p. 143), uma religiosidade centrada no indivíduo e na sua realização pessoal.

A presente pesquisa questionou aos entrevistados visitantes sobre quais grupos religiosos em Alto Paraíso eles já visitaram ou frequentam (podendo marcar várias respostas, assim). 61% responderam que não frequentam ou visitam qualquer um desses grupos religiosos; 25% responderam que frequentam outro grupo; 9% visitaram a Bona Espero; 8% visitaram a Cidade da Fraternidade; 6% visitaram a Fazenda Osho; 4% visitaram a Casa de *Kuan Yin*; 2% visitaram a Omibram; 1% visitaram a Fazenda Arcádia; 1% visitaram a Estação Terra. Para as pessoas que se enquadram nos 25% de frequentar outro grupo, foi solicitado que eles citassem o nome, e entre os mais citados estiveram o grupo GDM (Grupo Deus Mãe), Vale do Amanhecer, *Matri Sadam*, Templo Mãe D’água, *Ten Tao*, CEBB (Centro de Estudos Budistas *Bodsatva*), Flor de Ouro, Novo Portal da Chapada e Jardim de *Juramidam*.

Entre os moradores, 24% não frequentam ou nunca visitaram qualquer desses locais. 18% frequentam a comunidade GDM, 17% conhecem a *Bona Espero*, 16% conhecem a Cidade da Fraternidade, 5% a Fazenda Osho, 5% a Casa de *Kuan Yin*, e 5% o Vale do Amanhecer. Outros citados em menor escala foram: Templo Mãe D’água, *Matri Sadam*, *Ten-tao*, CEBB, Flor de ouro e Novo portal da chapada. Em ambos os grupos pesquisados, percebe-se que a maioria não frequenta ou nunca visitou qualquer desses locais. Mas, entre os visitantes, o desconhecimento destes grupos espiritualistas da região é maior. Isso mostra que o turismo religioso é mais fraco na região.

Contudo, de modo geral, a porcentagem de pessoas que nunca visitaram os locais é expressiva, o que mostra o ambiente de reflexividade das novas religiosidades, contexto no qual, o indivíduo não deve fidelidade a um grupo ou instituição específica, ele desenvolve a sua própria espiritualidade sem necessitar apoio de liderança espiritual. Outro fator que também corrobora para esse resultado é o grande número de católicos e evangélicos que moram na

região, que não participam destes grupos de orientação esotérica. Desta forma, muitos chegaram a mencionar que frequentam igrejas, opção que não foi disponibilizada pelo questionário.

Levando-se em conta o que foi observado em Alto Paraíso, vários aspectos das religiosidades pós-modernas podem ser presenciados em seu contexto histórico-cultural. Para muitos sociólogos, a pós-modernidade seria marcada pelo renascimento do interesse da sociedade para aspectos místicos e esotéricos. O florescimento destas religiosidades é calcado em preceitos que se defrontam com o tradicionalismo doutrinário. Essa atitude apresenta uma mescla de elementos oriundos das antigas crenças como os elementos das mitologias orientais e maias, sincretizados com elementos do cristianismo. O momento de incerteza e de crise epistemológica foi propício ao surgimento desses elementos.

CAPÍTULO 3. NARRATIVAS DE OUTROS MUNDOS

[...] Olhei pro céu e avistei baixando um misterioso disco voador. Saltou na terra moça boiadeira e o seu berrante mudava de cor. Falou contente com lindo sorriso: Pra te salvar aqui hoje eu estou Eu vim do céu pra salvar a boiada e o seu berrante ela repicou: Estou chegando tocando o meu berrante, tenha juízo ó meu grande amor. Eu vim do céu para salvar a boiada cumprindo ordens do Nosso Senhor. Com o repique do seu berrante logo a boiada foi aglomerando. E os companheiros que tinham morrido naquele instante eu vi ressuscitando. Vendo o milagre dessa boiadeira que para o céu ela foi levitando. Seu rosto lindo era o de Madalena e minhas penas ela foi perdoando. Caí de joelhos com o rosto em terra e de contente soluzei chorando [...].

(Faísca, 1976)

A proposta do capítulo é analisar como o município de Alto Paraíso tornou-se referência (inter)nacional no campo da ufologia. Inicialmente, pretende-se historicizar a crença no contato entre humanos e civilizações extraterrestres, discutindo fatos pioneiros da ufologia no mundo e no Brasil. As Chapadas Diamantina, dos Guimarães e dos Veadeiros são alvo de relatos de avistamentos frequentes de óvnis e isso influencia diretamente a estética das cidades que foram apropriadas pelo turismo ufológico. A análise dos elementos em comum entre alguns locais do Brasil tem o objetivo de mostrar a peculiaridade da região de Alto Paraíso, buscando a origem dessa rotulagem ufológica. Nesse caso, também é fundamental a existência de cristais e a localização da cidade no paralelo 14, além dos elementos naturais típicos da Chapada dos Veadeiros. Para compreender este fato analisar-se-ão narrativas sobre contatos ufológicos que expressam tanto o imaginário dos “nativos”, quanto o dos “alternativos”.

3.1 A UFOLOGIA NO MUNDO E NO BRASIL

No dia 30 de outubro de 1938 aconteceu um fato inusitado nos Estados Unidos. Em uma programação de rádio, um repórter da *Intercontinental Radio News*, bruscamente divulgou que astrônomos detectaram grandes luzes azuis caindo do céu. Algo teria caído em uma fazenda em New Jersey. Supostamente, a reportagem de Carl Phillips estava sendo transmitida ao vivo do local da queda do objeto, quando, de repente, bastante assustado, narra a saída de um ser estranho de dentro dele. O objeto emitia uma espécie de raios ou fogos que teriam atingido toda a plantação, causando incêndios.

Phillips divulga que cerca de quarenta pessoas, dentre elas soldados federais, morreram devido a explosões em um campo próximo e que cerca de sete mil soldados foram abduzidos. Essa reportagem causou pânico coletivo nos cidadãos estadunidenses que acompanhavam a transmissão de rádio, fazendo com que pessoas corressem desesperadamente para suas casas, congestionando as linhas telefônicas, imaginando que estavam vivenciando um apocalipse. A reportagem foi simplesmente uma simulação em um programa de rádio, que dramatizou a obra *Guerra dos Mundos* (1898)⁶⁶ do escritor britânico Herbert George Wells⁶⁷, apresentada por Orson Welles.

Gary Bates⁶⁸ (2011, p. 12) acredita que uma das explicações para tal fenômeno se relaciona à declaração do astrônomo Percival Lowell que declarou em sua obra *Mars and its Canals* (1906) a possibilidade de existir seres tecnologicamente mais evoluídos que os humanos em Marte. Isso levou muitos a se interessar pelo tema, mesmo com a falta de provas sólidas. Seja como for, o fenômeno de massa da crença em ufos⁶⁹ recebeu uma forte influência do fato ocorrido com a dramatização da obra *Guerra dos Mundos*.

⁶⁶ A *Guerra dos Mundos* para Bates (2011) desenvolveu a teoria de que a humanidade estava sendo vigiada por outros povos mais inteligentes que os seres humanos. O homem estava inserido em um universo muito maior e mais antigo do que imaginava. A ideia quebrou paradigmas na época, porque no que os homens acreditavam até aquele momento seria no máximo, de que poderia haver seres em Marte, e que esses seriam até mesmo inferiores ao ser humano em relação a seus padrões de civilização, o que caberia ao homem uma missão “civilizatória”.

⁶⁷ Reconhecido como o pai da ficção científica moderna. Durante a sua vida, além de *Guerra dos Mundos*, Wells escreveu cerca de cem obras que ele julgava que não seriam importantes mundialmente, mas que também marcaram a ficção científica como *A Máquina do Tempo* e *O Homem Invisível*.

⁶⁸ Analisa fenômenos ufológicos ignorados pela comunidade científica. Ele reúne as mais importantes evidências sob um prisma científico. Entre os textos sobre ufologia é um dos mais buscados.

⁶⁹ O termo ÓVNI em inglês – UFO (*Unidentified Flying Object*) – tem sua origem de uma experiência da Força Aérea Norte-americana no Projeto *Blue Book*. Eles referiam-se a um objeto voador não identificado. O Projeto Livro Azul registrou 12.618 relatos de óvnis, dentre os quais 5% permanecem sem explicação. O projeto era um centro de operações na Base *Wright-Patterson* da Força Aérea do Estado de Ohio. O seu objetivo era informar à população que a Força Aérea estava envolvida nas investigações.

No ano de 1947, o piloto Kenneth Arnold contou ter visto algo semelhante a um “pires” sobrevoando Washington, o que influenciou milhares de pessoas a noticiar suas próprias visões de objetos voadores não-identificados. O piloto

disse que viu nove naves parecidas com discos voando em formação [...], extremamente brilhantes – como se fossem prateadas – e voando a uma imensa velocidade. Ele estimou que elas estavam a uma altitude aproximada de 3.000 m e os seguiu do Monte Rainier ao Monte Adams, chegando a uma incrível velocidade de quase 2.000 km/h (BATES, 2011, p. 08).

Carl Sagan, demonstrando uma visão cética a respeito desses relatos de avistamentos de discos voadores, esclarece que a própria expressão “disco voador” foi cunhada por Kenneth Arnold. De acordo com o cientista, o piloto, em entrevista à rede de televisão CBS (*Columbia Broadcasting System*), esclareceu que:

Não me citaram corretamente [...] Quando relatei o fato à imprensa, eles reproduziram mal as minhas palavras, e, em meio a toda comoção, alguns jornais complicaram tanto a história que ninguém sabia exatamente do que estava falando [...]. Esses objetos esvoaçavam mais ou menos como se fossem, oh, eu diria barcos em mar muito encapelado [...] E quando descrevi como voavam, disse que voavam como quando alguém pega um disco e o atira pela água. A maioria dos jornais me compreendeu mal e também me citou erradamente. Afirmavam que eu tinha dito que eles eram semelhantes a discos; eu disse que eles voavam como discos (SAGAN, 1996, p. 54).

Arnold pronunciou que visualizou nove objetos que emitiam luzes azuis. A expressão “disco voador”, a partir daí, foi apropriada e utilizada pejorativamente. As pessoas passaram a utilizar o termo para designar muitos fenômenos visualizados no céu que elas não conseguiam explicar, que poderiam ser aviões, balões de alta altitude⁷⁰, miragens, insetos luminescentes, fogos-de-santelmo⁷¹, parélios⁷², meteoros, satélites, dentre outros.

Depois das explosões das duas bombas atômicas nas cidades japonesas, muitos americanos e britânicos passaram a alegar que visualizavam objetos voadores não identificados, fato claramente influenciado pela mídia e especificamente, pela ficção científica. Estas pessoas afirmavam que esses objetos eram de procedência de outros planetas cujas civilizações eram superiores a raça humana, sendo que muitos “observadores mais entusiásticos chegaram a ver

⁷⁰ Podem parecer discos aos olhos de quem está no solo e podem também sugerir a impressão de que estão se movendo em velocidade frenética, por causa da força dos ventos. Eles podem mudar bruscamente de direção. Atualmente são enviados balões de sensores de raios cósmicos, telescópios, receptores de rádio, dentre outros.

⁷¹ “Chamas” azuis vistas após tempestades, em asas de aviões, mastros de navios e de bandeiras, torres, postes e outros objetos com pontas altas. É um fenômeno elétrico, com faíscas de partículas carregadas.

⁷² Fenômeno óptico atmosférico gerado pela refração da luz solar em nuvens carregadas de cristais de gelo, surgindo uma espécie de auréola luminosa ao redor do sol.

de fato seus cidadãos, de formas estranhas, saindo desses discos voadores, e um ou dois até mesmo disseram ter pegado carona com eles” (Hobsbawm, 1995, p. 512).

Após a Segunda Guerra Mundial, o fenômeno de avistamento de óvnis tomou proporções internacionais, e qualquer ceticismo por parte dos cientistas, era repulsado como uma visão estreita ou por uma convivência com uma conspiração mundial.

O cinema promoveu variadas representações acerca dos extraterrestres, demonstrando que “a mídia pode influenciar a mentalidade das massas e, ao mesmo tempo, saciar a fome de tanta fantasia” (BATES, 2011, p. 05). A indústria cinematográfica de *Hollywood* teve um papel importante na propagação da crença do contato entre humanos e visitantes extraterrestres.

A viagem à lua (1902) de Georges Méliès é considerado o primeiro filme de ficção científica, caracterizado pelo uso de efeitos especiais para mostrar o homem transcendendo o seu planeta. A trama conta a história do professor Barbenfouillis que coloca em prática um plano audacioso, uma viagem à lua. Quando o grupo liderado pelo professor desembarca no local, é descoberto e capturado por alienígenas⁷³ que o habitavam.

O dia em que a Terra parou (1951) traz uma trama em que extraterrestres exigem o fim das guerras, para que o Planeta se tornasse pacífico como os demais da irmandade cósmica. Essa ideia representa a ideologia dos movimentos em prol da paz mundial em um período ameaçado pela emergência da Guerra Fria. Outros filmes da ficção científica – com a temática ufológica – representativos são: *2001: Uma odisseia no espaço* (1968), *Contatos Imediatos de Terceiro Grau* (1977) e *Alien, o 8º passageiro* (1979).

É claro que além dessa influência midiática, a crença ufológica se alimenta do fato de propiciar uma resposta a relevantes questões filosóficas: Estamos sozinhos? Por que estamos aqui? Como chegamos? Por que existiria apenas a nossa civilização? Apesar de a crença ufológica se difundir pelo mundo todo, é evidente a falta de constatação científica das aparições e a frequência de relatos fraudulentos.

Nesse momento de questionamento surgem várias tentativas de explicação. De um lado estão os cientistas com uma visão cética, o que significa que eles procuram interpretar o fenômeno de forma racionalista; do outro, estão os místicos ou esotéricos que oferecem as suas explicações baseadas em suas interpretações de cosmogonias de culturas antigas.

⁷³A crença de que a lua era habitada era comum até a primeira metade do século XX, inclusive, seus crédulos questionam o fato de a humanidade ter aceitado a ideia de os norte-americanos afirmarem o contrário depois das suas sondagens com a Apollo.

Os cétricos, como é o caso de Carl Sagan, procuram justificar que os relatos ufológicos estão relacionados ao imaginário de cada época. Em tempos antigos, o que hoje seria um óvni era relacionado à aparição de anjos e demônios, por exemplo.

Bates (2011) também compartilha dessa opinião, afirmando que a procura por óvnis é um fenômeno que se popularizou na contemporaneidade. Ele alega que existe uma esperança, um apelo psicológico para se ver algo nos céus. Os relatos de avistamentos são numerosos e, para analisá-los, surgiram muitas instituições de pesquisa. A maioria dessas investigações conclui que esses avistamentos são fruto de fenômenos naturais ou da própria tecnologia humana. Bates analisa que:

Luzes desconhecidas, objetos e formas tem sido observados nos céus por milhares de anos. Os relatos têm atravessado as eras, vindos de muitos povos, incluindo Índia, China, Japão, Inglaterra, Irlanda, França, Itália, Américas, países da Escandinávia e Polinésia. Os romanos e gregos tinham histórias de “bolas de fogo” e “escudos voadores”. Os egípcios deixaram relatos de “círculos de fogo” e “carruagens de fogo” que navegavam pelos céus. Os índios americanos têm lendas de “canoas voadoras” e “grandes aeronaves prateadas”. Alguns desses primeiros “veículos” também eram relatados com ocupantes (BATES, 2011, p. 145).

Bates (2011), como também Sagan⁷⁴ (1996), acredita que a ufologia passou a atender necessidades emocionais, nutrindo fantasias a respeito de poderes que os seres humanos desejam ter e não podem e oferecendo curas ou promessas de uma posterior vida na Terra. Ela reforça a importância do homem no universo, dizendo que o mesmo está interligado ao mesmo.

A ufologia, nos meios acadêmicos, tem sido caracterizada como uma pseudociência, sendo este termo aplicado para designar os estudos que não aderem a uma metodologia científica adequada. Seja pela falta de provas ou plausibilidade, os pressupostos em que as pesquisas se baseiam muitas vezes são considerados altamente especulativos.

A ciência desperta um sentimento sublime de admiração. Mas a pseudociência também produz esse efeito. As divulgações escassas e malfeitas da ciência abandonam nichos ecológicos que a pseudociência preenche com rapidez (SAGAN, 1996, p. 13).

Sagan acrescenta que não é apenas a religião que nutre essa credulidade. A cultura atual apresenta muitas vezes alienígenas em romances, filmes, TV, e isso mostra que os fatores culturais desempenham um papel importante. Nos Estados Unidos, vê-se a popularidade de

⁷⁴ Carl Sagan não é totalmente cético quanto a vida extraterrestre. O cientista considera a possibilidade de vida em outros planetas, mas acredita que não existe contato com a humanidade e que também podem existir variadas formas de vida.

médiuns na mídia e consultas a astrólogos. Sagan (1996) percebeu que eles estão muito presentes nas classes sociais altas e cultas.

Antes da criação dos termos “UFO” e “disco voador”, os termos utilizados popularmente eram “marcianos” ou “homenzinhos verdes”. E quanto à tipologia:

Há tipos de um metro a um metro e vinte de altura; tipos de um metro e meio a um metro e oitenta de altura; tipos de dois metros e dez a dois metros e quarenta de altura; tipos de três, quatro e cinco dedos, com enchimentos nas pontas ou ventosas de sucção; dedos com membrana interdigital ou não; grandes olhos amendoados inclinados para cima, para fora ou horizontalmente; em alguns casos, grandes olhos ovóides sem a inclinação amendoada; extraterrestres com pupilas rasgadas; outros tipos diferentes de corpo – o assim chamado tipo louva-a-deus, os tipos semelhantes a répteis (SAGAN, 1996, p. 94).

O Projeto *Blue Book* pesquisou sobre as formas mais comuns de discos voadores nos relatos de civis. Dentre os formatos mais comuns estavam as naves semelhantes a discos ou a charutos luminosos e que apareciam, na maioria das vezes, no período noturno. Outros objetos em formatos triangulares, cônicos, em formato de bumerangue, ou até mesmo que mudam de forma, são bem comuns a partir dos anos oitenta. Bates discorre que:

No começo dos anos 60, eu afirmava que as histórias de UFOS eram criadas principalmente para satisfazer desejos religiosos. Numa época em que a ciência tem complicado a adesão crítica às religiões dos velhos tempos, é oferecida uma alternativa à hipótese de Deus. Vestidos com jargão científico, tendo os seus imensos poderes “explicados” por uma terminologia superficialmente científica, os deuses e os demônios de outrora descem do céu para nos assombrar, para oferecer visões proféticas e para nos tantalizar com visões de um futuro mais promissor: o nascimento de uma religião de mistério na era espacial (BATES, 2011, p. 91).

Isto é, para Bates (2011) a ciência tentou eliminar da mentalidade humana os demônios e fantasmas, e o vazio que ficou foi preenchido por alienígenas, que passaram a desempenhar as mesmas funções. Quando uma cultura for crédula em demônios, então aparecerão os relatos dos incubus e subucus; quando for cética em relação a antigos mitos, as pessoas começarão a procurar seres hiperfísicos fora do planeta Terra.

Conforme Sagan (1996), a maioria dos norte-americanos acredita que a Terra é visitada por extraterrestres. Uma pesquisa da Organização *Roper*⁷⁵ (1992) analisou seis mil adultos norte-americanos, constatando que 18% alegavam ter visualizado seres no seu próprio quarto; 13% afirmavam ter passado por lapsos de memória e 10% afirmavam que sentiam a sensação de voar. A instituição chegou à conclusão de que cerca de cem milhões de pessoas por

⁷⁵ Instituição norte-americana que realiza pesquisas com amostras de populações, quanto a idade, sexo, etnia, filiação política, nível educacional, hábitos, com sede em Nova York.

todo o mundo, três milhões delas nos EUA, alegam ter sido abduzidas. Vários tipos de experiências foram interpretados pelos próprios indivíduos como sendo de autoria alienígena.

No Brasil, muitos relatos de aparição extraterrestre contribuíram para que o país fosse, juntamente com os Estados Unidos e a Inglaterra, uma referência na temática.

Ainda que seja um mito tipicamente norte-americano, o imaginário a respeito dos discos voadores foi apropriado com características muito peculiares no nosso país. Enquanto nos EUA, por exemplo, foi lentamente criada uma teoria conspiratória sobre governos que escondem evidências das visitas extraterrestres, aqui isso não fazia sentido, pelo menos na década de 1950 (SANTOS, 2007, p. 02).

O primeiro relato a receber atenção da mídia brasileira foi divulgado pela revista *O Cruzeiro* em 1952: uma reportagem intitulada *Disco Voador na Barra da Tijuca*, de autoria do jornalista João Martins. Ela relata que um estranho objeto silencioso e com uma cor cinza-azulada fora visto sobrevoando a Pedra da Gávea, desaparecendo sem deixar rastros. Embora a ufologia já estivesse presente no imaginário popular em períodos anteriores, esta reportagem, mesmo com suas fotografias nitidamente fraudadas, atraiu a atenção da população brasileira.

Após esses fatos, popularizaram-se os relatos a respeito de visitantes de outros planetas em céus brasileiros. Fatos como o Caso Antônio Villas Boas em 1957 (MG)⁷⁶, a Operação Prato em 1977 (PA)⁷⁷, o Caso Casimiro de Abreu em 1980 (RJ)⁷⁸, a Noite oficial dos ÓVNIS no

⁷⁶ Antônio Villas Boas era um agricultor que morava na cidade de São Francisco de Sales, interior de Minas Gerais. Teve a sua história publicada no ano de 1957 que relata sobre os seus primeiros avistamentos em sua fazenda, também presenciados por sua família. Depois de muitos dias avistando luzes pairando na fazenda, Antônio relata que foi abduzido por estranhas criaturas, descrevendo ricos detalhes. Ele teria passado por exames físicos e teria tido relações sexuais com uma alienígena, em uma espécie de programa de reprodução híbrida, demonstrando sinais em seu corpo. Se tornou um dos casos mais famosos do Brasil e ficou conhecido internacionalmente.

⁷⁷ Investigação militar realizada no ano de 1977 a respeito de relatos de avistamentos de óvnis em cidades do litoral do Pará. Muitos moradores relatavam avistamentos de luzes não identificadas e demonstravam escoriações na pele. O caso foi analisado pelo comandante da Força Aérea Uyrangê Hollanda e o sargento João Flávio de Freitas Costa, que faleceu depois de muitos anos, tendo a sua morte alvo de especulação, sendo relacionada ao caso. A Força Aérea Brasileira teria mantido em segredo os documentos sobre as investigações.

⁷⁸ No dia 6 de março de 1980 uma notícia estourou nos jornais: o município de Casimiro de Abreu, no Rio de Janeiro, iria receber dentro de dois dias a visita de um disco voador. Edílício Barbosa, conhecido como o “mensageiro de Júpiter”, era o responsável por tal acontecimento. Avisou que teria recebido mensagens de jupiterianos e que haviam marcado um encontro na fazenda Nossa Senhora da Conceição. A informação atraiu milhares de pessoas para o pequeno município, que aguardavam o grande acontecimento, recebendo até repercussão internacional e mobilização da prefeitura. Grande decepção foi o aviso de Edílício, os jupiterianos teriam desistido do pouso, porque o local estava muito tumultuado. O caso foi abordado no documentário *Efeito Casimiro* (2013), de Clarice Saliby.

Brasil em 1986 (SP, GO, RJ, PR)⁷⁹ e o Caso Varginha em 1996 (MG)⁸⁰, marcam um período permeado por relatos de avistamentos de óvnis, seres e até casos de contato telepático ou abdução.

Os casos de aparição de objetos extraterrestres no Brasil e no mundo atraem místicos ou esotéricos que apresentam suas próprias teorias a respeito. Eles se referem aos extraterrestres como “Eles”, os espaciais, os interplanetários e ET’s. Acreditam que estes seres teriam deixado construções em pedra em algumas regiões brasileiras, como Paraúna (GO), Serra do Roncador (MT), Serra do Cipó (MG), Morro do Chapéu (BA), Montalvânia (MG) e Sete Cidades (PI).

Dentro desta linha denominada de ufologia esotérica ou mística, o general Moacir Uchoa, em sua obra *Mergulho no Hiperespaço: Dimensões Esotéricas na Pesquisa dos Discos Voadores* (1976), relatou um caso de ufos em Alexânia na Fazenda Vale Rio do Ouro. Ele acredita que existe uma quarta dimensão do espaço – o hiperespaço – não percebido pelos cinco sentidos humanos, mas que é possível ao homem atingi-la a partir da ciência esotérica.

Em uma madrugada, ao olhar os céus em uma noite com poucas estrelas, em julho de 1968, o general afirma ter tido uma espécie de visão espiritual, na qual ele teria dialogado com um ser iluminado que o atribuiu uma missão – investir na pesquisa ufológica e escrever um livro. Avistamentos de luzes no céu e fatos similares foram se repetindo com a estadia do general na fazenda. Esses acontecimentos de visões e contatos dialogados com seres que vieram em naves foram vivenciados por outras pessoas. Dentre seus relatos estavam:

⁷⁹ No dia 19 de maio de 1986 mais de vinte objetos voadores não identificados foram relatados nos Estados de Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. A Força Aérea Brasileira enviou caças para persegui-los. O ex-ministro da Aeronáutica Octávio Júlio Moreira Lima confirmou o ocorrido na imprensa. O ufólogo Marco Petit considera um dos eventos mais importantes da ufologia internacional. A partir de 2009 alguns relatórios da FAB foram revelados sobre o caso.

⁸⁰ O município de Varginha, localizado no sul de Minas Gerais, foi o palco de um acontecimento importante na história da ufologia. Três meninas teriam passado por um contato de terceiro grau, que seria o avistamento de um ser alienígena que estava em um terreno baldio. Elas podiam descrever seus detalhes físicos. Fato paralelo ocorreu nos arredores da região, muitos moradores relataram o avistamento de luzes nos céus da cidade e até mesmo teriam encontrado destroços de uma nave. Apareceram outras testemunhas também relatando que visualizaram um ser similar em um parque da cidade. O corpo de bombeiros e os militares teriam participado de uma captura de dois seres e teriam mantido estas investigações em segredo. O caso atraiu muitos ufólogos para a região, um deles está desaparecido. Especula-se que teria acontecido um envolvimento até mesmo do exército dos Estados Unidos.

Um objeto branco, acinzentado, flutua a certa distância sobre um pequeno bosque. Súbito, começa a emitir, mui rapidamente, densa luz, dimensionada, de arestas definidas, em rápida sequência como se fora um poste, tendo a ele ligada uma estrela de cinco pontas, tudo perfeitamente nítido: os pontos internos e externos do contorno das estrelas, suas arestas e os postes bem notáveis. Sucodem-se essas emissões aqui e ali (sempre partindo do objeto) com rapidez incomum e excepcional claridade. [...] Senti-me estranhamente atraído, como se para um encontro com aquela “coisa”, o qual se deveria dar bem abaixo da encosta, depois daquela luz presumivelmente transpor o bosque pelo alto. Desci rapidamente enquanto a tal luz se aproximava celeremente pelo campo do lado oposto do bosque. Lá, bem embaixo, sob estranha impressão de extraordinária expectativa, postei-me aguardando o que poderia ocorrer. [...] Desci rápido e compulsivamente até aquele local. Qual seria a razão? Súbito minha percepção auditiva como que se ampliou e tive a forte impressão de ouvir de forma estranha: - “A luz não veio mas estou aqui e tenho o que dizer”. Seguiu-se uma série de instruções sobre nosso procedimento durante tais pesquisas (UCHOA, 1976, p. 59).

Esse é apenas um dos exemplos citados no livro como experiências de natureza telepática e de avistamentos vivenciadas pelo autor em Alexânia. Ele relatou até os seres vistos:

Um ser de aspecto humano, à feição de um homem da terra, alto, tipo atlético, com vestimenta verde escuro brilhante, à forma de túnica justa ao corpo, apresentando uma cobertura de um prata acinzentado transparente, dando ao conjunto muito agradável aspecto. Calças discretas, marrom claro, um tanto justas, controladas em botas amareladas. Sua face branca, muito branca, como cera ou louça bem clara, olhos bem azuis, nariz grande e uma cobertura escura, lisa, ajustada à cabeça (*Ibidem*, p. 70).

Conforme Salvi (2009, p. 08) poucos são os místicos que não acreditam ou que nunca afirmaram terem visto algo estranho nos céus. Com seu teor de paternalismo com mensagens oriundas dos “mestres intergalácticos”, esse ramo da ufologia demonstra uma atenção a situações emergenciais pelas quais os seres humanos estão vivenciando no planeta.

A ufologia esotérica ou mística baseia-se em leituras das mitologias de culturas antigas, dentre as quais destacam-se os *vimanas* hindus. Segundo interpretações dos textos hindus *Vedas*⁸¹, *Mahabharata*⁸² e *Ramayana*⁸³, existiu uma avançada civilização na região atual da Índia. Esses povos possuíam uma engenharia e tecnologia repleta de alta energia, aviões e espaçonaves. Os *vimanas* seriam quatro modelos de aparatos tecnológicos criados para viagens no espaço, sendo um deles similar ao clássico disco voador – circular, com um domo, luzes, faziam movimentos verticais e pairavam no ar.

⁸¹ Livro sagrado que registra crenças transmitidas oralmente de geração em geração por muitos séculos. Uma junção de hinos e preces hindus, tendo sua origem no século II a.C, quando os povos hindus desenvolveram a escrita. Sua leitura permitiu uma variedade de interpretações e surgimento de ramificações religiosas díspares. Acredita-se que *Vyasa*, um sábio que seria a reencarnação do deus *Vishnu*, teria elaborado o livro sagrado.

⁸² Epopeia hindu que remonta ao século IV a.C; narra a “Grande História dos *Bharatas*” (tribos que invadiram a Índia por volta de 1.700 a.C.).

⁸³ Clássico hindu que narra a vida do avatar *Rama* [...] que apresenta guerreiros voando em pássaros sagrados e aeronaves (Salvi, 2009, p. 55 – 56).

A obra que trata os *vimanas* com propriedade é o *Vymaanika-Shaastra*⁸⁴, que traz diagramas sobre vários tipos de espaçonaves (Figura 45), uma espécie de um manual técnico para a construção e o uso desses aparatos.

Figura 45 – *Vimana*



Fonte: *Bharadwaja* (1973, p. 107).

Os místicos também acreditam que os *vimanas* transcendem o mundo físico, sendo “naves de luz” tripuladas por espíritos evoluídos. Acreditam também que eles podem ser vistos apenas por clarividentes, apesar de que transitariam entre as dimensões, podendo ser vistos de alguma forma por pessoas comuns, mas sem serem compreendidos. Eles já teriam transposto as barreiras entre a matéria e o espírito.

Dentro dessas crenças, acreditam que antes do dilúvio bíblico seres evoluídos espiritualmente e tecnologicamente, oriundos de outros planetas, habitavam a Terra e conviviam com os humanos. As naves pousavam por todos os lugares e até mesmo carregavam humanos a passeios. Os humanos trabalhavam na fabricação dos *vimanas* com a orientação dos extraterrestres. Porém, com o passar do tempo, eles começaram a ocultar-se, começaram a ser “caçados” por alguns humanos até que desapareceram quase que por completo. Era o momento de o homem viver sozinho, experimentando e abarcando com as consequências de seus próprios atos, aprendendo a cuidar uns dos outros.

Essas teorias místicas estão muito presentes nas Chapadas Diamantina, dos Guimarães e dos Veadeiros. Salvi (2007b, p. 36) as classifica como: A Chapada Diamantina, a “majestosa”, é o coração da Bahia; a Chapada dos Veadeiros, a “mágica”, é o coração do Brasil; e a Chapada dos Guimarães, a “selvagem”, é o coração da América do Sul. As cachoeiras, a natureza

⁸⁴ Um antigo manuscrito em sânscrito, publicado pela primeira vez em 1973 na Índia, traduzido para o inglês. O documento é controverso por não se saber a sua verdadeira origem e datação, acredita-se que sua autoria seja de um sábio vidente hindu, *Bharadwaja*. Está presente no acervo da Academia Internacional de Pesquisa em Sânscrito de Mysore (Índia).

preservada nos parques, as montanhas e a rica fauna, são fatores que as unem como polos de atração mística. “Tal como próximo a Alto Paraíso mesmo, existem sistemas espeleológicos fantásticos, como o de Terra Ronca, [...] com cavernas imensas que são verdadeiros portais [...]” (*Idem*, p. 12).

Segundo essas interpretações místicas, existiria um alinhamento que favoreceria uma troca de energia entre a Serra do Roncador e Terra Ronca, que passaria justamente por Alto Paraíso (*Idem*, p. 12). Em Barra do Garças, situada na Serra do Roncador, existe um discoporto, idealizado em 1996, pelo vereador Valdon Varjão. Até hoje o local atrai visitantes em função dos relatos ufológicos e de lendas regionais. Conta-se que no subterrâneo da região habitam seres intraterrenos e que, em determinadas grutas, existem portais dimensionais que possibilitam o acesso a eles.

A Chapada Diamantina, por sua vez, conforme Hélio N. de Camargo, diretor do Centro Ufológico da Chapada Diamantina, seria fonte de rochas raras, como o carbonato, conhecido como diamante negro. Para o autor, “essa riqueza em pedras preciosas e metais raros, pode ser um dos muitos motivos que atrai a presença dos extraterrestres na região. Para os extraterrestres o uso dessas pedras e metais seria para fins científicos” (CAMARGO, 2014, p. 146).

Brasília também é referência no assunto, por ser uma cidade jovem, eclética, e que acolhe variadas culturas. De acordo Beck (1998) desde a sua construção, trabalhadores relatavam que visualizavam objetos metálicos de vários formatos nos céus da região. O padre Raimundo N. Teixeira, ex-diretor do Colégio Dom Bosco, tirou algumas fotos de um óvni em 1959 sobrevoando o Núcleo Bandeirante. Ele alegou que, em um primeiro momento, achou que seria um balão do Ministério da Aeronáutica, mas depois percebeu que não poderia ser, pois ele possuía um brilho muito intenso. Para o padre, a crença em extraterrestres não contradiria o discurso da igreja, porque a vida no Universo só reforçaria a existência e o poder de Deus. A frase de Jesus ‘Na casa de meu pai há muitas moradas’, para o padre, comprovaria a existência de vida em outros planetas. Ao longo da história de Brasília, muitas são as histórias e as fotografias de ufos sobrevoando a rodoviária, a Papuda, o lago Paranoá, dentre outros locais.

A presença da Legião da Boa Vontade reforçou as ligações de Brasília com a ufologia. A LBV apoiou o I Fórum Mundial de Ufologia, que ocorreu em Brasília em 1997, reunindo setenta pesquisadores de trinta países. Brasília sediou também I Congresso Internacional de Ufologia, através da iniciativa do general Moacir Uchôa.

A importância de Brasília para a ufologia é expressiva, pela cidade já ter recebido vários grupos ufológicos a partir da década de oitenta, sejam eles, grupos de estudos científicos ou esotéricos. Algumas regiões como a Chapada dos Veadeiros, Brasília, Paraúna, Chapada

Diamantina e Serra do Roncador são visados por alguns grupos ufológicos por determinados aspectos: são sítios localizados em regiões altas, acima de oitocentos metros em relação ao nível do mar em seus maiores platôs e distante de regiões costeiras, de mineradoras ou hidrelétricas. Esses fatores são importantes para se compreender o potencial da região do Planalto Central como uma referência ufológica a nível mundial.

Apresentou-se as duas teorias que procuram justificar o fenômeno em massa que é atualmente a frequência de relatos de avistamentos de óvnis. Os cientistas, com uma visão cética, interpretam os relatos como fenômenos naturais, aparatos tecnológicos e consideram questões psicológicas para a explicação de tal fenômeno. Os esotéricos, que admitem o contato do homem com seres de outros planetas, procuram divulgar suas teorias a respeito de suas leituras principalmente das cosmogonias orientais. Desenvolvem estudos que buscam comprovar suas experiências hiperfísicas, atribuindo as suas experiências a contatos com seres supostamente advindos de outros planetas.

3.2 A UFOLOGIA EM ALTO PARAÍSO

Um ponto de vista que expressa a leitura ufológica na Chapada dos Veadeiros é a de Campos (2002, p. 36). O autor propõe que a região possui canais ou portais interdimensionais entre o mundo físico e o extrafísico, além de dois elementos químicos que ainda não foram descobertos. Ele acredita que não há tecnologia suficiente para lidar com esses elementos e que os mesmos também podem ser combustíveis para naves espaciais (*Ibidem*, p. 39 – 45). Outra curiosidade é o autor citar que os incas podem ter visitado a região, pois ele afirma que foram encontrados cachimbos com seus símbolos e pontas de flecha sendo uma delas de cristal. Inclusive, ele acredita que existem portais extrafísicos que interligam a Chapada dos Veadeiros aos Andes (*Ibidem*, p. 39 e 90).

Campos (2002) esteve em contato com um médium que teria feito uma viagem astral⁸⁵ a uma região de difícil acesso em Alto Paraíso, na qual ele teria localizado uma pirâmide que estaria enterrada, de 2.545 metros de altura e base quadrada. Afirmou ainda que abaixo dela, havia uma cidade subterrânea que abrigaria uma civilização. Ele descreve que outros médiuns visualizaram a referida pirâmide semanas depois através de experiências espirituais. Próximo a este local, Campos construiu, em janeiro de 2000, uma réplica de uma pirâmide de 2,10 metros

⁸⁵ Experiências extracorpóreas nas quais o indivíduo pratica uma série de técnicas que o levam a sair de seu corpo físico, estabelecendo contato com um mundo espiritual.

de altura. Para estabelecer um canal de comunicação com seres ascensionados⁸⁶, ele dormiu na réplica e teria sonhado com estes seres.

Muitos outros esotéricos confirmaram as visões de Campos sobre a pirâmide extrafísica. Uma terapeuta holística afirma que:

Cada local, cada cachoeira, cada rio que visitamos, nos foi mostrado a profundidade e os mistérios da região, com seus moradores naturais e guardiães, invisíveis aos olhos comuns, como por exemplo duendes, gnomos, fadas, silfos e sílfides, ninfas, guerreiros, anjos, mestres ascensos, intra e extraterrenos (CAMPOS, 2002, p. 93).

A própria peculiaridade da natureza da Chapada dos Veadeiros suscita muitas interpretações mágicas; uma delas relata que ali existe um guardião gigante chamado Hathillan. A pessoa que colocar o pé direito dentro da piscina natural onde está uma pedra, que dizem ter uma pegada do gigante, pode fazer um pedido que ele será realizado. Conta-se também que existe uma ponte chamada “Ponte dos obstáculos” e que a pessoa que conseguir passar por ela conseguirá na sua vida vencer todos os seus obstáculos.

O Mirante da Estrela ou Mirante do Areião (Figura 46), localizado no Distrito de São Jorge, é um local muito procurado por esotéricos para praticar rituais, meditação e visualizar óvnis. Os proprietários da região fizeram uma mandala com pedras, no formato de um pentagrama⁸⁷ dentro de um círculo, para a prática de meditações e rituais. Lendas regionais contam que o local emite uma energia, funcionando como uma espécie de discoporto.

O Morro da Baleia (Figura 47), situado na GO-239 que liga Alto Paraíso a São Jorge, também suscita interpretações místicas, sendo que ali muitos esotéricos realizam rituais e vigílias. A região é conhecida como a “Montanha Sagrada”, uma espécie de um domo montanhoso, que muitos acreditam apresentar o formato de uma baleia.

⁸⁶ Ser que atingiu o grau mais alto de evolução espiritual após passar por muitas reencarnações como humano na Terra. Esta teoria foi cunhada pela esoterista russa Helena Blavatsky. São chamados de Mestres pelos esotéricos, por serem orientadores espirituais dos médiuns ou de pessoas que buscam esse tipo de espiritualidade. Na verdade, eles teriam nascido como seres humanos e foram evoluindo espiritualmente.

⁸⁷ O pentagrama inscrito dentro de um círculo é utilizado em rituais que simbolizam o homem dominando os elementos da natureza, invocando os quatro elementos alquímicos ar, terra, fogo e água. Acredita-se que através do pentagrama são invocados os seres elementais, uma espécie de seres espirituais que atuam na natureza. A quinta ponta do pentagrama, simboliza o quinto elemento, a dimensão espiritual. Manipular as forças do universo é saber manipular esses cinco elementos.

Locais místicos na natureza da Chapada dos Veadeiros

Figura 46 – Mirante da Estrela



Fonte: Tô pensando em viajar (2015). Disponível em: <http://www.topensandoemviajar.com/2015/04/20/guia-chapada-dos-veadeiros/>. Acesso em dezembro/2015.

Figura 47 – Morro da Baleia



Fonte: Autoria própria (2014).

O Morro da Baleia encontra-se em frente ao Morro do Buracão, sendo que popularmente conta-se que ambos formam uma espécie de um portal dimensional entre Alto Paraíso e São Jorge. Conta-se também que existe uma grande marca circular nas rochas que supostamente seria sinal de pouso de uma nave. Isso porque existiria um campo de força magnética que atrairia naves extraterrestres. Muitos esotéricos realizam vigílias no local.

A baleia olha para o poente; de fato, existe outra ‘baleia’ na Serra do Roncador [...], que é a Montanha Sagrada-fêmea, e ambas se comunicariam por canais intraterrenos. Muitos sobem ali para tentar avistamentos extraterrestres, e ela faz fronteira entre o Parque da Chapada e os moradores da região (SALVI, 2007, p. 91).

Os citados canais intraterrenos⁸⁸ representam toda uma crença sobre seres que habitam o interior da Terra, que seria uma civilização mais avançada que a dos seres humanos da superfície denominada de *Agharta* – “um local de acesso das naves, onde elas se abrigam” (*Idem*, p. 106). Denominados de intraterrenos, intraterrestres ou *aghartianos*, os habitantes formam um povo dotado de uma energia especial e evoluídos espiritualmente. São dotados de poderes psíquicos, energéticos, capazes de desmaterializar ou materializar seus corpos. *Agharta* é um centro de poder que foi mencionado por Saint Yves d’Alveydre em sua obra *A Missão da*

⁸⁸ A crença nos intraterrenos também está presente na Serra do Roncador, que atrai ufólogos e esotéricos, desde a expedição do Coronel Percy Fawcett em 1919, que teria desaparecido misteriosamente. A região situa-se entre os paralelos 14 e 15 e muitos acreditam que ali existe uma entrada para um canal subterrâneo.

Índia na Europa (1910) e por René Guenón em sua obra *O Rei do Mundo* (1910). Acredita-se também que *Shambala* – capital de *Agharta* – se localiza sob o Himalaya (*Ibidem*, p. 90 - 91).

Já os seres extraterrestres, especificamente os que habitariam ou visitariam a Chapada dos Veadeiros, são definidos por Campos (2002) em quatro raças distintas (Quadro 5):

Quadro 5 – Tipologia de extraterrestres na Chapada dos Veadeiros por Elias Campos

Cão Maior	Aparência de gafanhoto. Cor marrom. Altura: de 0,80 a 1 metro. Comunicam-se amigavelmente com os seres humanos através dos sonhos, auxiliando em questões artísticas e matemáticas.
Alfa Centauros	Branco, loiros e de olhos azuis. Altura: 2,50 metros. Extremamente magros, apresentam olhos grandes e não apresentam pelos no corpo. Comunicam-se em sonhos e por telepatia e auxiliam os seres humanos em curas.
Antarianos	Cor verde. Altura: 1,10 metros. Apresentam um corpo físico e um astral. Protegem os seres humanos dos Greys.
30ª de Órion (orianos)	Possuem botões prateados na cabeça. Cor cinza. Altura: similar aos seres humanos. Não apresentam pelos no corpo. Colocam chips nos seres humanos para robotizá-los.

Fonte: Campos (2002, p. 103 – 104) com adaptações.

Todas essas crenças ufológicas, na verdade, estão relacionadas à presença dos grupos esotéricos e espiritualistas que migraram para a região de Alto Paraíso. Os primeiros grupos que estudam ufologia chegaram na região na década de oitenta, muitos deles, advindos de outras unidades da federação, como o Distrito Federal e São Paulo. Eles estabelecem um certo diálogo entre ciência e religiosidade, ao acreditar em atividades hiperfísicas, afirmando que os seres humanos deixam o seu corpo físico para transcender a um campo cósmico.

A presença dos cristais é um dos pontos principais da atração dos grupos à região, visto que eles utilizam o cristal em terapias, para fornecer estímulos da mesma forma que as agulhas da acupuntura. Os cristais são aplicados em pontos físicos que levam o organismo a um equilíbrio energético. Eles acreditam que os cristais emitem um campo de vibração energética capaz de abrir portais dimensionais e que as civilizações antigas como os maias ou sumérios utilizavam cristais no cume das pirâmides para canalizar energias cósmicas. Os cristais, na visão esotérica ufológica, “vão servir futuramente para comunicações extraplanetárias e galácticas interdimensionais [...]” (Instituto Solarion *apud* SIQUEIRA, 2003b, p. 86).

Com o objetivo de trabalhar a energia telúrica local, principalmente a dos cristais, no ano de 1982 chegaram a Omibram – Ordem Mística Iniciática Brahmânica, em 1987 os Cavaleiros de *Maitreya* e em 1991 os Seguidores de *Saint Germain*. Estes grupos não atuam

mais na cidade, mas no período de sua atuação mencionavam a existência da Grande Fraternidade Branca Universal, um grupo de Mestres Ascensionados constituído por personagens importantes que viveram no Ocidente e no Oriente. São eles: Jesus Cristo, *Saint Germain*, *Buda*, *Maha Chohan*, *El Morya*, *Kuthumi*, *Kwan Yin*, Maria, dentre outros.

Os mestres ascensionados, na opinião dos membros destes grupos, auxiliam a humanidade em sua evolução cósmica. Essa fraternidade faria parte de um grupo que possuiria representantes em várias partes do universo. Eles acreditam que no planeta Terra o ser de luz *Sanat Kumara*, conhecido pelos cristãos como Melquizedec ou Rei de Salém, trouxe uma legião de mestres para reencarnar sucessivas gerações e que teriam construído a cidade *Shambala*. Os mestres teriam ensinado à humanidade uma série de técnicas para atingir a evolução espiritual e canalizar energias cósmicas, como meditações, mantras, decretos, danças, visualizações, músicas, estudos e determinados rituais.

Auxiliar da Grande Fraternidade Branca é a Confederação Intergaláctica, encarregada de manter a paz universal, liderada pelo comandante *Ashtar Sheran*⁸⁹, que teria vindo do planeta *Methária*, do sistema Alfa Centauro. O extraterrestre comanda uma frota de espaçonaves que possuem o objetivo de visitar a humanidade para pregar suas mensagens de salvação. Esta forma de contato se daria de forma telepática e apenas com pessoas que desenvolveram um certo grau de espiritualidade, como os médiuns. Muitos deles contam que *Ashtar Sheran* lhes comunicou que visita a Terra a serviço de Jesus Cristo.

A busca ufológica mística na região da Chapada dos Veadeiros é comumente atribuída à Fundação Arcádia Irmandade da Luz Solar que se instalou na região no ano de 1992. O grupo realizava palestras, cursos, meditações e vigílias buscando contatos extraterrestres. Comercializavam livros sobre o assunto e aplicavam terapias que se diziam baseadas nas medicinas extraterrenas, mescladas a práticas tradicionais e alternativas. A sua espiritualidade baseia-se na crença de uma hierarquia universal, na qual existem ordens, irmandades e organizações que possuem representações no planeta Terra. Eles procuram esclarecer que não

⁸⁹ Uma entidade extraterrestre que iniciou contatos telepáticos com médiuns para pregar mensagens acerca de sua missão na Terra e a conscientização do ser humano quanto às suas práticas que podem levar à sua autodestruição, propondo uma nova era e uma nova consciência intergaláctica. É um ícone da Nova Era e também é associado ao São Miguel Arcanjo. Acredita-se que a primeira menção a esta figura foi através do médium alemão Herbert Victor Speer no ano de 1958, que expôs sua experiência em sua obra psicografada *A Grande Missão Celeste de Ashtar Sheran à humanidade da Terra*. Esta identidade intergaláctica dialoga com os preceitos do Calendário da Paz (criado a partir do Calendário Maia) à medida em que mostra ao homem a sua posição diante do seu planeta. Acredita-se que haveriam seres superiores à espécie humana que poderiam muito lhes ensinar e que os próprios maias e egípcios foram colonizados por estes seres oriundos das estrelas, por isto, possuíam conhecimentos tão avançados para a sua época.

se constituem em um grupo religioso, ou seita, e sim, um grupo que estuda as relações entre a espiritualidade e a ciência. O grupo explica porque eles se estabeleceram em Alto Paraíso:

Nós viemos por orientação espiritual, foi passado que nós tínhamos uma missão de abrir um *chakra* cardíaco planetário, abrir o selo cardíaco que era o momento de despertar desse local para as pessoas que viriam chegar até aqui [...] É como se fosse uma energia eletromagnética assim, que forma um cordão, um cinturão eletrônico (Arcádia Irmandade da Luz Solar *apud* SIQUEIRA, 2003b, p. 86 – 87).

O grupo acredita que existe uma espécie de milícia celeste, mantendo a ordem do universo. Dentro de sua hierarquia, os *Rikbidim* governam as naves-mães e os *Qaddinim* auxiliam na vigilância universal, para que não haja invasões de anjos caídos que poderiam transformar populações em escravas. Assim, eles atentam para que todos fiquem vigilantes, pois existem forças negativas atuando no planeta que não são provenientes dele (Ergom e Inti-Rá, 2015). Buscavam a conscientização planetária para uma nova era, através de cursos e produtos que auxiliam nas meditações e estilo de vida. Pretendiam construir uma universidade e um hospital holístico, que aplicaria conhecimentos extraterrestres e de sabedorias orientais milenares. O grupo foi responsável por realizar o evento “I Encontro dos Construtores da Nova Era, os Filhos do Sol”, em um hotel em Alto Paraíso no ano de 1992, reunindo pessoas de várias partes do Brasil, com o objetivo de debater assuntos esotéricos, ufológicos, metafísicos e holísticos. Cerca de duzentas pessoas participaram, muitas delas advindas de outros grupos espirituais espalhados pelo Brasil, Estados Unidos, Itália e Noruega.

Após o sucesso do evento, realizaram outro no ano de 1993, chamado “Rede Mundial da Consciência Planetária”. Diante da inexistência de um local adequado para sustentar um público de mais de mil pessoas, utilizaram um silo da CASEGO para realizar o evento internacional. Dentre os seus afamados palestrantes, estiveram Dr. Pierre Weill, reitor da Universidade Holística de Brasília (Cidade da Paz), o casal James Thompson e Clarice Thompson, diretores da *The Tibetan Foundation* (EUA), o casal Cláudio Quiroga e Emília Quiroga, coordenadores do Núcleo de Integração das Ciências (BA) e o professor Timothy Paterson, representante da revista *Il Jornbale Del Misteri* (Itália) (*Ibidem*, 2015).

O grupo sobreviveu na região até o ano de 1999. A partir desse ano, o grupo desintegrou e os líderes mudaram para o interior de São Paulo, onde continuaram desenvolvendo seus trabalhos relacionados à Rede Mundial da Consciência Planetária.

Em 1993 se instalou no município de Cavalcante a Rede N.A.V.E. (Nossas Almas Vieram das Estrelas), um grupo esotérico, sem fins lucrativos, que possui o objetivo de se preparar para a chegada da Era de Aquário. O grupo procura estabelecer um diálogo entre

religião, ciência e filosofia. Estabeleceu também uma ramificação na cidade de Alto Paraíso, realizando eventos no local e tendo adeptos que ali residem. Eles acreditam que o planeta recebeu espíritos de famílias extraterrestres que desceram ao mundo em várias reencarnações, advindas de alguns locais do Universo, como Sírius, Alfa Centauro e Aldebarã. Escolheram a Chapada dos Veadeiros pelo fato de possuir, na opinião deles, uma localização privilegiada, ar puro, nascentes, emissão de energia, e ser uma

terra muito antiga, das altas Canelas de Ema, de Jardins Zen de sagradas Arnicas, dos antigos Quilombos e das montanhas azuis. Terra das nascentes e das águas mágicas de belas cachoeiras. Terra aonde vibra a grande tradição dos guerreiros xamãs ancestrais do *Watan Tanka*, o Grande Espírito! (REDE N.A.V.E., 2011).

A região da Chapada é conhecida pelos ufólogos como um *Hotspot* (“ponto quente” ou ponto de acesso) assim definido por Penteado (2012). Seres extraterrestres possuiriam bases escavadas nas rochas das montanhas e no fundo dos lagos, que são locais de difícil acesso aos seres humanos. Assim, em todos os estados brasileiros existe uma região em que os relatos ufológicos são mais presentes. Isso porque estes seres possuiriam uma base em cada Estado.

Os “Hot Spots” são pontos [...] de alta intensidade de aparição ufológica, como São Thomé das Letras e o Sul de Minas em geral, Alto Paraíso de Goiás, Ilha de Colares, Roswell e o Novo México nos EUA, Macchu Picchu, Peruíbe, etc. (PENTEADO, 2012, p. 30).

Esses e muitos outros grupos apresentam uma visão mais esotérica da ufologia. É percebido que sempre existiu uma escassa procura de cientistas na região. Na opinião de Eustáquio Andréa Patounas⁹⁰,

Em minha opinião, Alto Paraíso construiu sua identidade em função da fantástica casuística. Ocorre que a pesquisa do fenômeno ufo sempre foi considerada coisa de malucos e essa concepção errônea atrapalha, não atrai investimentos e faz com que para lá se dirijam todas as correntes filosóficas, o que é bom para a cidade e sua economia, mas ruim no que concerne às respostas que se busca do porquê dessa atração dos óvnis pelo local (PATOUNAS, 2015).

Em entrevista, Patounas conta que já esteve por lá umas trinta e três vezes com grupos espiritualistas, mas isso, antes dos anos 2000. Ele acredita que a região apresenta uma energia

⁹⁰ “Fundador-presidente da Socex - Sociedade Excelsa, entidade sem fins lucrativos e de utilidade pública fundada em 01/08/1991, e que tem como objetivos o estudo, divulgação e trabalhos de aprimoramento, bem-estar pessoal e fomento da consciência do Todo e do Sempre. Desde 27 de Julho de 2005 produz, dirige e apresenta o programa *Vida Inteligente* na TV Floripa Canal 4 da NET – Florianópolis” (Inteligência Abstrata, 2015).

e um magnetismo pelos cristais, pelo paralelo 14 e a sua natureza, que a transformam em um local propício para eventos transcendentais.

O paralelo 14 funcionaria como uma linha imaginária que interliga os locais por onde ele percorre. Apesar de se ter descoberto na presente pesquisa que ele não passa exatamente por *Machu Picchu*⁹¹, acredita-se popularmente que a região da Chapada dos Veadeiros se interliga ou se comunica com a cidade sagrada inca. Ali, todas as energias emitidas pelas suas antigas civilizações podem ser emanadas e transmitidas aos pontos localizados no paralelo 14.

Acreditam muitos místicos que o planeta Terra foi colonizado pelos *Anunnaki*⁹², uma espécie de “deuses extraterrestres”⁹³ oriundos do planeta *Nibiru*, que possuíam uma alta tecnologia. Eles teriam criado a raça humana dando origem às civilizações antigas, como os sumérios, maias, os egípcios e os incas. Desta forma, os incas teriam recebido o conhecimento e a tecnologia destes seres superiores, construindo a cidade de *Machu Picchu* para receber energias oriundas dos astros e do próprio planeta.

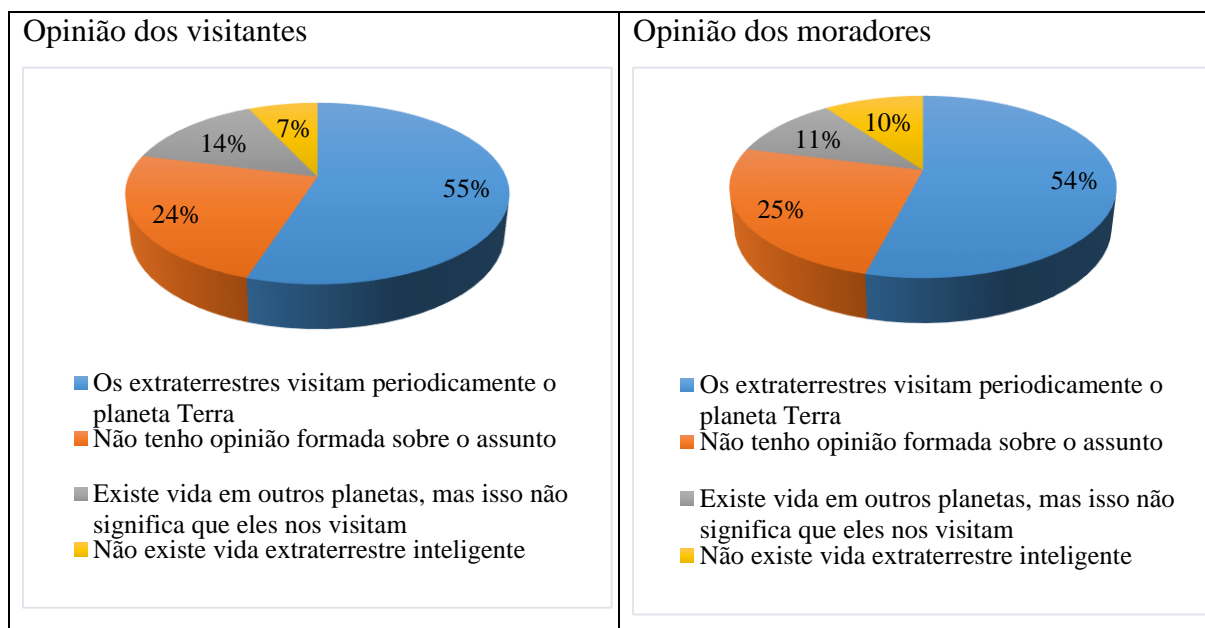
A presente pesquisa entrevistou moradores e visitantes da cidade questionando se eles acreditam em ETs, vida em outros planetas ou em discos voadores. O Gráfico 5 mostra que as opiniões entre moradores e visitantes, no geral, foram similares. A maior parte deles acredita que o fenômeno óvni está relacionado à atuação de seres extraterrestres. Esse número é expressivo, que corresponde a mais da metade dos pesquisados e corrobora a tese do reencantamento do mundo, visto que as pessoas agora voltam-se para os assuntos misteriosos.

⁹¹ A cidade sagrada estava encoberta na mata até o ano de 1911, quando o pesquisador inglês Hiram Bingham encontrou o local. É atribuída à *Machu Picchu* toda uma mística, que se inicia pelos próprios mitos fundadores do local. Segundo a mitologia inca, conta-se que o deus sol *Inti* enviou os seus dois filhos (*Manco Capac* e *Mama Ocllo*) para uma região onde reinava o caos e a escuridão. Ambos nasceram do lago *Titicaca*, e foram procurar um local para se estabelecer e desenvolver a civilização, fundando a cidade de *Cuzco*. Após o desenvolvimento do império, *Machu Picchu* foi criada para supervisionar a economia de todas as regiões conquistadas e refugiar o imperador inca, tornando-se um centro político, econômico e espiritual.

⁹² Palavra de origem suméria que significa “aqueles que vieram do céu”.

⁹³ Ellam (2004) analisa o conceito de “Deuses Extraterrenos”, afirmando que pode ser chamado de extraterrestre qualquer entidade ou indivíduo que não seja do planeta Terra. Assim, o próprio conceito de Deus teria que ser extraterreno.

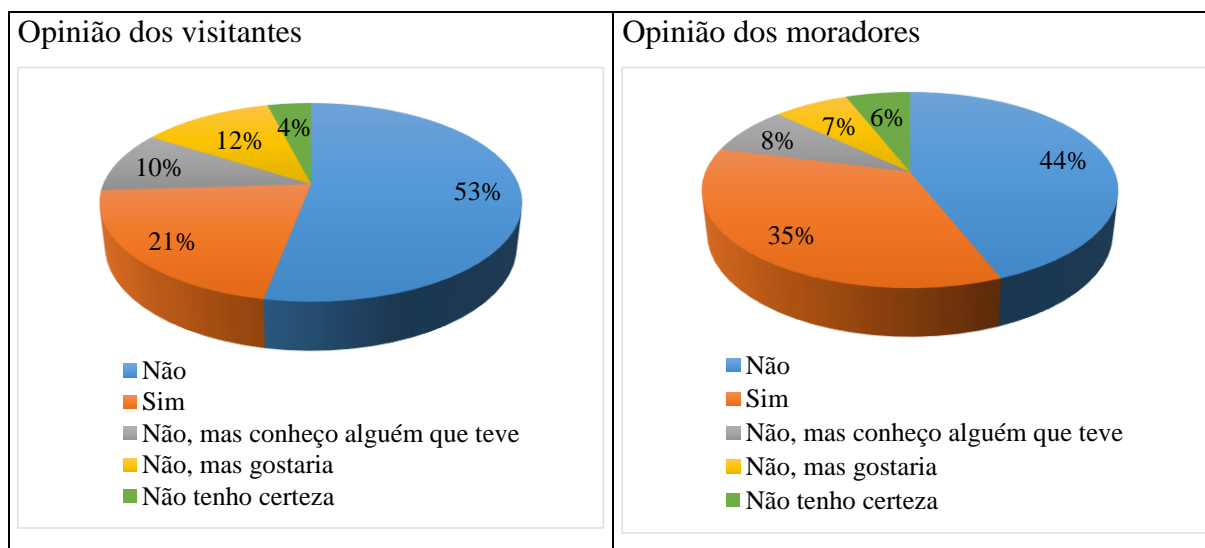
Gráfico 5 – Você acredita em ETs, vida em outros planetas ou em discos voadores?



Fonte: A autoria própria (2016).

Foi questionado também se eles já passaram por alguma experiência de avistamento de óvnis nos arredores da região. O Gráfico 6 mostra que dentre os moradores, a alegação de que já passaram por alguma experiência ufológica é maior que entre os visitantes. Entre os que alegam não ter passado pela experiência, mas que desejariam, o número maior está entre os visitantes. É interessante perceber o grande número de crédulos em contatos extraterrestres, apesar de a maior parte da população pesquisada não ter vivido uma experiência ufológica.

Gráfico 6 – Você já teve experiência de avistamento de óvni nos arredores da região?

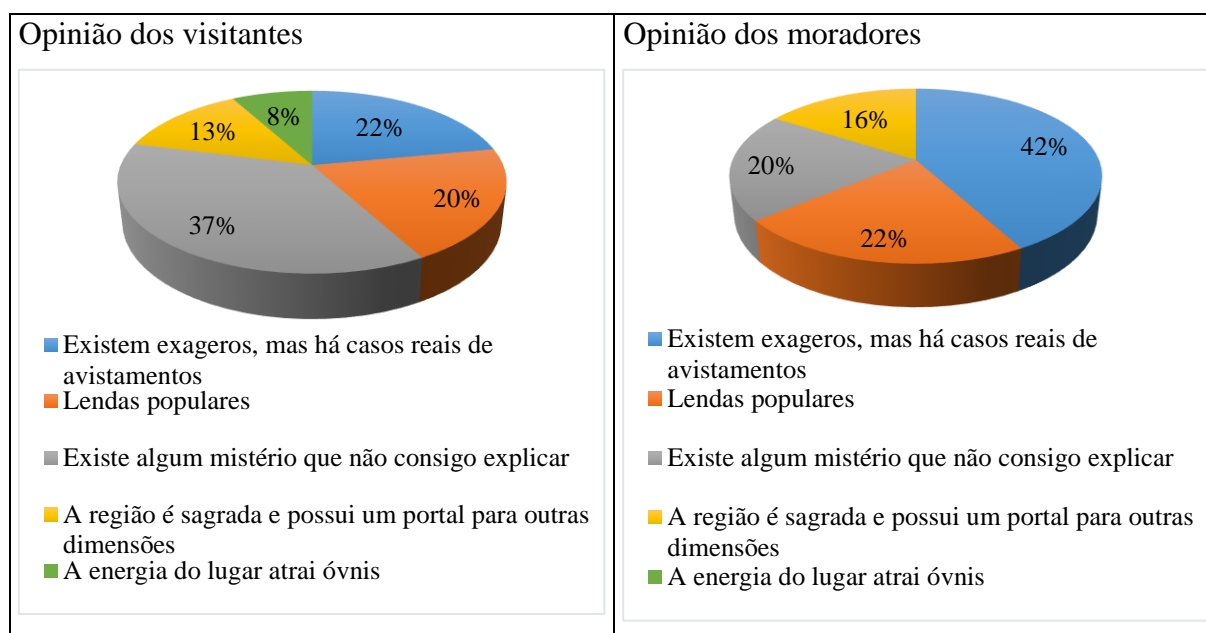


Fonte: A autoria própria (2016).

Dentre os que alegam ter visto um óvni, os locais citados foram: Aeroporto de Alto Paraíso, Morro da Baleia, Povoado do Moinho, rodovia GO-118 sentido São João D’Aliança – Alto Paraíso e Alto Paraíso – Teresina, rodovia GO-239 sentido Alto Paraíso – São Jorge, Centro da cidade, Jardim de *Maytreia*, Templo *Ten Tao* - Templo Cristal, Vale Dourado-Santuário Ecológico, *Camping* Dona Ana, Setor Planalto, São Jorge, Fazenda Miraflores (Cavalcante), Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, Cachoeira da Água Fria, *Camping* Consertamos Disco Voador, Campo de futebol da cidade, Bairro Novo Horizonte, São João D’Aliança, Comunidade do Engenho (Cavalcante), Pousada Casa das Flores, Raizama, Catarata dos Couros, Pousada Renascer na Luz e Praça do turista.

Outra questão oferecida aos entrevistados foi sobre a sua opinião acerca da presença de tantos relatos de avistamentos de óvnis ou contatos com extraterrestres / intraterrenos na Chapada dos Veadeiros. O Gráfico 7 mostra que a opinião dos moradores em acreditar que, apesar dos exageros, existem casos reais de avistamentos é expressiva (42%), chegando a ser quase o dobro da porcentagem de visitantes (22%). Entre os visitantes, a maior parte acredita que existe algum mistério que não conseguem explicar, porcentagem bem maior que a de moradores. Isso mostra que os moradores são os mais crédulos e que atribuem mais significados a esse fenômeno. Inclusive, 16% deles afirma que a região é sagrada, em contraposição aos 13% dos visitantes. A opinião incrédula ou mais crítica está na porcentagem entre ambos os grupos de 20 e 22% (que responderam a opção - lendas populares), não se diferindo muito entre ambos os grupos sociais. 8% dos visitantes acredita que a energia do lugar atrai óvnis, informação que nenhum morador respondeu que acredita. Por outro lado, quem na sua maioria que acredita que a região é sagrada e possui um portal dimensional são os próprios moradores. Essa informação é curiosa. Os moradores, por constituírem-se em um grupo heterogêneo, diferem muito nas suas opiniões sobre essas questões místicas do lugar.

Gráfico 7 – Qual a sua opinião sobre a presença de relatos de avistamentos de óvnis ou contatos com extraterrestres / intraterrenos na Chapada dos Veadeiros?

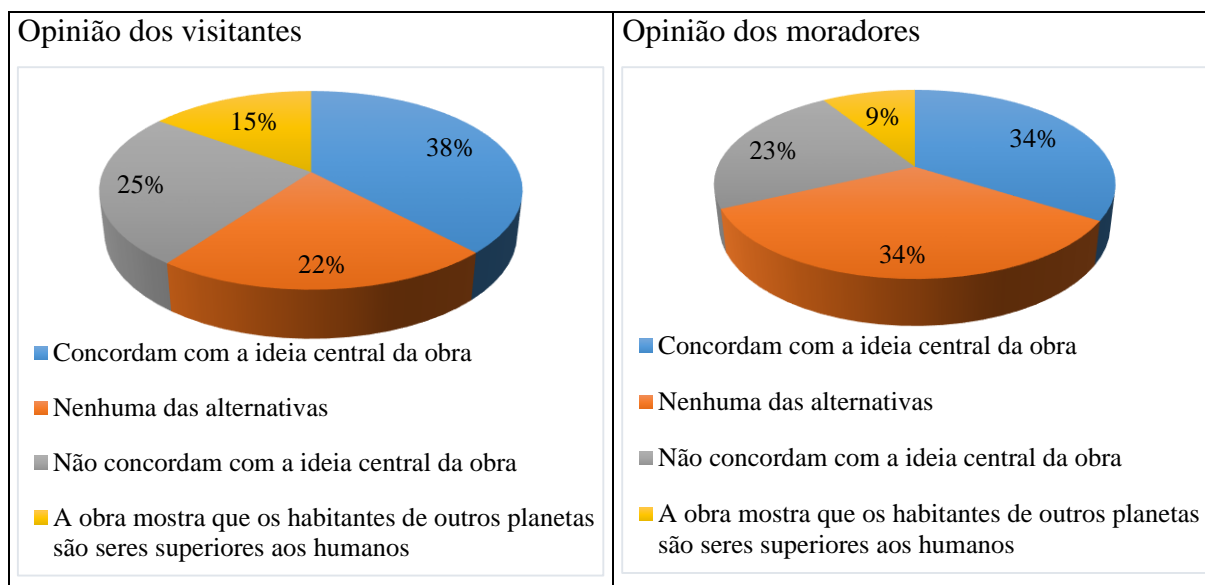


Fonte: A autoria própria (2016).

E por último, foi questionado o que eles pensam sobre a expressão “Eram os deuses astronautas”. O Gráfico 8 mostra que a maior parte dos entrevistados conhece a obra. E para quem não conhece, foi colocada a opção “Nenhuma das alternativas”. Foi também oferecida uma oportunidade de resposta para quem nunca leu a obra ou assistiu ao documentário, pois foi colocado o termo “o que você pensa sobre a expressão”, com o objetivo de despertar interpretações. A opinião de que os fatos bíblicos apontados pela obra estão relacionados à atuação de seres extraterrestres na história da humanidade, uma opinião que concorda com a ideia central da obra, chega a não ter muita disparidade entre ambos os grupos sociais. Parte significativa da população moradora não quis opinar sobre a questão, sendo um número maior que o de visitantes. Foi diagnosticado que muitos dos que optaram por esta atitude, é porque não querem falar sobre o assunto e não porque não conhecem a obra. Muitos deles deixaram essa questão sem responder, e aqui optou-se por contabilizar essas pessoas na opção “nenhuma das alternativas”. O silêncio também mostra que a pessoa não quer falar do assunto. Isso ocorre pela visão crítica que os adeptos de muitas religiosidades possuem a respeito do tema. A opinião de que a analogia entre ufologia e religião não pode existir (que seria a opinião de quem não concorda oficialmente com a obra porque a mesma se desvirtua para o lado religioso) está também relativamente equilibrada entre ambos os grupos pesquisados. Se somadas as

porcentagens de quem não quis falar do assunto e de quem declarou que não concorda com a ideia central da obra, se conclui que a opinião mais crítica prevaleceu.

Gráfico 8 – O que você pensa sobre a expressão “Eram os deuses astronautas”?



Fonte: Autoria própria (2016).

Esse resultado também pode ter ocorrido por outros motivos. Apareceram muitas notícias de que Däniken estava envolvido com fraudes, falsificações e que até mesmo teria recebido avaliações psiquiátricas desfavoráveis. Algumas das evidências apontadas pelo ufólogo em sua obra foram tachadas de especulativas, imprecisas e que contradiziam evidências arqueológicas. Muitas das informações poderiam ter sido omitidas ou inventadas para produzir um efeito mais dramático. Sua obra se tornou assunto de piadas popularmente, o que afetou sua credibilidade. Muitas pessoas entrevistadas também demonstraram a opinião de que essa teoria é absurda, falsa ou que seria uma loucura acreditar nela, através de rasuras no formulário.

O caso de Alto Paraíso difere de Varginha, como explica o secretário de cultura: “[...] nós não temos nenhum caso de queda de nave espacial, nós não temos nenhum caso de que alguém falou “Olha, eu acabei de ver um ET ali, conversei com ele [...]” (AMADEUS, 2015). Já o caso Varginha, ele explica que

[...] o corpo de bombeiros fecha uma área pra ficar capturando um “negócio” lá embaixo, então um soldado que depois alegadamente confessou pra família que ele segurou ‘o ser’ na mão, ele veio a falecer, porque pegou ali uma substância [...] um ser que tem ali uma fisiologia diferente, e ele segurou o ser no braço e ganhou uma condecoração. Então Varginha tem essa história, e Alto Paraíso não tem nem uma, aqui o povo busca esse contato, mas é aquilo que eu te falo, é “interior” demais. “Há, eu vi a luz”, pode até ter sido, mas pode também não ter sido” (AMADEUS, 2015).

O que ocorre são relatos isolados. As vigílias ufológicas comumente são raras e frustrantes. O indivíduo pratica a vigília com uma expectativa baseada nas perspectivas da ficção científica que alimentam a imaginação popular. Mas, na verdade, acaba se tornando uma atividade entediante, não acontece nada e a maior parte destes indivíduos desiste de continuar praticando (PENTEADO, 2012, p. 06).

Esta mística ufológica não é exclusividade de Alto Paraíso e de toda a região da Chapada dos Veadeiros. Salvi esclarece em entrevista que, ao se observar locais nos quais existem concentrações de movimentos esotéricos, o fenômeno se repete.

Estes lugares se caracterizam também por aspectos geográficos peculiares, especialmente pela beleza natural e por serem locais remotos e afastados dos grandes centros. E tais coisas se destacam seguramente na Chapada dos Veadeiros, ademais de possuir peculiaridades como a proximidade de Brasília – uma cidade criada sob o signo da renovação –, a mística do Planalto Central e a “magia” do Cerrado – além, é claro, da limpidez de um céu deslumbrante que facilmente permite observações peculiares. É este misterioso substrato místico da ufologia, em especial, de base bastante subconsciente, que deve ser buscado para explicar o fascínio que o tema exerce na região da Chapada (SALVI, 2015).

Os relatos entre moradores são repassados para visitantes e continuam se difundindo, até que muitas pessoas passam a procurar o local com a expectativa de encontrar óvnis. Assim, o turismo passou a explorar essa temática como um atrativo, tendo também apoio do poder público, que procurou construir essa identidade da região para quem chega de outros lugares.

3.3 RELATOS DE OUTROS MUNDOS

O misticismo em Alto Paraíso suscita muitas narrativas quando o assunto é ufologia. Foram coletadas durante as pesquisas de campo fontes de diversas naturezas, sendo elas, relatos pessoais (orais e escritos), poesias, memórias e anedotas. Foram escolhidas dez narrativas para análise, sendo dois exemplos de cada gênero. Denomina-se nesse trabalho esse conjunto de produções culturais como narrativas ufológicas.

A narrativa é um recurso inerente à história da humanidade, sendo transmitida de gerações em gerações através da oralidade ou da escrita. A narrativa se configurou como um desafio para os historiadores estruturalistas que pensavam a História como uma narrativa dos grandes acontecimentos. Ela propôs uma análise das estruturas e uma “história vista de baixo”, isto é, aquela construída por pessoas comuns em seu cotidiano (Burke, 1992, p. 12 – 13).

Essa nova postura da historiografia revolucionou aquela antiga história baseada nos registros e documentos oficiais. A narrativa passou a ser concebida como um documento no

qual o historiador pode debruçar-se no processo de estudo das sociedades. Toda narrativa deve passar por uma reflexão crítica, isso porque:

Nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra. Nessa situação, nossa percepção dos conflitos é certamente mais realçada por uma apresentação de pontos de vista opostos [...] (BURKE, 1992, p. 15).

Nos estudos sociológicos o sujeito é a categoria central. Os fenômenos sociais são compreendidos através da subjetivação dos sujeitos envolvidos em várias formas de expressão de seu pensamento. Assim, a conexão entre historiadores e sociólogos possibilita uma compreensão das estruturas e acontecimentos através da experiência dos sujeitos. Neste processo, a Sociologia analisa a história dos sujeitos dentro da ficção literária, pois a realidade social estará entrelaçada com a narrativa (Almeida; Freitas; Santos, 2012, p. 158 - 159). A Sociologia interpreta e analisa as experiências relatadas pelos indivíduos, procurando não se restringir aos dados quantitativos, pois os associa aos dados qualitativos.

O Sociólogo é um alquimista intelectual, que trabalha transmutando subjetividades em ciência, na busca de perpetuar as memórias e informações dos agentes envolvidos na pesquisa, como se o seu ofício fosse transformar estórias em história, pensamentos em fatos sociais e fatos sociais em novos pensamentos, e assim sucessivamente (*Ibidem*, p. 165).

Apoiando-se nos pressupostos abertos pela História Cultural, a proposta de análise desse trabalho parte da compreensão de que as “narrativas ufológicas” são um conjunto de relatos sobre fatos ufológicos, considerando estas narrativas como uma rica fonte de pesquisa para a análise do imaginário. Essas narrativas podem trazer pistas importantes sobre o contexto sociocultural do qual elas são provenientes.

De maneira semelhante, o atual interesse histórico pela narrativa é, em parte, um interesse pelas práticas narrativas características de uma cultura particular, as histórias que as pessoas naquela cultura 'contam a si mesmas sobre si mesmas', como foram chamadas, oferecem pistas importantes para o mundo em que foram contadas (BURKE, 2005, p. 158).

A primeira categoria de narrativa que faz parte da proposta é o relato. Geralmente, eles são carregados de sentimentos e subjetividade. O narrador apresenta um espaço e um tempo bem demarcados, podendo descrever pessoas e objetos. Nesse caso, o tempo verbal é no passado, pois ele está se referindo a algo que já aconteceu. Os relatos podem estar em diferentes suportes, sejam eles revistas, *blogs*, redes sociais, cartas, dentre outros.

Todo relato possui os seguintes elementos: fatos, pessoas, tempo e espaço. Eles também podem ser orais ou escritos. Aqui apresentam-se dois exemplos de relatos orais – aqueles colhidos em entrevistas e dois exemplos de relatos escritos, também colhidos em campo, porém, através de um livro de registros de um hotel da cidade.

O primeiro relato oral a ser analisado, foi coletado em entrevista com um morador que está sendo indicado com algumas iniciais para manter o anonimato. Ele é um morador antigo da região que conta uma história que aconteceu a um grupo de pessoas que ele conhece, protagonizada por Frida, um nome fictício. O narrador diz que Frida é uma humilde moradora do campo, que não teria qualquer interesse em “inventar” histórias, que ela apenas relatou o que realmente aconteceu.

O relato mostra o tempo no qual o fato teria ocorrido, o início da década de noventa, e o espaço - uma fazenda na região da Chapada dos Veadeiros. Frida estava coletando mel no período noturno, que é o período indicado para a técnica da coleta. De acordo com o relato, ela estava com um grupo de mais de dez pessoas:

[...] Eles estavam ... de noite, isso há mais de dez anos atrás, porque no sertão não tinha luz ainda. E eles estavam catando, colhendo mel de oropa de noite, e a técnica que eles usam é: pega lá na colmeia, pega uma lanterna, jogam a lanterna ali e as abelhas todas saem daquele local onde ele jogou a lanterna e ali eles colhem o mel, né... Beleza, aí num determinado momento, iluminou tudo, eles estavam lá colhendo a história, e de repente uma luz, algo começou a iluminar como se estivesse amanhecendo o dia, e isso tava duas famílias, mais de dez pessoas eu acho, vendo isso acontecer [...] (T.M., 2015).

O fato ocorrido: o grupo presenciou uma luz pairando sobre a fazenda, que eles garantiram que não era de lanterna. Avistaram um objeto luminoso e pulsante, conseguindo até mesmo delimitar o seu tamanho, que seria maior que um carro. Viram o objeto se mover, se desmaterializar e entrar em uma montanha.

[...] De repente quando ele falou assim “Gente, tem mais lanterna acesa, tem mais lanterna?”... “Não!”, aí ele apagou a lanterna dele e continuou tudo assim, conseguia enxergar assim os morros lá na frente, tudo. Quando eles viram tinha um objeto luminoso muito bonito, pulsante, maior do que um carro, pairando. E esse objeto a luz era bonita, ele era silencioso, esse objeto se encaminhou, se encaminhou, se encaminhou, e entrou como se diz desmaterializado, entrou numa montanha [...] Eles falaram que já viram outras vezes também, mas que agora deu uma parada” (T.M., 2015).

Esses fatos seriam corriqueiros naquela região, mas nos últimos anos, diz o relator que eles pararam de acontecer. Esses tipos de relatos são comuns entre moradores de regiões rurais, que sempre têm uma história de caráter fantástico para contar. Contudo, no caso da região da

Chapada, essas histórias costumam muitas vezes ir para o lado ufológico, pela identidade que a região apresenta, de possuir uma história ligada a visões místicas sobre sua natureza. Eles não citaram qualquer termo referente à nave ou disco voador, e sim, um objeto, que não foi identificado por eles, isto é, pode-se chamar de óvni neste caso.

O segundo relato oral é de autoria de um visitante que também teve seu nome resguardado. Esta pessoa juntamente com mais cinco acompanhantes, teria feito uma viagem no período da madrugada, de Alto Paraíso para São Jorge. Presenciaram, na estrada, muitas luzes no céu que julgaram ser naves espaciais. Segundo o narrador:

Na esquina da entrada do portal da cidade com a estrada que vai para São Jorge [...] era bem de madrugada numa noite de lua cheia, no momento em que a lua estava se pondo no horizonte. Vimos muitas naves se manifestando no céu. Éramos cinco pessoas. E todos nós vimos nitidamente (A.L., 2015).

É interessante a certeza com que o narrador cita as naves espaciais, o que mostra ser crédulo em seres extraterrestres, ao contrário de outras pessoas que relatam luzes as quais não sabem identificar o que poderia ser. Este narrador reconheceu imediatamente as naves espaciais.

Os relatos escritos foram coletados em um livro de registros para hóspedes do Chappada Hotel, intitulado *Meninos eu vi: Relatos de avistamentos e contatos com ETs e ÓVNIS em Alto Paraíso-GO*. É um livro de atas no qual cada hóspede escreve sobre alguma experiência que viveu na região. Não é um livro editado para publicação ou venda, é particular e foi concedido para esta pesquisa. Dentre os vários relatos contidos no livro, dois foram escolhidos por serem representativos para exemplificar a narrativa ufológica.

Ambos os relatos são de pessoas que tiveram seus nomes também resguardados. O primeiro narra um fato que teria ocorrido no aeroporto, o que mostra que esse local é um dos mais importantes nos casos de avistamentos. Além de ser pouso para aviões particulares, pode ser também atrativo para pousos extraterrestres. O narrador que aqui será chamado de José relata que o evento ocorreu em meados do ano de 1999. As pessoas presentes são José, seu irmão e um amigo.

[...] Em meados de 1999, juntamente com meu irmão e um amigo, tivemos a oportunidade de um avistamento aqui em Alto Paraíso. Era uma noite com poucas estrelas no céu. Passava das 23 horas da noite quando decidimos ir ao aeroporto. Meu irmão parou o carro na pista de pouso de frente para uma região cheia de morros. Vimos pairando no alto uma luz enorme, maior que a lua cheia. Era uma luz muito forte. Observamos que ela estava estática. Concluímos que não poderia ser um avião, porque não saiu do lugar. Também não poderia ser um balão, nem um satélite, pois estava ali parado. Imaginamos que poderia ser um óvni. Decidimos então fazer sinais com o farol do carro, do que resultou em algo que nos surpreendeu. À medida em que o farol do carro piscava, a luz ia diminuindo e depois aumentava. Em dados momentos ela balançava no sentido horizontal, em uma distância de uns cinco metros mais ou menos. Depois ela parava e diminuía até quase apagar e de novo aumentava de tamanho e brilhava muito forte [...] Outras vezes fomos ao aeroporto e nunca mais avistamos aquela luz. Cada um pode tirar a sua conclusão, mas para mim que vivi a experiência, não ficou dúvida alguma, de que era mesmo um contato com seres extraterrestres (CHAPPADA HOTEL, 2014, p. 01).

Esse relato apresenta um diferencial no sentido de apresentar uma interação entre o grupo de pessoas com as ditas “luzes”. E através dessa interação foi constatado pelo autor do relato que aquilo se trataria de contato com seres extraterrestres. Aqui, existe mais uma pessoa que reconhece o fato como um contato extraterrestre.

O segundo relato, por sua vez, já não identifica o fenômeno como extraterrestre, mas apenas como uma luz não identificada, que teria aparecido também em uma estrada em regiões rurais. O narrador, aqui chamado de Vicente, identifica o tempo no qual o fato teria ocorrido, em um entardecer de março de 1984. As pessoas presentes na história, são Vicente e sua ex-esposa. O local era uma estrada em Alto Paraíso que dá acesso à fazenda do narrador.

[...] Em 1984 no mês de março eu e minha ex-mulher voltávamos da fazenda, de carro, pôr do sol entre 18:00 e 19:00 horas, quando uma luz muito forte, quase incandescente surgiu na frente do carro. Minha ex-esposa, assustada, perguntou o que era aquilo. Parei o carro, descemos e vimos uma grande luz passar diante de nós, como uma bola de fogo. Não consegui identificar uma forma qualquer, porque a luz era muito forte. Esta luz tomou a direção das montanhas que circulam a fazenda (CHAPPADA HOTEL, 2014, p. 02 – 03).

Um elemento interessante na narrativa é a questão de o objeto ter se movido em direção às montanhas, similar ao relato anterior, em que o objeto se desmaterializou e entrou em uma montanha. Muitos ufólogos acreditam que as montanhas são utilizadas como bases extraterrestres. Então este relato está muito de acordo com o discurso ufológico popular, ou pode ter sido influenciado por ele.

Vicente relata ter visto uma luz forte, que de repente, surgiu em frente a seu carro. Ele e a ex-esposa teriam visto essa luz se mover, identificando-a como uma bola de fogo. Eles não conseguiram identificar a forma do objeto por causa de sua luz ofuscante. Depois essa luz se moveu até as montanhas. A “bola de fogo” está muito presente em relatos ufológicos em várias

partes do mundo. Muitos também a identificam como “Mãe do Ouro”, como um fenômeno da natureza ou um objeto de uma avançada tecnologia. Essa bola de luz ou de fogo é comumente avistada nas montanhas mais altas das regiões rurais interioranas do Brasil e em outros países. Conta-se que nos locais onde o fenômeno ocorre existem ouros ocultos e a Mãe D’Ouro os protege. Já os ufólogos místicos acreditam que a Mãe D’Ouro é uma espécie de sonda enviada por seres extra ou intraterrenos.

Poesias também representam essas crenças ufológicas em Alto Paraíso. A escritora Geraldina Lombardi é autora da obra *Altas Histórias do Paraíso* (2009), que reúne histórias (que ela afirma serem verdadeiras) que teriam ocorrido nos últimos vinte anos. Geraldina se aproxima de visitantes da cidade e começa a recitar suas poesias. Muitos se admiram. Ela acredita que a cidade era melhor nos tempos antigos, em que a simplicidade da população e a tranquilidade da região reinavam. Geraldina apresenta um inconformismo com o “progresso” da região, com a chegada de tantas pessoas. Ela havia abandonado a cidade grande e procurou em Alto Paraíso a cura de sua depressão, e lá ela afirma que recuperou o gosto pela vida. Em poesias, ela retratou o processo de transformação socioespacial e econômica que ocorreu.

Foi efetuada a escolha de duas poesias intituladas *O Apocalipse no Paraíso* e *A cidade intraterrena*. *O Apocalipse no Paraíso* apresenta uma narrativa em primeira pessoa, a partir de um personagem que se mostra um morador nativo da região, com uma linguagem simples e saudosista. Conta sobre a chegada dos novos moradores ou turistas, ressaltando os grupos esotéricos que falam sobre discos voadores.

Nasci aqui no meu pequeno Paraíso. Aqui cresci brincando, correndo, por todo cerrado, plantando, colhendo, criando meu gado [...] Mas hoje tanta gente chegou e tudo mudou! Cachoeira virou parque e agora tudo se paga. Para brotar capim novo, já não posso fazer queimada [...] E esse povo todo que agora está aí diz que vem uma nave tirá-lo daqui. Será? Será, meu Deus, que se essa nave vier e levar todo esse povo, sabe-se lá, pra onde quiser, meu Paraíso volta a ser aquela da minha infância, tão cheio de graça, de fé, tão puro como era, tempos atrás, Alto Paraíso de Goiás? (LOMBARDI, 2009, p. 13-15).

De forma indireta a autora se coloca presente na poesia, à medida que seus sentimentos em relação à região e a toda a especificidade da natureza a envolveram de forma a sentir uma nostalgia dos tempos antigos. A trama também passa por acontecimentos reais fazendo referências a elementos ilusórios, imaginários ou fantasiosos.

A segunda poesia, intitulada *A cidade intraterrena*, é narrada em terceira pessoa, contando uma história que teria acontecido com um grupo de pessoas no aeroporto da cidade.

Estavam dez pessoas na pista do aeroporto observando as estrelas. Uma delas, sensitiva, disse que perto existia uma cidade intraterrena. Fechou os olhos, inspirou, meditou alguns instantes e a direção apontou. Uma luz esverdeada bem no meio do cerrado a todos logo intrigou. Seria uma fenda aberta deixando escapar a luz que vinha do fundo da Terra? Foi quando alguém sugeriu que fossem até o local pra descobrirem o que era. Alguns ficaram com medo e na pista do aeroporto resolveram esperar. Outros mais corajosos de carro se dirigiram ao intrigante lugar. Andaram pelo cerrado cortando o meio do mato até acharem uma estradinha. Quanto mais se aproximavam mais a luz verde brilhava... e a coragem ia sumindo! Quem o carro dirigia pisou no acelerador e foi aquela gritaria! Quando chegaram ao local ninguém nunca imaginou o que o grupo veria! Ali, no meio do nada, uma lâmpada brilhava nas folhas de um abacateiro, marcando, com certeza, a entrada das terras de algum fazendeiro. A cidade intraterrena se transformou em mistério e nunca foi descoberta. A fenda fechou a tempo, ou virou abacateiro pra disfarçar o que era (LOMBARDI, 2009, p. 53 – 55).

A trama menciona o aeroporto, um local em Alto Paraíso muito procurado por ter a fama de possuir uma entrada interdimensional para o centro da Terra, a lendária *Agharta*, e também por ser palco de vários relatos sobre avistamentos de óvnis. Representa muitas das estórias contadas popularmente, que se difundem entre os moradores e visitantes, sendo muito comum esse tipo de fato ser vivenciado por grupos, talvez, para tentar imprimir mais credibilidade aos relatos.

Outra forma de narrativa escolhida para análise são as memórias. A memória é um gênero da literatura em que o narrador conta suas lembranças sobre fatos de sua vida. A primeira é de autoria de Eduardo Passeto (2014) na obra *Contatados e Abduzidos* que compartilhou uma experiência quando esteve em Alto Paraíso no ano de 2013. O autor conta que existem muitas histórias na região sobre avistamentos, e então, ele quis sair para procurar óvnis. Ele, cético, estava ansioso para desmistificar qualquer fantasia, até que se deparou com um objeto sobrevoando o seu carro em uma estrada.

[...] A convite de um amigo que possui uma propriedade por lá, me hospedei na fazenda [...] Então a noite veio e aquelas estórias de avistamentos que dizem ser comuns na região começaram a surgir naturalmente. Decidimos então ir no meu automóvel até um mirante (meu plano era desbancar todos os supostos óvnis: satélites, rotas comerciais de aviação, fenômenos meteorológicos). O fato é que no caminho, numa estrada rural, fui surpreendido por uma luz branca extremamente forte tentando “ultrapassar” a minha Parati. Me toquei de que não poderia ser um caminhão, pois era uma estrada interna. Bom, o fato é que o “caminhão” passou sobrevoando meu automóvel e depois realizou algum tipo de manobra de aterrissagem e simplesmente desapareceu! O objeto não fazia nenhum tipo de ruído. O proprietário da fazenda me pediu: “pare, pare!”, quando olhei pelas janelas, estávamos cercados de esferas transparentes, mais ou menos do tamanho de bolas de tênis e que levitavam no ar! Havia algo como 15 ou 20 delas, em diversas cores [...] (PASSETO, 2013, p. 43 - 44).

O depoimento de Passeto (2014) faz parte de uma coletânea de relatos de pessoas que teriam vivenciado contatos em vários graus, desde avistamentos a abduções, em várias partes do Brasil (João Monlevade-MG, Birigui-SP, Avaré-SP, Americana-SP, Cabo Frio-RJ, Recife-

PE e Curitiba-PR). Passeto, como os outros narradores, permitiram a sua exposição no livro. A obra foi concebida pelo Grupo Ufologia Brasil e não apresenta fins lucrativos. Nesse caso, Alto Paraíso é apenas mais um dos locais que atraem óvnis no país, não recebendo um protagonismo nesse sentido. O relato de Eduardo Passeto não difere de muitos outros, pois ele também estava com um grupo de pessoas, em uma região interiorana, vivenciando o fato em um período noturno e em uma estrada.

Colemar Elias Campos (2002) relatou algumas de suas experiências vivenciadas em Alto Paraíso, em sua obra *Mistérios da Chapada dos Veadeiros*.

[...] Pedro, Andréa e Marlene estavam nos apartamentos do segundo andar. Na sacada do meu quarto, no primeiro andar, olhando em direção Oeste, observei um objeto de forma circular, tipo disco, como se fosse uma nuvem, sobre as montanhas. Chamei o Pedro, Marlene e Andréa, assim como Diógenes, e Manoel que estava com a mulher e quatro filhos, para também, verem o objeto. Descemos todos para o térreo e o objeto movimentou-se da esquerda para a direita e para o alto até atingir mais ou menos 45° em relação a nós e estava envolto por um círculo de estrelas, contudo, não tínhamos como calcular a distância. Houve várias precipitações, tipo meteoritos singrando o céu estrelado e lindo. E, aquele objeto era único no céu, além das estrelas, pois não havia nuvens na abóbada celeste (CAMPOS, 2002, p. 104 – 105).

Campos (2002) em seu livro traz várias informações geográficas sobre a Chapada dos Veadeiros e propõe expor suas teorias e vivências ufológicas. Ele deixa bem claro que é um místico, e assim demonstra uma visão desses fenômenos de forma espiritual, relatando contatos, e até mesmo repassando mensagens que supostamente teriam sido transmitidas por seres extraterrestres. Ele é um para-contactado, pois diz que recebeu um nome intergaláctico – Hanican de Antares e que tem a missão de proteger e guardar bases extraterrestres no planeta Terra. Essa experiência foi vivenciada por Campos e um grupo de pessoas que também são médiuns, constituindo-se um relato comum de visualização de luzes em locais onde a natureza predomina. Porém, se for analisar profundamente a sua obra, percebe-se que existem relatos mais profundos e transcrições de mensagens psicografadas, um exemplo de uma visão mais esotérica da ufologia.

O último gênero a ser analisado é a anedota. A anedota é um texto humorístico curto que demonstra uma sequência narrativa por apresentar todos aqueles elementos: espaço, personagens, enredo, tempo e narrador. A anedota pode não ter um autor conhecido, pode ser oral ou escrita, o seu objetivo é provocar o riso e pode estar presente em ambientes informais. Ela não se restringe ao riso, a medida em que leva uma reflexão sobre algum fato cotidiano. Ao final da narração comumente há uma surpresa para o espectador.

A primeira anedota, de autoria de alguém que utiliza o codinome de Hipatia, descreve um diálogo com uma antiga moradora da zona rural, que teve o seu nome resguardado, sendo

chamada de Maria. Quando se chega a região, realmente é muito comum procurar por estas histórias entre os moradores. Eles sempre têm algo a contar.

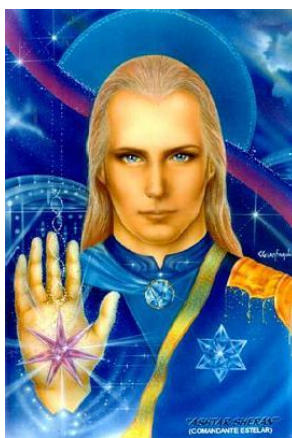
Há cerca de quase dezenove anos atrás, cheguei como moradora neste local mágico. E na curiosidade aguçada em saber as estórias da região, perguntei à minha secretária doméstica, pessoa nascida e criada dentro do então atual Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, se já havia avistado algum “disco voador” [...]:

Eu: E aí, “Maria”, você já viu algum disco voador? Dizem que aqui aparecem muitos, é verdade? [...]

Ela: Pois eu não acredito não! Olha que nasci e me criei lá dentro do Parque, e nunca vi nada. A única coisa que eu cresci vendo eram os “Espíritos da Natureza”... esses sim existem e não só eu como meus irmãos e primos vimos muitas vezes [...] Bem, eles apareciam no meio da floresta, numa “bola de luz”. Eu lembro que a gente se escondia atrás dos matos altos só para ficar espiando. Mas, quando meu avô percebia a presença deles, mandava a gente entrar e deixar os “Espíritos da Natureza” em paz [...] tinha uns bem pequenininhos e de cabeça grande que tinham um negócio na cintura que fazia voar. Esses adoravam plantas, pegavam um monte de mudinhas e levavam para a “bola de luz”. E quando viam a gente, fugiam. Mas, os que eu mais gostava eram os “espíritos” altos... eles usavam uma roupa colada no corpo, eram bem branquinhos, loiros e de cabelo comprido, até embaixo dos ombros [...] Eu cresci vendo eles na mata. Mas esses existem mesmo. Agora ET, disco voador, e essas coisas todas que os malucos dizem, eu nunca vi, não!” (HIPATIA, 2012, s/p).

No caso da “Maria”, uma pessoa que possuía uma ligação íntima com a natureza, os aspectos místicos eram vistos como seres da natureza. Para ela, uma bola de luz não é uma nave espacial. Estes espíritos da natureza vistos por Maria, conforme seu relato, se parecem com a descrição de seres extraterrestres. Um ser de estatura alta, utilizando uma roupa colada ao corpo, pele branca, loiro e de cabelo comprido, remete sem dúvida às representações de Ashtar Sheran (Figura 48). E é assim que ele é descrito pelos médiuns que afirmam tê-lo visualizado.

Figura 48 – Ashtar Sheran



Fonte: Cura e Ascensão (s/d.). Disponível em: http://www.curaeascensao.com.br/ashtar_sheran/ashtarsheran27.html. Acesso em jan/2016.

Cada indivíduo atribui significados de acordo com a sua cultura de origem. Assim têm-se a piada, quando ao final, Maria diz que acha um absurdo essas histórias de ETs e discos voadores, dizendo que isso tudo é “coisa de maluco”.

A segunda anedota é de um narrador, aqui chamado de Leonardo, que conta a história de um líder de um grupo esotérico da região que costumava visitar o aeroporto. Um dia, fato ocorrido em algum ano da década de noventa, neste local, o grupo visualizou luzes que estariam se aproximando deles, e com medo, todos se adentraram na mata.

Certa vez, uma pessoa que dirigia um certo grupo esotérico, lá pelos anos 90 nesta cidade, costumava ir até o aeroporto para apreciar a lua, o sol, as estrelas, sendo que num certo dia já pelas tantas horas de uma noite muito escura, quando o grupo observava o céu, de repente, três luzes piscando rapidamente, aproximavam-se, aproximavam-se do grupo, que assustados adentraram no mato. Quando então o líder do grupo, aos passos curtos começou a aproximar-se das luzes piscantes. Os demais assustados gritavam cuidado, podem ser ETs do mau, cuidado, podem ser ETs desconhecidos e daí para frente, o líder continuou pisando de mansinho, quando chegou bem próximo das luzes, já mais calmo, gritou: “É apenas uma ambulância, com suas luzes acessas. UFA !!!” (HISTÓRIAS DE ALTO PARAÍSO BLOGSPOT, 2015, s/p).

O líder aproximou-se das luzes e o grupo naquela hesitação pela sua atitude corajosa, até que ele diz a eles que aquilo era na verdade uma ambulância. Isso acontece muito na região, quando as pessoas ao ouvir tantas histórias de discos voadores começam a procurar em tudo o que se vê nos céus ou qualquer outra luz estranha, mas que na maioria das vezes, percebem que é algo comum ou explicável.

As narrativas escolhidas representam uma tentativa de elucidar a diversidade de relatos presentes na Chapada dos Veadeiros sobre aparições de óvnis. Percebeu-se que além dos relatos captados em entrevistas, seria também interessante mostrar a diversidade das narrativas ufológicas. Por isso a escolha dos relatos orais, escritos, das memórias e das anedotas. Dentre os relatos orais analisados, um é de autoria de um morador da região e outro é de autoria de um visitante. O objetivo foi mostrar que os relatos ufológicos estão presentes nas narrativas de ambos os grupos sociais, podendo também perceber semelhanças entre eles. Os relatos escritos retirados do livro *Meninos eu vi* constituíram-se em uma fonte inesperada que apareceu durante as pesquisas de campo, a qual diagnosticou-se que seriam de extrema valia para a pesquisa, porque é um fator incomum nas pousadas de Alto Paraíso. As memórias também mostraram sua importância, porque a primeira apresentada está presente em um livro que trata a ufologia a nível nacional, citando Alto Paraíso como um dos locais a serem proeminentes no país. A outra memória também é uma rica fonte, por trazer experiências de um morador antigo do local, que mostra essa visão esotérica da ufologia ilustrada no decorrer do capítulo. O uso das anedotas

como narrativas também se constituiu como uma fonte explorável de pesquisa, pois diagnosticou-se que foi criada uma forma cômica de se tratar o assunto, principalmente por parte dos moradores.

3.4 ESTÉTICA DE OUTRO MUNDO

Atualmente, Alto Paraíso tem sido reconhecido como um município de uma estética peculiar e atraente. Os monumentos não passam despercebidos pelos turistas, que ali fazem uma parada, curiosos, tirando fotos. As crianças se divertem com as estátuas de ETs e monumentos de discos voadores. Esse conjunto de monumentos, nesse trabalho, recebeu o nome de ‘estética ufológica’.

O termo ‘estética’ se origina do termo grego *aisthēsis* que se refere à percepção pelos sentidos, tendo sido já pensada por alguns gregos, como Platão e Aristóteles. Como conceito, o termo foi cunhado por Baumgarten em 1750 para designar o estudo da arte como criação da sensibilidade ou a “ciência do conhecimento sensitivo” (BAUMGARTEN, 1993, p. 95). Assim, a estética pode ser compreendida como uma forma de expressão da sensibilidade do autor de uma obra de arte em um processo de interação com o sentimento gerado no espectador em sua cognição. A obra de arte se depara com um processo de permuta com o espectador e seus juízos do que é o belo ou do que é desprovido dele.

Assim como Oliveira (2008a) designou a ‘estética da catástrofe’ como um conjunto de obras artísticas que representam catástrofes, a ‘estética ufológica’ procura analisar obras artísticas que tematizam contatos com seres ou objetos de outros lugares do universo. A ufologia tem um lado estético e humorístico que, quase sempre, é subestimado pelos pesquisadores.

A estética ufológica a que a pesquisa se refere vislumbra uma variedade de produções artísticas presentes em Alto Paraíso. São pinturas em murais, estátuas, monumentos, edificações, artesanato e cartazes publicitários que exploram essa imagem do que é popularmente conhecido como “disco voador” ou “extraterrestre”. Na maioria das vezes, trata-se de uma imagem estereotipada do clássico disco voador, em seu formato arredondado e “achatado”, emitente de várias luzes coloridas. Ele geralmente é tripulado por seres que possuem uma pele verde, um corpo esquelético, cabeça desproporcional ao corpo, olhos grandes e pretos, dedos alongados e às vezes têm orelhas com as extremidades finas.

O primeiro exemplo encontrado, quando se chega à cidade ou apenas se percorre pela GO-118 atravessando a sua entrada, é o portal arquitetônico de Alto Paraíso (Figura 49). É um

monumento que apresenta dois arcos sustentando uma plataforma em forma de disco, que por sua vez, apresenta um cristal em seu cume. Segundo o autor do projeto, o engenheiro Luiz Gonzaga de Q. Silveira, a presença do cristal tem o objetivo de representar a base da economia tradicional da região. Contudo, é inegável o seu uso místico, e unindo-se à forma do portal, que sugere um formato de uma nave pousando em meio à GO-118, não se pode negar que isso categoriza uma representação mística da região. Para alguns moradores, esse foi um projeto “eleitoreiro”, uma interferência cultural de natureza estatal. Este monumento teria sido imposto pelo governo estadual à população da cidade, sem uma consulta prévia, baseando-se em apelativos turísticos (Salvi, 2009, p. 35).

Chamamos de “ufológico” ao novo Portal da cidade de Alto Paraíso em função de sua forma evidente [...] O objetivo seria destacar alguns dos mais importantes “signos” da região que Alto Paraíso centraliza, que são os cristais e a ufologia, quiçá não raro fundidos inconscientemente em conceitos insuspeitos, porém não estranhos à mística da cidade [...] (SALVI, 2015).

Outros monumentos públicos que podem ser presenciados na cidade são os murais do artista Wés Gama (Figura 50). O mural na Praça do Artesão, conforme o artista, foi produzido em homenagem a todos os seres que habitam ou frequentam a Chapada dos Veadeiros. Assim, tem-se a representação da natureza da Chapada, com a sua fauna e flora, e da esquerda para a direita estão: o turista, o *hippie*, o Kalunga, o ET e o indígena. Estes convivem em harmonia em meio aos animais e toda a natureza. É uma representação do local sendo marcado pela convivência harmônica de diversas etnias em íntimo contato com natureza. Todos estão representados de forma estereotipada: o turista é um caucasiano que está segurando um protetor solar para se proteger das radiações solares; o *hippie* utiliza *dreads* no cabelo e está transportando o seu artesanato para vender na praça; o Kalunga usa um chapéu que é típico dos trabalhadores rurais da região; o ET é representado da forma como o que se conhece por marciano; o indígena está despido e vive em harmonia com a natureza. A impressão que a imagem transmite é que todos os personagens estão olhando para o ET, como se ele fosse o verdadeiro intruso ali, mas que também está tentando interagir com todas as culturas presentes.

Obras de arte em logradouros públicos

Figura 49 – Portal ufológico na GO-118



Fonte: Autoria própria (2015).

Obra de Luís Gonzaga de Q. Silveira (2008).

Figura 50 – Mural da Praça do Artesão



Fonte: José Loures (2014).

Arte de Wés Gama (2012).

O setor turístico é o que mais explora a temática ufológica. O Tapindaré Hotel é um exemplo. Em sua entrada foram colocados dois ETs trajados com indumentárias indígenas (Figura 51). Isso mostra mais uma vez a ideia de seres extraterrestres procurarem se adaptar às culturas locais. A Pousada Espaço Naves Lunazen (Figura 52) criou uma arquitetura inspirada na identidade ufológica do local, surgindo a ideia de construir quartos em forma de naves espaciais, construídas com a técnica de ferro e cimento, que supostamente seriam resistentes a tornados e tempestades. Apresentam um formato arredondado, com o objetivo de proporcionar uma maior circulação de energia, possuindo também janelas em três pontos, para que o ar circule. Existem captadores de energia solar para a economia de energia. No teto dos quartos existem entradas de luz para que o hóspede visualize a lua e as estrelas. Os “quartos-naves” possuem nomes: Nave-mãe, *Enterprise*, Galáctica, *Discovery*, Área 51, Vênus e Júpiter. O *Camping* Consertamos Disco Voador (Figura 53) é ideia de Clayton, que pintou na entrada de sua residência a expressão “Consertamos Disco Voador” e transformou o seu quintal em um *camping*, alugando também quartos. Clayton é um amante da ufologia e um empreendedor que tem explorado essa temática como um atrativo turístico. O lugar ficou tão famoso que já apareceu em programas de televisão e sites nacionais. O Chappada Hotel (Figura 54) apresenta um disco voador tripulado por marcianos pousado em sua entrada e uma placa que adverte que aquele é um estacionamento apenas para aliens. É o hotel que mais explora a estética ufológica. De forma muito divertida, os marcianos estão em toda a parte, na entrada, na recepção, nos corredores, nos quartos, nas salas de jogos e nas piscinas. Os ETs estão sempre caracterizados

de alguma temática, como Papai Noel, motociclista, marinheiro, *cowboy* e pirata, além das decorações inspiradas em *Star Wars*.

A temática ufológica no setor turístico

Figura 51 – Tapindaré Hotel



Fonte: José Loures (2014).

Figura 52 – Espaço Naves Lunazen



Fonte: Espaço Naves Lunazen (2014). Disponível em: <http://www.espaconaveslunazen.com.br/>. Acesso em janeiro/2016.

Figura 53 – Consertamos Disco Voador



Fonte: Autoria própria (2015).

Figura 54 – Chappada Hotel



Fonte: Autoria própria (2015).

O comércio também explora esse chamativo turístico. A Pizzaria Cantinho das Delícias (Figura 55) tem uma decoração inspirada em seres extraterrestres e um deles usa a indumentária de um pizzaiolo. Lojas de *souvenir* utilizam amplamente a estética ufológica, como por exemplo, uma carteira de identidade que substitui a foto do RG pela imagem de um ET (Figura 56), onde diz “Fui abduzido pelo paraíso”, vendida junto com um pequeno cristal. Outros produtos que fazem uso da estética ufológica são os doces artesanais da Chapada dos Veadeiros (Figura 57), que tem em seu rótulo o mapa do Brasil, indicando a localização do

Estado de Goiás, e dentro dele, a Chapada dos Veadeiros, que por sua vez, está indicada com um “símbolo” – a figura de um ET. Estátuas de ETs (Figura 58) são comercializadas em locais como o Chappada Hotel, que também oferece outros produtos inspirados na temática.

Temáticas ufológicas no comércio

Figura 55 – ET pizzaiolo



Fonte: Autoria própria (2015).

Figura 56 – “Identidade Ufológica”



Fonte: Autoria própria (2015).

Figura 57 – Doces artesanais



Fonte: Autoria própria (2015).

Figura 58 – Estátuas de ETs à venda



Fonte: Autoria própria (2015).

Alguns eventos também incorporam elementos da estética ufológica em seus cartazes, como o evento “Forró pé de serra” (Figura 59), que aconteceu no ano de 2015 no Espaço Naves Lunazen. Seu cartaz apresenta três ETs com a indumentária típica de forrozeiros. É mais um dos exemplos que representam os ETs integrados à cultura local. O evento “Chapada Soul” (Figura 60), que aconteceu no ano de 2015 em São Jorge, traz em seu cartaz uma nave pousando em meio à natureza do Jardim de *Maitreya*.

Temáticas ufológicas nos eventos

Figura 59 – Forró pé de serra



Fonte: Luandro (2014). Disponível em: <http://luandro.com/portfolio/lunazen/>
Acesso em janeiro/2016.

Figura 60 – Chapada Soul



Fonte: Alto Paraíso de Goiás Blogspot (2015).

Disponível em: http://www.altoparaisodegoias.blogspot.com.br/2015_08_01_archive.html. Acesso em janeiro/2016.

Na publicidade a ufologia é trabalhada de forma muito cômica. A TV Alto Paraíso (Figura 61) é um canal de TV comunitário na *Internet*, que tem o objetivo de apresentar os eventos, a cultura, as belezas naturais e as atividades turísticas da região, com foco na preservação do meio ambiente e na valorização da diversidade cultural. Apresenta seu conteúdo com o slogan: “TV Alto Paraíso, a TV que até o ET vê”. Ao fundo, colocaram uma fotografia tirada do portal arquitetônico da cidade e uma lanchonete que apresenta muitas estátuas de marcianos. O Disk Cerveja Alto Grau por sua vez, apresenta um nome sugestivo e seu cartaz apresenta um ET que provavelmente está indicando a possibilidade de contato de algum “grau” para os clientes (Figura 62).

Temáticas ufológicas na publicidade

Figura 61 – TV Alto Paraíso



Fonte: TV Alto Paraíso (2015). Disponível em:
[https://www.facebook.com/TVAltoParaiso/?fref=ts.](https://www.facebook.com/TVAltoParaiso/?fref=ts)
 Acesso em janeiro/2016.

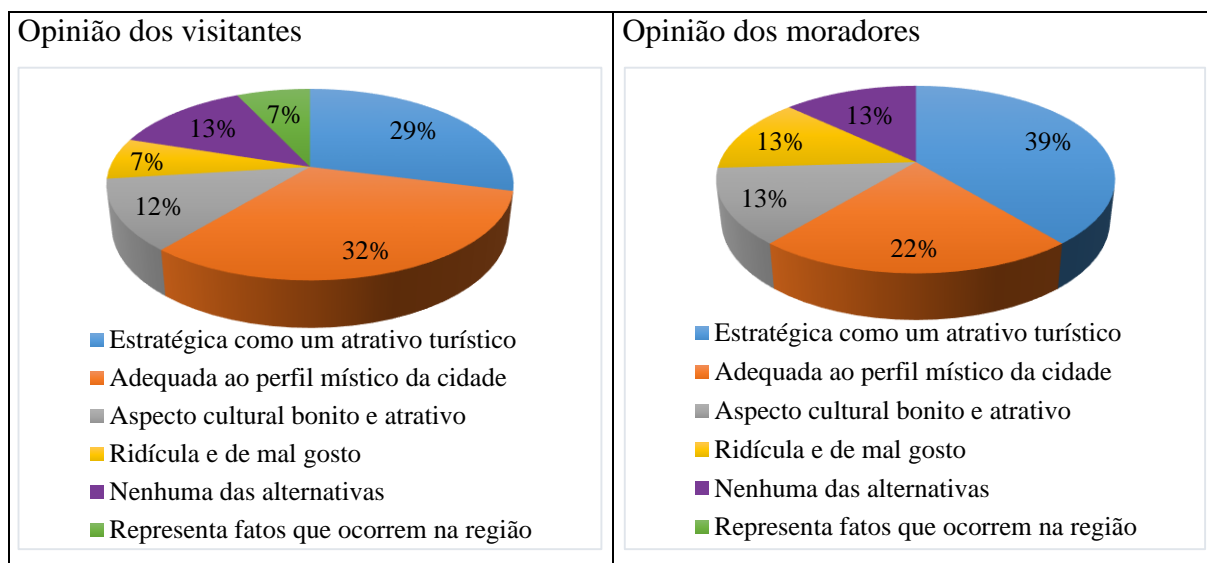
Figura 62 – Disk Cerveja Alto Grau



Fonte: Autoria própria (2014).

Foi questionado aos entrevistados sobre como avaliavam a estética ufológica explorada pelo setor turístico. O Gráfico 9 mostra que a opinião de que a estética ufológica é estratégica como um atrativo turístico é maior entre os moradores, constituindo-se em uma porcentagem expressiva. Entre os visitantes, a opinião de que a estética é adequada ao perfil místico da cidade é a mais escolhida. Entre os que não gostaram desta estética ufológica, a maior parte estão entre os próprios moradores, que pensam que o local é cercado com tantos apelativos, que se tornou algo banal e ridículo. Eles acreditam também que a cidade não deveria ser apresentada para os visitantes desta forma. Percebem que a região tem aspectos atrativos mais importantes, e tentam enfatizar mais a peculiaridade da beleza natural da região, acreditando que esse fator é o que deveria ser mais explorado pelo turismo.

Gráfico 9 – O que você acha da estética da cidade e das pousadas com ETs e discos voadores?



Fonte: Autoria própria (2016).

Um fato que comprova essa questão é a placa que identifica uma das entradas da cidade, na qual, foi colocada em seu cume, uma estátua de um ET. Este era um projeto da prefeitura que possuía o objetivo de imprimir na região uma identidade ufológica, e o ET na entrada da cidade desejaria boas-vindas aos chegantes. Porém, ela permaneceu no local até início do ano de 2013, quando, em uma reunião do Conselho Municipal de Cultura, foi retirada por voto popular. Moradores dizem que os projetos municipais não deveriam explorar essa temática, já que o setor turístico privado a explora demasiadamente. Na opinião de muitos deles, o setor público deve explorar o que a região tem de potencial, que seria o turismo ecológico, a preservação ambiental, as culturas locais e o turismo esotérico, lembrando que este, está mais ligado à oferta de terapias alternativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema que relaciona o reencantamento do mundo e a ufologia à primeira vista suscitava estranheza e ao mesmo tempo curiosidade. Contudo, mostrou-se viável e importante, por lidar com questões sociais e culturais de uma comunidade bastante heterogênea, que é a população de Alto Paraíso de Goiás. As contribuições da pesquisa à comunidade acadêmica, a começar pelos estudos sociais do Cerrado, mostram que o mesmo foi apropriado por diversas crenças. E nesse processo de apropriação, essas culturas chegadas se aderiram às culturas locais, não as reprimindo, mas recriando uma cultura híbrida, que não excluiu elementos, mas os aglutinou. Por isso o Cerrado passou a ser objeto de várias lendas e profecias acerca de uma terra prometida, apresentando uma riqueza cultural incomparável.

A contribuição acadêmica, por sua vez, tem-se mostrado a partir do enfoque original do tema. As teses e dissertações publicadas sobre temas próximos, que remeteram a aspectos turísticos, econômicos, sociais e culturais da região da Chapada dos Veadeiros abordaram o movimento esotérico, bem como, a importância da Chapada nacionalmente como um polo místico. Entretanto, nenhum trabalho estabeleceu o foco na questão ufológica, nem problematizou o tema a partir das discussões culturais na pós-modernidade e o reencantamento.

Para compreender as questões ufológicas na região da Chapada, percebeu-se ao longo da pesquisa, que seria necessário compreender outros aspectos inseparáveis da sociedade altoparaíense, como o reencantamento do mundo e o retorno dos mitos e das cosmogonias antigas, a formação das tribos pós-modernas e a cultura alternativa, o hibridismo cultural a partir do choque entre duas culturas distintas, e o surgimento de um novo panorama religioso. Todos estes aspectos estão entrelaçados e levam a elucidar um contexto favorável ao surgimento de diversas narrativas de caráter místico, como os relatos sobre óvnis e extraterrestres. Para compreender esse fenômeno sociocultural, retoma-se à problemática geral da pesquisa, a questão de Alto Paraíso ser paradigmático da pós-modernidade, e ser um laboratório privilegiado para o estudo dessas características.

De tal modo pode-se compreender que o eixo principal da pesquisa é o reencantamento do mundo na pós-modernidade, e que a partir dele é que se apreende os demais elementos, como o esoterismo, o movimento alternativo, a ufologia e a valorização da natureza da Chapada.

A abordagem teórica da pós-modernidade foi importante para se tratar destes aspectos místicos, por dar uma base teórica à pesquisa e mostrar que este é um ambiente marcado pelo surgimento de várias indagações sobre a ciência e a modernidade. A ciência se deparou em um

momento de incerteza e mudança epistemológica, percebendo o renascimento de práticas que anteriormente eram marginalizadas e que agora passaram a procurar estabelecer um diálogo. Concomitantemente, o homem se apresenta com uma nova postura frente à natureza, atribuindo a ela novos valores. Uma natureza que, na modernidade era concebida como uma mera produtora de matéria-prima e inanimada, passa a ser um organismo vivo dotado de espiritualidade. É no domínio dessa nova concepção de natureza que surgem interpretações místicas de seus atributos, e a ufologia passa a ser uma delas.

O questionamento principal da pesquisa foi satisfatoriamente respondido, sobre qual aspecto imprimiu em Alto Paraíso essa identidade ufológica. Foi percebido que o movimento alternativo e a chegada dos grupos espiritualistas e esotéricos foram os responsáveis por atribuírem esse caráter. Os pioneiros, que foram a *Bona Espero* e a Cidade da Fraternidade, apesar de não apresentarem características de grupos esotéricos, podendo ser denominados de espiritualistas, foram os responsáveis por promover uma Era de profecias sobre a Chapada dos Veadeiros e as peculiaridades de sua natureza. É importante considerar que ambos chegaram à região a partir do movimento espiritualista em Brasília, que foi influenciado pelas crenças nas profecias de Dom Bosco. É em Dom Bosco que se firmam as teorias místicas que abrangem o Planalto Central. Essa foi uma hipótese inicial que foi confirmada.

A respeito das opiniões dos moradores e visitantes, a aplicação dos questionários foi uma fonte útil para compreender esse fenômeno, visto que, uma parte considerável dos entrevistados apresenta uma crença nestas questões místicas que protagonizam a Chapada dos Veadeiros. Comparar as opiniões entre visitantes e moradores foi importante à medida que os moradores entrevistados, de modo geral, se mostram um pouco mais céticos que os visitantes. O *marketing* turístico e a mídia influenciam as opiniões de quem não reside na região. E apesar de os moradores serem mais céticos nesse quesito, não deixam de apresentar crenças em discos voadores e extraterrestres. Isso quer dizer que os moradores podem demonstrar uma opinião de que a região não tem esse protagonismo místico como dizem popularmente. Contudo, acreditam que seres extraterrestres visitam a região, mas não que isso seja algo específico de lá, mas que isso seja algo comum no mundo todo. A maior parte dos entrevistados moradores respondeu que passaram por alguma experiência ufológica na região, porém, acreditam que isso pode acontecer em qualquer lugar. Essa opinião mais cética dos moradores também pode-se dizer que não é majoritária, ela é bem equilibrada com a visão esotérica, visto que, o movimento esotérico é forte e agrega muitos seguidores.

A outra ferramenta metodológica que também permitiu se chegar a resultados importantes foram as entrevistas. Vários aspectos que poderiam em alguns momentos ser

motivo de dúvida foram esclarecidos através delas. Elas também trouxeram outras questões que não tinham sido até aquele momento consideradas, sendo muitas informações inéditas. A partir do recebimento destas informações inéditas, abriu-se a possibilidade de procurar mais dados e fontes para verificá-las e corroborá-las. Essa metodologia que uniu os passos empíricos com os teóricos foi de extrema valia para a pesquisa. Uma fonte apoiava a outra. Isso foi enriquecendo a pesquisa com detalhes.

A pesquisa de campo também possibilitou a coleta de registros fotográficos que se constituíram em uma fonte privilegiada. A análise das produções estéticas como os murais, monumentos, estátuas, cartazes publicitários e edificações mostraram-se imprescindíveis para se compreender a forma como o imaginário místico se difunde pela cidade. Estas produções artísticas delinearão a cidade com uma identidade mística, muitas vezes estimuladas pelo turismo.

As referências bibliográficas dialogaram intensamente com as fontes encontradas, dentre elas, os pesquisadores regionais e os pesquisadores internacionais. Por outro lado, considerar leituras de autores místicos foi importante para se compreender um pouco mais sobre as variadas teorias esotéricas que existem sobre a região.

A estruturação da dissertação passou por várias modificações até se chegar no formato atual. A ideia propõe um capítulo inicial de cunho mais histórico, para se apresentar o objeto de pesquisa – o município de Alto Paraíso – compreendendo a sua evolução como distrito até chegar a ser município emancipado. A partir desta conquista, importantes fatos aconteceram, como a chegada do movimento alternativo e esotérico possibilitado pela construção de Brasília, que por sua vez, influenciou a região não somente nessa questão religiosa, mas turística, econômica, social e política. Assim, o capítulo terminou apresentando as teorias que vislumbram todo o Planalto Central como um local especial, a partir das leituras das profecias de Dom Bosco até chegar nas leituras esotéricas sobre Alto Paraíso.

O segundo capítulo procurou estabelecer o diálogo intenso com a teoria que é a base da pesquisa – os estudos culturais da pós-modernidade. Efetuou-se a delimitação de quatro aspectos importantes da pós-modernidade a serem verificados utilizando exemplos empíricos no município. Toda a discussão parte do reencantamento do mundo, depois considera a formação das tribos pós-modernas, em seguida o hibridismo cultural e as novas religiosidades. Todo esse panorama teórico fora discutido na introdução, apresentando-se os principais autores que vislumbram a pós-modernidade como um momento de novos limiares. Construir uma discussão teórica densa inicialmente foi o necessário para embasar todos os três capítulos.

O terceiro capítulo aborda especificamente a ufologia, porque foi percebido que muitos aspectos deveriam ser considerados antes, muitos fatos levaram a essa crença ufológica na região. Por isto, optou-se por trazer o assunto no último capítulo. Compreender o que as pessoas pensam, conhecer alguns de seus relatos sobre fatos que elas alegam que aconteceram, trouxe para a pesquisa um diferencial. Por isso também se optou por diversificar as narrativas ufológicas, para que se enriquecesse mais a pesquisa, mostrando que vários estilos de narrativa representam fatos ufológicos na região, e não apenas os relatos captados em entrevistas.

Inicialmente, a pesquisa abordava muitos assuntos, e ao começar a fazer uma verticalização, percebeu-se a importância de manter muitos deles, pois eles estavam entrelaçados com o tema proposto. Procurou-se então manter os temas mais relacionados ao panorama cultural pós-moderno que possibilitou a emergência de saberes pseudocientíficos e surgimento de narrativas ufológicas.

A pesquisa ampliou o conhecimento sobre o panorama místico da Chapada dos Veadeiros, procurando estabelecer cronologicamente a chegada dos principais grupos, sistematizando suas filosofias e crenças. Concomitantemente, encontrou problemáticas anteriormente desconhecidas. Muitos destes grupos se desintegraram, alguns não mais existem, outros, mudaram para outras regiões. Dentre os fatores que motivaram essa desintegração foram intrigas entre próprios integrantes dos grupos e moradores da região. Isso causou certos problemas para a pesquisa, visto que, não se conseguiu obter contato com muitos dos líderes ou integrantes dos grupos pela sua ausência. Outra problemática é a falta de documentação disponibilizada pelos órgãos públicos no que tange aos monumentos urbanos. O município de Alto Paraíso necessita de uma articulação do poder público no sentido de valorizar os monumentos e obras de arte públicas.

Além destas problemáticas internas descobertas, a pesquisa também encontrou barreiras e problemas de percurso. A não disponibilidade de acesso a arquivos por parte dos órgãos públicos municipais e ausência de museus prejudicaram as tentativas de se historicizar suas obras públicas, o que deixou algumas lacunas nos resultados apresentados. É interessante lembrar que seria o poder público o mais interessado nos resultados, pois a pesquisa visa impactar e problematizar questões que podem muito influenciar no setor turístico e debater sobre a forma como a região é vista fora do Estado e até mesmo do país. Apesar de problemas, como toda pesquisa se depara em determinados momentos, pode-se concluir que ela conseguiu atender aos seus objetivos propostos inicialmente, por conseguir levantar uma rica discussão, compreendendo os diversos pontos de vista e utilizando variadas fontes.

Abriu-se um espectro de possibilidades de novas pesquisas dentro do panorama apresentado. Dentre eles, dar continuidade às investigações dessas próprias problemáticas que foram encontradas no decorrer das pesquisas de campo, procurando estabelecer um diálogo com os estudos de patrimônio material e imaterial na região da Chapada dos Veadeiros; dar continuidade à discussão estabelecida sobre as regiões consideradas místicas no Brasil, expandindo o foco da Chapada dos Veadeiros para as demais regiões apresentadas durante o capítulo três, procurando estabelecer um quadro comparativo; dar continuidade às pesquisas sociológicas, procurando compreender a fundo as características das novas religiosidades pós-modernas e/ou a formação das tribos pós-modernas e o estilo de vida alternativo.

A linha de pesquisa “Saberes e expressões culturais do cerrado” do programa TECCER considera o surgimento de expressões culturais no cerrado e a sua relação com as expressões oriundas de outros lugares que se adaptaram à peculiaridade ambiental e cultural dos seus domínios. A linha propõe também a análise das diversas expressões culturais como a religiosidade e as produções estéticas que surgiram neste processo. Desta forma, percebe-se que a presente pesquisa perpassa por estas propostas da linha, por considerar uma cultura híbrida que surgiu com essa chegada de novas culturas aos domínios do Cerrado, adaptando-se às culturas nativas. A sua contribuição é valiosa para a linha de pesquisa, por mostrar a diversidade de expressões culturais que existem atualmente no Estado de Goiás, até então pouco conhecidas pelos seus próprios habitantes.

Como toda pesquisa, conhecer o seu objeto foi uma experiência única e rica, que possibilitou o conhecimento de um universo instigante dentro do interior goiano. Além de contribuir para a comunidade acadêmica, procurou trazer à tona problemáticas presentes no município de Alto Paraíso, procurando estabelecer uma intensa relação entre universidade e a comunidade. Esse é o papel da universidade, produzir um conhecimento que impacta a sociedade e não admitir que essa discussão permaneça apenas no âmbito acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, José Augusto Martinez. A construção do espaço na Chapada dos Veadeiros. In: BRAGA, Maria Lúcia de Santana; DUARTE, Laura Maria Goulart (orgs) [et al]. *Tristes Cerrados: Sociedade e Biodiversidade*. Brasília: Editora Paralelo 15, 1998. p. 191 – 221.

ALMEIDA, Rosemary de Oliveira; FREITAS, Geovani Jacó de; SANTOS, João Bosco Feitosa dos. Por uma produção sociológica: entre a narrativa histórica e o saber racional. In: *Revista de Ciências Sociais*. v. 43, n. 2, jul-dez/2012. p. 158 – 168. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2012. Disponível em: http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v43n2/rcs_v43n2a11.pdf. Acesso em: 21 de janeiro de 2016.

AMARAL, Leila. *Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000. 230 p.

ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1999. 159 p.

BANDEIRA, Lourdes & SIQUEIRA, Deis. O misticismo no planalto central: Alto Paraíso, o “Chakra cardíaco do planeta”. In: BRAGA, Maria Lúcia de Santana & DUARTE, Laura Maria Goulart (orgs) [et al]. *Tristes Cerrados: Sociedade e biodiversidade*. Brasília: Paralelo 15, 1998. p. 259 – 294.

BARBOSA, Alan Gonçalves. *As Estratégias de Conservação da Biodiversidade na Chapada dos Veadeiros: Conflitos e oportunidades*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2008. 128 p.

BATES, Gary. *Invasão Alienígena: a conexão entre óvnis e evolução*. Tradução de Daniel Ruy Pereira. 1ª edição em português. Powder Springs, Geórgia, EUA: *Creation Ministries International Ltd.*, 2011. 333 p.

BATISTA, Ana Rita Sabbag Amaral. *Turismo e Ufologia: UFO turismo*. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação *lato sensu* em formação de professores e pesquisadores em turismo e hospitalidade da Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2006. 75 p. Disponível em: http://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/269/1/2006_AnaRitaSabbagAmaraIBatista.pdf. Acesso em: 01 de agosto de 2015.

BAUMAN, Zigmunt. *Tempos Líquidos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2007. 119 p.

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. *Estética: a lógica da arte e do poema*. Coletânea de textos extraídos da edição de Johann Christian Kleyb de 1750. Tradução de Míriam Sutter Medeiros. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. 191 p.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 11 – 69.

BENI, Mário Carlos. *Análise Estrutural do Turismo*. 6ª ed. Atualizada. São Paulo: Editora SENAC, 2001. 517 p.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985. 195 p.

BERTRAN, Paulo (org). *Notícia geral da capitania de Goiás em 1783*. Tomo I. Goiânia: Universidade Católica de Goiás; Universidade Federal de Goiás, 1996. 260 p.

_____. *História da terra e do homem no Planalto Central: Eco-história do Distrito Federal*. Edição revista e atualizada. Brasília: Editora Verano, 2000. 324 p.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. 7ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. 355 p.

_____. *Hibridismo cultural*. Revisão de Renato Deitos e Mateus Colombo Mendes. 3ª reimpressão. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. 118 p.

_____. Narrativa na História Cultural. In: *O que é História Cultural?* Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005. p. 157 – 161.

CAMPOS, Jurema Iara. *Desenvolvimento territorial, história, cultura e tradição: os caminhos do café em Alto Paraíso (GO)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Agronegócios da Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2008. 167 p. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/1288>. Acesso em: 15 de agosto de 2015.

CARLOS, Daniel Pícaro. *Extraterrestres: Ciência e pensamento mítico no mundo moderno*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCAR, 2007. 157 p. Disponível em: http://www.bdtd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5622 Acesso em: 21 de setembro de 2015.

COELHO, Nelly Novaes. *O Conto de Fadas: Símbolos Mitos Arquétipos*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003. 158 p.

COUTO, João Gilberto Parenti. As profecias de Dom Bosco. In: COUTO, João Gilberto Parenti. *A mensagem codificada sobre o Brasil nas profecias de Dom Bosco e outros temas brasileiros e sul-americanos*. 3ª edição revisada por Ana Emília de Carvalho. Belo Horizonte: Mazza Edições Ltda., 2009. p. 15 – 32.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. Introdução: Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos – *outsiders*. In: ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro e Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000. p. 19 – 50.

FILHO, Jayme Moraes Aranha. *Inteligência extraterrestre e evolução: as especulações sobre a possibilidade de vida em outros planetas no meio científico moderno*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990. 293 p. Disponível em: [http://flanelografo.com.br/pdf/inteligencia_extraterrestre_e_evolucao_\(PPGAS-MN-UFRJ_1990\).pdf](http://flanelografo.com.br/pdf/inteligencia_extraterrestre_e_evolucao_(PPGAS-MN-UFRJ_1990).pdf). Acesso em: 21 de setembro de 2015.

FLEISCHER, David & FALEIRO, Rodrigo Paranhos. São Tomé das Letras e São Jorge: gênese, conflito e identidade na constituição dos atrativos para um mercado turístico. In BAINES, Stephen; SILVA, Christian Teófilo da; FLEISCHER, David; FALEIRO, Rodrigo Paranhos (orgs.). *Variações interétnicas: etnicidade, conflito e transformações*. Brasília: IBAMA / CEPPAC-UnB / IEB, 2012. p. 247 – 282.

FRANCO, Augusto de. *O Segredo do Paraíso*. Alto Paraíso: Ed. O livro aberto, 2006. 67 p.

GIACONETTI, Milton José. *As luzes no céu e a guerra fria: Do limiar do conflito ao imaginário sobre os discos voadores (1945 – 1953)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2009. 123 p. Disponível em: <tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2275/1/408699.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2015.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 73 – 131.

_____. *As Consequências da Modernidade*. 1ª ed. Tradução de Raul Fixer. São Paulo: Editora UNESP, 1991. 180 p.

_____. *Modernidade e Identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. 233 p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. 102 p.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Tradução de João Batista Kreuch. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 238 p.

HOBSBAWM, Eric. Feiticeiros e Aprendizizes – As ciências naturais. In: HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O breve século XX (1914 – 1991)*. Tradução de Marcos Santarrita. Rev. Maria Célia Paoli. 2ª ed. 40ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 504 – 536.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002. 451 p.

HOLLINGER, Franz. Esoterismo, ciência e política: A Nova Era entre estudantes universitários. In: LIMA, Ricardo Barbosa de & SIQUEIRA, Deis (orgs.). *Sociologia das Adesões: Novas religiosidades e a busca místico – esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, Vieira, 2003. p. 65 – 81.

LIMA, Luiz. *Entre cimões nublados uma solidão selvagem: Uma corografia contemporânea da Chapada dos Veadeiros*. 2ª ed. Rev. e ampl. Brasília: Suncultura Editorial, 2009. 152 p.

LIMA, Priscylla Cristina Alves de. *As RPPNs na Chapada dos Veadeiros: disposições, motivações e práticas sociais*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2013. 160 p. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/13884>. Acesso em: 15 de julho de 2015.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli Elisa D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Posfácio por Silviano Santiago. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. 131 p.

MACHADO, Sandra Maria Chaves. *Umbanda: Reencantamento na Pós-Modernidade?* Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás. Goiânia: PUC, 2003. 135 p. Disponível em: http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=400. Acesso em: 09 de janeiro de 2015.

MACHADO, Thiago de Menezes. *Cristianismo alternativo: relações entre protestantismo, neoesoterismo e rastafarianismo em Alto Paraíso de Goiás*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF, 2014. 108 p.

MADUREIRA, Antoinette de Brito. *Vassouras, ciganas e extraterrestres: médiuns e emoções no campo religioso espírita de Natal (RN)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2010. 386 p. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/839?show=full>. Acesso em: 22 de setembro de 2015.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Apresentação de Luiz Felipe Baêta Neves. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Amo Vogel. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 233 p.

MAGNANI, José Guilherme C. *Mystica Urbe: Um estudo antropológico sobre o circuito neoesotérico na metrópole*. São Paulo: Studio Nobel, 1999. 143 p. [Coleção cidade aberta].

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2003. 312 p.

MARTINS, Leonardo Breno. *“Contatos imediatos”*: investigando personalidade, transtornos mentais e atribuição de causalidade em experiências subjetivas com óvnis e alienígenas. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2011. 323 p. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/.../martins_me_corrigida.pdf. Acesso em: 20 de agosto de 2015.

MENEZES, Renata & TEIXEIRA, Faustino (Orgs.). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. 360 p.

MOCELLIM, Alan Delazeri. *Ciência, Técnica e Reencantamento do Mundo*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2014. 243 p. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-22012015-185152/publico/2014_AlanaDelazeriMocellim_VOrig.pdf. Acesso em: 15 de fevereiro de 2015.

_____. O Reencantamento do mundo: Considerações preliminares. In: *35º Encontro Anual da ANPOCS*. São Paulo: ANPOCS, 2011. 30 p. Disponível em: http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1100&Itemid=353. Acesso em: 15 de fevereiro de 2015.

NETO, José Fonseca Ferreira. *A Ciência dos Mitos e o Mito da Ciência*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 1984.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. *Estética da catástrofe: cultura e sensibilidades*. Goiânia: Ed. UCG, 2008a. 150 p.

_____. O acidente com o Césio-137 e a pós-modernidade em Goiânia. In: SERPA, Élio Cantalício; MAGALHÃES, Sônia Maria de (org.) *Histórias de Goiás: memória e poder*. Goiânia: Editora da UCG, 2008b. p. 227-263.

_____. Quem te olhou, mas não te viu: representações do maravilhoso sobre o cerrado goiano no século XVIII. In: MELLO, Marcelo; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso; SILVA, Ademir Luiz (orgs). *Território, cidades e cultura no Cerrado*. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2012. p. 157 – 168. [Coleção Tessituras do Cerrado].

OLIVEIRA, Ramon de Souza; SANTOS, Nivaldo dos. Indicação geográfica: A tutela jurídica da proteção da agrobiodiversidade brasileira. In: ASSAFIM, J. M. L.; FLORES, N. C. S.; POLI, L. M. (orgs). *Propriedade intelectual*. v 01. 1ª ed. Florianópolis: FUNJAB, 2012. p. 339 – 368. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=d0cbf1a1aa172678>. Acesso em: 23 de julho de 2015.

PEDREIRA, Rodrigo Bulhões. Legalidade do decreto de ampliação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. In: *Revista Jus Navigandi*. Ano 10. n. 654. Teresina, 22 abr. 2005. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/6612>. Acesso em: 29 de julho de 2015.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O Desencantamento do Mundo: Todos os passos do conceito em Max Weber*. 3ª ed. São Paulo: USP, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH – USP / Editora 34, 2013. 240 p.

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 303 p.

SANTOS, Rodolpho G. Cardoso dos. Imaginário e representação: A história dos discos voadores e seres extraterrestres no Brasil. In: *Associação Nacional de História – ANPUH, XXIV Simpósio Nacional de História*. São Leopoldo, 2007. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0476.pdf>. Acesso em: 25 de outubro de 2015.

_____. *A invenção dos discos voadores: Guerra Fria, imprensa e ciência no Brasil (1947-1958)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNESP, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000469452>. Acesso em: 30 de agosto de 2015.

SANTOS, Sandro Martins de Almeida. *A família transnacional da Nova Era e a globalização do ((amor)) em Alto Paraíso de Goiás, Brasil*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/15061>. Acesso em: 28 de junho de 2015.

SILVA, Cleide Bezerra da. Chapada dos Veadeiros: Uma utopia em construção ou um novo discurso para velhas práticas? In: BRAGA, Maria Lúcia de Santana; DUARTE, Laura Maria Goulart (orgs) [et al]. *Tristes Cerrados: Sociedade e Biodiversidade*. Brasília: Editora Paralelo 15, 1998. p. 191 – 221.

SIQUEIRA, Deis. A labiríntica busca religiosa na atualidade: crenças e práticas místico-esotéricas na capital do Brasil. In: LIMA, Ricardo Barbosa de & SIQUEIRA, Deis (orgs.). *Sociologia das Adesões: Novas religiosidades e a busca místico – esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, Vieira, 2003a. p. 25 – 64.

_____. *As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, a cidade mística*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003b. 130 p.

SOARES, Luiz Eduardo. Prefácio. In: LIMA, Ricardo Barbosa de & SIQUEIRA, Deis (orgs.). *Sociologia das Adesões: Novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, Vieira, 2003. p. 07 – 21.

SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. *A dialética do real e do imaginário: uma proposta de interpretação do fenômeno OVNI*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista. Assis (SP): UNESP, 1998.

THOMAS, Keith. O Dilema Humano. In: THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e animais: 1500 – 1800*. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 288 – 358.

VALLE, Tânia Freitas. *Alto Paraíso, espaço místico e alternativo*. 1ª ed. Alto Paraíso de Goiás: Editora Agartha, 2001. 108 p.

VERONESE, Michelle Marinho. *Deuses de outros mundos: O culto a discos voadores e extraterrestres*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUCSP, 2006.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Organização e Introdução de H.H. Gerth e C. Wright Mills. Tradução de Waltensir Dutra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1982. 530p.

Fontes

A.L. *Entrevista 5* [jan / 2016]. Entrevistador: Pepita de Souza Afiune. Alto Paraíso, 2016. 1 arquivo mp3 (5 min).

AGEHAB, Agência Goiana de Habitação. *Plano municipal de habitação de interesse social: Alto Paraíso de Goiás*. Goiânia: AGEHAB, 2012. 196 p. Disponível em: http://site.agehab.go.gov.br/pmhis/alto_araiso.pdf. Acesso em: 14 de junho de 2015.

ALTO PARAÍSO DE GOIÁS BLOGSPOT. *Reiki níveis I e II – Integrado*. Alto Paraíso: Pousada Rubi Violeta, 2009. Disponível em: <http://altoparaisodegoias.blogspot.com.br/2009/05/reiki-niveis-i-e-ii-integrado.html>. Acesso em: 06 de dezembro de 2015.

AMADEUS, Junior Tana Mohandas. *Entrevista I* [maio / 2015]. Entrevistador: Pepita de Souza Afiune. Alto Paraíso, 2015. 2 arquivos mp3 (30 min).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ATEUS E AGNÓSTICOS. *Ateísmo e agnosticismo*. São Paulo: ATEA, 2015. Disponível em: <http://www.atea.org.br/>. Acesso em: 05 de dezembro de 2015.

ASSOCIAÇÃO DE TERAPEUTAS DE ALTO PARAÍSO. Associação dos terapeutas de Alto Paraíso: Fortalecimento das vias de cura na Chapada dos Veadeiros. In: *Guia Alto Paraíso, Chapada dos Veadeiros*. Alto Paraíso: Guia Alto Paraíso, 2014. Disponível em: <http://www.guiaaltoparaíso.com.br/#!/associacao-de-terapeutas-de-alto/c8bi>. Acesso em: 21 de setembro de 2015.

BECK, Roberto Affonso. A história da Ufologia no Distrito Federal. In: *Revista UFO*. Edição 24. Assis Chateaubriand-PR: Editora Evolução Ltda., 1998. Disponível em: <http://www.ufo.com.br/artigos/a-historia-da-ufologia-no-distrito-federal>. Acesso em: 26 de dezembro de 2015.

BHARADWAAJA, Maharshi. *Vyamaanika-Shaastra*. Translated into English and Edited, Printed and Published by G.R. Josyer. Mysore (Índia): Printed at Coronation Press, 1973. 124 p. Disponível em: http://upload.vedpuran.net/Uploads/121113the_vimanika_shastra.pdf. Acesso em: 26 de janeiro de 2016.

BÍBLIA SAGRADA. *Êxodo*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. 1664p.

BIZINOTO, Grazieli. *Retiro Sagrado Feminino – Chapada dos Veadeiros*. Alto Paraíso: Grupo “O Sagrado Feminino”, 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/277658875766398/?fref=ts>. Acesso em: 19 de setembro de 2015.

CAMARGO, Hélio N. de. *UFO na Chapada*. 1ª ed. Lençóis (BA): Centro Ufológico da Chapada Diamantina, 2014. 205 p.

CAMPOS, Colemar Elias. *Mistérios da Chapada dos Veadeiros e alguns problemas brasileiros*. Goiânia: Kelps, 2002. 109 p.

CHAPPADA HOTEL. *Meninos eu vi. Relatos de avistamentos e contatos com ETs e OVNI's em Alto Paraíso-GO*. Alto Paraíso: Chappada Hotel, 2014. 07 p.

CHRISTIAEN, Yves. *A mutação do mundo*. São Paulo: Ed. Pensamento, 1981. 176 p.

CRULS, Luís. *Relatório da comissão exploradora do Planalto Central do Brasil*. 2ª ed. Série 5. Vol. 258. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947. 270 p. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/relatorio-da-comissao-exploradora-do-planalto-central-do-brasil>. Acesso em: 05 de agosto de 2015.

CUNHA MATTOS, Raimundo José da. *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas provincias de Minas Geraes e Goiaz*. Tomo primeiro. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e C, 1836. 351 p.

CÚPULAS DE SAINT GERMAIN, Associação das. *Livro de Apelos: Cúpulas de Saint Germain*. Alto Paraíso: s/ed., 1991. 140 p.

D'ALVEYDRE, Saint Yves. *A missão da Índia na Europa*. São Paulo: Madras Editora, 2005. 117p.

ELLAM, Jan Vall. *Fator Extraterrestre*. São Paulo: Zian Editora, 2004. 126 p.

ERGOM E INTI-RÁ. As Fraternidades do Universo. In: *Rede Mundial da Consciência Planetária*. Atibaia, 2015. Disponível em: <http://ergomabrahamintiat.blogspot.com.br/>. Acesso em: 27 de dezembro de 2015.

_____. Resumo Histórico da Rede Mundial de Consciência Planetária. In: *Rede Mundial da Consciência Planetária*. Atibaia, 2005. Disponível em: <http://www.ergomeintira.jex.com.br/nossa+historia/resumo+historico+da+rede+mundial+da+consciencia+planetaria>. Acesso em: 27 de dezembro de 2015.

FLOR DE OURO. *O que é o FICA*. Alto Paraíso: Flor de Ouro, 2015. Disponível em: <http://ficaflordeouro.weebly.com/o-que-e-o-fica.html>. Acesso em: 07 de junho de 2015.

GAMA, Wés. *Entrevista 4* [junho / 2015]. Entrevistador: Pepita de Souza Afiune. Alto Paraíso, 2015. 1 arquivo mp3 (30 min).

GDM, Grupo Deus Mãe. *Família Comunitária Cristã GDM, é fácil entender!* Alto Paraíso: GDM, 2014. Disponível em: <http://gdmcomunidade.blogspot.com.br/>. Acesso em: 18 de setembro de 2015.

_____. *Família GDM: Comunitária Cristã, é fácil entender!* Folheto de divulgação. Alto Paraíso: GDM, 2015. 04 p.

GRUPO DA FRATERNIDADE IRMÃ SCHEILLA. Cidade da Fraternidade – localização. In: GRUPO DE ESTUDOS IRMÃO JAIR SOARES. *Cidade da Fraternidade*. Alto Paraíso, 1991. Disponível em: <http://grupodeestudosirmaojairsoares.blogspot.com.br/2014/09/cidade-da-fraternidade-localizacao.html>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2016.

GOTA SATSOM. *Ano 1993: Construção da Gota*. Alto Paraíso: Gota Satsom, 2016. Disponível em: <http://gotasatsom.wix.com/gota#!historia/c1prp>. Acesso em: 27 de abril de 2015.

GUÉNON, René. *O rei dos mundos*. São Paulo: Editora Irget, 2011. 80p.

HIPATIA. Bola de luz na Chapada. In: *Alô Paraíso*. Alto Paraíso de Goiás, 2012. Disponível em: <http://www.aloparaíso.com.br/colunas/hipatia-iii/bola-de-luz-na-chapada/#>. Acesso em: 07 de janeiro de 2016.

HISTÓRIAS DE ALTO PARAÍSO BLOGSPOT. *Alto Paraíso de Goiás e suas histórias de terror*. Alto Paraíso de Goiás, 2015. Disponível em: <http://historiasdealtoparaíso.blogspot.com.br/2015/03/de-terror.html>. Acesso em: 07 de janeiro de 2016.

HOFMANN, Helmut. *Como trabalhar intuitivamente com os símbolos: inspiração, meditação, proteção e cura*. São Paulo: Cultrix, 1999. 227 p.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Histórico*: Alto Paraíso de Goiás. Brasília: IBGE, 2014. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=520060>. Acesso em: 08 de setembro de 2015.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo do IBGE 2010: Estados*. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=go>. Acesso em: 15 de janeiro de 2016.

ICMBIO, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade; MMA, Ministério do Meio Ambiente. *Plano de Manejo Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros*. Brasília: ICMBIO; MMA, 2009. 252 p. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/pm_chapada_dos_veadeiros_1.pdf. Acesso em: 15 de Julho de 2015.

INTELIGÊNCIA ABSTRATA. *Eustáquio Andréa Patounas*. s/d. Disponível em: <http://www.inteligenciaabstrata.com.br/#!eust-quio-a-patounas/fdwfn>. Acesso em: 20 de dezembro de 2015.

KERN, Iara. *De Aknaton a JK: das Pirâmides a Brasília*. 2ª ed. Brasília: Ed. Gráfica Ipiranga Ltda., 1984. 128 p.

KUBITSCHKEK, Juscelino. *Por que construí Brasília*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. 477 p. [Coleção Brasil 500 anos].

LIMA, Luís. *Entrevista 3* [maio / 2015]. Entrevistador: Pepita de Souza Afiune. Alto Paraíso, 2015. 2 arquivos mp3 (43 min e 44 seg).

LOMBARDI, Geraldina Vargas. *Altas Histórias do Paraíso: Histórias de Alto Paraíso de Goiás, Chapada dos Veadeiros*. 2ª edição ampliada. Brasília: Gráfica e Editora Bandeirante Ltda, 2009. 95 p.

LOWELL, Percival. *Mars and its canals*. New York: The Macmillan Company, 1906. 462 p.

PASSETO, Eduardo. Alto Paraíso, Goiás – Brasil 2013. In: GRUPO UFOLOGIA BRASIL. *Contatados & abduzidos: Relatos reais de pessoas que tiveram experiências com UFOs e seres extraterrestres*. Vol 1. Revisão de Dzaio Gustavo e Pri Silva. Grupo Ufologia Brasil, 2014. p. 43 – 45.

PATOUNAS, Eustáquio Andréa. *Entrevista 4* [dezembro /2015]. Entrevistador: Pepita de Souza Afiune. Anápolis, 2015. 1 arquivo pdf. Entrevista via *email*.

PENTEADO, Chico. *Conversando com os reptilianos*. São Paulo, 2012. 238 p.

POHL, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil*. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Apresentação e notas de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1976. 417 p. [Coleção Reconquista do Brasil, v. 14].

POUSADA CAMELOT. *Quem somos*. Alto Paraíso: Pousada Camelot, 2015. Disponível em: http://www.pousadacamelot.com.br/quem_somos.php. Acesso em: 13 de novembro de 2015.

PRAYAS, Veet. *A Igreja do Trance Divino*. Alto Paraíso: ITD, 2006. Disponível em: <http://igrejadotrancedivino.blogspot.com.br/>. Acesso em: 17 de setembro de 2015.

PREFEITURA DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS. *A História*. Alto Paraíso: Prefeitura Municipal de Alto Paraíso de Goiás, 2013a. Disponível em: <http://www.altoparaiso.go.gov.br/Historia.php>. Acesso em: 23 de julho de 2015.

_____. *Geografia*. Alto Paraíso: Prefeitura Municipal de Alto Paraíso de Goiás 2013b. Disponível em: <http://www.altoparaiso.go.gov.br/Geografia.php>. Acesso em: 23 de Julho de 2015.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Decreto n° 70.492, de 11 de Maio de 1972: Dá nova denominação ao Parque Nacional do Tocantins; altera dispositivos do Decreto n° 49.875, de 11 de janeiro de 1961, e dá outras providências*. Brasília: Casa civil, Subchefia para assuntos jurídicos, 1972. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D70492.htm. Acesso em: 07 de agosto de 2015.

REDE N.A.V.E. Estrutura. In: *Rede N.A.V.E. Nossas Almas Vieram das Estrelas*. Cavalcante, 2011. Disponível em: <https://redenave.wordpress.com/estrutura/>. Acesso em: 30 de dezembro de 2015.

SALVI, Luís A.W. *Entrevista 2* [maio /2015]. Entrevistador: Pepita de Souza Afiune. Alto Paraíso, 2015. 1 arquivo mp3 (60 min).

_____. *O sistema geográfico de evolução de Alto Paraíso*. 1ª ed. Alto Paraíso: Ed. Agharta, 2007a. 112 p.

_____. *2013: A cidade portal*. A unificação de tempo e espaço em Alto Paraíso na atual conjuntura cósmica. 1ª ed. Alto Paraíso de Goiás: Editora Agharta, 2008. 124 p.

_____. *Mensagens da cidade cristal*. 1ª ed. Alto Paraíso: Ed. Agharta, 2007b. 115 p.

_____. *OVNIs: Realidade ou fantasia?* Alto Paraíso de Goiás: Editora Agharta, 2009. 132 p.

_____. *A geografia sagrada da América do sul.* São Paulo: IBRASA, 2000. 240 p.

SBE, Sociedade Brasileira de Eubiose. *A Sociedade.* São Lourenço (MG): SBE, 2012. Disponível em: <http://www.eubiose.org.br/site/br/?do=site:conteudo:exibir&pid=NWEyM2VkOTg4MsnoPV L-bI4i0HzNnEyNkQ>. Acesso em: 30 de agosto de 2015.

SILVA, Henrique. A bandeira do Anhanguera a Goiás em 1722: reconstituição dos roteiros de José Peixoto da Silva e Braga e Urbano de Couto. In. *Memórias Goianas I.* Goiânia: Centauro Gráfica e Editora, 1982. p. 9-31.

SIT, Sistema de Informações Territoriais do Ministério do Desenvolvimento Agrário. *Perfil Territorial: Chapada dos Veadeiros – GO.* Brasília: SIT, 2015. Disponível em: http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_121_Chapada%20dos%20Veadeiros%20-%20GO.pdf. Acesso em: 05 de agosto de 2015.

SRI PREM BABA. *Biografia.* Alto Paraíso: Sri Prem Baba, 2015. Disponível em: <http://www.sriprembaba.org/>. Acesso em: 04 de dezembro de 2015.

SPEER, Herbert Victor. *A grande missão celeste de Ashtar Sheran à humanidade da Terra.* 1ª ed. São Paulo: Nova Stella, 1977. 239 p.

STEINER, Rudolf. *A Ciência Oculta: Esboço de uma cosmovisão supra sensorial.* 4ª ed. Tradução de Rudolf Lanz e Jacira Cardoso. São Paulo: Ed. Antroposófica, 1998. 314 p.

T.M.. *Entrevista 6* [maio 2015]. Entrevistador: Pepita de Souza Afiune. Alto Paraíso, 2015. 1 arquivo mp3 (15 min).

ROCHA, Gladson da. Depoimento. In: TORRE, Pedro. *Brasília Secreta.* Documentário. Brasília: II Pórtico Editora, 1984. 24 minutos e 38 segundos.

UCHOA, Moacir. *Mergulho no Hiperespaço: Dimensões Esotéricas na Pesquisa dos Discos Voadores.* Porto Alegre: Editora Senado Federal Centro Gráfico, 1976. 156 p.

XI ENCONTRO DE CULTURAS TRADICIONAIS DA CHAPADA DOS VEADEIROS. *Reinvenção da tradição da Chapada dos Veadeiros para além das fronteiras nacionais: Um encontro que propõe o diálogo entre todas as culturas.* Folder de divulgação do evento. São Jorge: Agência de notícias Cavaleiro de Jorge, 2011. 08 p.

ZACHARIAS, Haroldo Rodolfo. Mundo Rotário Brasileiro: O Rotary é a maior e mais respeitável organização não governamental da humanidade. In: *Rotary Brasil.* 2015. Disponível em: <http://www.rotarybrasil.com.br/rotary.htm>. Acesso em: 02 de setembro de 2015.

APÊNDICE

MESTRADO
Territórios e Expressões
Culturais no Cerrado

PRP
Pró-Reitoria
de Pesquisa
e Pós Graduação



ESTADO DE GOIÁS

Esta é uma pesquisa realizada através do Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás, sobre os relatos de experiências ufológicas na cidade de Alto Paraíso. Não é necessário se identificar.

1 – Qual é a sua idade? _____

2 – Sexo: () Feminino () Masculino

3 – Religião: () católica () evangélico () espírita
() budista () ateu () hare-krishna
() rosa-cruz () religiões afro-brasileiras () Osho
() agnóstico () outro. Qual? _____



4 – Nível de escolaridade: () Ensino Fundamental () Ensino Superior
() Ensino Médio () Pós-Graduação / Especialização
() Mestrado () Doutorado

5 – Profissão: _____

6 – Mora em que cidade? _____

7 – Em quais atividades você participa em Alto Paraíso?
() ecológicas () políticas () sociais / filantrópicas
() esportivas () artísticas / culturais () turísticas
() religiosas / terapêuticas () outro. Qual? _____

8 – O que atraiu você a Alto Paraíso?
() turismo ecológico / esportes radicais () família
() turismo religioso/eventos ou retiros espirituais () estudos
() fuga dos grandes centros urbanos / tranquilidade () melhor qualidade de vida
() emprego / próprio negócio () tratamento terapêutico
() outro. Qual? _____

9 – Você frequenta ou já visitou algum templo ou grupo religioso na cidade?
() Fazenda Osho () Cidade da Fraternidade () Bona Espero
() Casa de Kuan Yin () Estação Terra () Fazenda Arcádia
() OMIBRAM (Ordem Mística Iniciática Brahmânica) () Nenhum
() outro. Qual? _____

10 – Que tipo de terapias, espiritualidades e hábitos fazem parte de seu estilo de vida?
() Yoga () Reiki () Wicca
() Acupuntura () Meditação/ mantras () chakras

- | | | |
|---|---|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Astrologia / mapa astral | <input type="checkbox"/> Tarot | <input type="checkbox"/> Cabala |
| <input type="checkbox"/> Biodança | <input type="checkbox"/> sincronário da paz | <input type="checkbox"/> Massagens |
| <input type="checkbox"/> Vegetarianismo | <input type="checkbox"/> Veganismo | <input type="checkbox"/> Cromoterapia |
| <input type="checkbox"/> Florais de Bach | <input type="checkbox"/> Homeopatia / fitoterapia | <input type="checkbox"/> Numerologia |
| <input type="checkbox"/> Nenhuma das alternativas | | |

11 – O que pode ter ocasionado a atração de grupos novos moradores à cidade, na sua opinião?

- As belezas naturais do lugar
 A força energética da região
 Um desejo de fugir do estresse da vida urbana
 Trabalhos filantrópicos, vida comunitária
 Buscar novas oportunidades de empregos / negócios
 Crença de que é um polo espiritual mundial
 Desenvolver no plano espiritual o auxílio à capital do país que necessita de canalizações de energias
 Possibilidades de contatos com seres de outros planetas ou intraterrenos

12 – O que você acha da decoração da cidade e de pousadas com ETs e discos voadores?

- ridícula e de mal gosto estratégica como um chamativo turístico
 adequada ao perfil místico da cidade representa fatos que ocorrem na cidade
 tenho uma opinião indiferente estética e aspecto cultural bonito e atrativo

13 – Você acredita em ETs, vida em outros planetas ou em discos voadores?

- Sim, mas não acredito que eles visitam o planeta Terra
 Não acredito em vida extraterrestre inteligente
 Sim, acredito que visitam periodicamente o planeta Terra
 Não tenho opinião formada sobre o assunto
 Não, acredito apenas nos seres intraterrenos, os aghartianos

14 – Você já teve experiência de algum avistamento de OVNI nos arredores da região?

- Sim Não
 Não, mas gostaria de ter Não tenho certeza / talvez
 Não, mas conheço gente que teve

Se a resposta for positiva, em que lugar foram vistos? _____

15 – Qual a sua opinião sobre a presença de tantos relatos de avistamentos de óvnis ou contatos com extraterrestres / intraterrenos na Chapada dos Veadeiros?

- Não passa de lendas
 A cidade é sagrada, possui um portal para outras dimensões
 Existe algum mistério por trás disso tudo que não consigo explicar ou compreender
 Existem exageros, mas realmente há casos reais de avistamentos ou contatos
 A energia do lugar realmente atrai óvnis
 A cidade está interligada ao plano intraterreno

16 – Você acha que a cidade é mais conhecida no resto do país ou no mundo por quais aspectos?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> turismo | <input type="checkbox"/> ufologia |
| <input type="checkbox"/> melhor qualidade de vida | <input type="checkbox"/> natureza exuberante |
| <input type="checkbox"/> fuga dos grandes centros urbanos | <input type="checkbox"/> misticismo / polo espiritual |
| <input type="checkbox"/> estilo de vida alternativo | <input type="checkbox"/> presença de estrangeiros |
| <input type="checkbox"/> geografia sagrada (cristais, paralelo 14, etc) | |

() outro. Qual? _____

17 – Por que todo esse misticismo em torno da cidade?

- () Acredito que ela seja a capital do novo milênio / da Nova Era
- () Pelo fato da região ser considerada o chakra cardíaco do planeta
- () Por causa das profecias de Dom Bosco sobre uma “terra prometida”
- () Por questões de sensacionalismo na mídia
- () A cidade está protegida frente aos apocalipses mundiais
- () Por lendas populares

18 – De que forma você observa as representações dos extraterrestres pela mídia (cinema, TV, HQs, etc):

- () O sensacionalismo da mídia representa os extraterrestres de forma muito fantasiosa, influenciando também o imaginário popular que começou a visualizar óvnis inspirados pela ficção científica
- () Questões como falta de provas e de possíveis conspirações governamentais são temas que deveriam ser mais pesquisados e desta forma, a mídia está trazendo-os à tona
- () A mídia distorce a imagem dos ETs representando-os como seres inferiores aos humanos em relação a seus padrões de civilização, o que caberia ao homem uma missão “civilizatória”
- () Representa o narcisismo humano em insistir em acreditar que os outros seres do universo possuem formas humanoides
- () É um absurdo a mídia tratar os ETs como monstros que querem destruir o planeta e por isso devem ser aniquilados

19 – Que grandes eventos da ufologia mundial ou nacional você conhece?

- () Caso Roswell
- () Noite oficial dos óvnis
- () Efeito Casimiro
- () Incidente em Varginha
- () Explosão de Tunguska
- () Operação prato
- () Projeto Blue Book
- () Caso de Antônio Villas Boas
- () Outro
- () Nenhum
- () Foo Fighters

Qual? _____

20 – O que você pensa sobre a expressão “Eram os deuses astronautas”?

- () Obra clássica que relaciona a ufologia à religião, uma união que não faz sentido
- () Obra que nos mostra que os habitantes de outros planetas são superiores aos seres humanos, fato comprovado pelas suas atitudes destrutivas frente a seu próprio planeta
- () Ideia que mostra uma intensa relação entre o cristianismo e a ufologia; acredito que os fatos bíblicos estão relacionados à presença de seres de outros planetas

**Se você quer saber mais sobre a pesquisa ou compartilhar conosco uma experiência ufológica, deixe o seu contato (não é obrigatório responder): _____

Nosso contato: pepita_af@hotmail.com

Muito obrigada pela sua participação! **Por favor, devolva este questionário.**

